

Padre J. Cabral

**Nº
TERRENO
DOS
PRINCÍPIOS...**

Tip. "Vozes de Petropolis"

Padre J. Cabral

No terreno dos princípios...

Estudos e impressões

~~~~~  
2.<sup>a</sup> edição  
~~~~~

Revista e aumentada



Tipografia das «Vozes de Petropolis»
Petropolis

Em 5 de Julho de 1927.

Revmo. Sr. Pe. José Maria Cabral.

Applaudo e approvo a resolução que V. Revma. acaba de tomar de tirar em livro os artigos de sua lavra, já publicados em varios periodicos, cuja leitura será muito proveitosa aos espiritos que desejarem se instruir e aperfeiçoar em assumptos de importancia e actualidade.

Faço votos para que realize os seus desejos.

Do servo em N. S.,

† Alberto, Bispo de R. Preto.



DUAS PALAVRAS

Estou habituado às boas letras do Revmo. Padre José Maria Cabral, sacerdote que desceu ha anos das regiões do Nordéste brasileiro, trazendo consigo forte bagagem de conhecimentos, uma boa dóse de tenacidade, amor ferrenho à boa imprensa, uma dedicação sem limites, e um espírito de fé que a muitos já tem acoroçado para as santas empresas de Deus.

Trabalhando no magisterio e na imprensa, é num e noutra que tem conquistado louros virentes e ganho possivelmente muitas almas para Nosso Senhor. De como se tem havido na segunda, está a prova neste mimoso feixe de artigos, que não deviam continuar esparsos pelas colunas efémeras dos jornais, mas estavam pedindo caixilho mais elegante e duradouro para idéas que não morrem, porque são eternas. O seu estilo é elegante e, com ser elegante, não perde aquele tom vivo e decidido dos grandes batalhadores medievais, que por isso mesmo sabiam conjugar a beleza das maneiras com a pureza das intenções. O A. sabe terçar armas com galhardia e afouteza, e tanto se embrenha nos ingrátos labirintos da politica, como alça remigios para os dominios suaves da apologética; tanto brande a arma nacionalista, que precisa aliás ser brandida sempre com a sua nobreza, como se espraia pelos mais intrincados problemas sociais da atualidade. Aqui, vai-se ver, ha de tudo, e do bom e do melhor.

Suave e maneiroso no dizer, nem por isso se arreceia de sahir em defesa da Igreja, seu e nosso grande amor, para defesa das almas, seu e nosso gran-

de ideal. Livros como este pódem parecer á primeira vista em excesso e possivelmente dispensaveis para um mundo de gente mais necessitada de ABC e catecismo. Mas eu sempre hei de dizer que a maioria ainda se deixa levar pelo sabor das miscelâneas e que entre estas apparecem filigranas que encantam os olhos e favos de mel que adoçam os lábios e idéas felizes que enternecem o coração e argumentos positivos que alimentam o espirito.

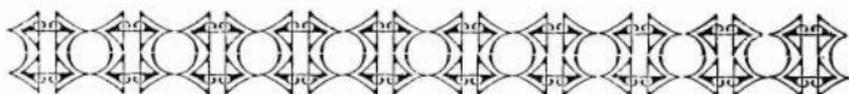
E' o caso deste mimoso livrinho. Nele encontrará o leitor o que lhe baste para espancar algumas teias de aranha, se ainda as tem, o que lhe baste para o tirar de uma ou outra difficuldade, o que lhe baste, enfim, para distrair o espirito, suavizar o coração e tonificar a alma.

O A. sabe escrever ao sabor do nosso povo, sabe tocar-lhe na corda sensivel e encaminhá-lo pacientemente.

Desejo firmemente que estas paginas façam o bem que o distinto sacerdote teve em vista ao escrevê-las e sejam capazes de esclarecer consciencias.

Ao autor aqui deixo, de envolta com as minhas mais sinceras homenagens de apreço e estima, os protestos de uma velha amizade e de uma admiração fundada no extremo amor que vai para alguns anos está ele manifestando pela imprensa catolica em nosso país.

SOARES D'AZEVEDO



Razão e Fé

Eis dois pólos opostos, mas não contraditórios, em torno dos quais devem girar os conhecimentos que existem no cérebro humano. São termos, dados os quais, se devem encontrar suas legítimas relações — incognita da verdadeira ciência.

A incompatibilidade entre a razão e a fé, o antagonismo entre o dogma e a ciência positiva ha sido uma afirmação mais ou menos ousada dos espiritos eivados de orgulho e presunção.

Virchow, no Congresso de Rostock, Tyndall, no de Belfast, respetivamente em 1872 e 1874, prescreveram, em nome da ciência e da razão, não só os dogmas fundamentais da religião, mas também os principios básicos da filosofia e da moral.

O escândalo da novidade e a grande nomeada destes sábios e de mais alguns que se lhes associaram, provocaram admiração nos mundos intelectuais e reacenderam, mais uma vez, o conflito entre o ateísmo deslavado e a filosofia baseada no sobrenatural e na sanção eterna da moral.

Hoje em dia, no campo das investigações filosoficas, só ha dois partidos que se degladiam: o dos que admitem uma ciência subordinada ás exigencias justas da fé e o dos que proclamam a independencia e emancipação do espirito humano nas concepções científicas.

A razão deste conflito no terreno filosofico-religioso está, de um lado, na incompreensibilidade dos mistérios, na sublimidade dos dogmas e na dificuldade de interpretação das Escrituras; de outro, no orgulho do espirito humano e na corrupção do coração, que não quer submeter-se a uma legislação suprema e eterna.

No Eden, o demonio excogitou um meio mais facil de perder o homem, e o mais seguro e expedito que encontrou foi lisonjear o seu orgulho, excitando a curiosidade de tudo saber e conhecer.

Foi a soberba de espirito que perverteu o primeiro homem e o fez afastar-se da obediencia ao seu Creador.

Antes que as manifestações divinas chegassem ao seu ultimo estádio. pela vinda do Messias, a humanidade entregou-se a todos os vãos sofismas e divagações do raciocínio. Depois que o cristianismo projetou sôbre as inteligencias os divinos clarões das manifestações da revelação, a razão começou a impugnar os dogmas cuja essencia não podia penetrar.

Ainda em seu berço, premida de tiranos e carrascos, já a religião era impugnada obstinadamente pelo gnosticismo dos sofistas da Hêlade, que combatiam todos os dogmas revelados.

As escolas filosoficas de Roma e Alexandria, em nome da razão, davam renhido combate ao dogma e á fé nascentes.

Mais tarde vieram as heresías, restringindo-se a luta aos diversos pontos da doutrina cuja obscuridade tornava mais difficil sua aceitação por parte de certos espiritos aferrados ás suas opiniões. Assim foi até á grande explosão de êrros que se chamou Reforma.

Dos seculos 16 e 17 até nossos dias, este conflito tomou a sua maior amplitude com as admiraveis descobertas scientificas, que deram por terra com muitos conhecimentos tradicionais. Então o espirito humano, presumindo demais de suas debeis forças, tudo quís investigar e explicar até suas ultimas consequencias.

A pugna no terreno religioso tem-se prolongado através dos seculos até hoje, com tanta persistencia e audacia que não ha um só dos pontos de doutrina e crença que não haja sido atacado desde os seus fundamentos.

E' que a soberba do espirito, ao serviço de uma vontade corrompida, busca encontrar pretextos para se erguer contra as imposições da fé á razão desorientada pelos sofismas e ao coração transviado pelo vício.

E' a história de todos os êrros.

Um coração corrompido enfraquece as energias da vontade, que, por sua vez, limita o alvo de suas tendências e se inclina ao mal e ao êrro. A razão inclina-se facilmente ante as predileções da vontade, submetendo-se ás aspirações desta; portanto, se ao coração convêm as negações e resistencias á verdade, a razão apressa-se a ser-lhe serva submissa.

Enquanto os verdadeiros sábios, como Herschel, Ampère, Pasteur e Alexandre Volta se descobrem genuflexos ante a Divindade, espíritos superficiais proclamam ao quatro ventos a falencia de nossos dogmas e ousam sustentar a incompatibilidade entre a razão e a fé. Afirmam que a fé é a escravidão do espírito e que na justeza das formulas dogmaticas não cabem os progressos da ciencia moderna.

Será crível que Deus, dotando o homem de um espírito investigador e de uma intelligencia tão fecunda, o haja feito só com o fim de algemar esta nobre faculdade? Não, não é possível!

Ao longo das costas, á entrada dos portos, levantam-se construções isoladas de fórma esbelta e estílo grave. São os faróis, que marcam a derrota aos navegantes do alto mar.

Quem amaldiçoará a mão que edificou estas torres e acendeu estes fogos? Quem se julgará violentado por se vêr obrigado a seguir o lume do faról?

A tanto, julgo, não chega a estulticia do espírito humano.

Deus colocou na torre de sua Igreja o facho da fé, que deve orientar o frágil batel da razão humana, no maroiço revólto dos sistemas contraditórios da filosofia.

Deus não quer a ociosidade da nossa razão, ao contrário, reserva-lhe um papel importantissimo, o exame do fundamento da credibilidade.

Quem quer que seja, imbuído ou não de preconceitos, póde estudar a psicologia da fé até achar, pela via scientifica, a certeza moral do testemunho da palavra de Deus. E' lícito remontar ás origens do mundo, desde o interrogatorio do Eden, e seguir os progressos das manifestações divinas aos patriarcas e profétas, através das idades biblicas; é permitido investigar as ori-

gens da religião cristã-católica, pesquisar qual a verdadeira religião, a Igreja de Cristo.

Dos espíritos analistas a verdade nada teme, pois neles acaba sempre por triunfar nas mais sinceras conversões.

Até aqui a fé concede plena liberdade á razão excogitante.

O que, porém, não é permitido, é deixar que uma vontade mal disposta leve aos abismos do êrro o espírito humano.

Em abono do que fica dito, basta, de relance, percorrer os absurdos em que se engolfam os arautos do exame livre e da crítica absoluta.

A existencia de Deus

A existencia de um princípio do qual tudo depende, donde tudo parte e aonde tudo vai terminar, é fundo de verdade em qualquer sistema religioso.

Reconhecer que ha um sêr supremo, um ente motor, é necessidade imperiosa da filosofia sã, é o ponto de apoio e o centro em torno do qual gravitam as teorias ditadas pela razão esclarecida.

A revelação feita ao homem no Eden, continuada no decorrer das idades bíblicas, testemunhou a existencia de um creador soberano.

Mas, abandonados os valiosos testemunhos da Escriitura, valiosos, quer por históricos, quer por inspirados, a razão tem palavra de fé neste assunto.

A análise de fatos concretos é bastante para provar a existencia de um autor dotado de prudencia suma. Assim, a magnitude, a beleza das creaturas e as perfeições espalhadas sôbre a terra falam do princípio de alguma outra que deve ser fonte perene donde dimanam as existentes.

A origem da vida, a solução do problema vital, eis outra questão insolúvel, a menos que se recorra a uma intervenção superior á materia, *aliis verbis*, o dogma da criação. Reconhecem hoje os mais adeantados,

em questões de biologia, que nada pôde explicar satisfatoriamente o fenómeno vital, exceto a criação *ex nihilo*.

Os trabalhos sobre geração espontanea, citogenese mineral, células artificiais, vida de cristais, plasmogenezese de Herrera e as fecundações artificiais, têm recebido contraditas victoriosas e não passam de hipóteses, sem fundamento nos fatos.

O materialismo científico e a eternidade da materia já receberam golpe final nos prélios científicos em que se empenharam. *)

As combinações químicas não produzem a vida, porquanto estas aparecem sem que aquelas se tenham dado. A eternidade da materia defetivel, mutavel e imperfeita, é absurda. Donde, pois, a vida?

Ha uma só resposta: um ente supremo, distinto do mundo e que nele influe, é a causa da vida.

Em reforço ao testemunho do mundo fisico, a moral e o fato da religião universal corroboram esta tése fundamental do dogma.

A inquisição da essencia, a abstração do sensivel e a metafisica requerem a explicação suficiente da mobilidade dos sêres, da eficiencia das causas, da contingencia, da perfeição gradativa e da ordem creada.

Por partes:

A metafisica estuda o que transcende o palpavel dos sentidos, os fatos abstratos, se é que á tecnica não repugna o neologismo da expressão.

Movimento, em ordem de conhecimento metafisico, é não só a mutação local, mas ainda o trânsito da potencia ao ato.

Sob um outro aspéto o movimento ressalta evidente a qualquer observação. Reconhece-se o movimento *local* na variedade de posições dos objetos, *qualitativo* no incremento dos vegetais e animais, o *substancial* na corrução dos corpos.

Ha, é forçoso reconhecer, motores que operam movimentos na natureza, mas estes não têm em si a razão do movimento. Em uma grande usina, motores pequenos e transmissores de força acionam varias se-

*) Trata-se das célebres experiencias realizadas por Pasteur.

ções, mas existe uma caldeira imensa, que é a geratriz central da potencia motora. Assim deve ser na natureza. E' absurdo que uma série infinita de motores de tão reduzida potencia, tais como os vemos na terra, expliquem a centralização que observamos. Isto é ainda exigido pela propria natureza do movimento — sucessão de coisas diversas e trânsito entre estados que implicam modalidades extrinsecas de ser. E' necessario, portanto, para explicar o movimento e a marcha do mundo, que haja um motor imovel e ato puro.

Os influxos cosmicos e a atividade quimica, necessarios á geração e conservação de vegetais e animais, são *causas e efeitos* subordinados uns aos outros.

Qualquer causa destas não póde ser causa de si mesma, a menos que haja existido antes *de si*, para ser causa de sua propria entidade; uma série de causas, mesmo que esta serie se prolongasse em *linha reta* até ao infinito, requer uma causa incausada ou ponto terminal. Uma série em *linha circular* envolveria o absurdo de um círculo vicioso, ou mais claramente os entes seriam causa e efeito ao mesmo tempo.

Uma necessidade, a mais para a metafisica, de reconhecer e admitir uma *causa prima*.

A cosmologia encontra sêres que não existiam e hoje existem; outros que existiram e já não existem; são os *contingentes*. Estes sêres de existencia precaria, que se desagregaram da nebulosa primitiva ou se vão formando nõ decorrer das épocas geologicas, não têm razão de ser. Uma série de contingentes, mesmo infinita, permaneceria sempre contingente. A essencia é sempre a mesma. Admita-se uma lei intrinseca que governe os contingentes, a dificuldade é a mesma — lei requer legislador.

Ha diversos *graus de perfeição e perfeições de graus diversos*. Mais ou menos perfeitas são as creaturas em si. Todas as perfeições são participadas de uma outra perfeição maior. Esta fonte de participação será relativamente perfeita, se ainda alguma coisa lhe faltar; absolutamente perfeita, se gozar da plenitude da bondade.

No primeiro caso, de pé a incognita da perfeição; no segundo, um ente infinitamente perfeito.

A ordem na adaptação dos meios ao fim, a ordem na consecução do mesmo fim são fatos evidentísimos no universo.

A *Iliada*, na pulcritude harmoniosa de seus versos patenteia uma intelligencia ordenadora. Repugna á razão admitir o acaso como ordenador das peças delicadas de um rélogio ou dos versos compassados de um poema. E como admitir que esta seja a causa de entes organizados?

A natureza, coleção de entes destituídos de intelligencia, amálgama de substancias diversas. é incapaz de uma potencia ordenadora e estavel.

Natureza intelligente e intermundana, o homem não póde ser a causa da ordem que reina no mundo, porquanto é posterior a esta e ignora as mais insignificantes leis da vida animal.

Concluindo : a ordem fisica, moral, e metafisica proclama a existencia de um sêr supremo e creador.

«Os céus narram a gloria de Deus.»

O pecado contra a intelligencia

Fala-se muito, em nossos dias, acerca dos males que infelicitam a pobre humanidade, que amarguram a existencia dos seus nacionais, que tornam do mundo hodierno o verdadeiro inferno de Dante.

Cada um, segundo os interêsses feridos, de acôrdo com os princípios que professa, em conformidade com as doutrinas que aceita, propõe uma causa, assinala uma fonte, determina algo que seja uma nova espécie de «bóde expiatorio» contra o qual se atire a responsabilidade das angústias da actual situação premente em que se agita e se debate a maior e a mais civilizada porção da raça humana.

Ha quem procure explicar as causas da crise contemporanea e afirme que a responsabilidade de tudo compete ao industrialismo, ao desenvolvimento da maquinaria, ao progresso do industrialismo. Enfim, quasi todos que estudam as dificuldades dos tempos moder-

nos, quasi todos assinalam causas materiais, limitam-se mais ou menos a registrar a crise, em suas manifestações economicas. Manuseam as estatisticas, comparam os dados referentes á balança internacional de permutas, buscam conhecer o indice geral de vida nos países mais atingidos pela depressão economica e depois dogmatizam soluções mais ou menos fantasistas.

Ha tambem outros espíritos menos superficiais, que olham um pouco mais acima que os chamados «business man»; não consideram apenas as dificuldades economico-politicas, mas indagam sobre os agentes morais, que influem na crise angustiosa dos nossos dias.

Não pódem deixar de observar que os fenómenos economicos e as agitações políticas dos nossos tempos ambos procedem de principios morais ou pelo menos reconhecem que ha conexão íntima entre as dificuldades financeiras e a derrocada dos costumes.

Quando, porém, se trata de reconstruir os pontos que ligam a ordem moral á prosperidade economica, naufragam muitos filosofos e pensadores, que não logram descobrir a causa última das desordens de todo genero, que afligem a humanidade.

Apelam para os sentimentos da solidariedade entre os povos, que pedem melhor educação das gerações novas, exigem maior firmeza das autoridades publicas e dos poderes constituídos, esforçam-se em pród do alevantamento civico das massas populares. Nesse terreno das ideologias, cifram-se as tentativas e os esforços, aliás bem intencionados, desses espíritos generosos.

Muitos apostrofam, com mais ou menos indignação, as terriveis consequencias das desordens dos nossos tempos e, apesar disso, cavam mais fundo o sorvedouro, que ameaça engulir a civilização materialista e utilitaria do vigesimo seculo depois de Cristo.

Referimo-nos aos que pecam contra a intelligencia, como diz o grande Maritain. E' o crime daqueles que implantam a anarquia dos espíritos, minando a crença em Deus e implantando a dúvida nas intelligencias jovens, predispondo-as á desordem moral e ás atitudes de desespero.

Quando falham as previsões humanas e os sociólogos vacilam ou se contradizem, o S. Padre Pio XI não receia denunciar, abertamente, o grande perigo dos tempos presentes.

Fala o Sumo Pontífice:

«Os inimigos de toda a ordem social -- chamem-se eles comunistas ou tenham outro nome -- (e é este o mais tremendo mal do nosso tempo) -- audaciosamente se lançam na tarefa de romper todos os freios, de despedaçar todos os vínculos da lei divina ou humana, de desencadear, abertamente ou a ocultas, a luta mais raivosa contra a Religião, contra o proprio Deus, executando o diabolico programa de arrancar de todos, até das creanças, o sentimento religioso, já que muito bem sabem que, destruída no coração da humanidade a fé em Deus, poderão fazer tudo o que quiserem».

Meditem sobre estas palavras todos aqueles que ocupam algum posto de responsabilidade na família e na sociedade.

Ignorancia religiosa

Massillon, o grande prelado e orador sacro da França, visitando um dia a sua diocese, passou por uma cidade em cujo collegio de religiosas, entre as educandas, achava-se Mlle. De Defaut, que, ainda em tenra idade, já revelava sua má indole e seu má carater, que mais tarde a deviam tornar tristemente célebre. As boas religiosas julgaram de bom alvitre aproveitar a oportunidade da passagem do bispo diocesano, afim de que este dêsse alguns sábios conselhos á educanda rebelde e indisciplinada. Massillon, em meio da comunidade reunida, mandou vir Mlle. De Defaut, e, depois de lançar sobre ela um olhar prescrutador que ia ao fundo da consciencia, disse: dai-lhe um pequeno catecismo.

Este fato historico, que teve lugar na França, faz lembrar a importancia da instrução religiosa e chama a atenção para o grave problema da necessidade de difundir-se o ensino da doutrina cristã.

O grande mal de nossa época é a ignorancia religiosa, a falta quasi absoluta de conhecimentos claros e certos acerca da verdade revelada e das noções imprescindiveis á consecussão do fim último para que o homem foi creado.

Apesar disso, apesar do desconhecimento quasi total do que seja a religião, todos querem entender desse assunto, todos pretendem dizer a ultima palavra acerca de tão momentoso problema.

Quando se trata de medicina, direito, engenharia ou se ventilam questões de ciencia, procuram-se os especialistas, consultam-se os entendidos na materia.

Quando, porém, se discute sobre religião e vêm á baila os problemas da crença e da fé, qualquer pessoa se julga autorizada a dar sua palavra e até pretende dirimir qualquer questão, por delicada que seja.

Em meio de reuniões familiares ou em discussões acaloradas, se alguem se atreve a citar as doutrinas seguidas ou professadas pela Igreja, não raro ouvimos um particular dizer simplesmente: mas eu entendo assim... Esta declaração de sua opinião privada equivale a afirmar de nenhum valor a doutrina catolica, quer se trate dos preceitos do decálogo, quer dos principais artigos de fé. Tábula rasa são ministros de Deus, os doutores da Igreja e os mestres da vida cristã.

A'queles mesmos que, em se tratando de questões scientificas, procuram conhecer a opinião dos mais autorizados, quando chega a oportunidade de discutir e formar um juizo sobre materia de religião, bastam-lhes seus proprios preconceitos e as noções incompletas, hauridas em leituras rapidas de autores suspeitos.

Outros ha que, procurando alguns conhecimentos sôbre religião, entregam-se a um estudo desordenado de todos os sistemas e de todas as doutrinas, sem método e sem verdadeira comprehensão das questões estudadas.

Na maioria dos casos, manuseiam as obras dos mais acirrados inimigos do catolicismo e aceitam *a priori*, sem exame e sem análise, quantas acusações encontram contra a Igreja. Não procuram saber se a Idade Média tem ou não motivos para afirmar o que diz. Muito ao contrário, basta que se trate de algo contrário á religião católica. logo se admite e se aceita quanto fôr dito, haja ou não criterio no informante.

São essas pessoas que se julgam imparciais, que se declaram bem informadas sobre pontos controversos de história, e principios fundamentais do dogma cristão e querem impôr aos outros suas falsas idéas e seus juízos infundados. Desconhecem as verdadeiras autoridades em assuntos doutrinaes e falam como se estivessem ao par de todos os pontos delicados e possuíssem noções claras e completas acerca de quanto se relaciona com a filosofia escolastica, a teologia dogmatica e moral, a hermeneutica, a história eclesiastica, a apologetica e outras materias estudadas nos institutos superiores de cultura religiosa. Não teriam tal audacia nem assumiriam tal attitude em nenhum outro ramo dos conhecimentos humanos, mas tomam ares de *mestres em Israel* no que respeita á ciencia divina.

Daí esse mundo de preconceitos e de aberrações que inundam a sociedade moderna. Daí tantos erros crassos no tocante ás relações entre Deus e as suas creaturas e tanta presunção dos que se crêem capazes de dar a ultima palavra sobre as questões mais importantes da vida humana.

Eis por que reconhecemos quanta razão tem o Sumo Pontifice Pio XI para dizer estas palavras:

«A ignorancia em materia de Religião, a ignorancia nas altas e baixas camadas sociais, a ignorancia religiosa acompanhada por todas as outras ciencias, a ignorancia acompanhada não de profunda cultura, mas sem um nada de religião, é uma vergonha que urge sanar».

A Biblia e a criação

A génese do mundo é fato histórico que pôde ser descrito por um cronologista qualquer. A deficiência de fontes historicas deve ser suprida pela tradição do homem primitivo.

Heródoto é o *pai da história*; antes, porém, desta, está a cosmogonia.

Dentre as narrações antigas da origem do mundo, a cosmogonia de Moisés ocupa um lugar eminente e indisputavel, quer pelo seu valor histórico quer pelo seu fundo científico.

Os anais do phenicio Sanconiaton e os poemas historicos de Hesiodo estão relegados do plano de uma contestação científica.

Não assim os trabalhos do legislador hebreu. As dificuldades, em contrário, originadas das cronologias dos hindús, chinêses e egípcios, hoje não fornecem argumento sério contra o valor historico do Pentateuco.

A legenda de Krischna, por tanto tempo explorada contra a autoridade de nossos livros santos, não passa, para o erudíto filosofo inglês Bently, de um plágio da narração evangelica. Igualmente Weber, sustentando até que a crença em um Deus unico e pessoal e os caractéres comuns ás seitas índicas são resultantes da difusão do Evangelho.

Wilport não admite para a literatura da India maior valor historico que os trabalhos dos gregos dos tempos heróicos. A verificação de datas de Lassen coloca o estabelecimento do govêrno regular entre os hindús em uma época não maior de 29 seculos, antes de Cristo.

Laplace e Kaproth, entre outros sábios, contestam a antiguidade das taboas astronomicas e dos livros das ciencias dos bramanes.

Os chinêses pretendem uma antiguidade mais de tres milhões de anos antes de Cristo, quando Confucio, o seu historiador mais antigo, remonta a uns cinco seculos anteriormente á era cristã.

Lassen não reconhece a historia do povo chinês anterior ao VIII seculo, antes de Cristo.

A historia do antigo Egito é cheia de obscuridades e perde-se na noite dos tempos. Hoja os egiptólogos reconhecem ser isto devido á contagem dos anos ser feita, não partindo de um ponto inicial, mas da morte dos monarcas, devendo notar-se ainda a existencia de dinastias contemporaneas, em várias regiões do país.

Conforme as listas de Maneton, as dinastias egípcias antecedem a Cristo em 5.004 anos. Ora, a Biblia coloca a criação do homem em data muito mais remota...

Ademais, tudo indica que Moisés não procurou ligar datas, mas, sim, salvar do olvido os acontecimentos inumeraveis da humanidade. Dadas as diferenças existentes entre os textos hebreu e samaritano e a versão alexandrina, é evidente que não havia nos historiadores judeus a preocupação de taboas cronologicas. Por vezes a idade de qualquer personagem é contada pela de toda a sua descendencia.

A precisão dos dados cronologicos da Escritura nada tem que vêr com a fé, já o disse Agostinho de Hipona.

Ressalvada deste modo a veracidade do Pentateuco, permanece de pé a sua autoridade intangivel, quanto á substancia dos fatos.

O justo critério do valor de um livro é reconhecido pelo mérito do todo substancial e pela crítica científica.

A autenticidade será a primeira coisa a investigar.

Negar aos livros do Pentateuco a autoria de Moisés é deturpá-los em seu feitiço interno.

O autor de uma obra é aquele que, concebendo o plano, o leva ao cabo, sem embargo de que se socorra de subsidios já anteriormente escritos e não obstante deturpações futuras.

A tradição judaica em favor da origem mosaica do Pentateuco é unanime entre os samaritanos, saduceus, essenios e fariseus, igualmente no seio das comunidades dos emigrados da Grecia e Egito. Afirmam-no Filon e Flavio José e os historiadores pagãos mais conspicuos.

Os testemunhos do livro, nas referencias que faz do seu autor, são tais e tantas, que se não pôdem cancelar sem truncar o todo. Passagens ha que se

dizem escritas diretamente por Moisés, como os discursos do Senhor; outras afirmam que ele escreveu toda a lei.

Os livros sagrados dos hebreus, quer anteriores ou posteriores á divisão das doze tribus em dois reinos, atribuem a Moisés os *livros da lei*.

O critério interno do Pentateuco não só está de acôrdo com a missão de Moisés, mas ainda prova que não pôde ter sido escrito por um autor de época mais recente.

Ha provas irrefragaveis de que estes livros foram escritos no deserto: assim as prescrições da marcha, acampamento e certas purificações; a aproximação da Arca, relativamente aos Israelitas; a existencia de Aarão e seus filhos, que deviam exercer as funções do culto; a narrativa da viagem, tão concisa, que supõe um testemunho ocular. A confecção do tabernaculo, a par do ouro do Egito, foi terminada com madeiras do deserto.

O autor dos livros em questão revela um conhecimento superior das coisas das ribas do Nilo; os costumes e os ritos egípcios são lembrados a cada passo, influndo por vezes na vida nomade do povo de Deus. E no decurso da narrativa não faltam palavras egípcias e alusões aos monumentos dos Faraós. Por outro lado a linguagem do cronista é vaga na determinação dos limites setentrionais da Palestina, fala das regiões ferteis do Jordão, comparando-as ao vale do Nilo; frequentemente faz referencias á entrada futura no país de Canaan: provas estas de que os livros foram escritos no deserto.

A codificação é toda de emergencia; para cada necessidade uma lei, não uma legislação completa, mas applicações especiais para cada caso.

A linguistica demonstra, para estes livros, uma antiguidade mais alta que a dos outros códices hebraicos.

Por conclusão — a autenticidade mosaica do Pentateuco é incontestavel.

Daqui a autoridade soberana atribuida ao livro de Moisés.

Os israelitas não permitiriam jámais que um impostor deturpasse os acontecimentos que eles ou seus pais haviam presenciado.

As tradições estavam bem gravadas e frescas de memoria, não seria, portanto, admissivel lapso naquelle que as historiou, incontestemente, aos seus coevos.

Os primeiros capítulos são vagos, por vezes obscuros; narram apenas os fatos que por sua importancia não puderam ser esquecidos; os fatos mais recentes, de tradições mais abundantes, são enunciados mais claramente, com pormenorização mais completa.

Reina sempre um estílo sóbrio, uma impecavel linha de reserva, em contraste com as cronologias fabulosas dos povos da antiguidade.

O mundo, criação de Deus

A afirmativa da tésese dogmatica — Deus existe — corresponde na ordem de conhecimentos correlatos a esta outra — o mundo foi creado por Deus.

Sim. De outro modo não podia ser.

Uma natureza, no mais amplo sentido desta palavra, existindo sem uma causa eficiente, prescindindo de um ato creador, seria a negação dos atributos divinos, a anarquia mental na ordem logica.

Em contravenção das leis do bom senso e tambem da experiencia, ergue-se um sistema filosofico, propugnando a eternidade da materia.

A subversão dos principios básicos da religião é o primeiro atentado desta filosofia improcedente, que, felizmente para nós, não exige argumentos extraordinarios para ser derrancada de qualquer mediocridade intelectual.

A análise, por indução, das propriedades gerais da materia, quer se trate de materia no sentido que lhe empresta a fisica, quer da unidade vital — a celula — é suficiente para demonstrar o fraco do anti-creacionismo.

Eternidade da materia envolve em si uma contração, visto como eterno supõe infinito.

Infinito é a negação radical de limites internos e externos, no ser e nas suas modalidades.

Conferida a eternidade á materia, *ipso facto* ser-lhe-ia arbitrada a infinidade. Chegados a este plano teríamos qualquer porção da materia, v. g., um atomo de pó, infinita em ser e perfeição.

Não ha fugir, que tanto é materia a mole imensa do universo como um grão de areia.

A existencia de seres contingentes, fato que resalta á observação comum, é oposta por Clarke á eternidade da materia.

O materialismo evoca uma série indefinida — coisa que não resolve o problema. O indefinido cairá no círculo vicioso se não chegar a reconhecer a necessidade de um interventor estranho á série.

Esta, porém, não é, certamente, a maior barreira a saltar por parte da materia eterna.

Os argumentos supra expostos, sem falha de valor científico, cedem lugar ante o problema energenetico, irreductivel á fisica e á anatomia.

O movimento, na mais ampla acepção deste vocabulo — aperfeiçoamento, evolução, modificações de ser — fornece material para derrocar por completo a hipótese que afasta a intervenção creadora.

Sobre a questão energenetica apenas duas hipóteses se pódem excogitar: ou a materia *imovel* recebeu a impressão do movimento, ou este é propriedade daquela, sempre a acompanhou.

No primeiro caso, é necessario, por necessidade metafisica, admitir a existencia de um estimulante que, posto fóra da matéria, atuasse sobre esta, um motor que lhe conferisse uma nova perfeição. *Omne quod movetur ab alio movetur.*

E' o *motor immobilis* dos antigos, dotado de movimento, em virtude de sua propria essencia.

O movimento coevo da materia eterna é outra dificuldade, que não dá saída honrosa aos seus setarios.

Admitido o movimento eterno da materia, chegaríamos a uma série infinita de movimentos, cada um dos quais seria antecedente e consequente, simulta-

neamente. Deste modo nunca encontraríamos um elemento que não tivesse antecedente e, por força de sua condição, um consequente.

Um ultimo argumento, talvez vulneravel aos golpes da critica scientifica, apresenta uma nova dificuldade: vem a ser o trãnsito do finito ao infinito. Mais claramente: o tempo atual é limitado na sucessão dos instantes; ora, um mundo eterno não admitiria passagem de sua infinidade no momento inicial para o tempo presente limitado. Vice-versa, o tempo presente não póde ser continuação de uma eternidade.

Da fé cristã

Tertuliano, escrevendo contra os inimigos do nome cristão, dizia-lhes: «nossa fé só vos pede que não a calunieis sem conhecê-la».

Esta sentença profunda do apologista africano hoje, mais do que no seculo passado, deve ser sempre repetida e meditada.

Enquanto a ciencia humana procura desvendar todos os segredos da natureza e as mais insignificantes minudencias da fisica, ou da biologia são estudadas e examinadas, só a ciencia de Deus, — a religião e a fé, são relegadas ao plano de velharias incompativeis com as conquistas da ciencia experimental.

Embora cientistas insignes se curvem ante o insondavel misterio do infinito e se descubram reverentes ante o incognoscivel, como Pasteur, e o materialismo endurecido siga o caminho das falsificações de Haeckel ou, apelando para futuras descobertas, confesse a propria derrota, como Virchow, visto que até agora nada de incompativel existe entre a ciencia positiva e os dogmas da religião; espiritos superficiaes proclamam que, em nosso seculo, as descobertas varreram de vez tudo que se considerava como revelação divina.

Obsecados pela soberba do espirito, ignorando quasi por completo as doutrinas fundamentais da religião, começam por afirmar que a fé aniquila a razão e implica a renúncia do direito de pensar.

A isto respondemos sincera e lealmente que a fé, muito ao contrario, exige uma razão esclarecida e que não é sôbre os escombros desta que se deve fundar o edificio sublime de nossas crenças.

O ato de fé não foge ás luzes do raciocinio, nem procura evitar uma análise crítica serena de sua procedencia.

Nós crêmos, não porque alguém nos mande crêr: cremos porque estamos intimamente convencidos de professarmos uma religião historicamente certa e divinamente verdadeira. Não fugimos á análise dos fundamentos da nossa fé; antes temos o direito de investigar o princípio de que se originam nossas crenças.

O cristianismo é um fato; repousa sobre bases indiscutíveis, isto é, acontecimentos historicos, que estão relatados por testemunhas insuspeitas que se não podiam enganar nem pretendiam ilaquear a bôa fé dos seus coêvos.

E estas narrações veridicas foram transmitidas intactas através das gerações, como se poderá inferir do estudo da historia eclesiastica.

Desta certeza historica chegamos á conclusão de que o cristianismo é divinamente veridico, quer pela sua urdidura íntima, sistema de moral e sublimidade doutrinaria, quer pela sua atuação objetiva, influência universal, sôbre os costumes dos povos que abraçaram seus ensinios.

Ademais as profecias que tiveram seu adimplemento no Cristo, adminiculo dos milagres, que sustentavam os ânimos abatidos e a mirífica propagação através dos vinte seculos de embates, são outras tantas provas e manifestações evidentes de que é divina uma fé que está fundamentada sobre fatos tão inconcussos.

Prestamos a Deus com o tributo de nossa fé um obsequio racional, para me servir da expressão de São Paulo.

Oferecemos a homenagem mais completa de que somos capazes: curvamos nossa fraca razão ás palavras da sabedoria infinita, inclinamos nossa vontade ás leis eternas, e assim o coração e a intelligencia se submetem ao princípio de tudo que foi creado.

A ignorancia religiosa dos nossos dias e a falta de noção exata do que se requer para uma fé esclarecida são as causas dos assaltos contínuos a esta religião invencível. A isto se ajunte o mar revolto das paixões humanas e teremos as razões últimas dos combates que o cristianismo tem sustentado até hoje.

A revelação

A manifestação da verdade ao inteletto humano pela divindade é o nexco logico dos fatos religiosos.

A illusão de que a ciencia era bastante para fornecer ao homem uma religião completa e satisfatoria, foi um sonho, uma utopia, a que, hoje, não se dá mais crédito.

Ha duas ordens de conhecimentos, distintas, quer pelo seu princípio, quer pela sua finalidade objectiva — o conhecimento natural e o sobrenatural.

Esta distincção, firmada na diversidade de aspéto, exclue contradicção.

Os especuladores mais ousados na ciencia do pensamento humano, quando se afastam da idéa de Deus, esbarram no absoluto, na suprema realidade, nas essencias e substancias infinitas.

E' a declaração da falencia de nossa intelligencia, que reconhece um princípio transcendental, que não póde ser comprehendido porque ultrapassa as faculdades de uma razão finita e limitada.

O curso da humanidade através da historia demonstra cabalmente com a evidencia de um fato que o homem, em todos os tempos, quer na singeleza dos primitivos, quer nas civilizações lassoas das Babylonias corrutas — o homem sempre creu.

O senso religioso foi prostituído, foi desvirtuado no seu fim e nos seus meios, mas nunca se apagou dos fastos das nações.

A ânsia, que se denota de subir pelo conhecimento até ao sobrenatural, de sobrepôr o incognoscível ao natural, tem sido a maior dificuldade que se antepõe á intelligencia.

Os ceticos colocam o impossivel em face do alcance do positivo pela razão; o que nos priva da certeza e da verdade.

A isto, porém, se opõe a bondade divina, que não permite que erremos sempre, como cegos, na inquirição do verdadeiro, do absoluto e do incognoscível.

E' a revelação.

Antes do cristianismo se formaram e desenvolveram civilizações que esplenderam pelas ciencias, cultivaram as artes e floresceram nas letras, mas no tocante ás realidades religiosas e ao conhecimento de Deus, nada mais produziram que teorias nebulosas e incoerentes.

E' a prova provada de que nossa intelligencia é de si mesma incapaz de atingir plenamente a verdade nesta ordem de conhecimentos.

De Cristo para cá, os que prescindem do misterio, na religião, não lograram a posse do incognoscível e bordejam, no mar das opiniões, o porto da verdade, sem o encontrar.

Supressa a revelação, teriamos uma religião leiga, árida, insufficiente á alma e ao coração, um dever sem penalidades coercitivas.

Para chegar ao conhecimento da natureza extrínseca do que transcende nossas faculdades, não bastam os dados da ciencia positiva, é necessaria a revelação.

Como vislumbrar o que não tem uma evidencia externa e direta, o que não tem uma representação objectiva para forçar a adesão de nossas faculdades?

Sómente a fé é o correctivo para os desvios do coração na diretriz do trabalho intelectual na procura da verdade.

Não quer isto dizer que a fé suprima a razão. Não. Ao contrário, nossa fé é eminentemente intelectualista e racional, porque só aceita o testemunho de Deus, depois de provado moralmente certo. Adota, no

terreno religioso, a autoridade dos testemunhos para os fatos da fé, do mesmo modo que nós aceitamos a autoridade humana nos domínios da história e de todas as demais ciencias.

Sejamos logicos; não podemos negar a Deus o que concedemos aos nossos semelhantes, desde que temos a garantia moral de seu criterio; portanto, devemos crêr em Deus quando se revela, quando nos descobre uma ponta do misterioso véu da sua existencia e sabedoria infinitas.

Negar a revelação é negar um fato.

E' riscar a tradição do dialogo no Eden, a esperança da redenção e outros fatos biblicos dos primórdios da humanidade, atestados pelo consenso dos povos mais antigos da terra.

E' cobrir de escarneo e de ridículo uma religião que, ha vinte seculos, enobrece e dignifica o homem.

Ou constituir nossa religião como limite maximo e absoluto de todo conhecimento, seja natural ou sobrenatural; absoluto ou relativo, seja racional ou sensivel. necessario ou contingente; ou então negar, por completo, a certeza e privar o homem do conhecimento da essencia insondavel e infinita de Deus.

Ao contrário, tiradas as provas de autenticidade e veracidade pela análise metódica e científica da filosofia, a revelação nos dá uma fé racional e especulativa, que se pôde pronunciar sôbre os mais altos problemas das origens e destinos da criação.

Não é sôbre os escombros da razão que se ergue a fé; antes a exige investigadora e sincera para se pronunciar com firmeza científica sobre as realidades historicas da revelação.

*

* * *

Fóra com os preconceitos, fóra com os sofismas; prestemos adesão á Verdade eterna e revelada, que a Igreja nos ensina.

Necessidade da religião

Por mais que a impiedade procure negar, por maiores que sejam as afirmações da ignorancia, é patente que o sentimento religioso se acha radicado profundamente no coração humano.

A necessidade do divino, de encontrar uma causa última e suprema, tem sido sempre a maior preocupação de nossa intelligencia.

Mas não falta quem, em nome das ciencias sociais, da psicologia e da mesma história, queira explicar naturalmente ou ao menos desvirtuar a fôrça deste argumento em favor da necessidade da religião — a sua universalidade.

Na história da humanidade, desde as épocas que se perdem na obscuridade dos tempos, acha-se em toda parte um elemento religioso e moral.

Hoje, sabios e investigadores dos tempos primitivos confessam que nas idades prehistoricas se encontram documentos da crença no sobrenatural.

Um grande seguidor do positivismo chegou mesmo a confessar que depois das investigações de Roskoff, Reville e Girard de Rielle é impossivel sustentar que haja sobre a terra um só povo absolutamente atêu. Ao contrário, os monumentos megalíticos, menhirs, dolmens, cronlechs e sepulturas, considerados prehistoricos, são monumentos de crença, indícios certos de uma religião.

Reinack afirma, ante as provas da historia, que a religiosidade é attributo essencial do homem.

A crença em um princípio de vida, fonte donde dimana toda a energia, o terror dos espiritos bons ou máus (fatos averiguados entre os nossos selvícolas), a noção de sagrado e profano, de justo e injusto, são inexplicaveis sem a religião.

Particularizando estas noções e indo buscá-las nos povos do Extremo Oriente, encontramos entre os chinezes a crença no Senhor do Céu, um culto dos genios que operam prodigios, e dos maiores, que velam sobre os vivos e protegem seus filhos.

Na Índia, cheia de tradições e mistérios, os Védas são o código das crenças e o compêndio da religião. Professa-se o monoteísmo mesclado com a deificação das forças da natureza e das virtudes morais.

O Bramanismo, com uma filosofia nebulosa, admite os deuses criados pela fantasia do povo e professa uma ética do mais rígido ascetismo.

Médas e persas, professando a religião *avestica*, crêem no dualismo de princípios eternos, bem e mal, luz e trevas, em luta constante e pertinaz. Seguir o bem, odiar o mal, aguardando a ressurreição — é a regra da vida.

Dos povos semitas, assírios e babilônios, árabes, edomitas, etc., são muito conhecidos os seus sacrifícios, por vezes barbaros, em que se imolavam vítimas humanas. Reconheciam uma vida futura e supervivescência da alma humana, que recebia preces e sacrifícios dos vivos.

Os egípcios, em princípio monoteístas, degeneraram em franca idolatria. As ruínas de templos vastíssimos e soberbos são o testemunho dos seus sentimentos religiosos. Entre eles florescia o culto dos mortos, que eram submetidos a diversas provas e juízos.

Não menos religiosos foram os povos do Ocidente.

Os gregos, ao lado de Zeus, pai dos deuses e rei dos homens, colocaram uma hierarquia composta de ninfas, heróis e semi-deuses. Cada cidade tinha um deus especial, cada família um genio protetor.

Magníficos eram os templos, por vezes exalçados nos cumes dos montes ou cercados de magníficas florestas, e os sacrifícios públicos oferecidos ás divindades constituíam verdadeiras festas nacionais.

Em Roma, o paganismo atingiu ao apogeu com a magnificência do sacerdocio, a grandeza dos seus templos e o esplendor de suas festas. Preces e sacrifícios deviam aplacar a cólera dos deuses irritados.

Tudo foi objeto de um culto, sem excetuar os brutos. O lar era um templo, em que se adoravam os penates, genios do bem.

A Galia, no periodo da invasão romana, professava um politeísmo que não excluía a immortalidade da alma. Os druidas ofereciam nos bosques sacrificios ao deus da guerra.

Os germanos e escandinavos admitiam, sob nomes diversos, as personagens da mitologia greco-romana.

Os sacerdotes, príncipes temporais, sacrificavam, nas selvas e bosques, aos genios da guerra, da paz, da abundancia e da fecundidade.

Em todas estas religiões ha dogmas; existencia do ser supremo, senhor do homem: um fundo moral; a diferença entre bem e mal: e uma liturgia, mais ou menos pomposa, porém sempre obrigatoria, nas relações do homem com a divindade.

O positivismo quer explicar a origem do sentimento religioso pela ignorancia das leis da natureza. O homem, desconhecendo as forças que regem o mecanismo dos mundos, arquiteta alguma causa. Este sentimento religioso vai se aperfeiçoando e evoluindo; naturismo, animismo, fetichismo, politeísmo e monoteísmo são fases diversas que se sucedem com o progresso da civilização. Mas esta hipótese gratuita é insustentavel, porque não explica a permanencia da religião entre povos que parecem chegados ao ápice da instrução e do progresso. Demais a todas as religiões são essenciaes os conceitos de direitos e deveres e as obrigações morais, estas idéas deviam evoluir e mesmo desaparecer neste progresso.

A subconciencia dos psicologistas não basta para explicar o sentimento religioso, não dá a razão por que, em todos os tempos, esta tendencia se tenha imposto ao homem.

A dependencia da coletividade, o espirito de associacionismo poderia explicar uma força coativa, mas não uma força moral imposta ás nossas conciencias.

A razão das tendencias religiosas deve ser procurada na propria natureza humana.

Em primeiro lugar é a intelligencia que pesquisa a *ultima ratio* de sua origem e a causa de tudo creado. As ciencias positivas são ineptas para resolver problemas importantissimos, tais como nossa origem e nosso fim, no tempo e no futuro.

A vontade quer abraçar o bem, mas como o fazer? Por si só? Não. E' preciso que uma lei, um freio, venha estatuir uma obrigação moral. E' necessario que um legislador, pleno de autoridade, venha cominar penas aos delinquentes, porque o utilitarismo, os ditâmes da consciencia e o sentimento da honra são muito fracos para resistir ao embate das paixões.

O coração humano é um vácuo imenso. Nem os bens temporais, nem a ciencia, nem a propria virtude o pódem contentar. Sim, nada o póde satisfazer porque o seu destino é a felicidade perfeita, na posse eterna e completa do infinito.

A religião é que satisfaz plenamente ás aspirações legítimas e alevantadas das mais nobres faculdades humanas.

Negado o sobrenatural, afastada qualquer idéa religiosa, o homem fica reduzido á condição mais mesquinha, debatendo-se na mais estranha contradição; de um lado as miserias desta vida, as fraquezas de nossa natureza; de outro, aspirações altíssimas, desejos do perfeito, do sublime, do infinito!...

A religião é, pois, uma exigencia da nossa natureza, uma condição psicologica.

O Filho de Deus

Mergulhada nas trevas da mais absoluta ignorancia dos seus destinos eternos, sepultada no profundo lodçal do vício, acarretando as consequencias dos seus desvarios, a humanidade, no mais decadente estado moral, implorava dos céus um salvador. Um pequeno povo da Asia guardava uma tradição que o sustentava — de que da sua estirpe real sairia o desejado das nações.

Durante milhares de anos o esperaram, pedindo aos céus que o fizessem descer, ao rócio das manhãs que o revelasse, á terra que o fizesse aparecer.

Cumpridos os tempos e plenos os dias, um carpinteiro da Judéa declarou que era o Messias, o filho de Deus em fôrma humana. Nasceu pobre, de uma realéza decaída. Logo entre as faixas da infancia foi perseguido e levado a país estranho. Mais tarde, regressou á patria, indo viver da carpintaria, até aos trinta anos, quando se dedicou á vida pública.

Não procurou fascinar discipulos com o fulgor da eloquencia nem com as argucias da argumentação, mas sim com a autoridade do exemplo.

Resignação á pobreza, dedicação ao trabalho, para satisfazer ás exigencias da vida; obediencia aos poderes públicos, para garantia da tranquillidade social; tudo isto nobremente fundamentado no sentimento do dever — eis as principais virtudes civis de Jesus Cristo.

No meio do mais aferrado utilitarismo, em que os homens só viviam para as riquezas, no fito da conquista do prazer, veiu o Cristo, desprezando as riquezas, ensinando que ser grande é ser pobre e justo de coração.

Filosophos e prosadores têm decantado o valor social do trabalho, mas não lhe puderam tirar o carater íngrato e penoso de sofrimento e humilhação.

Só o exemplo de um Deus, entregue á aspereza do trabalho manual, seria capaz de levar a humanidade ao sentimento de amor por esta condição da vida.

E quanto de bem não influiria no ánimo conturbado das classes trabalhadoras o exemplo da officina de Nazaré!...

Hoje que os homens parecem viver sómente para as necessidades temporais, no afã de conquistar o poder e amontoar tesouros, que influencia moderadora não exerceria a contemplação deste exemplo de desprendimento de todas as coisas temporais!...

A ternura e a serenidade celeste do seu olhar, que apenas vislumbramos nos mais delicados debuxos dos primorosos pintores, faziam o enlévo dos que o contemplavam e causavam o concurso das turbas.

Os sábios e philosophos da antiguidade ensinavam nos liceus e porticos, porque limitado era o numero dos

seus discipulos. Jesus ensinava nas praças e nos montes, sob o docel do firmamento azul da Palestina, porque era o mestre da humanidade.

De um Deus tinha a perfeição absoluta: de um homem, a veracidade das emoções.

Sua biografia se resume nestas admiráveis palavras: «passou fazendo o bem».

Misericórdia imensa transbordava do seu coração terníssimo acolhia os pecadores, sanava-lhes as chagas do pecado, com o balsamo do perdão, amparava os fracos, consolava os tristes, comprazia-se nas creanças; com amor admirável e ternura sem par tratava os seus discipulos e tolerava-lhes as faltas; chorou sobre sua patria, prevendo os justos castigos de sua ingratição.

Chamou de amigo ao discipulo que o vendera, e com um olhar de benevolencia vasou o coração do que o negara.

A caridade era seu movel de agir.

Ao odio infernal da sinagoga resistiu sempre com o amor.

Arrastado aos tribunais, sofre, tácito, injurias, insultos e a sentença injustíssima. Abandonado dos discipulos, blasfemado e amaldiçoado por aqueles que cumulára de beneficios, não solta um lamento, não profere uma queixa.

O homem já presenciara o espetaculo do justo a braços com a iniquidade, mas nunca se vira tamanha paciencia como a de Jesus, no drama sanguinolento do Calvario.

Do patíbulo infamante da cruz, saciado o odio dos seus inimigos feito o «*homem das dôres*», impetra do Pai Eterno o perdão dos seus algozes e depois rende seu espirito.

Sobre toda esta vida de justiça resplende uma aureola imarcessivel, de pureza imacula.

Mês e meio depois de sepultado, os seus discipulos, de tímidos e ignorantes que eram, tornaram-se entusiastas do seu Mestre e proclamando que ele havia surgido dos mortos, saíram pelo mundo universo annunciando que o Cristo era Deus... e selaram com a vida esta confissão.

Desmoronou-se a sinagoga; passaram Atenas, Corinto, Efeso e Lacedonia; desabou o imperio romano e desapareceram os bárbaros e assim a sucessão dos povos e dos ímpios.

Contra a doutrina do Cristo se insurgiu toda sorte de inimigo: as paixões bradavam impossível; o sofisma quis ridicularizá-la; a heresia pretendeu minar-lhe os fundamentos; o imperio declarou-lhe guerra.

Sôbre o sepulcro do Cristo passaram vinte seculos e ele continua vivo, imortal na memoria e na consciencia dos homens; exercendo influencia permanente e inegavel no mundo espiritual.

Nestes tempos de materialismo, por amor de um justicão de ha vinte seculos, na flôr da mocidade, entre as mais fagueiras promessas da existencia, jovens dum e doutro sexo abandonam o mundo e se privam da felicidade temporal.

E por que?... Porque dissera a verdade o centurião romano, no topo do Calvario, ao afirmar: *«Este homem era realmente o Filho de Deus»*.

O milagre e os fatos

Ha poucos dias, telegramas da Italia nos narravam que, mais uma vez, se havia repetido o milagre de S. Januario.

Esta noticia passou entre geral indiferença; uns, por conhecimento do que se tratava, outros, por ignorancia, não prestaram atenção ao fato:

O caso é o seguinte: todos os anos, no dia dezoove de setembro, aniversario do martir S. Januario, se reproduz em Napoles este fato admiravel; na catedral dessa cidade, na capela chamada do Tesouro, conserva-se a cabeça deste santo martir, e um pouco de seu sangue, em dois vidrinhos, sangue este que durante todo o ano permanece coagulado e negro. Quando, porém, nesse dia, se colocam os referidos frasquinhos deante da cabeça e ao mesmo tempo se invoca a intercessão do santo, o sangue imediatamente se lique-

faz, tornando-se vermelho e efervescente, não obstante os vidros que o contêm permanecerem frios; logo, porém, que se refira a cabeça, o sangue volta instantaneamente ao seu antigo estado, isto é, deixa de ferver e fica outra vez frio, coagulado e negro!

Semelhante acontecimento é presenciado não por freiras nervosas, ou seminaristas exaltados, mas pela multidão que visita aquele templo. Agora mesmo a informação telegrafica acrescenta que muitos peregrinos acorreram á cidade, e outros, de passagem, nela demoraram. no fito de presenciar este acontecimento, que de longos anos se vem perpetuando, pois S. Januario, que foi bispo de Benevento, foi martirizado em 305 da éra cristã.

A administração da catedral, note-se, nunca recusou que medicos e cientistas de toda parte, bem ou mal intencionados, examinassem a autenticidade deste sangue e testemunhassem esse acontecimento, que até hoje permanece inexplicavel.

Se fôra uma história, que partisse de algum convento ignoto ou de algum ambiente suspeito, de nima credulidade, admitiria a hipótese de uma exaltação religiosa; mas um acontecimento presenciado por testemunhas muito diversas, em circunstancias tão singulares, não pôde ser explicado naturalmente.

Sim. O milagre é um fato.

A filosofia cristã define o milagre: «é um fato insólito e sensível que excede ás forças de todos os agentes creados».

E' insólito, porque ultrapassa o curso ordinario da natureza, como a ressurreição dos mortos, a cura dos cegos de nascimento, o desaparecimento rapido de graves lesões organicas, etc.; sensível para ser percebido por todos; finalmente, deve exceder á potencialidade dos agentes creados, isto é, que não possa ser produzido pelo homem ou pela reação das forças naturais.

Circunscrita por esta definição a noção do milagre, segundo o pensamento da Igreja, está de uma vez

afastada qualquer interpretação viciada ou errônea destes fatos estupendos, que comprovam a religião católica.

E sómente os fatos que possam ser compreendidos nos limites estreitos desta definição; isto mesmo só depois de atestados verídicos por pessoas de insuspeita probidade e verificada por cientistas a ausencia de qualquer causa natural, é que a Igreja, após prudente exame, se pronuncia sobre o caso.

Certas curas, que se dizem milagrosas, e que andam publicadas em jornais, revistas ou livros religiosos, ou mesmo certos acontecimentos de ordem moral, que a piedade dos fiéis olha como sobrenaturais — não são milagres, no sentido restrito da palavra; serão benefícios de Deus, ou graças, alcançadas mediante a intercessão de qualquer santo. Ainda mesmo que em tais casos haja sido baldada toda intervenção humana, o católico deverá reconhecer o favor celeste que recebeu e poderá proclamá-lo, mas a Igreja não obriga ninguém a reconhecer que haja nisto algum milagre.

Se alguém deturpa a explicação de certos fatos, attribuindo causas divinas a efeitos naturais, da religião não é a culpa e sim dos que ignoram sua doutrina.

A teologia moral e a dogmática católica, bem como a filosofia escolástica, reconhecem que ha fatos extraordinarios e preternaturais, prodigios diabolicos e manifestações demoníacas no espiritismo; admitem igualmente o hipnotismo clínico, isto é, a catalepsia, letargia e sonambulismo, que operam curas extraordinarias nos doentes nervosos, e são exploradas tambem por ilusionistas, que se dizem senhores das ciencias occultas.

Não invento doutrinas, nem transijo com ninguém; o que afirmo está escrito em qualquer compêndio de dogmática, de moral ou filosofia adotado nos seminarios.

Esta é a doutrina católica, universalmente aceita por todos os que, tendo fé em Deus, acompanham com sinceridade de ânimo as conquistas da ciencia honesta.

A caridade

«A verdadeira lei do progresso moral é a caridade; sem o seu impulso é impossível a perfeitibilidade humana, e quantos esforços emprega o homem por atingi-la, num alvo excentrico ao amor de Deus e do proximo, serão esforços impotentes».

Assim se expressou um dos mais brilhantes prozadores do seculo passado, resumindo em poucas palavras a noção verdadeira da caridade.

O Evangelho e o seu natural complemento, as Epistolas e a tradição apostolica, estão de tal modo impregnadas do espirito da caridade, que sem esta virtude torna-se impossível comprehender-se o espirito da religião cristã.

Cristo resumiu o Decálogo em dois unicos preceitos: o amor de Deus e o do proximo.

S. Pedro diz que em nossas obras deve predominar o espirito de caridade e S. Paulo declara estereis todas as obras que não forem vivificadas pelo amor de Deus e do proximo. S. Mateus acrescenta que a caridade é o primeiro e o maior dos mandamentos. A última recomendação de S. João Evangelista aos seus discipulos era que se amassem uns aos outros.

Data destes primórdios doutrinaríos a benemerencia da Igreja, em todos os tempos, dando lenitivo ás miserias humanas, enxugando lagrimas, pensando chagas e cuidando dos abandonados.

Quando algum dia se escrever a historia social da religião catolica, esta será feita pela enumeração completa das miserias que abatem a humanidade e dos remedios que lhe tem oposto esta crença incomparavel.

E' verdade que, em nossos dias, algumas confissões religiosas ou seitas pôdem apresentar varios estabelecimentos de caridade ou beneficencia, mas nenhuma pôde, como a Igreja catolica, apresentar, de ha vinte seculos uma série tão completa de institutos caritativos. Desde as épocas das perseguições, em que velava de modo especial por enterrar os mortos e resgatar os

cativos, até aos nossos tempos, em que a caridade católica se difunde e se multiplica em mil obras de amor e de amparo.

Hospitais, asilos, orfanatrofios, institutos diversos para os diversos estados de miséria da pobre humanidade — tudo tem sido creado e com resultados praticos.

Entre as obras genuinas da caridade, contam-se as conferencias de S. Vicente de Paulo, instituidas na França, na *Cidade Luz*, e hoje disseminadas por todo o mundo. Esta obra abrange, em um programa assás vasto, o remedio para todos os males sociais, e pôde tomar a seu cargo tudo que diz respeito a minorar os males da pobreza e dar assistencia e proteção aos desvalidos.

E' este o segredo da aceitação universal que tem alcançado esta obra e os resultados incomparaveis que tem obtido em todos os meios; tanto nas cidades ricas e nos centros populosos, como nas vilas pequeninas e nas populações pobres. A ela têm dado sua adesão não sómente os humildes filhos do povo, que procuram aliviar as miserias dos seus semelhantes, mas tambem os grandes do mundo, os nobres, os sabios e todos os que occupam posição saliente na sociedade.

São os frutos admiraveis da caridade, que Cristo prérgou em seu Evangelho.

Os esplendores da liturgia sagrada

Deus, que falou no Velho Testamento, pela voz tonitroante dos patriarcas e profétas, e, no Novo, pelo Verbo e os apóstolos, que continuaram a sua missão, fala-nos, hoje em dia, pela majestosa pompa das cerimónias da Igreja. Esta linguagem, sublime em seu silencio, augusta nos misterios que representa, nos manifesta toda a majestade do Altissimo, «toda a santidade da Igreja, toda a dignidade dos seus ministros».

Para os indiferentes, as nossas aspersões, inclinações e prostrações talvez pareçam momices e posturas ridículas; mas, aos olhos do homem esclarecido pela fé, estas ceremonias revelam a grandeza de Deus.

O cristão sabe que tudo o que se relaciona com a divindade não pôde ser pequeno e, por isso, dá a um desses atos o seu verdadeiro valor e legítima significação. O cristão tem presente que Deus prescreveu todas as ceremonias da antiga lei, deu o plano do tabernaculo marcou as dimensões do templo de Jerusalém, regulou a pompa dos sacrificios e determinou até as formas e ornatos das vestes sacerdotais.

Cada cerimonia tem sua significação propria. dá-nos particular ensinamento. As aspersões nos fazem lembrar que não somos bastante puros para tratar com a divindade; o incenso, que se queima nos turibulos, representa as nossas preces que se devem elevar até ao trono de Deus; as luzes e cirios são imagens das flamas sagradas da caridade e da fé, que devem calcinar o nosso peito; as prostrações dos ministros figuram as dos anciãos do Apocalipse, vistos por S. João; os toques dos sinos e campainhas nos convidam á alegria que reina no céu; a melodia grave do canto-chão nos inspira o recolhimento do espirito e a concentração das nossas faculdades interiores; a variedade de côres e a magnificencia dos paramentos exprimem os sentimentos e o espirito da Igreja; enfim, a majestade solene de todas as ações liturgicas respira um profundo respeito á divindade. Tudo fala ao coração do crente.

Querem, porém, os *adoradores em espirito e verdade* que, em homenagem á razão, sejam banidas todas as ações do culto externo, para dar lugar ao espiritualismo árido do protestantismo. Basta, dizem eles, que, no recesso de nossa alma, reconhecamos que ha um Deus a adorar.

Não. Isto é a ignorancia completa de nossas condições psicologicas; é desconhecer que nosso espirito está limitado por um corpo sensivel, material. Para prescindir de praticas externas nos atos da religiosidade, seria necessario que nossa intelligencia e vontade

não fossem servidas por órgãos formados de musculos e nervos.

Nosso espirito torna-se vazio; a intelligencia e a imaginação ficam inativas, se o olho não vê, se o ouvido não ouve...

Ainda mais premente é a necessidade de pompas externas, para o povo, as multidões incapazes de um rígido misticismo.

E por que negar á religião o que se concede ás relações sociais? Não é por abraços, apertos de mão e outros atos de urbanidade que testemunhamos nossos afetos no trato com os homens?

Fóra com as continencias, com as atitudes respeitadas... basta qualquer afeto interno, nada de exterioridades.

Ninguém desconhece quantos inconvenientes, quantos desacertos traria esta nova ordem de coisas na sociedade. O mesmo podemos aquilatar na ordem religiosa.

E' forçoso confessar que, mesmo nos atos de pura mística, o espirito humano exige simbolos palpaveis, representações sensiveis.

Para ser cordatos, devemos conceder que, se a razão deve se submeter a Deus, o corpo deve ser o intérprete deste sentimento na vida publica.

Quando todas as coisas da natureza proclamam as grandezas do Creador, em concerto unísono, o homem não póde ficar mudo, indifferente.

Que belos ensinamentos! quantas verdades nos recordam as ceremonias! As benções da agua, do sal, do oleo, das plantas, da cinza e de tudo mais que se emprega nos atos do culto, nos dizem que todas as creaturas devem render obsequios á divindade.

A magnificencia ornamental dos sacerdotes ensina-lhes que, á mingua de virtudes proprias, precisam de adornos para condigna apresentação ao Santo dos Santos.

Como não se penetrar dos sentimentos que inspiaram as funções sagradas quem as assiste com as disposições exigidas! Numa semana santa tudo nos convida á meditação, ao recolhimento. A melancolia suave dos hinos, as notas plangentes dos trenos do

Proféta, lamentando a ruina de Jerusalém..., o roxo das vestes sacerdotais, tudo ressumbra a dôr da Igreja que chora o seu Esposo.

Ao contrário, os aleluias, os hosanas nos despertam gratas emoções, gôzos íntimos.

Estas alternativas de suspiros e écos de jubilo são outros tantos cenários do palco de nossa existencia.

Para occultar a origem divina da liturgia é necessario cancelar do Apocalipse as paginas que narram as pompas da Jerusalém celeste, e a história dos sacrificios de Abel, Noé, Melquisedec e Abraão, no Antigo Testamento.

A Igreja, fiél intérprete das Escrituras, desde os tempos primeiros, procurou uma norma para regular as suas ceremonias, particularmente no augusto sacrificio da missa. Não obstante, no decorrer dos tempos, introduziram-se modificações, donde procedem as liturgias nacionais.

Duas são as liturgias principais: do Ocidente e do Oriente, as outras são subdivisões destes grandes ramos.

No Oriente, as mais notaveis são: a de S. Tiago, instituida por S. Cirilo, patriarca de Jerusalém, no seculo IV. Hoje esta liturgia é empregada sómente uma vez no ano, em Chipre e Jerusalém, na festa do Apostolo que lhe dá o nome.

A liturgia de S. Marcos de Alexandria, que deu origem ás liturgias coptas, no Egitto.

Os armenios têm um ceremoniario nacional, que muito se aproxima do de Constantinopla e está espalhado onde quer que haja antigas colonias deste povo, na Siria, Persia, Asia Menor, Hungria e Polonia.

A liturgia de Cesaréa — Constantinopla é a principal do Oriente e que tem conseguido avassalar varias outras; hoje é a oficial da igreja da Russia, Rumania, Grecia, Servia e Bulgaria.

No Ocidente, pôde dizer-se que ha sómente o rito romano, e isto deve ser attribuido ao primado pontificio e á evangelização da Galia, Hespanha e Germania por missionarios mandados de Roma.

Os Sumos Pontífices demonstraram cuidado especial em conservar inalteráveis as ceremonias e usos tradicionais de sua metropole, e reduzir á liturgia romana as sédes occidentais que dela se haviam afastado.

Para isto concorreram não pouco os concilios gerais e provinciais, reunidos sob o influxo de Roma.

Hoje esta uniformidade de ritos, ceremonias e liturgias é obra dos papas.

Enquanto as outras liturgias sentem diminuir os seus adeptos, e vêem restringir-se cada vez mais o circulo da sua influênciã, a liturgia romana, cada dia que passa, vê aberta a sua expansão aos novos povos, que se acolhem á sombra do cristianismo.

Tambem nós devemos, á medida de nossas forças, empregar todo empenho para maior esplendor das ceremonias, pelo cuidado de praticá-las e pelo respeito em assisti-las.

Trevas...

(Na Quarta Feira Santa)

Esta palavra encerra um que de sinistro, evoca á imaginação quadros dantescos, povôa o cérebro de visões mácabras...

Varias acepções, que se lhe dão, lembram todas idéas tristes, conceitos pungentes.

Trevas: ausencia de luz, obscuridade, noite...

Trevas da ignorancia: a escuridão que envolve a intelligencia. Trevas da morte, o crepusculo da vida. trevas do passado, trevas do futuro: o ignoto, o desconhecido....

Poder das trevas: o diabo, o anjo do mal...

* * *

A Igreja tem as suas trevas; um officio religioso, chamado de trevas.

Consta do canto antecipado de Matinas e Laudes, á tarde.

São as exéquias de Jesus.

Foi na quarta-feira que os inimigos do Messias se reuniram e determinaram dar-lhe a morte. Foi o dia em que Judas vendeu o Mestre e estipulou o preço de sua traição.

E', pois, um dia de luto para os fiéis. E' o início da tragedia sanguinolenta, que culminou no Gólgota...

Daqui este dia passou a ser considerado como o princípio da Paixão do Redentor do genero humano.

Celebra-se neste dia o officio de trevas.

Recorda esta cerimonia um fato historico dos mais belos tempos da antiguidade cristã.

A recitação das Matinas e Laudes (partes integrantes do Breviario Romano), que ora se faz á tarde, era feita então, durante a noite, e se prolongava até á manhã; ao clarear do dia nascente, apagavam-se aos poucos, as luzes, já desnecessarias.

Colocam-se quinze cirios em um candelabro triangular ante o altar. Ao final de cada salmo, apaga-se uma vela; a última, de côr branca, que representa o Cristo, ao terminar o «Benedictus», é transportada para trás do altar. Esta cerimonia representa a morte, o sepultamento e a ressurreição de Jesus.

As outras velas, que são apagadas aos poucos, representam a dispersão dos onze Apostolos e das tres Marias.

As lições do primeiro Noturno foram tiradas das Lamentações do proféta Jeremias, que cantou, com acentos enternecidos, as ruinas de sua patria e a destruição do templo de Jerusalém.

Aos gritos de dôr de Jeremias juntam-se as notas dolentes da lira de David, que celebrou os ultrajes de que seria adoravel vítima o Filho do Homem.

Este officio liturgico foi instituido em comemoração daquelas trevas espessas que cobriam a face da terra, quando da morte do Salvador do mundo.

«E houve trevas sôbre toda terra, desde a hora sexta até á hora nona».

*

* *

O mundo estremeceu de horror, e a terra gemeu em seus fundamentos, ante o deicídio, — o maior crime da história — perpetrado numa colina dos arredores de Jerusalém. Os espíritos bemaventurados velaram suas faces, para não presenciarem semelhante atentado. O céu cobriu-se de luto, e o sol negou aos homens o esplendor de sua luminosidade.

Densas e negras nuvens se estenderam pela face da terra *e houve trevas da hora sexta até á hora nona.*

Esta caligem simbolizava as trevas morais, do êrrc e da iniquidade, que envolviam a espécie humana.

Em nosso coração também deve haver trevas; trevas de magua e de contrição pelos pecados cometidos..

Aos nossos ouvidos devem chegar as palavras energicas e fortes de Jeremias: «Jerusalém, Jerusalém, converte-te ao Senhor teu Deus.»

A confissão e a sociedade

O homem é um animal social, escreveu um pensador, e esta asserção exprime a característica essencial da nossa espécie.

A tendencia para o associacionismo manifesta-se, de princípio, na família, que une pelos laços mais sagrados alguns individuos diversos e estranhos; do agregado de familias nasce o estado, a nação — unidade do imenso todo do genero humano.

Esta tendencia para a sociabilidade, dá lugar, porém, a relações reciprocas entre individuos com direitos e deveres mutuos.

O direito de alguém implica necessariamente o dever de outrem o respeitar.

Encontrar as legítimas relações entre os direitos e deveres individuais não é facil incognita para os

dirigentes e responsáveis da ordem social, a menos que haja uma força moral coercitiva que compila cada um a agir exclusivamente na sua esfera.

Sómente um gravame de consciencia poderá atingir este fim.

E uma força de tal prestigio só se encontra na religião católica, no tribunal da penitência.

Pondo de parte os argumentos teologicos e as provas do raciocínio em favor do sacramento da penitência, bastará invocar a sugestão dos fatos morais para vindicar sua origem divina.

Uma sociedade, para formar um cidadão completo e se encaminhar para os seus legitimos fins, deve possuir, em gráu eminente, estas virtudes: — humildade, pureza de costumes, caridade e justiça.

Deve reinar a humildade para dignificar a obediencia, colocando, acima do poder constituido, a submissão a Deus. E' este o melhor e mais seguro meio de resolver a questão social, a antítese entre o alto e o baixo e conter as invejas mesquinhas. Sem esta virtude, a obediencia civil será um servilismo abjeto a um despotismo inclemente. E' o que nos apresenta Roma: um senado acovardado ante as cóleras de Cesar.

A obediencia é ainda um antéparo formidavel para o orgulho humano abatido pelas ilusões da vida.

E esta virtude encontra um campo uberrimo para germinar no tribunal da penitência, onde se nivelam todas as classes sociais e mão carinhosa desbrava os cardos do nosso coração, tornando nossa alma uma gleba abençoada de todas as virtudes.

A corrupção dos povos da Hélide foi a causa de sua ruína; e a incontinencia, a origem da derrocada do imperio romano.

Gastos na propria fonte de sua vitalidade, pereceram estes povos, nos quais a sêde do gôzo superou o proprio instinto de conservação.

O paganismo, apesar de seus enormes desvarios, rendeu solene homenagem á castidade nas honras excepcionais que prestava ás vestais dos seus templos.

Mas só o cristianismo conseguiu deificar a carne, fazendo descer a Deus ao homem, já que não era possivel exalçar primeiro este até á divindade.

De Cristo para cá, começou, na terra, a vida do homem novo, gerado na verdade e na justiça.

E' o fulcro do confessionario, a esculca vigilante, que profliga, não só os atos e realidades externas, mas também os simples pensamentos e os desejos desregrados dos apetites sensuais.

A caridade é o vínculo da perfeição.

Sem esta virtude não ha verdadeira tolerancia pelas fraquezas do proximo, nem compaixão pelas miserias alheias.

Quantas baixezas não nos revela o trato dos nossos semelhantes!...

No entanto, sem amor a este acervo de miserias, este agregado de crimes, que é a humanidade, não pôde haver a união necessaria á sociedade.

A filosofia é impotente para iuspirar este sentimento; haja vista o proceder dos antigos para com os escravos.

Homero classifica-os como dotados só de meio espirito; Aristóteles diz que são pouco mais que os irracionais; os gregos chamam-nos de *corpos*; em Roma *res* — uma coisa.

Mal julgados e peor tratados, vergastados barbaramente, sem proteção legal, viviam á parte da comunidade humana, como rebanhos de alimarias.

E' no confessionario que se colhem os frutos da Cruz; é lá que se depõe o odio e se préga o amor fraterno e a igualdade entre os homens.

A justiça é a quarta virtude de uma sociedade honesta, porque sem éla não pôde haver equidade nem ordem moral.

O tribunal civil distribue a justiça para com o proximo; o tribunal da penitência administra a justiça no fôro íntimo da consciencia, para consigo mesmo e para com Deus; aquele, para os atos exteriores e públicos, este julga os atos internos, os pensamentos e desejos; um vindica os danos temporais, outro repara os prejuizos espirituais e os direitos eternos.

No tribunal civil poderá haver êrro e subôrno; no da Igreja nada disto é possível.

O juiz castiga o culpado; o confessor procura evitar as quedas.

A' complexidade de leis e códigos nós opômos a unidade do Evangelho e a simplicidade do decálogo.

Além destes efeitos morais diretos, que a confissão necessariamente produz na consciencia, ha tres grandes males sociais para os quais a confissão é grande e salutífero remedio.

A quêda edênica. prostrou. mortalmente ferida, a natureza humana, rasgando-lhe profundas chagas na sua entidade moral; foi, na intelligencia, a ignorancia da verdade — o êrro; na memoria, o esquecimento dos deveres; na vontade, o enfraquecimento pelas paixões revôltas.

A estes tres males a confissão leva o remedio eficaz; lá o sacerdote é doutor, que ensina a verdadeira ciencia e obvia seus clientes das fontes envenenadas do êrro. Lá se dissipam os vãos preconceitos e as divagações filosoficas, que aberram da verdade.

E' velado pela cortina do confessorario que o sacerdote lembra a cada fiél o restrito cumprimento dos seus deveres: ao esposo trânsfuga diz que deve regressar ao lar; á mãe de familia lembra que deve ser honesta e carinhosa; aos filhos, respeito e obediencia; aos servos, o exáto adimplimento das suas obrigações — assim vai auxiliando a memoria a recordar os deveres de estado.

Não menos salutar, não menos energico é o auxílio que a confissão presta á vontade, impondo um freio ás paixões desordenadas. Lá se impõe uma penitencia pela primeira falta e se prodigalizam admonições, que evitam as reincidencias.

E' o consultorio para os negocios da consciencia.

E bem o provam a força moral da confissão, queiram ou não os mercadores de biblias truncadas, as declarações positivas dos reformadores (melhor diria deformadores) do seculo XVI acerca da confissão auricular e as representações das cidades de Nurenberg e Strasburgo a Carlos V, pedindo a obrigatoriedade da pratica da confissão.

São fatos irrefragaveis, provas insofismaveis que falam, bem alto, em favor do alcance social do sacramento da penitência.

Grandezas do sacerdócio católico

Encontrareis, mais facilmente, diz Plutarco, cidades sem muralhas, sem reis, sem literatura, sem moedas, e sem codigos, do que um povo sem templos, sem orações nem sacrificios.

A esta afirmação, que encerra uma verdade histórica, até hoje nunca desmentida, podemos acrescentar que é mais facil encontrar-se um povo sem deuses, uma raça sem crenças, do que uma religião sem ritos nem sacerdocio.

A razão é obvia. O conceito de religião é o commercio entre Deus e o homem; ora, todo commercio está baseado nas relações entre produtores e consumidores; assim a religião põe em contato a onipotencia divina com as necessidades da fraqueza humana.

O seguimento da história, através da noite caliginosa dos tempos, na sucessão dos imperios, nos mostra que sempre houve sacerdocios.

Na Persia, eram os magos os depositarios das ciencias divinas e humanas; na India, os bramanes guardavam os segredos e misterios das crenças populares; os hierofantes do Egito e da Hélade exerciam as grandes funções sacerdotais do seu povo; os pontífices romanos presidiam ás solenidades religiosas; nas reconditas florestas da Galia e da Germania, os druidas invocavam os genios protetores e na Bretanha eram os bardos que superentendiam aos sacrificios.

Na America, não só os aztecas e incas civilizados tinham sacrificios e templos, mas até as tribus nomadas e selvagens temiam seus pagés e realizavam ceremonias religiosas. O mesmo se confirma a respeito dos aborígenes da Africa e Oceania.

Se, porém, quisermos aquilatar o quanto de diferença vai entre estes sacerdocios e o da Igreja católica, basta que comparemos entre si as origens deste e as daqueles.

Entre os pagãos, o sacerdocio é fundado sobre privilegios de castas e em práticas secretas e só mani-

festas ao pequeno grupo de iniciados e seus codigos são escondidos aos olhos dos profanos. Isto em legítima defesa, porque, se fossem desvendados os seus segredos, ruiria por terra seu prestígio.

No cristianismo, porém, o sacerdocio não tem segredos; suas ceremonias são públicas, não se oculta á sombra dos bosques ou nos áditos das cavernas.

No paganismo, o sacerdocio era privilegio de familia ou escalado por aqueles que se votavam voluntariamente ao culto desta ou daquela divindade.

Na Igreja católica, ao contrário, o ministerio dos altares é regulado pelo proprio Deus, que escolhe seus servidores, sem distincção de classes ou hierarquias sociais. Não é o aspirante que escolhe o culto a que vai servir, mas é ao mesmo Deus que, no recesso das consciencias, se faz ouvir, conduzindo ao pé do altar aqueles que se tornarão os serventuarios do Altissimo. Assim se justificam as palavras de Cristo: *«Não fostes vós que me escolhestes, mas eu é que vos escolhi»*.

A Igreja emprega todo cuidado na formação dos seus ministros, procurando fortalecer-lhes o caráter e ornamentar-lhes a intelligencia, visto como o sacerdote é a continuação da pessoa de Cristo, enviado por Este, do mesmo modo que o Filho é o enviado do Pai.

Quando o mundo se abismava nas trevas do êro e da ignorancia e a humanidade se afundava no lodaçal de todos os vícios, Cristo se apresentou, como a luz, que devia esclarecer as intelligencias, e a vereda da justiça que os povos deviam trilhar.

Seguindo seus valiosos destinos, o sacerdocio católico tem prestado os mais assinalados serviços aos povos, tanto nas conquistas materiais como na regeneração moral.

Na idade média, quando todas as energias estavam votadas aos instintos belicosos e os homens só se conheciam para se guerrear, foram os ministros de Deus que construíram igrejas e claustros, fundaram povoações florescentes, esgotaram pântanos e desbravaram florestas, enquanto os nobres se degladiavam entre si.

talando campos, arrasando castelos e levando tudo a ferro e fogo.

Amansaram os costumes dos bárbaros e reduziram ao convívio dos povos civilizados as tribus da America. E onde faltou ás raças inferiores a proteção das ordens religiosas e dos missionarios do verdadeiro Evangelho, foram elas extirpadas, como aconteceu aos indígenas da Australia e Nova Zelandia.

Em nossos dias, esta missão civilizadora se patenteia tanto na obra da catequese dos selvícolas e conversão dos bárbaros, como nos institutos científicos, universidades, academias e collegios superiores, em todos os países do mundo.

Maior que este inestimavel serviço prestado á instrução, é o beneficio que o sacerdocio católico offereceu, pela pureza de vida e santidade de habitos, á moralidade das nações.

Reagindo contra as tendencias inferiores da natureza, cruciando as proprias paixões, é o sacerdote antemural contra todos os vícios e o parapeito mais forte da salvaguarda moral.

Numa época em que até os recursos da ciencia são malbaratados ao serviço das paixões, só os ministros do altar oferecem exemplo de um desprendimento extra-terreno.

Apontam-se os traidores, assinalam-se as exceções. Mas isto que importa?

Que exercito não conta desertores?... que bandeira não deu sombra a trânsfugas?

E' injusto responsabilizar uma classe inteira pelos desvarios de alguns ineptos.

Entre todas as categorias sociais, entre todas as ordens humanas, nenhuma se apresenta mais cheia de benemerencias e mais isenta de crimes que o sacerdocio católico.

E' a história, imparcial registradora dos fatos, quem o demonstra.

Catolicismo integral

Entre os males de nossa época, entre as falhas da geração moderna, nota-se, na ordem moral e religiosa, a falta de aceitação completa das doutrinas do catolicismo.

Muitos ha que admitem a religião como o bálsamo da vida, o tónico do espírito, o educador do coração e o confôrto nas horas da desventura; querem, porém, um catolicismo fabricado a seu talante, que não imponha violencia ás paixões nem acarrete com os desprêsos do mundo.

Reconhecem a religião como formada segundo as conveniencias humanas e não como uma revelação feita pelo proprio Deus, não admitindo ecletismos e seleções.

Erram quantos reduzem a religião a méro sentimentalismo e á aceitação superficial de um ou outro ponto de doutrina.

Quem assim pensa e orienta a propria vida possuirá, quando muito, um sentimento de religiosidade, mas não é adepto de religião alguma.

A verdade deve ser aceita integralmente; não é objeto material que se possa partir ou subdividir.

Nessas condições, torna-se impossivel aceitar a moral cristã e rejeitar os dogmas católicos; não se pôde recusar crença aos misterios da fé e ao mesmo tempo admitir os esplendores da liturgia ou estabelecer preferencia entre os sete sacramentos. Aceitar a existencia de Deus e negar a divindade de Cristo é renegar toda a doutrina católica. Outros ha que apenas praticam algumas das virtudes, isso mesmo a seu modo, e repelem as que lhes impõem algum sacrificio.

A reveleção divina fórma um todo homogeneo, que não pôde sofrer rutura, sob pena de perder o seu carater e a sua uniformidade. Do mesmo modo que não é possivel arrancar qualquer das pedras basicas do alicerce de um edificio, sem abalar o todo da construção, assim tambem não é possivel renegar uma só das verdades reveladas, sem deslocar todos os dogmas do cristianismo.

Pretender escolher, no dogma e na moral, aquilo que apraz a cada um e afastar o que lhe desagrade, é pleno racionalismo. A verdade é uma só e desde que cremos em Deus devemos aceitar quanto Ele nos manda crêr.

Laboram em êrro aqueles que pretendem, no catolicismo, escolher essa ou aquela verdade, tal ou qual preceito, ou fazem da religião um objeto de puro sentimento, que varía, de acordo com as circunstancias e as conveniencias de cada um.

Nessa categoria encontram-se numerosos católicos, que professam muitas opiniões absurdas e contraditórias, no que respeita á religião. São os que se insurgem contra a indissolubilidade do matrimonio; que atacam os bens ecclesiasticos; que hostilizam as ordens e congregações religiosas e que professam um culto idolátrico pela ciencia. Esses tais podem ser tudo, em materia de religião, mas não pertencem ao gremio da Igreja.

Igualmente atentam contra a integridade do cristianismo e, de modo particular, contra a do catolicismo, aqueles que misturam credices e superstições com as verdades da fé e os preceitos da moral. Causa pasmo observar como certas pessoas, que descreêm da efficacia da oração, duvidam da remissão dos pecados no tribunal da penitencia e desconfiam dos sufragios em pról das almas do purgatorio, prestam assentimento absoluto a quanto o macumbeiro lhes diga e observam fielmente quanto lhes preceítuam os exploradores da baixa magia.

Ao lado dos inimigos da religião formam os que, sob o pretexto da liberdade humana, declaram abraçar essa ou aquela crença. Uma vez, dizem, que Deus outorgou á espécie humana a intelligencia e a liberdade, é-nos permitido abraçar qualquer seita, ou deixar de parte essa questão. O contrário disso, justamente, é o que dita a reta razão. Deus constituiu sua Igreja, coluna e fundamento da verdade, depositaria da revelação sobrenatural; Deus exige de nossa vontade e de nossa intelligencia uma homenagem verdadeiramente racional e compativel com a nossa natureza de sêres livres e pensantes. Oferecer a Deus o sacrificio de nos-

sas opiniões e de nossos caprichos deve constituir o mais completo obséquio que podemos prestar á majestade creadora. A observancia plena da moral cristã e a aceitação incondicional dos dogmas católicos completam a demonstração cabal de nossa correspondencia á bondade misericordiosa do Creador.

O catolicismo integral, em seus mandamentos e em suas doutrinas, oferece a demonstração insofismavel de que as excogitações humanas não pódem corrigir ou modificar a obra divina.

A dôr cristã

Enquanto os filosofos e fundadores de crenças humanas acenam aos seus asseclas com todas as promessas fementidas de uma felicidade terrena e enganadora, Cristo faz sentir aos seus seguidores que as amarguras e provações aqui neste mundo são a partilha dos seus amigos.

Ensina e impõe a necessidade de abster-se de todos os prazeres sensiveis e préga a renúncia absoluta de si proprio.

A filosofia do cristianismo manda considerar a vida presente como um tempo de expiação e de prova; uma espécie de presidio, em que, cumprida a sentença, se alcança a beatitude eterna, o meio indispensavel de se chegar á felicidade sem fim, pelo sofrimento humilde e paciente, repousando nossa alma na consoladora esperanza de uma vida feliz, que nos compensará das dôres presentes.

A vida temporal é o processo da lapidação do diamante bruto de nossa alma, para a corôa da gloria.

A observação acurada e o estudo das últimas razões economia da Providencia nos acontecimentos temporais, faz evidente que a razão de ser do sofrimento e males da vida presente funda-se em motivos sobrenaturais e divinos.

As ciencias têm procurado inventar toda sorte de anestésicos para tirar ao homem a dôr fisica; a filosofia tem excogitado todos os sistemas e invencionices do pensamento para aniquilar a dôr; os poetas e os pensadores têm inventado todos os meios de fantasiar o sofrimento; e a dôr sempre triunfante; é a coisa mais vulgar desta vida.

Para qualquer lado que o homem vá; para onde quer que se volte; qualquer deleite que busque; todo confôrto que procure para seu espirito abatido, em tudo encontrará o travo do sofrimento. A verdade inexoravel é que todos os homens têm que prestar seu tributo á dôr, todos sofrem...

Sofre o pobre, que a despeito de um trabalho árduo não tem o pão para seus filhos; faltam-lhe os meios necessarios á subsistencia honrada de sua familia. E ainda o confrange o desprêso injusto da sociedade orgulhosa e egoista.

Mas não é só na mansarda do pobre que a dôr se hospeda; não é só o filho humilde do povo que está sujeito ás miserias desta vida; os ricos, os que vivem fartos, tambem estão sujeitos á lei do sofrer. Seus corações tambem são traspassados de angustias com a morte de entes queridos; pais, carinhosos vêm descer ao tumulo filhos idolatrados; filhos extremos dizem o ultimo adeus aos amados pais; esposos queridos se separam de uma vez...

A calúnia gratuita vai perturbar um espirito e escurecer um nome honrado; o odio injusto quantas vezes não destrói a paz de uma familia...

Quanta vez os poderosos não sentem o seu amor proprio ferido, seu coração despedaçado! Quantas empresas mal sucedidas, quantas esperanças frustradas!

São estas feridas secretas da alma, estas dôres surdas e penetrantes que fazem abater muitos espiritos soberbos, vergar muitas cabeças altivas e orgulhosas! Estas dôres morais causam pesares mais profundos do que as privações materiais.

O coração tranquilo e feliz, que se sente repleto de sua propria felicidade, sente o espinho da dôr com o temor de perder o bem que constitue sua alegria e contentamento...

A velhice lamenta os dias perdidos, os prazeres já passados e a juventude, com passos incertos, vai escalando a senda do futuro...

Mas qual a razão do homem sofrer tanto?! Por que a mais perfeita das obras da criação parece ser a mais infeliz e a mais desgraçada?...

Não procuremos a resposta na filosofia, nem na arte, nem na ciência, nem na poesia, em nenhum dos conhecimentos humanos.

Deante desta incognita, em face deste problema insolúvel para as forças da razão humana, muitos espiritos fracos, muitas almas covardes, muitos caracteres dubios, muitos corações atormentados pela dôr, procurando escapar a uma vida infeliz, lançam-se, pela vereda do suicídio, em uma eternidade desgraçada.

*
* *
*

A última razão da dôr, a causa do sofrimento só a fé pôde dar.

Abramos a Biblia. Que encontramos?

Deus creára o homem para a felicidade, destinava-lhe uma vida de delícias.

Mas impusera-lhe um preceito e dissera-lhe terminantemente: «*no dia em que pecares, morrerás*».

O homem pecou; a morte e a dôr foram a sua sentença e castigo.

A vida humana é, portanto, um tempo de expiação e de provas; o homem deve submeter-se ao sofrimento e á dôr.

E' de notar, porém, que a filosofia da vida cristã não olha o sofrimento como um castigo, uma expiação. Não. Muito ao contrário. O sofrimento é uma prova salutar e benéfica em que resplandecem a misericórdia e a bondade de Deus.

O grande Apostolo S. Paulo nos faz vêr que as tribulações presentes não procedem só de um juiz terrível, que pune e que castiga, mas também de um pai carinhoso, que se esforça por salvar e reconduzir á casa paterna um filho transviado.

E êle mesmo, que experimentára a doçura do sofrimento, em espirito de fé, acrescenta: «Sinto-me cheio de alegria no meio de minhas tribulações».

Sofrer não é sómente uma necessidade, mas é ainda de grande vantagem, quer na ordem moral, quer na ordem espiritual.

A dôr é a mestra da vida. E' no meio dos sofrimentos fisicos e morais que se robustece a vontade, se cristaliza o carater e se aprimoram as energias da alma. Os maiores caracteres de que se gloria a espécie humana são sempre os maiores soffredores. Tanto maior o homem tanto mais soffreu.

Já disse um poeta nacional, nas estrofes dulçurasas de seus versos, que passar pela vida sem soffrer, sem sentir os frios da desgraça, é não ser homem e sim «espectro de homem».

Isto se diz do soffrimento encarado pelo lado humano, moral.

É o soffrimento considerado como um meio de salvação encerra lições admiraveis e profundamente consoladoras.

O soffrimento é um grande meio de converter o pecador, de reconduzir ao redil a ovelha desgarrada.

A Escritura encerra, neste particular, os mais edíficantes exemplos.

Foi sob a cruel perseguição de Faraó que os hebreus se desgostaram do Egipto e se dispuseram a abandoná-lo, para cumprirem assim a missão historica a que Deus os chamava.

Manassés, impio rei de Judá, deshonorava seu trono com toda sorte de crimes e vícios. Deus o entregou ás mãos de um vencedor implacavel e cruel e nas masmorras de Babilonia foi êle expiar seus êrros, penitenciar-se de seus pecados e alcançar a graça de recuperar o reino que perdera.

David e Ezequias, nos faustos e cômodos da côrte, expiaram os seus êrros e fizeram penitencia.

E mais do que todos estes exemplos, a tocante parabola do filho pródigo bem mostra quanto as atribulações predispõem o coração ao arrependimento e á contrição das faltas cometidas.

A experiencia quotidiana nos faz vêr que muitos daqueles que na prosperidade não procuram a Deus, na adversidade se convertem e se humilham de coração.

O sofrimento é o purificador das almas justas e santas.

Deus permite que sofram os bons, porque deseja experimentar-lhes a fidelidade e a firmeza de sua constancia. Dá-lhes, deste modo, ocasiões de combates renhidos, para aumentar-lhes os meritos para a vida eterna.

Sem combate não pôde haver vitória, sem vitória não ha razão de triunfo e sem triunfo não pôde haver corôa na gloria eterna.

Os intuitos misericordiosos da Providência são uma doce violencia para forçar a alma crente a refugiar-se a seus pés, colocar a confiança não nas coisas deste mundo, mas firmar-se inteiramente na graça e desejar com verdadeira ansia a união da caridade perfeita.

Em meio dos padecimentos a fé torna-se mais robusta, o coração vai-se desapegando dos bens deste mundo e a alma vai-se entediando desta miseravel vida; de algum modo tambem se afasta o grande perigo de esquecer a Deus, perigo que, de fato, existe em uma vida de delicias e prazeres mundanos.

Todos os homens têm pecados e motivos de se arreceiarem da justiça divina e dos seus justos juizos, por isso é melhor expiar alguma coisa nesta vida e gozar mais na eternidade.

Daqui a fé nos ensinar que devemos receber todos os sofrimentos com resignação, pois está escrito: «na paciencia possuireis as vossas almas».

Quando a dôr bate á nossa porta, devemos examinar a nossa consciencia e ouvir o seu testemunho. Se esta nos declara culpados, devemos inclinar nossa cabeça, deplorar nossa fragilidade e, com humildade profunda, adorar a justiça divina.

Se, porém, a consciencia proclama que estamos isentos de culpa grave, lembremo-nos do nosso passado.

Em qualquer caso, porém, não ha fugir á dôr nem ha lugar para o desespero.

Como deixar-se abater o cristão que tem por modelo um Deus prégado numa cruz, e por refúgio os braços amorosos de uma Mãe traspassada de dôr?

Como se deixar abater pela dôr, possuir-se do abandono e desconolação aquele que professa uma fé que reconhece a Deus como pai?

Como entregar-se ao desânimo aquele que aprendeu que o sofrimento, em espírito de penitência, é o meio mais facil e seguro de expiar os proprios pecados e entesourar meritos para a vida futura?...

A causa de tantos desanimos, de tantas crises de desfalecimentos de almas crentes e piedosas é a falta de fé, mas da fé prática, não só de convicção, mas sobretudo de vida da fé.

Muitas vezes admiramos creaturas frageis e delicadas que têm rara capacidade de sofrer. E' porque estas almas vivem da fé.

Sómente o espírito de fé pôde gerar na alma a serenidade na dôr, a constancia no mártirio, o perdão das ofensas e a tranquilidade nas adversidades; é este sentimento que arrasta ao pé da cruz a alma cristã, quando torturada e abatida, e a leva a pronúnciar com coragem o «fiat» de Cristo: *Senhor, cumpra-se a tua vontade*».

E' ainda o espirito de fé que inspira a resignação suprema, na esperança das consolações eternas de uma felicidade infinita.

«Bemaventurados os que sofrem, porque serão consolados».

Teosofia

O Brasil é campo aberto aos erros doutrinarios e ás invencionices filosoficas dos países cultos e adeantados. Para que as modas estrangeiras se generalizem entre nós, basta que haja uma propaganda constante e aparatosa em tôrno da doutrina que se nos quer impingir.

E' o caso da teosofia, que enche as páginas de nossas revistas e ocupa as colunas dos nossos jornais.

O nome de Krishnamurti, o grande *Instrutor do Mundo*, segundo os iluminados do teosofismo, percorre os países, despertando o entusiasmo de uns poucos crentes e suscitando a curiosidade dos espíritos inquietos.

A ansia pelos reformadores, a especiação dos super-homens, o prurido das inovações, é característico das épocas de decadência.

A humanidade atravessa um ciclo terrível de sua história: as guerras mundiais, as perturbações políticas e os abalos sociológicos dos povos prenunciam um período agudo de embates de interesses e uma agitação suprema de aspirações. E o homem, saciado de sangue, cansado de lutas fratricidas, espera dias melhores, aguarda a paz e a fraternidade.

E' devido a este estado psicologico dos povos que o teosofismo tem logrado alguma aceitação nos centros culturais.

Originario da Norte America, onde apareceu ha meio seculo, só nestes últimos tempos logrou despertar um pequeno interêsse entre os nossos investigadores de crenças.

Não reveste o aspeto de um perigo nacional, como o protestantismo, que visa implantar a anarquia espiritual no seio de nossa nacionalidade; nem tampouco é um perigo social, como o espiritismo, que atenta contra a integridade mental dos seus adetos, mas é um êrro de feição tentadora, que facilmente pôde desviar muitos espíritos fracos e pouco instruidos.

Os proprios fundadores da teosofia não estão acordes em defini-la; dos seus conceitos podemos inferir que é um mixto de ciencia e religião.

Helena Blavatsky nô-la apresenta como o conhecimento e a ciencia do divino; é uma definição quasi etimologica.

Anie Besant diz que a teosofia é a «filosofia que exclue dogmas e cultos proprios; como ciencia presume um conhecimento superior dos enigmas da natureza creada».

Do espiritismo aceita a reencarnação; ao cristianismo vota alguma simpatia, mas repele a maior parte de suas doutrinas e rejeita suas práticas asceticas; con-

sidera todas as religiões parcialmente verdadeiras, erigindo por base o princípio de tolerancia mutua e seleção dogmatica. Neste fito, traça um quadro de *verdades espirituais fundamentais*, que convém a todas as religiões, antepondo a estas o culto á verdade, que deve ser procurada entre as «construções filosoficas», de todos os tempos e de todos os povos.

Sob o ponto de vista moral, não é menos confusa e vaga a teosofia, pois deixa aos seus adeptos a faculdade de opção entre suas crenças atávicas e os ideais teosoficos.

Sociologicamente préga a igualdade de direitos e a abolição completa das distinções de raça, posições e nascimento, prometendo extinguir o pauperismo em cem anos...

São justamente estes sonhos e devaneios que deslumbram alguns idealistas, que anelam uma idade de ouro sôbre o nosso planeta.

Destes simples enunciados do teosofismo se pôde deprender que lhe faltam os caracteres de religião — culto, dogmas e sacerdocio, restando-lhe apenas o acôrvo filosofico, de si vago e dispersivo, uma obra de retalhos, que só nestes tempos de depressão espiritual poderia despertar entusiasmo e interesse.

O positivismo

Sistema de reacção franca contra o espiritualismo, é o positivismo a formula moderna do sensualismo da filosofia descrente.

Querendo delimitar a esfera dos conhecimentos humanos, começa por afirmar que o espirito humano pôde atingir as verdades de origem experimental, que chama de *positivas*, não, porém, as questões de ordem metafisica, como sejam a essencia e as causas supremas e finais das coisas.

Daqui uma duplicidade de método neste sistema: para o mundo sensível, para os fatos sujeitos á experiencia quotidiana é o *dogmatismo fisico*, proclamando

a objetividade do mundo material; quando, porém se trata de pronunciar uma palavra sobre as razões finais e a natureza íntima dos seres, não se pôde fazer uma afirmação: é o *ceticismo metafísico*.

E' um sistema falido, restando de sua influência uma tendencia para o maior emprêgo do método positivo no estudo dos fatos; em outros espíritos como vestígio de sua passagem permanece apenas a rejeição absoluta de qualquer especulação empírica.

O positivismo é um acervo de êrros resultantes de fatos mal observados e peor explicados, o que se prova evidentemente pela análise de suas bases.

Com intuito de relegar de vez a metafísica, como sistema filosofico, engendrou Comte a lei dos tres estados e a classificação das ciencias, como base da evolução científica do espirito humano.

O primeiro estado é o *teologico* ou *fiticio*, em que o homem, não sabendo explicar os fenômenos da natureza, recorre á intervenção de um s'ôr misterioso — a divindade; percorrendo tres gráus, fetichismo, politeísmo e monoteísmo, conforme as conquistas da civilização e a cultura científica de cada povo. A este estado succede outro mais adeantado, o *metafísico* ou *abstrato*, em que o agente sobrenatural é substituído por entidades abstratas, como sejam forma, substancias, faculdades anímicas, princípio vital, afinidades quimicas e propriedades desconhecidas. O terceiro estado é o *positivo* ou *científico*, em que o homem, reconhecendo a inanidade de tudo quanto seja abstração, explica todos os fenômenos por leis experimentais demonstradas. E' o estado definitivo do espirito humano. O primeiro é provisorio e o segundo transitorio.

A esta pretensa lei está sujeita não só toda a humanidade, mas a propria ciencia em si mesma.

A classificação hierarquica das ciencias constitue a segunda base do positivismo.

Comte assinala, como fim último da filosofia, sistematizar todos os conhecimentos positivos, tomando como criterio a generalidade decrescente e a complexidade crescente dos fenômenos observados.

Na objetiva de integrar a sociologia na ciencia positiva, Comte afirmou, sem prova alguma, que os

fenômenos sociais estão sujeitos a leis necessárias e absolutas, como os fenômenos fisico-químicos.

Sem pretender uma refutação cabal e metódica do positivismo, quero dizer, no entanto, algo de suas contradições, erros e incoerências.

Afirma Comte: a experiencia apenas mostra os fenômenos, não, porém, as suas causas. Ora, este é o papel da experiencia vulgar; a experiencia científica, porém, não se limita a isso e sim vai inquirir as causas do que observa.

Limitar-se á primeira experiencia, diz o insuspeito Tyndall, é proprio de sábios medíocres.

Foi pela análise, coordenação e interpretação racional dos fatos, que C. Bernard e Pasteur chegaram a tão importantes conquistas no terreno das ciencias naturais.

Com a pretensão de só admitir o que está verificado experimentalmente, o comtismo nega sua base, porque gratuitamente afirma e estabelece como princípios certos coisas que não prova; não prova que a intelligencia não possa descobrir as causas, que os sentidos sejam o unico criterio de verdade e que a razão não possa atingir o *absoluto* por meio do conhecimento dos *relativos*.

Provém isso da falsa distincção entre a sensibilidade e a intelligencia, entre a imagem sensível e a idéa das coisas.

«A filosofia positivista, diz judiciosamente Huxley, é um tecido de contradições, um cumulo de absurdos».

Senão vejamos: nega o *absoluto* e depois estabelece princípios, que diz serem certos; declara-se neutra entre o materialismo e espiritalismo, para depois afirmar a eternidade da materia; que Deus e alma são entidades imaginarias; que o pensamento é uma secreção do cerebro e que a psicologia é um capítulo da biologia...

*

* * *

A pretensa *lei dos tres estados* falece de qualquer fundamento, quer quanto aos individuos, quer quanto aos povos,

Diz Comte: o mundo antigo seguiu o teologismo; a idade media a metafisica e a época moderna adota o positivismo.

A história da filosofia grega mostra a falsidade desta lei. Tales, Anaximandro, Heráclito e Demócrito, os mais antigos filosofos da Hélade, foram *positivos*, visto como pretendiam explicar os fenômenos do mundo no próprio mundo. A estes sucederam Platão e Aristoteles com uma filosofia essencialmente metafisica.

O último estadio da filosofia grega foi o da escola de Alexandria, dos gnosticos e dos padres da Igreja, período do mais declarado teologismo.

Modernamente, vemos o empirismo inglês, o idealismo alemão, o positivismo francês e, ao lado destes, encontramos a metafisica aristotelico-tomistica e a teologia católica, apoiadas por espiritos de escól, dados ás mais subtis observações e distinções transcendentais.

Aplicada aos individuos, igual, sinão maior é a sua falencia.

Como explicar que Alberto Magno, Tomás de Aquino, Newton, Leibnitz, Ampère, Descartes, Cauchy e Pascal, todos estes profundos observadores, foram cren-tes fervorosos e metafisicos convictos?...

Helmholtz e Wundt das observações científicas não acabaram por adotar a metafisica e como estes tantos outros?...

E o proprio fundador do positivismo não desceu de seu pedestal científico para abraçar um grosseiro fetichismo, prestando um culto ridiculo ainda, ao grande *ser*, grande *meio* e grande *jetiche*?...

A classificação das ciencias é inteiramente falsa. Comte ensina que as ciencias se desenvolvem em sentido sucessivo, sugundo uma cronologia inventada por éle. Ora, como bem faz notar H. Spencer, as ciencias se desenvolvem simultaneamente, servindo umas de subsidio ás outras.

A condenação absoluta, que elimina a metafisica do número das ciencias, é contradita formalmente pela adopção de certos princípios que não pódem ser observados pelos sentidos, porquanto encerram conceitos universais.

Mais flagrante ainda é a contradição desta lei de classificação, quando pretende, por leis abstratas, explicar fatos concretos. Embóra a análise resolva e sujeite o fato concreto a uma lei abstrata, não se segue que uma lei abstrata dê como resultado um fato concreto... é procurar a razão do mais no menos, do superior no inferior.

O positivismo não resiste á critica dos seus métodos; vem por terra completamente pela análise de suas bases.

Não é mais que sonho e fantasmagoria de um visionario, assim se expressa o nosso Farias Brito.

Não se póde negar que Comte foi um grande organizador e sistematizador das ciencias, que classificou em seu curso de filosofia.

E' tambem digno de nota que não se tenha deixado levar por preconceitos contra a obra civilizadora da religião católica, sobretudo na idade média.

Mas não se póde ocultar que era muito precario o estado mental de quem concebeu o positivismo. Uma crise de loucura o obrigou a suspender, pelo espaço de dois anos, o seu curso de filosofia.

A excentrica originalidade de sua vida domestica, as violentas crises nervosas a que foi sempre sujeito, o misticismo dos números, o culto ridiculo a Clotilde de Vaux e outras tantas extravagancias não se pódem conciliar com o equilíbrio normal e a estabilidade plena da intelligencia humana.

E' de admirar que espíritos, que se dizem emancipados de todo dogmatismo, que se julgam firmados na positividade dos fatos observados pelo criterio da razão humana; é de admirar que tais espíritos se deixem encandiar pelo falso brilho de tão fatuo sistema.

E' que a razão, quando se afasta de Deus, adere logo ao primeiro êrro que encontra e assim recebe de si mesma pronto castigo de sua rebeldia.

Holocausto

A religião, que é tão antiga quanto o genero humano, compõe-se de certo numero de práticas e observancias legais, que lhe são inerentes.

Entre as manifestações várias da religiosidade dos homens os sacrificios occupam lugar de destaque, ou, para melhor dizer, constituem o ato mais sublime das religiões e o ponto central de todas as liturgias.

E' a oferta á divindade de qualquer coisa ou ser vivo, que de algum modo se destrói, em homenagem e testemunho de reconhecimento do dominio absoluto que o ente supremo exerce sobre a criação.

Em todos os tempos, em todos os povos, ainda que sob fórmãs diversas, houve sacrificios, alguns sangüinolentos, até mesmo vítimas humanas.

Entre judeus, pagãos e cristãos, observa-se a lei constante dos sacrificios, com maior ou menor aparato, mais ou menos frequentes.

O Genesis, nos primórdios da história humana, apresenta exemplos de ofertas de animais e de frutos da terra consagrados a Deus. Mais tarde, a lei de Moisés estatuiu diversas espécies de sácrificios, marcou-lhes os fins e prescreveu-lhes as ceremonias. De todas as imolações eram os holocaustos as de maior importancia e mais agradaveis a Deus. Consistiam na destruição total da vítima, da qual nada restava.

O fim deste genero de oblações era recordar e avivar a memoria do absoluto dominio de Deus.

A história do povo hebreu guarda a relação de alguns sacrificios célebres, que fizeram época e marcaram os dias de esplendor daquela nacionalidade. Entre todos merece especial registo a Dedicção do templo de Salomão, célebre pelo extraordinário numero de vítimas ofertadas, pela assistencia incontavel do povo e pela pompa das solenidades.

No paganismo, os sacrificios eram o ponto central da vida religiosa e o ato mais importante da liturgia. A origem desses atos do culto perde-se na antiguidade dos tempos e, se ás vezes rareavam, nunca deixaram de ser pontos em prática. Perpetuaram-se através dos tempos.

Sempre que se tratava de algum acontecimento memoravel, ou que se temia uma calamidade publica, logo começava uma série de sacrificios, destinados a aplacar a divindade ou dar-lhe graças pelos beneficios recebidos.

Plutarco narra que, nas vespervas da célebre batalha de Salamina, Temístocles sacrificou a Baco tres prisioneiros persas. A história romana regista Curcio e os tres Decios consagrando-se aos deuses infernais, em pról da propria patria.

Quando os generais vitoriosos regressavam dos campos de batalha, havia sacrificios gratulatorios, que se celebravam durante varios dias, segundo a importancia dos inimigos vencidos. Eram festas nacionais, em que o público tomava parte, celebrando a glória dos triumphadores.

O braamanismo dá importancia maxima aos sacrificios, que constam de oferendas diversas, consumidas ao fogo, durante o canto dos hinos sagrados.

Quasi por toda parte, entre hebreus, egipcios, assirios e outros povos antigos, encontramos o fogo representando papel importante nos atos da religião. Alguns povos até divinizaram-no e adoraram-no.

Na religião cristã vemos realizadas e completadas as figuras do Antigo Testamento. Os sacrificios prescritos e regulados pelo Decalogo foram substituidos pelo sacrificio do Homem-Deus, Jesus Cristo, imolado pelo genero humano, na ara sagrada da cruz, no cimo do Gólgota. Este sacrificio veio abolir todos os outros, apresentar plena satisfação á justiça infinita, e dar formula real e efetiva aos símbolos da liturgia de Moisés.

O sacrificio de Jesus Cristo perpetua-se, através dos tempos, na vida espiritual do catolicismo, por meio da santa missa, na qual, de modo incruento, se renova a imolação augusta do Calvario.

Jesus ofereceu-se por toda humanidade, mas cada individuo deve fazer de sua parte algum sacrificio e oferecer a Deus alguma imolação, do contrário o premio da eterna bemaventurança e o castigo das penas perpetuas seriam coisas sem razão de ser, dependentes

apenas do beneplácito e do capricho divino, salvando e condenando a seu talante.

O contrário disso é o que nos ensina a sagrada teologia e nos inculca a réta razão. Premio ou castigo, subsequente ao juizo divino, depende do proprio homem, cujo livre arbítrio se inclina para o bem ou para o mal. Demonstrando esta verdade, a história eclesiastica atesta a existencia da virtude da penitencia, que mostra, em todos os tempos, o homem procurando expiar os proprios pecados e alcançar a misericordia divina.

Os anacoretas, os solitarios da Tebaida, os monges do deserto, os habitantes dos mosteiros, todos os santos, enfim, foram penitentes.

Na vida dos simples fiéis encontramos tambem exemplos de verdadeira penitencia e de sacrificios, que se assemelham ás práticas dos santos. Tambem nas épocas de calamidades publicas a Igreja sempre recordou aos católicos o dever de expiar os proprios pecados. Ha tambem épocas de penitências obrigatorias, tais a Quaresma, o Advento e as tēporas.

Deante desses fatos e da conduta ordinaria da religião católica, ninguem póde admirar-se de que o Vigario de Jesus Cristo convoque á penitência todos os seus filhos espirituais, na hora atribulada e incerta, que a humanidade atravessa.

O Santo Padre, que vê nos males temporais o castigo da violação da lei eterna e divina, assim falou aos seus filhos:

«Abstenham-se os fiéis de todo o espectáculo publico e de toda e qualquer outra diversão mesmo lícita. Os mais favorecidos, voluntariamente, com espirito de cristã austeridade, cederão parte da sua usual maneira de viver, dispensando aos pobres generosamente o fruto de tais privações, já que a esmola é tambem um meio excelente para satisfazer a divina justiça e atrair a divina misericordia.

Os pobres, por sua parte, e todos os que atualmente estão sujeitos á dura prova de falta de trabalho e escassez de pão, oferecerão, com igual espirito de penitência e com a maior resignação, as privações que lhes impõem os tempos dificeis atuais e a condição social que a Divina Providencia com imprescrutavel mas sempre

amoroso designio quis assinalar-lhes: e aceitem, com animo humilde e confiado, como da mão de Deus, os efeitos da pobreza, agravada hoje pela crise que aflige toda a humanidade. Elevem-se mais generosamente para a divina sublimidade da Cruz de Cristo, pensando que, se o trabalho é um dos maiores valores da vida, foi também o amor de Deus paciente que salvou o mundo. Confirme-os, finalmente, a certeza de que os seus sacrificios e as suas dôres, cristãmente sofridos, procurarão eficazmente acelerar a hora da misericórdia e da paz.»

Disciplina

Um sopro de revolta e de anarquismo passa pelo mundo, agitando os povos, perturbando a vida das nações e invertendo a ordem social.

Parece que uma rajada de rebelião se desencadeou sobre o nosso planeta e transtorna a existencia pacífica de todas as instituições humanas.

Queixam-se todos e apontam-se as causas dos males que infelicitam a nossa espécie, e, apesar disso, as coisas continuam de mal a peor e o descontentamento geral aumenta.

Infelizmente, não é sómente na ordem politica, e economica que as coisas vão mal; também no mundo moral lavram grandes perturbações e temem-se serios conflitos. No terreno religioso também ha combates e choques de idéas e de princípios, que desorientam os espiritos mal formados ou de escassa cultura.

Para fazer frente a todos esses males e dar combate aos elementos que cavam a ruina moral e religiosa dos povos ha, em nossos tempos, a Ação Católica, fonte de vida e centro de energias. E' o apostolado em plena atividade, orientando as consciencias e dirigindo os católicos sinceros, que desejam estabelecer na terra o reinado de Jesus Cristo.

O elemento basico da Ação Católica, a virtude primordial daqueles que se congregam em tôrno desse estandarte e que se alistam nas fileiras do apostolado leigo, deve ser a disciplina, isto é, o sacrificio das pro-

prias vontades, dos próprios desejos, das próprias opiniões.

Falando aos bispos e peregrinos da Iugoslavia, a 18 de maio de 1929, S. S. Pio XI proferiu estas memoráveis palavras, dignas de meditação profunda e acurado estudo:

«A' oração e á ação deve acrescentar-se o sacrificio, visto que todo o programa de vida e de operosidade cristã nunca poderá tornar-se realidade, senão quando as almas tiverem sabido renunciar ás próprias comodidades para enfrentar os incômodos a que expõe o zelo apostolico e aceitar voluntariamente aquela disciplina, sem o que não é possível conceber uma obra sinceramente católica e dirigida para o bem da Igreja; aquela disciplina de que exclusivamente depende o carater de cooperação ao apostolado hierarquico, que é o distintivo proprio de toda a Ação Católica».

Vemos aqui que o Sumo Pontífice não foge á clareza das idéas e que suas palavras traduzem claramente o pensamento. Assim é que Sua Santidade emprega o termo proprio, que corresponde á realidade dos fatos: disciplina.

O chefe da cristandade quer e exige disciplina. Não a disciplina cega, que maneja autómatos ou comanda um rebanho de escravos. Essa não, porque é impropria de creaturas racionais e daqueles que cultivam a vinha do Senhor e amam as sementeiras evangelicas. O que se exige é uma disciplina sólida, sincera, filial, ao mesmo tempo firme, constante e inquebrantável.

Não se trata de um sentimento humano, mas de uma virtude sobrenatural, qual seja a obediencia ao Vigário de Jesus Cristo. Trata-se de abdicar as próprias luzes e renunciar ás preferencias individuais, para obedecer á voz de comando do supremo pastor.

Essa obediencia e essa disciplina, de origem sobrenatural, devem ser prestadas não sómente ao Sumo Pontífice, quando de Roma nos chegam as determinações e as ordens, mas aos nossos pastores diocesanos, aos nossos mentores espirituais, quando eles nos prescrevem uma norma de conduta ou nos impõem algo que nos custe sacrificio.

Sem este espirito de disciplina as obras católicas não alcançarão os fins visados nem obterão resultados apreciáveis.

Numa alocução aos estudantes belgas, em abril de 1929, S. Santidade Pio XI declarou abertamente: «Sem união de forças, sem unidade de direção, os esforços, embora mui generosos, se dispersam e não produzem senão uma pequena percentagem daquele grande fruto que poderiam produzir».

Sejam estas palavras salutar aviso aos obreiros da Ação Católica, afim de que se não percam ou resultem infrutíferos generosos esforços e retas intenções.

Filosofia

Ha um certo número de palavras, que todos pronunciam, que se encontram nos labios de todos, embora muito poucos procurem aprofundar a sua significação. Estes termos, uma vez postos em circulação, na linguagem comum, dão uma espécie de lustre literario e científico, tendo o poder de tornar admirado aquele que os emprega. São ainda objeto das mais várias interpretações, que, não raro, deturpam o seu legítimo sentido.

Entre estas palavras, certo que o termo filosofia é um dos mais conhecidos e empregados.

Já passou o tempo em que a filosofia era considerada uma ciencia á parte, um ramo do saber humano, que se applicava a um objeto certo e a determinadas especulações, formando um corpo homogêneo de doutrinas. Hoje a filosofia é uma espécie de modalidade do saber, isto é, um meio de illustração, pelo qual se procura conhecer as razões últimas das coisas.

Parece, no entanto, que a filosofia não se desviou de sua rota estudiosa, antes dilatou as fronteiras de suas especulações ás varias ciencias, procurando aplicar os métodos filosoficos a todos os conhecimentos.

De fato, se a filosofia, em sentido literal, é o amor da ciencia e a inquirição das causas últimas, não

vejo por que se não possa aplicar aos diversos horizontes do saber humano.

E' a ciencia das definições, das noções exatas e dos princípios fundamentais. Procura saber o que a coisa é em si e estabelecer o que não é; por outras palavras, define, positiva e negativamente, os objetos sobre que versa.

Tomamos, por exemplo, a filosofia da história. Que vem a ser?... E' o estudo dos homens e dos fatos, abrangendo, de um relance, a conexão logica entre os efeitos e suas causas, isto é, não uma simples cronologia, mas o estudo dos acontecimentos historicos, desde suas causas mais remotas, até suas consequencias últimas.

A filosofia da literatura é o estudo acurado do homem em suas manifestações mais elevadas e em suas mais nobres expressões.

E' não só o conhecimento de todas as regras que orientam e presidem as produções do espírito e do coração, mas é ainda o estudo das razões últimas destas regras.

E' assim em todos os estudos e conhecimentos a que se aplica a filosofia.

Cumpre ainda notar que ha filosofia e filosofias: ha a verdadeira, que reduz os objetos a suas legítimas proporções e estuda as coisas com criterio e discernimento. e ha filosofias... de imagens brilhantes e concepções temerarias, que se afastam da verdade.

Considera-se filosofo aquele que dá ás coisas o seu legítimo valor, sem exagêros; que impõe limites ás paixões e não cede a mesquinhos interêsses; filosofo é o que vê as analogias, classifica as coisas e as julga nem mais nem menos do que elas são.

E' assim que até o povo simples e ignorante olha o filosofo, rendendo um preito de sincera homenagem á verdadeira filosofia, amiga e serva inseparavel da verdade.

Renascimento

Vai para meio século que Brunetière, no campo aberto do jornalismo academico, denunciou sem reservas o renascimento do paganismo na moral.

De fato, os sistemas filosoficos que dominaram no seculo findo, particularmente os que versam sobre os problemas de ordem economico-politica, todos professam o mais declarado egoismo individual, o mais franco naturalismo e deificação do estado; ora, tudo isto é, desde os tempos mais remotos, a essencia da ética pagã.

O teologismo pagão é de si mesmo nulo e contraditorio, porquanto a pluralidade de deuses é a negação de todos. Disto, consequentemente, resulta que uma tal religião terá uma moral exclusivamente natural; em termos mais modernos: leiga.

Afastada a idéa de uma legislação eterna, o papel da moral cifra-se em resolver, de acôrdo com as paixões humanas, as questões magnas de direito e dever, bem e mal, honestidade e justiça.

Epicurismo e estoicismo, correntes diversas da moral pagã, degeneram ambas no mais franco naturalismo.

Com Epicuro, o fundamento moral das ações humanas é conquistar o maximo de gozo com o minimo de dores. Segundo Zenão, a regra é viver conforme a natureza e submeter-se á fatalidade inexoravel das leis cosmicas, para alcançar a felicidade.

Não é de admirar que, segundo tais ditâmes, a sociedade pagã se tenha abismado no charco pútrido da mais hedionda corrupção de costumes.

A decadencia moral, que hoje se nota, é a sequencia logica e inevitavel da moral leiga e da apregoada independencia de leis, que regem a consciencia e coíbem as paixões humanas.

Os mentores do socialismo, erigindo a coletividade ou os seus pretensos representantes como árbitros, supremos de todas as questões de ordem moral e economica, constituem o estado uma espécie de divindade, com fôrça e poder absolutos e independentes de qualquer princípio ou autoridade que lhe seja superior.

E' a absorção completa de todas as franquias e prerogativas individuais pelas maiorias... uma espécie de panteísmo politico.

O estado atêu despediu a religião como servo inutil, como um empecilho ou coisa de somenos importancia.

Respeitando algumas conveniencias, porque se arreceia sempre dos sentimentos religiosos do povo, não se descuida de conspurcar os seus mais sacrossantos direitos de cidadão, como lhe apraz.

Permite o mal sob o pretexto de liberdade; deixa que os cinemas, os teatros e as modas indecentes corrompam o coração das massas populares.

Concede-se uma mal entendida liberdade de imprensa, para caluniar a honra alheia, enxovalhar reputações veneraveis, inspirar o ódio a Deus e o desprezo para com a Igreja.

Se é tão triste a perspectiva que nos oferece o estado atêu, qual não ha de ser a da sociedade por elle educada?

Daí um piedoso e illustre escritor dizer que, no tocante á moral, a civilização moderna não deu passo avante.

As queixas dos juristas, as denúncias dos jornalistas, e, mais do que tudo, as estatisticas criminaes, mostram, até á evidencia, a relaxação dos costumes.

O frenesi do gôzo, a ânsia de experimentar todos os prazeres; as despesas loucas para ostentar um luxo e uma suntuosidade de poucas horas, sem medir as consequencias futuras dos desperdícios presentes; as fortunas ilícitas, ganhas a trôco da miseria do pobre, que se debate nas contorsões da fome e nas vascas da dôr; a corrupção official e administrativa, delapidando a fortuna publica: eis os crimes da civilização contemporanea, por todos observados.

Que se póde esperar da familia e do individuo num estado que officializa o paganismo?

Mas não demos nossa causa por perdida. A reacção do bom senso já começou e a consciencia das massas populares vai despertando.

O livre pensamento e o materialismo já desceram do plano das verificações scientificas e estão relegados como absurdos.

Sob o ponto de vista economico e social, as organizações cristãs de varios países mostram a vitalidade da nossa religião.

Na ordem politica, vemos o prestígio cada vez mais crescente do papado, dilatando cada dia as fronteiras do reino de Cristo sobre a terra.

Após os embates das idéas, após os conflitos intellectuais, resta o despertar das consciencias para a realidade prática do dever.

Entre nós, o ponto de partida deve ser estimular os católicos para cumprirem os preceitos a que estão obrigados.

Todos, quasi todos se dizem católicos, e até se pretendem de bons católicos, mas na prática, nos princípios pelos quais se regem, as diversões que frequentam, o procedimento que têm nos negocios, as leituras de que alimentam sua intelligencia, são desmentidos formais aos preceitos do cristianismo.

O de que precisamos, aquilo de que temos mais necessidade é de bons e verdadeiros católicos, católicos crentes e praticantes, e não de nome só e de rotulo.

Filosofia e filosofias

A história dos fatos filosoficos demonstra a existencia de uma duplice ciencia do pensamento humano: uma verdadeira e única, outra falsa e múltiplice.

A verdadeira filosofia é espiritualista em seus princípios; a outra é materialista e segue caminhos descontraçados, variando a cada passo.

Dos egípcios, sirios, babilonios e fenícios, pouco se conhece de suas idéas filosoficas, sabendo-se, no entanto, que admitiam a metempsicose, isto é, a alma e a vida futura.

Os hebreus, depositarios da revelação divina, acreditavam na unidade de Deus, na imortalidade da alma e numa sanção eterna.

Os Védas, compêndio das crenças índicas, proclamam claramente a existencia de uma divindade única

e suprema. O braamanismo, porém, estabelecendo a identidade inicial e final de todos os sêres, creou uma filosofia religiosa, que é o amálgama de pessimismo, idealismo, metempsicose, panteísmo e ascetismo.

Kapila é francamente materialista e Kanada professa o dualismo eterno de espírito e matéria.

O budismo não merece ser considerado sob o ponto de vista filosófico, porque é mais um sistema de moral ou religião do que uma doutrina especulativa.

Foi a Grécia a mãe fecunda de múltiplas teorias filosóficas, sendo digno de nota que todos os sistemas modernos encontram germes no pensamento grego.

Tales, Anaximandro e Anaximenes, jônios antigos, com seus sistemas sobre as origens dos seres criados, professaram uma espécie de panteísmo naturalista.

Heráclito, Empedocles e Anaxagoras, filiados aos jônios anteriores, são mais ecleticos que panteístas.

Pitágoras, o primeiro que se denominou filósofo, orientou seus estudos para os problemas ético-religiosos.

A escola de Eléa preconiza francamente o panteísmo realista, negando a existência real aos seres finitos e limitados.

Demócrito, negando o dualismo e impugnando a existência de uma *inteligência ordenadora*, passou á história como o primeiro arauto do materialismo.

Sócrates, o primeiro antropologista, foi quem abriu os mais vastos horizontes á filosofia grega. Platão sistematizou as diversas teorias, preparando o caminho para Aristóteles, a maior influência intelectual até hoje exercida sobre o pensamento humano.

A este surto máximo e ao esforço construtor destas escolas dos grandes mestres, succedeu a divisão e por fim o ceticismo.

Com o aparecimento do cristianismo, a filosofia tomou uma orientação nova e definitiva, que propôs novas e seguras soluções sobre os pontos mais importantes dos problemas divinos e humanos. Não constituindo um sistema filosófico propriamente dito, a religião cristã não póde dispensar uma base lógica e racional para suas doutrinas.

Desde os primeiros tempos que o pensamento cristão se elevou ao surto mais sublime de concepções e doutrinas.

Clemente de Alexandria, Orígenes, S. Jerónimo, S. Justino, S. Hipólito, S. Crisóstomo, Basílio, Gregório e a Aguiá de Hipona, são outros tantos luminares do saber e da fé, que resplendem na idade patristica.

As investigações historicas sôbre os tempos medievais vieram banir certos preconceitos muito arraigados contra esta época de fé viva e de ardor cavallheiresco.

A' escolastica, que se constituiu serva da teologia revelada, coube delimitar a esfêra da razão e separar o objeto da fé e o campo largo das especulações.

Anselmo de Cantuaria, Alberto Magno, Tomás de Aquino, Boaventura, e Scoto são nomes que por si sós bastam para redimir quaisquer falhas e lacunas desta filosofia religiosa.

A renascença, reconduzindo o espirito humano aos ideais do paganismo greco-romano, occasionou a decadencia da escolastica e a anarquia mental

Descartes foi um filosofo absorvido pela mathematica.

Hobbes, francamente materialista, e Locke, sensualista, são os precusores do ateismo contemporaneo. A estes podemos ajuntar Berkeley, Hume, Condillac e Helvetius.

Ao lado de todas estas flutuações da intelligencia humana, ergue-se um sistema tremendamente destrutivo, o criticismo transcendental de Kant, «*contendo em gèrme o ceticismo absoluto, o idealismo, o nihilismo e pantheismo.*».

Deste sistema dimanam duas correntes principais, o idealismo de Fichte, Schelling e Hegel; o realismo de Herbart, Schopenhauer e Hartmann.

Na França, o enciclopedismo desviou o pensamento filosofico para os sofismas da impiedade.

Do comtismo resta apenas o «*método positivo*», porquanto a ortodoxia positivista está em declarada falencia.

As extravagancias do idealismo de Hegel, filiado ao criticismo absoluto de Kant, o positivismo comtista e o empirismo dos filosofos ingleses lançaram o des-

credito sobre as especulações metafísicas, revolucionando as bases da antiga filosofia e predispondo os espiritos para o aparecimento do materialismo.

Do materialismo metafísico, que procura encontrar na materia a razão última das coisas, passou-se logo ao materialismo psicologico, que inculca a substancia cerebral como produtora das operações e faculdades anímicas: seus paladinos principais foram Maleschott, Huxley e Dantec.

A teoria lamarkiana do transformismo deu ensejo á expansão do materialismo exaltado de Büchner, Vogt e Haeckel, o pai do monismo, desmascarado irrefutavelmente por A. Brass, em 1908.

Ao mesmo tempo que o espirito se entrega a toda sorte de divagações e abstrações, a filosofia escolastica, abandonando as velhas teses em desarmonia com as descobertas scientificas modernas e recolhendo tudo que de verdadeiro se encontra em todos os sistemas adversarios, entra em uma fase de esplendor e renovação. Hoje os institutos catolicos de alta cultura, em Roma, Lovaina, Paris, Lião, Friburgo e Washington e até a universidade protestante de Amsterdam e a Sorbona têm curso de filosofia escolastica.

A existencia de uma filosofia certa é consequencia logica da nossa potencia de cognoscibilidade: do contrário, seria preferivel riscar de nossas cogitações todo trabalho e esforços intelectuais.

Os erros e contradições de que estão cheias as páginas da história da filosofia procedem de que a nossa penetração intelectual, as faculdades de «penetração» e de synthese são perturbadas por muitas causas estranhas, ás quais não são alheias as paixões desregradas do coração e os preconceitos do espirito.

O Papado e a crise mundial

Contemplando a marcha ascensional do progresso, as conquistas científicas e a expansão econômica dos nossos dias, havemos de vêr que a humanidade tem avançado muito na estrada do desenvolvimento material. Se, porém, considerarmos a crise tremenda que nos assoberba, crise que reveste tríplice aspeto: político, moral e econômico, será preciso convir que chegamos a uma hora crítica dos destinos políticos do homem sôbre a terra.

A guerra, a um tempo a mais cruel e mais destrutiva de que reza a história, abalou os fundamentos políticos, os alicerces sociais e o embasamento moral de todos os povos.

Os estampídos dos canhões perturbaram o repouso mental das nações, ativando a psicologia humana. E, ao sair do campo de batalha, já o homem não era o mesmo e o germe da revolta e da anarquia tudo tinha contaminado.

A revolução política, originada desta atmosfera de horror, neste crepusculo das almas, ameaça não só a constituição orgânica do estado moderno, mas atenta contra a liberdade individual e o seu fundamento, que é o direito de propriedade. Investe contra todas as bases da sociedade, começando por desmembrar a família, á qual deverá suceder a promiscuidade do amor livre.

A sociedade, já abalada pelo divórcio, e assim minada em seu mais firme sustentaculo, não se sente com a necessaria energia para uma reação profícua e salutar.

Duas tendencias contrárias, visceralmente opostas, formam partidos e arregimentam combatentes entre as nações mais cultas do universo. De um lado, o hiper-nacionalismo intransigente, verdadeira política de campanario, que separa os povos e céva antagonismos. Esta insanía, depois de exaurir os tesouros publicos, atirou contra a coletividade universal as nações exploradas e ludibriadas pelos governos oligarquicos.

Reação violenta é o internacionalismo, que aspira derrubar as fronteiras e arrancar do coração do homem o lealismo que o prende á terra que lhe serviu de berço.

Cada uma destas tendencias, cada um destes sistemas exige o sacrificio de vidas e, para o proprio triunfo, precisa de um cataclismo.

A faina destruidora do nosso seculo não excetuou nada, atirou-se até contra a arte, as ciencias e a litteratura. Uma intervenção ultra-moderna, rotulada de *futurismo*, procura renegar os traços e as linhas gerais que formam os eternos limites e sustentam o equilibrio das produções inteletuais.

Para corrigir os proprios desvarios e evitar uma subversão mundial, as nações se congregaram em uma sociedade e formaram uma liga. Este remedio, porém, é insufficiente; primeiro, porque é viciado em sua origem, visto como procede de um imperialismo vencedor, que esmaga o imperialismo vencido; segundo, porque representa a hegemonia dos fortes contra os fracos. A Liga das Nações reduzirá á obediencia e submissão seus socios menores e inermes, mas não conseguirá barrar as ambições das grandes potencias.

Da revolução nada ha que se esperar, a menos que seja a sangueira e o incendio, nem promete estabilidade alguma para o futuro.

O capitalismo internacional, se bem que garanta um certo equilibrio, é impotente para realizar a coesão pacifica dos povos, visto não se impôr á confiança mundial, porque se deshonra com extorsões iníquas.

E' bem sabido que são os argentarios e os magnatas do industrialismo que acirram as paixões dos povos e reduzem á indigencia a maior parte das classes productivas.

Ante a inaptidão dos meios humanos para o sustentaculo do edificio social, mediante um acôrdo estavel e construtivo entre os povos, só uma instituição se apresenta capaz de operar esta restauração moral.

E' o papado.

Só a Igreja católica é verdadeiramente universal: sua moral reclama e impõe a aceitação de todos os povos; sua doutrina exige a submissão de todas as intelligencias e suas portas estão abertas ao ingresso de todas as gentes.

Roma legisla para a consciencia de mais de duzentos milhões de crentes de todas as nações; sua ditadura mo-

ral se estende ás mais reconditas regiões da terra. E' neste momento historico o centro para o qual convergem as atenções do mundo inteiro.

E' incontestavel que o mais grave problema e o maior mal dos tempos que correm é a questão social, isto é, o justo equilibrio entre o capital e o trabalho.

Enquanto os sistemas economicos oferecem soluções mais ou menos extremadas, a Igreja regula sabiamente as relações entre as classes sociais. Basta ler as encíclicas imortais de Leão XIII para se reconhecer que não póde haver ética mais perfeita nem justiça mais equitativa.

E' que a Igreja tem a faculdade de se adaptar a todos os tempos. Do mesmo modo que sob seus auspícios, na idade média, se formaram as corporações de mistéres, que evitaram a degradação das classes proletarias e o pendulo comercial era regulado pela estrita moralidade economica, como bem diz o Dr. Nickerson, catedratico da universidade de Harvard, E. U. da America, hoje o sindicalismo cristão leva a efeito todas as obras de proteção e beneficencia de que necessitam o operariado e a pequena burguesia.

Naqueles tempos, (nunca é demais repetir) as pendencias entre principes e os litigios entre os povos eram submetidos á Santa Sé, e assim foi que nunca se viu um choque de nações como a conflagração européa.

Além da imperiosa necessidade de evitar o degladiamento das classes e manter a solidariedade entre os diversos países, ha uma coisa ainda mais importante: é a garantia da continuidade da espécie humana, isto é, a indissolubilidade do vinculo matrimonial.

Roma perdeu seu imperio e viu o ocaso do seu predominio, no dia em que não houve mais romanos, que sustentassem os estandartes das aguias. Em nossos dias (basta uma análise perfuntoria das estatísticas) os males que o divórcio tem produzido, os lares abandonados, os filhos atirados á miseria material e á perversão moral e o relaxamento dos costumes publicos fazem temer pelo futuro das nações mais adeantadas.

Só a Igreja romana (a mesma que preferiu perder a Inglaterra a homologar o divórcio de um rei), só o papado tem coragem para manter a intransigencia mo-

ral, que é uma lei divina e uma garantia da sobrevivência da nossa espécie.

Não param aqui as exigências do espírito humano. Ha em nosso composto individual uma intelligencia que pede o pão da verdade. Nós mesmos nos perguntamos o que somos, donde viemos e que destinos nos aguardam. Precisamos de uma base segura que oriente a cultura do espírito.

A solução dos problemas de nossa origem e finalidade só a filosofia cristã póde dar. E senão comparemos suas respostas com as de Nietzsche, Hegel, Spencer e Haeckel.

A solidez da cultura vem dos conhecimentos classicos e estes nos foram legados pela antiguidade cristã.

E' por estes motivos soberanos que, ao tempo em que vacilam os estados modernos e se sentem abalados os fundamentos sociais e politicos dos povos e nada de estavel subsiste, só o catolicismo permanece de pé, firme e inabalavel.

A assistencia divina, que sustenta a Igreja, é visível em todas as lutas e combates em que se tem empenhado.

Sem remontar á antiguidade, basta lembrar as vitórias alcançadas contra o *kulturkampf*, na Alemanha, e o liberalismo, na Belgica.

As deserções lamentadas a quando da declaração do dogma da infalibilidade pontificia e da condenação do modernismo, foram superabundantemente compensadas pelo regressar dos filhos pródigos, sendo ainda hoje maior que nunca o prestígio do pontificado romano.

Quando se lamenta a falencia das instituições humanas e o desprestígio dos governos, é de admirar, em pleno seculo XX, que chamam das luzes, fiéis de todas as nações e representantes de todos os povos se reunirem no centro da cristandade, pedindo a benção ao Vigario de Cristo.

As leis da razão histórica não o explicam, só a origem divina, a assistencia indefetivel da verdade póde explicar este fato.

Conquistas sociais do cristianismo

Entre todas as figuras que se destacam no procênio da história, ha uma que sobrepuja todas, pela sua grandeza.

Entre os sábios e legisladores, que ditaram os códigos dos povos; entre os filosofos, que perscrutaram as razões de ser do pensamento; entre os guerreiros e superhomens, que encheram o mundo com a fama de suas vitórias; entre os grandes inventores, que assombraram a terra com as suas maravilhas; entre tudo, que de grande a humanidade tem produzido, ninguem se levanta maior que o Cristo — Deus-Homem.

Um pintor antigo, mandado representar Jesus Cristo pintou-o á moda dos conquistadores de Roma, cavalgando majestosamente um fogoso corcel... Este pintor pôde ter compreendido a grandeza das conquistas de Jesus e a relevancia moral de seus feitos, mas não compreendeu como Cristo é grande em seus abatimentos, em suas humilhações.

O presepio de Belém, na ingente humilhação das palhinhas da mangedoura, entre as alimarias da terra; a cavalgada humilima de Betfagé a Jerusalém, entre os jubilosos clamores das multidões simples de Israel; a suprema humilhação do Calvario, onde Cristo foi como padrão do abatimento de um povo. — eis os tres marcos que assinalam Cristo ás nações.

Filho de reis, preferiu nascer destronado; senhor absoluto de tudo creado, nasceu no abatimento da extrema pobreza; sábio e poderoso, quis revestir-se de todas as fraquezas de nossa raça.

Veuu prégar a paz e a liberdade, por isso inquietou os grandes e os poderosos e foi condenado como revolucionario e inimigo da ordem.

Em creança, foi o seu berço assignalado aos algôzes para que fosse logo afogado em seu sangue Aquele que vinha salvar a humanidade... Homem feito, perseguido por seus inimigos, traído por um discipulo, foi arrastado aos tribunais e condenado por juiz iníquo.

Abstraído o caracter divino, só as realizações morais operadas por Cristo, só as altas conquistas da religião

que êle fundou, são garantias bastante sólidas para consagrar Cristo como o maior benfeitor da humanidade e mártir da liberdade.

Tres grandes conquistas, tres sublimes realizações, marcam o aparecimento do cristianismo sôbre a terra.

O Evangelho começou por enfrentar tres magnas reformas sociais, das quais uma só bastaria para dignificar aquele que a realizasse.

A libertação dos escravos, a igualdade entre os homens como filhos do mesmo Deus e coherdeiros todos de um mesmo destino, foi o que o Evangelho tomou por base de sua moral social. E tal foi a repercussão deste dogma que, apesar de o Apostolo das gentes prégar a obediencia aos senhores, os dominadores se ergueram contra a nova crença, temendo que levantasse todo o povo contra as fôrças opressôras.

O cristianismo prégava a submissão e a ordem, mas não deixava de inquietar os Césares e Augustos, que por isso empregaram todos os meios para aniquilar a nova crença.

Roma tolerava todas as religiões, colocava em seus templos os deuses dos povos vencidos, só não o Cristo, porque este prégava uma igualdade social incompativel com as instituições do imperio. Daí as perseguições.

A mulher, outra vítima da sociedade pagã, não foi menos beneficiada que o escravo. Repudiada pelos mais futeis motivos, vendida e trocada como objeto de luxo, era uma degradada no seio da sociedade. Veiu o cristianismo e dignificou a mulher, na ordem da graça, como virgem-mãe de um Deus-Homem; na ordem da dignidade, com um sacramento indissoluvél, para unir em matrimónio os esposos cristãos.

E o casamento deixou de ser um contrato como outro qualquer.

Não menos triste era a condição da creança. Legisladores havia que em seus códigos preceituavam a eliminação dos que nascessem defeituosos e imperfeitos.

Nas classes abastadas, era a criação dos infantes entregue ás escravas, que, com o leite, lhes transmitiam seus vícios; nas classes pobres então o descaso era quasi absoluto. Vivendo do utilitarismo epicúreo, que

podiam fazer em favor dos fracos e pequeninos aqueles que só procuravam zelar seus interesses, aumentar os seus lucros e fartar-se de gozo?...

Para remediar este estado de coisas, vieram os rígidos preceitos da moral e o batismo, elevando á dignidade de fiél os recém-nascidos.

*
* * *

O mundo atualmente passa por uma crise bem parecida com a que marcou o aparecimento do cristianismo sobre a terra. As guerras sangrentas, que destruíram portentos de civilizações; as revoluções sociais, que solapam as bases politicas dos estados; as convulsões economicas das nações ultra-industrialistas, são outras fontes e germes de males incomparaveis.

As incógnitas economicas, sociais e politicas das horas presentes exigem uma solução energica e uma força de concentração em tórno de tudo que respira ordem e estabilidade.

Só no cristianismo, só na religião católica, na sua moral e nos seus dogmas, é que os povos poderão encontrar a paz, a ordem e a tranquilidade, no trabalho fecundo.

E a nossa patria debate-se na mais profunda das crises que já a assoberbaram. Fala-se da crise politica e institucional; fala-se da questão operaria; mas a razão de todas as crises, a questão magna, é a crise moral.

E' a resultante do ateismo oficial do nosso governo; é a consequencia do divórcio entre a confissão religiosa dos povos e as práticas politicas, que nos colocam nesta situação aflitissima e vexatoria.

Que se inaugure uma nova época de florescimento de fé e de piedade; que a religião entre nas casas de legislação e de governo, nas escolas, nas prisões, quartéis e oficinas; que a religião se propague por todo o Brasil, e nós não conheceremos mais crises, senão progresso material e engrandecimento moral.

Que do cimo do Corcovado, como farol de nossa nacionalidade, a imagem do Cristo Redentor difunda sobre os nossos largos horizontes, os clarões de sua gloria eterna, os esplendores dos seus divinos arrebois.

O Cristianismo e a Sociedade

Não se póde contestar uma das iniquidades sôbre as quais assenta a sociedade moderna: a exploração do operariado pelo alto capitalismo.

E' mesmo revoltante vêr milhares de famílias que se arrastam na mais negregada miseria, para com o seu sangue sustentarem os desperdícios de alguns privilegiados da fortuna.

Deste estado de coisas nasceu o socialismo — flagelo dos ricos modernos, que trama a extinção da propriedade e a subversão social, sem vacilar no emprêgo dos meios mais crueis e violentos.

Para conjurar este perigo, o cristianismo, distendendo sua influencia benéfica no campo social, encontrou uma solução justa e equitativa, que assegura a paz e a ordem.

E' a aplicação dos princípios cristãos de igualdade e fraternidade.

A mesma religião, que em seus albores suplantou a escravidão, em nome do Evangelho, em nossos dias empreende jugular as paixões e concertar as injustiças, de um lado, orientando com firmeza o pensamento humano em materia de sociologia, de outro, na prática, procurando sanar, quanto possível, as miserias do pauperismo e impedir a explosão de suas justas coleras.

Para obviar os males mais agudos dos povos modernos, a Igreja, tem multiplicado, em todas as modalidades, sua ação caritativa, para que, assegurando o bem estar material do povo, garanta a paz publica.

Ketteler foi, na Alemanha, antes mesmo dos corifeus da revolução, o pioneiro desta cruzada de estudos sociais e de realizações práticas.

Foi a *Rerum Novarum*, de Leão XIII, que indicou aos bem intencionados as bases do verdadeiro equilíbrio social, e o cristianismo, reafirmando mais uma vez que ha de subsistir até á consumação dos tempos, acompanhou com sua ação caritativa o desenvolvimento material dos seculos.

As nações da Europa viram logo que a salvação da ordem, da tranquilidade pública e da segurança indivi-

dual só podia ser garantida por uma fôrça moral capaz de gravar na consciencia do povo o sentimento do dever. Do contrário, a onda rubra do anarquismo.

Tanto isto é verdade, que os expoentes da cultura universal, em assuntos de sociologia, tomam como base de seus estudos os dados da admiravel encíclica, que foi causa das mais generosas e eficazes iniciativas.

As organizações católicas dos operarios, em todos os países, demonstram que o cristianismo social é eminentemente prático e fecundo dos mais benéficos resultados.

No tocante ao Brasil, não se diga que é um país sem grandes industrias, de operariado limitado, isento, portanto, dos terriveis conflitos entre o capital e o trabalho e que não é um campo propício ao desenvolvimento de uma larga ação social cristã.

Não: muito ao contrário.

Cruzar os braços, neste particular, deixar o campo franco aos inimigos da nossa fé, seria um deprimente atestado de que o católico brasileiro é incapaz de associacionismo em prol dos nobres ideais.

Nossa gente é de índole pacífica e ordeira, profundamente crente, apesar de não ter uma cultura religiosa aprimorada, e esquecer a prática de muitos dos seus deveres; não obstante, é na fé que encontra a maior fonte de resignação ás misérias desta vida.

Ademais, não foi ainda trabalhada pelas doutrinas deleterias dos arautos do socialismo anarquico.

São vantagens que temos sobre as outras nações, o que nos implica o dever de maior, mais firme e bem ordenada organização social-cristã.

Entre nós é primordial dever formar a consciencia dos católicos para a lição no terreno da sociologia.

Cultura religiosa e social, sob seus múltiplos aspectos; arregimentação francamente cristã de nosso operariado; assistencia religiosa aos homens de trabalho, em todas as suas modalidades; assistencia moral e de preservação de costumes; preparo técnico e eficiencia economica de nossos circulos e centros operarios: — eis os grandes problemas, que exigem uma solução premente e decisiva.

Como proceder para chegar a este resultado e qual a diretriz a seguir, já está tudo magistralmente indicado nas esclarecidas instruções de S. Excia. o Cardial-Arcebispo do Rio de Janeiro, para uso das comissões da *Confederação Católica*.

Efficiencia Catolica

Provam as estatisticas unánimes que a imensa maioria da população brasileira é católica. E' um fato que não padece duvida e que não se contesta.

Se, porém, quisermos estudar a situação da Igreja em nosso meio; se quisermos verificar as condições em em que os católicos são em minoria, ver-se-á nossa inferioridade em relação a estes.

Na Alemanha, na Holanda, na Inglaterra e nos Estados Unidos, os católicos fruem de regalias e gozam de tal prestígio politico que logram fazer respeitadas as suas crenças, e, em todos os ramos da vida pública, fazem sentir sua influênciã.

Diarios de grande circulação orientam o sentir das camadas populares; universidades completas preparam a juventude para as carreiras liberais, segundo os moldes católicos; florescentes estabelecimentos de ensino, subvencionados pelo govêrno, ministram o ensino confessional, eleitorado disciplinado, representações parlamentares, agremiações diversas, associações e ligas operarias, caixas e bancos populares, e uma multiplicidade de obras sociais mostram, em todos os campos da atividade humana, a poderosa força das organizações católicas.

Enquanto nós, timidamente, mendigamos uma subvenção, os católicos daqueles países falam em alto e bom som, porque têm a fôrça necessaria para se fazerem atendidos.

Pela sua formação histórica e por sua educação nacional, e até por sentimento patriotico, o povo brasileiro é genuinamente católico.

Atestam-no as romarias pomposas, as procissões e novenários concorridíssimos, as encantadoras festas familiares de casamentos, batizados e aniversários, em que se manifesta a indole religiosa do povo.

Mais que isto, atestam os sentimentos cristãos do nosso povo estas igrejas magnificas, nos centros populosos, humildes e singelas, nos rincões sertanistas; as cruzes á beira das estradas, relembrando ora um sinistro, ora um ente que aí dormiu seu ultimo sono; todas despertando um sentimento de fé, a crença no além...

Como não admirar estes filhos das nossas brenhas, que, á hora extrema, pedem aos seus que lhes tragam um padre para a confissão?... E' a fé viva, é a crença que desperta na consciencia do moribundo.

Estes fatos veridicos e incontestaveis demonstram que nós formamos um povo genuinamente católico.

Não obstante isto, não obstante a superioridade numerica, não influimos nos destinos de nossa patria, nem temos a posição que de direito nos compete na gestão da coisa pública.

E' que nos falta a consciencia dos nossos direitos, é que temos uma fé morta e assim deixamos campo franco á audácia de um proselitismo intolerante e setario.

Nos países já citados, os católicos vêem no Evangelho a taboa de salvação para a sociedade, e cerram fileiras em tórno dos seus pastores e, assim arregimentados, fazem valer os seus direitos.

Entre nós, católicos e acatólicos vivem em tal promiscuidade que quasi não ha linha divisoria dos arraiais adversos.

Daqui a fraqueza da fé, a anemia religiosa que se nota em nosso povo. Ha católicos de nome, de sentimentalismo, em respeito ás tradições da familia, mas católicos práticos, de confissão e comunhão, quantos?...

Que se pôde esperar na ação pública de católicos baldos de convicção no tocante aos seus deveres religiosos?...

Daqui vem o laicismo triunfante em todo mundo oficial.

Os jornais que assinamos, as obras que compramos, as diversões que pagamos, são outras tantas fontes de desprestígio de nossa fé. O comércio e as indústrias afastam de suas esferas a ação moralizadora da Igreja.

Da frouxidão de nossos católicos no cumprimento dos seus deveres religiosos nasce que, em nossa sociedade, o influxo benéfico da fé não se faz sentir em toda sua plenitude.

Não pôde irradiar patriotismo e probidade um meio em que os individuos não dêem exemplos de virtudes privadas e civicas.

A nossa falta de eficiencia é oriunda da noção falsa e viciada de que a fé nada tem com a vida social e politica do individuo.

O mal vem deste catolicismo acomodaticio, desta religião da moda, que seleciona, incoerentemente, o que agrada e o que é incompativel com as paixões e os interesses inconfessaveis.

A situação paradoxal em que nos encontramos de uma maioria espesinhada, em pleno regime democratico, é resultante da obliteração da nossa consciencia relativa ás obrigações da fé.

Nossos católicos, falhos de energia, deixam-se embalar no estado em que nos achamos; a cada nova diocese que se cria, a cada nova parquia que se delimita, boqueabrem-se de admiração pelos progressos da religião no Brasil.

Mas não consideram nossa inferioridade ante outras nações; não olham as fundações protestantes, os estapa-fúrdios espiritas e a florescencia de crenças novas aqui, mas falidas nas terras originarias, como o teosofismo e quejandas catervas.

Enumeram-se associações e confrarias sem se cuidar que sejam organizadas e cumpridoras dos estatutos. Os inicios, muita vez, são contados como uma realização completa.

E' preciso abrir os olhos ao nosso povo, acordar as consciencias para as obrigações iniludiveis da fé: penetrar os corações dos fiéis do dever que têm de

se desempenhar de seus compromissos de consciencia para com a sociedade e a religião.

Esta é a obra do momento, a campanha redentora: por Deus e pela Patria.

A religião e o coração humano

Deixemos que outros procurem provas da divindade do cristianismo no fato histórico de sua admiravel propagação, na sua extraordinaria existencia, na multiseccular vitória contra todas as potencias da terra e nas suas imensas conquistas sociais e scientificas: — basta ao católico de fé e de convicção atentar na fôrça que dá ao coração humano esta religião sublime.

E' a unica religião que, pela sublimidade de sua doutrina, pela tranquilidade que ressuma de sua moral e pela ternura de sua mistica, basta para encher nossa alma.

A ciencia cristã tem um cunho todo particular de sedução e harmonia, que encanta a inteligencia e deleita o coração.

Quando comparamos a aridez dos céuticos, individualistas, agnosticos, enciclopedistas, idealistas e materialistas, com a suavidade dos ensinamentos de um Tomás de Aquino, Boaventura, Francisco de Assis, Teresa de Jesus e tantos outros, tantos sábios escritores, de que se honra a Igreja, tanto na antiguidade como nos tempos hodiernos, vê-se logo qual a diferença que se nota entre a ciencia vã e enfatuada do seculo e as sublimes inspirações hauridas na luz eterna da verdade, que se irradia dos mistérios incomparaveis da fé.

Nos momentos empolgantes da existencia, quando em nossa alma vibra toda a escala da emoção, e os nossos nervos se dilatam para suportar a maxima vibratilidade das comoções íntimas e a inteligencia se abre ás sollicitações polimorphas da fenomenalidade da vida — é então que a fé desperta, como evoluendo dentre as brumas do coração, para irradiar em seu pleno fulgor.

E' muitas vezes, em momentos tais, que desperta na consciencia uma fé tibia e uma crença amortecida, e; ás longas angustias de uma vida agitada succede logo uma grande paz, paz de amor e de misericordia, envolvendo uma alma torturada em um nimbo de calma, na suavidade radiosa da esperança e nas doçuras inefaveis do amor divino.

Desconhecer este fato é ignorar por completo a história destas lutas secretas que têm consumido existencias inteiras; é não conhecer o longo jornadas de tantas almas pelos campos desertos da descrença, pelos plainos aridos do materialismo e pelas sendas tormentosas da dúvida.

As grandes conversões são todas histórias de grandes lutas, de terriveis vacilações, de ânsias tremendas em procura do bem da intelligencia — a verdade.

E a verdade se encontra na religião.

E' por isso que o coração humano só se mergulha na tranquillidade de seus desejos satisfeitos quando a alma sóbe aos cimos da religiosidade, nas asas da prece.

São estas as paisagens de além, onde desponta radioso o sol da fé, quando já se esvái a sombra crepuscular do erro e das vãs cogitações humanas.

Quando, na tarde da existencia humana, prestes a cair o pano do palco do sofrimento, quando a dôr e a desilusão moram na alma e o coração transborda de maguas, sómente a fé póde salvar uma alma que se arrasta pelas miragens de uma felicidade mentida.

Só a religião póde reanimar as esperanças perdidas, vivificar um coração que os desenganos crestaram.

Isto porque a dôr do cristão foi transfigurada na escada luminosa de Jacob, como antessala dos reinos da eterna verdade e da perfeição absoluta.

Um Deus na lástima de supliciado, um Cristo de lábios hiantes, immobilizado numa agonia de vinte seculos, eis o bálsamo cicatrizante que fecha as feridas da alma e o tônico que retempera o espirito abatido pelas torturas da existencia.

E' pela fé que se opéra a revolução espiritual da vitória da verdade contra o erro, da fraqueza contra a força da réta razão contra os sofismas.

Para as grandes dôres, para os supremos desenganos; para as perdas irreparáveis, sómente um sentimento sobrenatural, uma fôrça misteriosa poderá salvar do naufragio uma alma colhida na vida, aos trancos com as mais terríveis provações.

A Igreja e o operariado

Nenhum sistema filosofico, nenhuma religião tem melhor a faculdade de se adaptar com mais prontidão a todos os climas, a todas as regiões do que o cristianismo.

E' caracteristico de sua origem divina, a universalidade.

Senão vejamos, abrindo uma página do Evangelho.

Ao cair duma tarde, sob o belo firmamento da Palestina, Jesus, fatigado das extensas caminhadas, e de suas excursões apostolicas, sentou-se sobre a macia relva das encostas de uma montanha. Distendendo suas vistas ternas e compassivas sobre as turbas dos filhos de Israel, que o seguiam, havia dias, sem se alimentar, descuidadas por completo das necessidades elementares da vida, no intuito exclusivo de ouvirem a *bôa nova*, Jesus, tocado nas fibras mais ternas de seu coração, exclamou: «*Tenho compaixão deste povo que ha tres dias me segue e não tem que comer*». E, ato contínuo, mandou vir o que havia, sete pães e alguns peixes, e com isto saciou quatro mil homens...

Esta narração singela mostra o quanto de ternura e compaixão havia no coração do fundador do cristianismo; é aqui tambem que se encontra a razão da caridade na Igreja, e do interêsse que esta tem de amparar os fracos, humildes, pobres e oprimidos.

A escravatura, nos tempos antigos, e a espoliação das massas populares, nos tempos modernos, pelo liberalismo economico ou capitalismo, são fatores de tremendas catástrofes sociais.

A revolta dos escravos da Sicília, no II seculo antes de Cristo, e o terrível levante de Spartacus, ambos cruel-

mente afogados no sangue dos que pediam justiça e liberdade, bem mostram quais os meios de que a sociologia pagã dispunha para assegurar a paz e a estabilidade sociais.

A isto opôs Cristo o código das *bemaventuranças* e a igualdade de todos os homens, filhos de Deus, como base de uma nova civilização.

Foi assim que as primeiras comunidades, cristãs professaram uma igualdade mais perfeita que a sonhada pelo socialismo e puseram em prática o mais absoluto comunismo de bens.

Libertação de escravos inúmeros, copiosas distribuições de esmolas, assistência caritativa aos presos e enfermos, foram os primeiros frutos da difusão do Evangelho.

No decorrer de todas as idades, foi o cristianismo corrigindo com a austeridade de sua moral os efeitos e consequências da disparidade da fortuna e da desigualdade social.

O fundo moral, a essência econômica, resultante das necessidades da vida, é a origem das questões sociais.

Panem et circenses, pão e jogos de circo era o brado das multidões, nos dias da decadência de Roma. Em nada difere o brado dos paredistas de hoje: aumento de salário e redução de horas de trabalho; aumento dos ganhos, para o teatro, cinema, jogos e diversões e folgas amplas, para o aproveitamento de todos os passa-tempos modernos.

Longe de nós o profligar as justas reivindicações do operário; longe de nós o fechar os olhos ás injustiças e explorações que maculam a civilização; isto nunca; mas não se ha de negar que as aspirações do proletariado visam exclusivamente o lado material da vida.

A culpa disto recái sobre os proprios exploradores do povo, arautos do liberalismo econômico, que arrancaram da inteligência popular as confortadoras esperanças de uma vida melhor e as verdades redentoras do Evangelho.

Se os progressos das industrias e do commercio tivessem caminhado igualmente com a prática da verdadeira religião, hoje não deplorariamos a apostasia das massas populares, nos grandes centros industriais.

«Em nome do Senhor...»

A Suíça é o país classico da verdadeira democracia. E' a terra onde as leis estão sujeitas ao pronunciamento da vontade popular.

Entre as perturbações que agitam os povos modernos e as grandes transformações politicas da Europa, o povo helvético segue, tranquilo e confiante, os seus destinos históricos. Desse modo a pequena confederação logra impôr-se ao respeito das grandes potencias e consegue a admiração universal. A razão disso é a cultura politica e o são patriotismo dos descendentes de Guilherme Tell.

Os cantões suíços gozam duma autonomia quasi completa. O de Tessino estava, até ha pouco, sob o beneficio de uma lei especial, em virtude da qual os atos notaveis deviam começar pelas palavras: «Em nome de Deus...»

Numa explosão de anti-clericalismo, houve por bem ou antes houve por mal o Grande Conselho (Camara dos Deputados) derrogar esta lei.

Não suportaram tal gesto os católicos do cantão.

E usando do direito que a Constituição confere a cada cidadão eleitor, o *comité* cantonal solicitou o *referendum* e obteve o numero de assinaturas que a Constituição exige para tanto.

Os católicos conseguiram um grande triunfo nesse *referendum*.

Declararam-se contra a manutenção da lei tradicional 7.000 votos. A favor pronunciaram-se 17.000 votos.

Desse modo a citada lei continuará em vigor.

Ha uma circumstancia que merece ser observada.

Nas ultimas eleições, realizadas a 25 de outubro findo, os eleitores católicos neste cantão não foram mais do que 11.000, e os radicais socialistas, 16.000. Póde pois afirmar-se que no *referendum*, em que obteve vitória o nome de Cristo, se uniram aos católicos alguns milhares de socialistas.

Conhecemos nós tambem um país de população verdadeiramente católica, na sua grande maioria — e

nesse país uma minoria sectaria logrou implantar leis laicistas, que atentam contra a religião nacional.

Se em nosso Brasil houvesse o sistema do *referendum*, qual se pratica na Suíça, as leis que o positivismo implantou em nossa Constituição não lograriam o apóio de nossas massas populares.

Quando nos referimos aos plebiscitos, queremos, evidentemente, falar de verdadeira consulta á vontade do povo, que deve ser bem esclarecido acerca do voto que vai pronunciar. E' claro que não tratamos aqui de mistificações eleitorais, que burlam os princípios democraticos e ofendem os sentimentos religiosos da nacionalidade.

Infelizmente assim não o compreendem certos chefes de nossos Estados, que, imbuídos de preconceitos laicistas e positivistas, não reconhecem o ridículo a que se expõem e as violencias que praticam contra a verdadeira soberania do povo.

Imprensa catolica

Entre as necessidades mais imperiosas dos nossos tempos está a organização perfeita de uma imprensa superior, de fins nobres e atitudes elevadas.

O valor da imprensa como veículo de idéas e mobilizador de consciencias é indiscutivel, incontestavel.

Na história do Brasil ha um fato cuja responsabilidade cabe exclusivamente á imprensa: é a abdicção de D. Pedro I, motivada pela campanha liberal e patriótica da imprensa genuinamente nacional, então chefiada e orientada pelo imortal Evaristo Ferreira da Veiga, no jornal *Aurora Fluminense*.

Se, naqueles tempos, em que se refletiam sôbre o nosso horizonte nacional as sombras caliginosas dos tempos da colonia; se, então, a palavra de um espirito bem intencionado se fez sentir e atuou tão profundamente no ânimo de nossas gentes; maior deve ser o prestígio de um jornal católico, que, a um tempo, véla

e defende a religião do povo brasileiro e propugna pelos interesses vitais e superiores da nacionalidade.

Note-se que isto se deu no segundo quartel do século findo; de então a nossos dias, profundas e radicais têm sido as alterações da mentalidade dos povos e cada vez maior e mais avassaladora a influência das idéas na evolução do mundo, no progredir das sociedades.

O Brasil, país novo, gente em formação, no caldeamento de raças díspares e heterogeneas, não pôde dispensar o concurso de uma imprensa educadora, que propicie ao nosso povo, principalmente ao abandonado povo do interior, cultura intelectual e capacidade produtora, para o engrandecimento economico, no interior, e aumento de crédito, no estrangeiro.

«A questão primordial, diz Carneiro Leão, no prefácio de seu livro: *Os deveres das novas gerações brasileiras*, é convencermo-nos de que o nosso problema maximo é a educação integral, desde a formação do individuo, fisico sadio, inteligente, capaz — até á organização civica, politica e social, passando pela preparação profissional e tecnica, literaria e scientifica.»

A estes conceitos judiciosos, inspirados por são patriotismo e observação dos fatos, cumpre acrescentar que a educação, para ser completa, não basta formar o fisico robusto e o cidadão amante da terra que lhe serviu de berço, mas é preciso que o educando receba uma formação moral, que lhe assegure a integridade de caracter.

Sem a intangibilidade moral do individuo não ha organização social, politica ou civica que se sinta firme e estavel, por isso é dever primordial oferecer ao povo uma parcela de verdadeira educação.

Num país extenso, como o nosso, em que as escolas públicas, segundo o precitado publicista, não comportam mais que 20 % da população escolar, sendo ainda muito limitado o periodo da instrução primaria, é indispensavel completar de algum modo a formação intelectual e moral da nossa gente. O unico meio de que poderemos lançar mão é o jornalismo, a imprensa.

Sim. O jornal é a enciclopédia do pobre, que não compra o livro, é a biblioteca do operario e dos que

não têm tempo para manusear compendios, é o informador de todas as classes sociais, vulgarizando as ciências, as artes e as industrias.

Ha, no entanto, diversas espécies de jornais: os rubros, ou incendiarios, que prégam a reversão social; os declaradamente hostis ás crenças do povo, que as impugnam e combatem; os amarelos, os incolores, que acendem uma vela a Deus e outra ao diabo; o jornalismo politico, que mais ou menos ataca ou defende systematicamente certo grupo partidario; ha, por fim, um jornalismo, reduzido em numero, e seletto pelo seu pessoal, elevado pelos seus ideais, que se propõe a defender a todo custo os supremos intêrresses da patria, e, como esses intêrresses são ligados á moral católica, este jornalismo é declaradamente confessional.

Séria e honesta em seus noticiarios e anúncios; criteriosa em suas informações; não louvaminheira ou hostil por sistema; insubornavel ao capitalismo estrangeiro. E' desta imprensa que precisamos.

Ação social catolica

O cristianismo tem, em seu fundo doutrinario e pratico, a carateristica indelevel de uma religião humanitaria e social.

Este cunho lho deu seu divino fundador, cuja vida se resume admiravelmente nestas palavras: *passou fazendo o bem.*

De fato. Desde os milagres estupendos da ressurreição dos mortos, para estancar lagrimas inconsolaveis; desde as curas extraordinarias dos *langores varios*, para minorar a miseravel condição da humanidade sofredora, até ao prodigio inefavel da multiplicação do pão material para saciar as multidões famintas: — tudo no Evangelho respira o mais puro amor para com a humanidade.

Este legado de amor foi recólhido carinhosamente pela Igreja, desde os seus dias primitivos. Os Apostolos distribuiam, á larga, os milagres, em favor da hu-

manidade combatida pelo sofrimento. Na época das perseguições, tolhida de aparecer em público, sepultada viva nas catacumbas de Roma, a Igreja limitava sua ação caritativa a sepultar dignamente os seus combatentes, que, gloriosos, sucumbiam nas arenas dos circos, e a distribuir o pão aos que gemiam na obscuridade dos cárceres...

Com o advento de melhores dias, a Igreja começou a desdobrar a sua esfera de ação e a ampliar as obras já começadas á custa de tantos esforços e generosos sacrificios.

Abrigar as creanças, alimentar os velhos, assistir aos enfermos e encarcerados, para isto destinava a Igreja a maior parte de suas rendas.

Na Idade Média, ao tempo da construção das soberbas catedrais, foi o catolicismo que formou, manteve e sustentou as corporações de artífices, que, de região em região, iam plantando os marcos da civilização cristã. Ao mesmo tempo as ordens militares e hospitaleiras protegiam os peregrinos e empregavam todos os esforços em pról da redenção dos cristãos cativos dos infiéis.

Quando raiou a aurora dos grandes descobrimentos, a religião voltou suas vistas para o além mar, enviando missionarios para integrarem na fé os milhões de selvagens das matas virgens.

Mudaram-se os tempos, surgiram novas necessidades; novos meios, novas fontes de beneficencia apareceram.

Surgiram hospitais, lazaretos, orfanatrofios, casas de proteção e abrigos diversos, segundo as necessidades de cada povo, conforme as condições de cada país.

Nos tempos hodiernos, com o desenvolvimento e aperfeiçoamento das grandes industrias, apareceu um tipo característico desta civilização de hulha e ferro — o operario.

Ao proletariado, unido e disciplinado em agremiações partidarias, pertencerá, mais cedo ou mais tarde, o predomínio nas questões de interêsse vital dos povos.

Pela preponderancia numerica e pela importancia dos seus serviços á sociedade, o operario está fadado a um papel da mais alta relevancia politico-social.

E como as questões de ordem economica assentam sobre bases morais, é necessario, absolutamente necessario. que se lhes dê uma solução cristã, afim de deter a humanidade ante a avalanche do materialismo intelectual, mas, sobretudo, do materialismo prático — viver para gozar.

A questão escolar

O catolicismo foi desde os tempos mais remotos o maior propulsor do desenvolvimento da intelligencia humana, por meio da instrução popular.

Que o digam as origens das universidades e as cronicas dos tempos mediévos, das escolas florescentissimas fundadas á sombra das catedrais, colegiadas e presbiterios.

Nos tempos modernos, confiscados os bens ecclesiasticos, que mantinham estas instituições, começou o Estado a irrogar-se o direito de monopolizar a instrução publica.

E' logico que não pôde haver instrução sem educação e esta deve ser embasada em dois elementos — uma doutrina, que illustre a intelligencia e uma moral, que oriente a vida pública do individuo. Ora, o Estado não pôde impôr uma doutrina ou uma moral, porque lhe escapa o legislar diretamente sôbre a consciencia; portanto, não pôde impôr um sistema educacional.

E' complemento do pátrio poder a educação da prole; a maior potencia educadora é a escola, visto como demoram nela por largo tempo as creanças, justamente na idade em que as impressões são mais vivas e profundas, por ser então o carater mais amoldavel ao influxo do preceptor; é logico, portanto, que a escola deve ministrar aos filhos lições das creanças paternas.

No entanto, em nome da liberdade, o Estado posterga este postulado do direito natural.

Esta violação é tanto mais flagrante quando se considera que os partidarios do laicismo escolar afirmam que a escola moderna deve preparar os jovens

para a vida prática, pelo conhecimento de tudo que lhes seja necessario saber. Esquecem que ha uma ciencia primaria, uma ciencia dos ultimos fins, o conhecimento da missão e dos destinos do homem — a ciencia da religião.

Não se diga que o Estado quer providenciar pela formação dos futuros cidadãos; este direito não lhe assiste, porque o fim do Estado é geral e subordinado ao da coletividade e o fim da educação é individual e restrito.

O governo democratico deve subordinar-se aos interesses coletivos, do contrario explorará com abusiva tirania os direitos do povo.

A religião impõe ao católico que eduque seus filhos segundo sua fé, ministrando-lhes os rudimentos da doutrina. São os católicos que, com seus impostos, enchem os cofres publicos e sustentam as escolas, que dão a seus filhos uma instrução neutra, que eles, catholicos, em consciencia, não podem aceitar.

E' uma injustiça. A suposta defesa da liberdade da consciencia infantil, para não obrigar a creança a abraçar uma religião que talvez venha a repudiar mais tarde, é falsa. O educando, se escapar á influencia religiosa da educação paterna, cairá fatalmente no agnosticismo da instrução official.

Valha, pois, o direito natural, que concede aos pais infundir aos filhos os seus sentimentos.

Além disto, o termo ensino leigo, neutro ou arreligioso envolve contradição, porque em materia de formação de carater não é possivel se excluir a orientação da consciencia e esta ou será religiosa ou deixará de influir na vida humana, porquanto nenhuma força moral se conhece capaz de conter os instintos baixos da natureza, a não ser o vínculo da consciencia — a idéa de Deus.

E' deste ensino leigo, arma habilmente manejada pelo sectarismo, que promana a decadencia que hoje se nota no preparo intelectual e na formação moral da mocidade.

Consequencia do desprezo da Igreja, nesta materia, que lhe toca tão de perto.

E' resultante do abandono dos estudos classicos, da verdadeira formação filosofica, desta filosofia que,

de Aristoteles a S. Tomáz e aos modernos escolasticos, vem orientando o espirito humano nas consciencias em geral e em especial na ética e na sociologia.

Deante da evidente necessidade da cultura religiosa como base educacional, é que nos vem de um país estrangeiro e protestante o exemplo das mães cristãs que exigem o ensino religioso obrigatorio, nas escolas, para os seus filhos.

E' o que acaba de acontecer em New Jersey, Estado da União Americana.

Organização cristã do trabalho

A hora que passa e o futuro que nos aguarda pertencem ás classes operarias, ás massas populares, chamadas á representação de papel importantissimo na sociedade.

Isso está bem compreendido pelos nossos adversarios, que procuram dar ao operariado uma organização revolucionaria, que constitue uma perene ameaça da tranquillidade publica. E' a subversão da sociedade, é a ruina de todas as instituições politicas. E' o que se passa na infeliz Russia.

Dia a dia a separação dos campos sociais se extrema; católicos e comunistas visam fins diametralmente opostos e entre êles não póde haver transigencia nos principios.

De ha muito que a Igreja, pelos seus elementos mais notaveis e pelos seus melhores servidores, procura dar uma orientação cristã e racional ás camadas operarias e aos homens do povo.

Em nossos dias não bastam as obras de pura caridade, os institutos de beneficencia, que ministram algum socôrro material. Tambem não bastam as fundações de carater puramente religioso, como sejam as irmandades e os sodalicios. Não. E' mistér auxiliar materialmente aos operarios, desenvolver-lhes os poucos recursos economicos e facilitar-lhes os meios de *ajudar a si mesmo*. Daqui a importancia extraordinaria e

a necessidade de associações de classes, que protejam e amparem os filhos do povo. E' este o meio mais seguro de evitar a ruina material e moral das massas operarias, que, entregues a si mesmas, cairão nas malhas dos propagandistas incendiarios das Internacionais.

A encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII fez época nos anais da sociedade moderna. Agora, volvidos quarenta anos da publicação daquele documento pontificio, aparece outra carta a *Quadragesimo Anno*, de Pio XI, que coloca, nos devidos termos, as questões referentes á vida do proletariado. E, como complemento da última carta, S. S. Pio XI solta o brado do Divino Mestre: *Misereor super turbam* e dirige á caridade cristã um tocante apêlo em favor dos que não encontram trabalho, que lhes assegure a propria manutenção.

E' o espirito da caridade evangelica, que revive no seio do catolicismo. E' tambem a taboia de salvação para a sociedade moderna, que anda á mercê das tendencias anarquicas e entregue aos elementos subversivos.

Felizmente que, em nossa patria, tambem aparecem as verdadeiras organizações do operariado e já se iniciam os movimentos disciplinados pelo catolicismo.

Entre as diversas corporações que trabalham em pról da estabilidade social do mundo, podemos citar a *Confederação Católica do Trabalho*, de Belo Horizonte, que já tem produzido numerosos frutos e mais copiosos nos promete.

Merece especial menção o *Memorial* que a referida Confederação apresentou ao Exmo. Snr. Ministro do Trabalho, a proposito da *Lei do Salario Minimo*. E' um trabalho que dignifica os seus autores e desperta a simpatia geral dos amigos da causa operaria. Constitue tambem uma prova do quanto pódem realizar as associações católicas, não sómente na velha Europa, mas tambem no Novo Mundo.

Importa que semelhantes instituições se multipliquem por toda a vastissima Terra de Santa Cruz, para glória de Deus e felicidade do cristianissimo povo brasileiro.

As grandezas da Cruz

O cristianismo é a religião dos milagres, a religião dos prodígios. Em todos os tempos, em todos os seculos, esta religião incomparavel se revela plena de milagres e de portentos.

Mas, de todos esses fatos, de todos os acontecimentos sobrenaturais, o que mais ressalta o poder divino é a desproporção entre as causas humanas e os efeitos miraculosos.

Deus, querendo confundir a soberba do homem, antepõe-lhe o que ha de mais humilde e mesquinho.

Os reis da terra, quando quereñ conquistar povos e subjugar gentes, levantam exercitos e armam legiões; Deus envia pescadores inermes á conquista do universo; os guerreiros deste mundo levam a morte e a destruição ás nações; os guerreiros do Evangelho trazem a paz aos homens de boa vontade.

Os poderosos do seculo, se assentam nos tronos, empunham cétros e ostentam corôas; Cristo escolhe o madeiro infamante, o lenho da cruz por solio, donde deve governar a humanidade. E assim este suplício, que foi de escândalo para os judeus, de loucura para os pagãos, tornou-se salvação e vida para os eleitos de Deus.

Deste modo se cumpre o vaticinio de Cristo: «quando fôr elevado acima da terra atrairei todos a mim».

Contra esta religião, tão humilde em suas origens, tão fraca em seus elementos humanos, tão obscura e desprezada pela sabedoria do seculo, se insurgiram todos os poderes da terra. A tirania vacilante esgotou todos os recursos da prepotencia; a crueldade empregou todos os meios iníquos; tudo em vão.

O sangue dos fiéis era sementeira de novos mártires, e, ao cabo de tres seculos da mais horrorosa perseguição, a cruz entrou triunfante no Capitólio.

Foi então que a verdadeira cruz saiu das entranhas da terra, para receber as homenagens das gerações crentes e fiéis.

Aos imperadores, que perseguiram, sucederam os barbaros, que tudo levavam de vencida. A cruz enfrentou-os, para subjugá-los.

Clovis, nas Gálias, curva a cabeça orgulhosa, adora a cruz que destruiu e destrói os ídolos que adorára.

Na Germania, Bonifacio converte as tribus; Anscarro, na Escandinavia. Na Inglaterra, Agostinho é portavoz do Evangelho.

Foi a cruz, fincada por Pelágio, nos cimos das Asturias, que salvou e resgatou a Hespanha. invadida pelos sarracenos.

Foi essa mesma cruz que conquistou os eslavos e foi levada ás selvas invias da America, ás plagas da India, China e Japão.

Em nossos dias, a cruz continúa sua odisséa triunfante, avassalando novos povos e conquistando outras tantas gentes.

*
* *
*

A cruz não é só um símbolo de vitória, um sinal de combate. A cruz é o resumo de nossa fé. a propria essencia do cristianismo.

A cruz é o sinal do opróbrio de um Deus; é o martírio e o sofrimento; a cruz é tambem o troféu de nossa liberdade e um atestado de nossa predestinação.

A cruz está posta nos cimos dos montes, para indicar, como farol da fé, a rota aos viajantes; na frente dos templos, para elevar nosso coração a Deus; sôbre os túmulos, para simbolizar o repouso eterno; finalmente, a cruz deve ser fincada em nossa alma, pelo arrependimento dos pecados e pela emenda das culpas.

A cruz é tambem a nossa unica esperanza. Nos males da vida, nas tribulações e incertezas é para éla que devemos voltar as nossas vistas.

O crux, ave, spes unica!

O grande problema

Judiciosamente observa M. Jules Jolly que até os pensadores mais afastados da observancia dos preceitos evangelicos são unanimes em reconhecer o cristianismo como a religião que melhor prepara a educação da sociedade e do individuo.

Estas palavras encerram uma verdade que tem por si o abono de longa experiencia e o testemunho dos mais insuspeitos pensadores e filosofos de todos os tempos.

Educar, não instruir simplesmente, é formar a integridade da consciencia dos futuros cidadãos; é não só ilustrar a intelligencia com muitos e variados conhecimentos, mas tambem plasmar o carater e fortificar a vontade do homem, para resistir aos estimulos do mal.

Todas as vãs e aparatosas concepções da intelligencia humana e as excogitações falazes da ciencia são impotentes para reconduzir um transviado á trilha do dever. E' possivel que alguem, morigerado pelo natural ou dotado pela vasta cultura ética, se deixe conduzir pelos sentimentos do dever, na estrada do sacrificio, sobretudo, se alentado por algum ideal nobre. A generalidade, porém, a grande maioria do povo, não se deixará vencer, em suas paixões e interêsses, por idéas vagas e sentidos abstratos. Se uma força superior não lhe prender a consciencia, fatalmente, despenhar-se-á na voragem do vício e do crime.

As religiões antigas, de invenção humana, legitimavam todos os vícios e crimes; os sacrificios humanos, a escravidão, o infanticidio, o repúdio; a moral leiga sanciona todos os desmandos do coração: divórcio, amor livre, com todo o seu cortejo de miserias.

A natureza confiou aos pais a obrigação e o cuidado de educarem os filhos. A Igreja, na ordem espiritual, goza da maternidade da alma: é mãe, deve formar e educar os seus filhos; portanto, a Igreja é educadora por força de sua missão e de seus fins e destinos eternos.

Esta missão tem sido sempre cumprida, durante todos os seculos de vida cristã, com os mais surpreendentes resultados para o homem, que, pela influência

benéfica da mesma, se sente elevado acima do rastejar humilde de uma finalidade puramente natural.

O cristianismo aponta ao homem um destino supremo, um alvo sublime: a perfeição da propria personalidade — a perfeição divina: «Sêde perfeitos como Vosso Pai celestial é perfeito».

Implica renúncias e sacrificios da luxúria, da crueldade e do orgulho, mas concede a paz de espirito e a quietude no seio de Deus: imola-se o egoismo calculista e brutal; em lugar deste eleva-se o novo homem, creado na santidade e na verdade, segundo o Evangelho.

Uma consciencia formada nestes principios poderá vacilar em momentos de extrema luta e turbulencia interior, mas os sedimentos de fé e de moral, depositados no fundo da alma, hão de prevalecer no primeiro momento de calma e reflexão, salvando o homem da decadencia moral irremediavel.

H. Taine, insuspeitissimo, tinha sobeja razão ao afirmar, deante de dezoito seculos de verificação histórica: «O Evangelho é, ainda hoje, o melhor auxiliar da sociedade».

As comemorações aloisianas

As festas comemorativas de mais um centenario de S. Luis Gonzaga têm, para o orbe católico, a mais bela significação e, ao mesmo tempo, são de um alcance transcendental, pela sua relevancia e actualidade.

Estas festividades resumem um problema da mais alta importancia moral — o problema da mocidade em face da Igreja.

Esta hora deve acordar o patriotismo dos nossos homens esclarecidos e os sentimentos de fé das nossas gentes.

Ao mundo antigo, decadente em sua moral e arruinado em suas crenças, o cristianismo opôs uma moral rígida e intransigente ás paixões humanas e uma fé acima das cogitações falaciosas de nossa razão.

Em nossos tempos, á corrupção dos seculos, aos desvarios da civilização, a Igreja opõe a pureza angelical de Luiz Gonzaga, santo nos fastos da cõrte, puro entre as seduções da terra, mortificado e penitente nos regalos e nas festas.

Este joven, que foi a antítese de sua época e de sua condição social, bem se presta para modelo e exemplar da mocidade em nossos dias.

A patria exige uma mocidade vigorosa e forte, que a defenda nos campos de batalha, e que a enriqueça com um labor fecundo; nada se póde esperar de uma população que só mostra chagas e andrajos. A patria exige uma geração inteligente e esclarecida, que avance na senda do saber e do progresso.

Ora, á resolução deste problema nos encaminha o centenário aloisiano; a religião está indicada para resolver esta dificuldade.

O vigor fisico, a sanidade corporal é condição da integridade moral, da pureza de costumes.

A lucidez de espirito é tambem originada da simplicidade do coração, em que não vicejam certas paixões e tendencias.

Em ambos os casos, só a religião é o freio moral bastante forte para conter os ímpetos da vontade e os desvarios da imaginação.

Mas, como levar á pratica da moral evangelica uma mocidade alegre e ruidosa?

Eis o nosso problema, problema não só de piedade, mas de moral, economia e intelligencia.

O protestantismo, querendo estender suas garras de abutre sobre os povos da America Latina, inventou a Associação Cristã de Moços, paródia de similares católicas da Alemanha, Belgica, França, Italia e outros países do velho mundo e mesmo dos Estados Unidos.

Nos países mais cultos, a mocidade católica tem ao seu dispôr campos de esporte, bibliotecas, escolas profissionais, teatros e cinemas, onde passa as horas de lazer em doce convivencia. Além destes beneficios ha outro, não menor, o contato de jovens de várias classes sociais, que, juntos, aprendem a se estimar.

As diversões ilícitas, teatros e cinemas imorais e as leituras perniciosas desviam da religião a mocidade,

que acaba de sair do âmbito puro do lar paterno. Para remediar este mal, para enfrentar esta crise, é preciso opôr o bom ao que é nocivo, isto é, sanear os veículos da perdição moral. Diversões moralizadas e leituras sãs devem substituir as fontes perniciosas de perversão de nossos dias. Uma cultura fisica bem entendida promoverá o desenvolvimento muscular e a robustez organica, dentro de uma vida pura e casta.

Oferecessemos aos nossos moços o que os católicos de outras nações lhes proporcionam e não lamentariamos tantos desertores e tantos indiferentes. Aí está o segredo do sucesso da Associação Cristã em nosso meio e a sua nenhuma eficácia em certos países da Europa.

A obra da preservação da mocidade comporta os planos de uma cruzada; não seja eu quem lhe trace o programa, muito menos em um ligeiro artigo. Apenas algumas sugestões.

A palavra de ordem pertence aos condutores do rebanho do Senhor, a êles o comando. Ao clero e aos seus auxiliares do seculo pertence a ação no amplo campo social.

Em segundo lugar é necessario apelar para a generosidade dos católicos, pois as obras que se devem realizar custam algumas somas; o que está feito na Europa e na America do Norte custou generosas ofertas de milionarios, além de modestas, mas constantes contribuições de particulares e do povo em geral.

Por último, o poder publico, não só o federal e o estadual mas tambem o municipal, deve concorrer e de modo mais amplo e mais largo para estas obras, porque, como já disse, é um problema geral, que interessa tanto á religião como a propria patria.

E' de desejar que estas comemorações não fiquem só em conferencias e reuniões mais ou menos brilhantes. mas, sim, que se traduzam em resultados práticos para o bem de todos.

Seria mais uma prova do valor do catolicismo como meio de organização de fôrças para combater o mal.

As ordens religiosas

«Sêde perfeitos como o Pai celeste é perfeito» — eis a regra de conduta que o Divino Mestre traçou a seus discipulos.

E ajuntando ao preceito os meios praticos de o cumprir, acrescentou: «Se queres ser perfeito, vende o que tens, dá-o aos pobres, vem e segue-me».

Daqui a obrigação legada a quem professa o cristianismo de subir até á perfeição, para chegar á divindade.

E como em todos os empreendimentos do homem se revela a tendencia natural para o associacionismo, no desejo da perfeição, esta se caracteriza pelas ordens monasticas e congregações religiosas. E' a florescencia magnífica da Igreja católica.

Mas, além deste vasto e admiravel efeito moral que estas instituições têm prodigalizado á humanidade, ha outros de caracter civilizador e economico, altamente humanitario, em todos os tempos.

E' de notar ser esta particularidade o ponto mais ignorado pelos que se pretendem de entendidos em assuntos de civilização.

Está bem longe de ser compreendida a fôrça moral e o influxo vivificante que as ordens religiosas têm impresso á Igreja, em todas as épocas, e muito mais ainda a obra admiravel que estas ordens têm realizado em pról da civilização, em todos os povos e em todos os tempos.

Os compêndios de história geral são recheiados de taboas cronologicas e prolixas nomenclaturas dinasticas, que fatigam a memoria dos alunos e facilmente são esquecidas, enquanto ficam na penumbra os verdadeiros fundadores da civilização cristã, cujas maravilhas, nas artes e nas ciencias, nós admiramos, sem saber que soma de esforços custaram através dos seculos.

Nos *Monges do Ocidente*, Montalembert escreve: «Nós saimos do collegio sabendo de cór o nome das cortesãs de Jupiter, mas ignorando completamente a existencia e os nomes dos fundadores daquelas grandes

ordens religiosas que civilizaram a Europa e tantas vezes salvaram a Igreja».

E se em seu tempo este profundo pensador francês já podia escrever com verdade estas palavras, que não se poderia dizer hoje, em que a cultura, em geral, se firma em uma erudição bastarda, haurida em uma literatura barata?

Passa-se em silêncio sobre os grandes serviços prestados á humanidade pelos religiosos para se lhes lançar a pécha de ignorantes e devassos.

Foram os monges que desbravaram as florestas e as transformaram em campos ubérrimos; abriram canais e drenaram as aguas dos pântanos; penetraram nos bosques e transformaram os desertos da Europa em pastagens abundantes. Ao pé dos mosteiros desenvolviam-se a agricultura e a pecuaria, enquanto nos seus salões e bibliotecas se refugiava a ciencia, desprezada pelas côrtes e centros opulentos.

Em meio da derrocada da civilização formada pelo paganismo, os conventos recolheram e salvaram os restos mais belos e preciosos.

Os conventos, escreve Chateaubriand, converteram-se em uma espécie de fortaleza, onde se refugiaram as artes e ciencias da antiguidade.

Foram os monges anónimos da idade média que, sepultados nas suas bibliotecas, nos transmitiram, á custa de um trabalho insano e inglorio, as linguas e os manuscritos da antiguidade, unindo, deste modo, o passado ao presente, fornecendo aos tempos modernos os tesouros da ciencia antiga.

As grandes e famosas universidades, de que se ufana a Europa, foram todas criação dos bispados, capítulos, colegiadas, abadias e outros institutos religiosos, e assim foi se dissipando o denso véu da ignorancia, que a invasão dos barbaros espalhou sobre as ruinas do imperio romano.

A vida intelectual da idade media tinha o seu centro e fóco nos mosteiros, que levantaram, aos poucos, o espirito humano das tristes realidades do obscurantismo, em que jazia, para o ambiente da cultura e da ciencia.

O acatamento e a consideração de que foram cercados estes monges por parte dos seus contemporaneos

e os privilegios e os beneficios de que foram dotadas as abadias, são provas suficientes de sua operosidade fecunda.

Nos tempos modernos, não se póde desconhecer que das ordens religiosas têm saído os mais valiosos expoentes da Igreja, em todos os campos da atividade científica.

A obra da civilização, entre os povos bárbaros dos vários continentes, a catequese das tribus selvagens, acarretando toda sorte de sacrificios sem nenhuma compensação material — é o suficiente para sagrar as ordens religiosas como benemeritas da humanidade.

As nações da America Latina têm sua formação de tal modo ligada ás ordens religiosas que não se póde escrever a sua história sem ao mesmo tempo acompanhar a ação dos religiosos que aqui exerceram sua atividade civilizadora.

Os colonos de além mar vinham locupletar-se na America, explorando cupidamente os selvagens, a quem impuseram o jugo de suas metrópoles, seguros, como estavam, da impunidade de seus hediondos crimes, a troco dos tesouros com que enchiam as suas arcas reais.

O policiamento moral das fundações era feito quasi exclusivamente pelos missionarios, que se esforçavam por catequisar os índios e corrigir os desmandos dos colonos europeus.

Quando os arcabuzes e espadas não conseguiam deter as ondas de justa cólera dos índios espoliados, lá iam os religiosos com a cruz entre as mãos e serenavam os ânimos e pacificavam os povos conquistados.

O golpe do Marquês de Pombal contra a obra evangelizadora das ordens religiosas, pela expulsão dos jesuitas, foi a capitulação de Portugal a meio do caminho da expansão colonizadora. O mesmo se póde dizer, com igual razão, da Espanha.

A colonização, que se ia desenvolvendo nos sertões da America e nos redutos inhóspitos da Africa, esta zomquista pacifica que tinha por alavanca a fôrça que a religião empresta aos que a propagam, recuou centenas de leguas...

Em nosso país, o governo mantém, com desperdício enorme de dinheiro, um serviço aparatoso de

catequese leiga, enquanto, á mingua de subvenções do erario publico, arcando com toda sorte de dificuldades, sem o concurso da fôrça armada, vão os religiosos integrando na comunhão pátria os verdadeiros donos da terra que habitamos.

Foram caractéres de escól, como Nobrega, Anchieta, Fernão Cardim, Aspilcueta Navarro e Vieira, que aprofundaram e ergueram os poderosos alicerces da educação religiosa e firmaram os bastiões da civilização, que hoje honra a nacionalidade brasileira.

Da paciencia

Necessidade imperiosa nas contingencias da vida e, ao mesmo tempo, fonte de energia moral e coragem fisica, é a paciencia.

Etimologicamente, procede de um radical que significa sofrer, seja fisica ou moral, a dôr que aflige.

Em nossos dias, a capacidade do sofrimento, isto é, a fôrça de resistencia oposta pelo homem aos males desta vida, está muito diminuida, para não dizer que se acha extinta.

Não mais os rasgos de heroicidade da história antiga; não mais os virulentos embates das personagens de Homero e dos guerreiros dos primeiros tempos; nem tampouco a intrepidez serena dos mártires nas arenas dos circos.

Os rasgos de coragem, que os antigos legaram, já não se vêem em nossos dias.

A razão é que secaram as fontes da paciencia, que são sómente duas: os sentimentos religiosos e a resistencia fisica. Ambas estão profundamente abaladas, em nossos dias, pelas aberrações modernas.

A religião inspira a resignação, isto é, a conformidade perfeita da vontade humana ao beneplácito divino, dignifica a dôr, elevando-a á categoria das virtudes.

O racionalismo, que não é mais que uma fórmula aperfeiçoada da impiedade, procura abalar os funda-

mentos religiosos, estabelecendo sobre razões humanas as normas do pensamento e regras de conduta; por este meio vai minando a fé e as esperanças eternas, subsistentes nos corações bem formados.

Daqui este materializar da vida, o desejo de aproveitar todos os prazeres e ir até ao fim das satisfações sensíveis. E' de vêr, em pleno seculo das luzes, a humanidade em peso voltar-se para alguns sábios que lhe prometem prolongar a primavêra da vida, o *rejuvenescimento*, que permita os gozos naturais.

E' sinal dos nossos tempos...

São os prazeres sensuais e enervantes, que, a um tempo, crestam as flôres da alma e abalam as energias físicas; são as musicas langorosas e as dansas de pares agarrados, no ambiente de estufa dos salões, a aspirar perfumes inebriantes, as causas deste desregrado apêgo á vida.

A geração actual está minada em seu organismo por toda sorte de vícios degradantes e outros males vergonhosos.

O homem moderno já não sabe sofrer, porque até a ciencia, com toda sorte de anestésicos, lhe tem amolentado a virilidade, tirando-lhe as dôres.

Em tal estado é impossivel a prática do estoicismo e da rudeza com que os antigos afrontavam as dôres mais torturantes.

No tocante ao sofrimento moral, ás dôres secretas e aos pesares íntimos, é ainda maior o recalctirar do homem, que já não sente energia para suportar o fardo da existencia. Os suicidios, e os atos de loucura contra a vida, o desânimo nos insucessos e a covardia nos perigos, são provas manifestas disto.

No convívio social, nas relações com os nossos semelhantes, não menos notavel se faz a falta de paciencia. A facilidade em irritar-se contra o proximo e atribuir-lhe intenções inamistosas provém do pouco espirito de caridade cristã que ha em nossos dias.

E isto se patenteia, mais frequentemente, nos choques domesticos, nos aborrecimentos frequentes entre pessôas que vivem em comum, na falta de solidariedade para um determinado objetivo; em grandes proporções,

se traduz na luta entre classes, nas greves e nas revoltas a mão armada.

O determinismo moral pretende reconduzir o homem ao bom caminho, dando-lhe a noção exata dos males temporais, que devem ser olhados em sua verdadeira proporção, sem temores nem desfalecimentos. Procura desculpar o mal que nos vem do proximo, fazendo a justificativa das intenções alheias.

Esta filosofia da vida poderá bastar a alguns caracteres bem formados, mas não conseguirá levantar a mentalidade humana, sobretudo daqueles que gemem ao pêso da dôr e são vítimas das injustiças da sociedade contemporanea.

Só do alto poderá vir a fôrça que reergue corações abatidos.

Só o cristianismo encontrou a verdadeira noção da paciencia, sem os extremos do fatalismo musulmano, do indiferentismo dos estoicos, do egoismo de Epicuro ou do desespero da impiedade.

E' a resignação.

O culto dos mortos

Divina em suas origens, imaculada em sua moral, sublime em seus ensinamentos, augusta em suas funções, imponente em todas as suas manifestações, a Igreja católica, contém em si tudo que justifica sua excellencia sobre todas as outras religiões.

Dentre, porém, todas as sublimidades desta religião perfeitissima ha uma que por si só lhe assegura uma grandeza divina e uma precedencia sobre todas — o culto dos mortos.

Digam o que quiserem os transformistas radicais, os evolucionistas intransigentes e os partidarios da origem simiesca do homem; que falem, que engendrem teorias... só o fato universal, constante, através de todos os povos, em todos os tempos, do culto dos mortos; fato verificado na história pelas pirâmides do Egito, pelas necrópoles gregas, pelos monumentos mo-

nolíticos do norte da Europa, pelos jazigos dos imperantes chinêses e por túmulos de etruscos e romanos e todas as nacionalidades; este fato, repito, atesta a superioridade do homem sobre tôdas as espécies viventes; é prova irrefutavel da dignidade excelsa em que Deus constituiu o homem, o animal que pensa e que sobrevive á morte.

Contra todas estas especulações cavilosas do engenho humano, o culto de eterna saudade e inesquecível amor, que o homem vóta aos que o antecederam na jornada da vida; os laços de caridade, que prendem os que dormem no túmulo, ligando-os pelo amor e pela caridade — são demonstrações de que sobre o homem paira o sopro divino.

*
* *
*

Hoje que se fala tanto de igualdade, que se préga o nivelamento social, esquece-se tão prontamente a fraternidade das almas, que a Igreja préga e incorporou a seu crédo.

As almas são militantes, na terra, gloriosas, no céu, e padecentes, no purgatorio. Entre élas se estabelece uma troca constante de meritos, um commercio santo de graças e satisfações espirituais.

Os santos, nas moradas celestes, intercedem junto á divina clemencia pelas almas encarceradas; nós, da terra, mandamos preces aos pés de Deus em favor dos nossos irmãos soffredores e estes, em transportes de gratidão, oferecem ao Senhor dos exercitos as dôres do cárcere temporario em beneficio dos intercessores deste mundo. A's vezes, o humilde servo, amigo leal e obscuro, manda aos céus uma prece, unvida de gratidão e de fervor, e assim liberta a alma de seu patrão, a quem presava. Outras vezes o sufrágio de um senhor bondoso vai abrir mais depressa as portas da prisão, onde geme a alma de algum servo fiél.

O mendigo, no céu, intercederá a Deus pelo rico esmoler, e este, na terra, poderá apressar, pelas boas obras, a hora da libertação de muitas almas.

Que fraternidade mais perfeita, que igualdade mais completa?...

Nunca os dogmas católicos se mostraram mais ao alcance da razão humana do que na união estreita das tres Igrejas: militante, triunfante e padecente.

As falanges bemaventuradas glorificam a Deus e intercedem por todos os seus irmãos que ainda não conseguiram escalar os pórticos das regiões celestes.

Neste vale de lagrimas combatem os soldados de Cristo, entre as alternativas de vitórias e derrotas, de frente voltada para a cruz.

No purgatorio resgatam, entre terríveis suplicios, as suas culpas, aquelas almas que saíram deste mundo devedoras para com a justiça divina; a sede ardente da visão beatífica é mitigada pela esperança certa de uma libertação completa em hora incerta.

*

* * *

No plano augusto da economia divina, a Igreja é a depositaria da centelha da caridade cristã e dos tesouros infinitos da redenção.

Hoje a Igreja nos faz lêr no santo sacrificio da missa as passagens mais sublimes dos livros santos, que nos falam da vida eterna e da glória futura.

Cada sacerdote celebra tres missas, mas só dispõe de uma, as outras pertencem ás magnanimidades da bondade divina, para que nenhuma alma, por mais esquecida que seja dos homens, fique sem sufrágios.

Não páram aqui as consolações do dogma salutar do purgatorio. Temos o direito, que a fé nos garante, de aplicar pelos nossos mortos boas obras e ações meritorias, que irão apressar a libertação daqueles a quem amamos. Sim. No cristianismo, o amor e a amizade não acabam na morte, não; além-túmulo ha a intercessão piedosa e no céu ha a união dos corações e a perpetuidade, na glória, dos castos sentimentos e puros afetos, que fizeram nossa alegria aqui na terra.

Neste dia de dôr e de luto, lancemos sobre o túmulo de nossos mortos as flôres de nossas saudades, as perolas de nossas lagrimas, as preces de nosso amor.

Conciencia moral

Raras palavras, poucos termos têm tanto emprêgo e tanto uso na linguagem familiar e correntia, como o vocabulo conciencia.

Rara a vez que, nas prosas com amigos e conhecidos, não empreguemos este termo, dizendo «tenho conciencia», etc., etc.

Esta palavra tem duplo emprêgo e, portanto, dupla acepção. Póde ser psicologica ou moral a conciencia. A conciencia psicologica é o exercício da intelligencia, enquanto percebe a existencia atual de suas operações espirituais e todos os atos que lhe são proprios, é ainda a introspeção da alma que se percebe a si mesma. E' objeto da filosofia, que a estuda na logica e na antropologia.

A conciencia moral é o juizo da razão prática, que, applicando os princípios da lei moral a um certo e determinado ato, se pronuncia sôbre a sua liceidade, declarando se deve ou não ser praticado.

E' um tribunal íntimo e secreto, no qual se manifesta a lei eterna, que Deus imprimiu no coração do homem.

Antes de agirmos, a conciencia nos leva á reflexão sobre se é ou não lícito o que intentamos fazer. Durante o ato, nos acompanha com a lembrança do dever. Depois de tudo consumado, pelo remorso ou pela tranquillidade da alma, nos patenteia se fizemos bem ou mal.

Todo homem sente no seu íntimo uma voz que lhe denuncia o mal praticado e aprova o bem posto por obra.

Qualquer um de nós já experimentou a satisfação resultante de um ato de virtude, embora tenha sido feito longe do alcance das vistas dos homens. Igualmente sentimos o desgosto íntimo, um sentimento de pesar e tristeza sempre que nos deixamos arrastar pelas paixões ou cedemos a intuitos menos retos, ainda que tenhamos a certeza de escapar a qualquer censura.

Excéto os recidivos ou os que envelheceram no lodçal do vício e exauriram as energias espirituais na

prática do crime, todos os homens experimentam e conhecem os juízos da consciencia. Até os proprios degenerados, não raras vezes, entram em si, mercê de qualquer recordação ou acontecimento; é quasi sempre um toque da graça divina.

Em nossos dias, os ouvidos permanecem surdos aos brados da consciencia; parece que a agitação estonteante da civilização que avança e a sêde de prazer material abafam estas vozes, que sómente no repouso do espirito pôdem ser perfeitamente escutadas.

Além disto, não basta ouvir a vóz da consciencia, é preciso que esta seja bem orientada, que tenha bem claras as noções dos direitos e deveres, que saiba discernir perfeitamente o bem do mal.

Sem estes requisitos, sem estes auxílios, a consciencia poderá abraçar o êrro pela verdade, praticar um crime julgando que seja uma virtude.

E para formar a consciencia, para mostrar á vontade onde esteja o verdadeiro bem, só a religião tem as credenciais necessarias, a origem divina e uma sanção eterna.

Estes conceitos levaram a recordar a palavra do insuspeito livre-pensador Buisson: «A bancarrota moral e geral e as estatísticas dos criminosos são a prova evidente dos efeitos corrutores das escolas sem o ensino da religião».

O amor cristão

Entre os sentimentos que impéram na alma, entre os impulsos que arrastam o coração, nenhum mais forte, nenhum mais vívido que o amor.

De fato, a força que orienta e que consolida a existencia humana é o amor.

O ódio pôde acumular ruínas, talar campos, destruir cidades, derrocar nações e subverter imperios; pôde, em sua faina aniquiladora, encher a terra de maldições.

O culto do ouro pôde encher arcas formidáveis, guardar tesouros e mais tesouros, mas será sempre mudo e inane.

O orgulho é capaz de levar o homem a sobrepujar seus semelhantes; a sêde da gloria forma heróis.

Todas as paixões são bastante fortes para uma dada realização, mas as suas obras trêm sempre uma fonte viciada, um princípio de mal, que as envenena.

Só o amor é capaz de uma construção sólida, de uma realização de felicidade. Só o amor constrói um lar, faz despontar na terra o sorriso angélico dos infantes e só o amor faz a felicidade dos povos e das nações.

Considerando-se a potencialidade misteriosa do amor, forçoso é remontar á sua origem. Ele não é um produto desta terra, mas sim uma dádiva do céu.

Deus é o amor; é dos livros santos. E esta palavra da verdade, por si só, explica a fôrça e o poder deste sentimento.

Cada uma das modalidades do amor, paterno, fraterno ou conjugal, é sempre uma fôrça e um laço que estreita os liames da humanidade. O paterno, como direito natural, é a base da sociedade, é o sustentaculo do princípio da autoridade. O fraternal é o vínculo que une todos os individuos de nossa espécie e é a pedra de toque da igualdade entre os homens pela filiação divina comum a todos. O conjugal é a maior fôrça da sentimentalidade, a garantia da espécie humana. Para santificar este sentimento, Deus creou um sacramento proprio, que abençôa e enobrece os castos afetos: o matrimonio.

Tanto a impiedade reconhece a sublimidade deste sacramento e sua influência moralizadora na comunhão dos homens, que o sectarismo impenitente tem assentadas contra êle suas baterías mais perigosas e terríveis. O casamento civil, para desvirtuar a origem divina do matrimonio; o divórcio, que se propõe a «separar o que Deus uniu», é a mais horrível chaga da nossa sociedade, e o amor livre, que é o anarquismo na familia, — tudo conspira contra este sacramento, que o apóstolo cognominou de grande.

O espírito pagão quer desvirtuar, apagar as glórias do amor cristão, do matrimônio segundo o Evangelho; quer dar-lhe uma feição contratual, de importancia meramente civil; depois intenta quebrar seus vínculos, dando-lhe uma existencia transitoria, para fazê-lo descer ás ligações temporarias dos brutos.

A's acomodaticias e frouxas disposições dos codigos civis a Igreja responde com toda firmeza, sustentando a indissolubilidade do vínculo conjugal.

Não fosse essa intransigencia divina e a humanidade já estaria chafurdada no lodaçal das infames paixões e entregue a toda sorte de crimes.

Ha, além do amor sensível e afetivo, o amor espiritualizado, votado a objetos supra-sensíveis: é o amor de Deus, a paixão mística, que atira a creatura para sua finalidade eterna. Este amor, purificado de todas as vaidades e concupiscencias terrenas, só se encontra na Igreja e é a sua corôa de gloria.

E' o exercito das almas virgens, enamoradas da divindade, e que esposaram o proprio Deus. O sacerdocio católico e a virgindade evangelica.

O divórcio

O patrimônio moral da civilização brasileira, civilização eminentemente cristã, acha-se ameaçado em suas bases.

O valor de uma sociedade e a grandeza de um povo são avaliados pelas tradições de austeridade de suas famílias. A energia e a vitalidade duma raça acham-se em relação direta com a austeridade dos costumes que reinam no recesso do lar.

Para documentar essa afirmação basta consultar a vida das nacionalidades, que a história universal nos conta. Dos tempos primitivos á antiga Roma e dessa aos nossos dias, a grandeza dos povos caminha de par com a moralidade estrita da família.

Contra a moral publica e a verdadeira intransigencia dos costumes levanta-se a legislação do divórcio,

que destrói a firmeza da família e extingue a segurança da união conjugal, que o casamento indissolúvel, segundo a Igreja, ampara e protege.

Inimigos da religião católica e adversarios do passado cristão de nossa gente procuram introduzir em nossa terra a lei do divórcio.

Para esse fim, de ha bastante tempo existe uma propaganda constante e tenaz, que dispende esforços dignos de melhor causa.

A' fôrça de firmar seguidos artigos sobre materia de interesse publico, individuos ha que se constituem autoridade no assunto em fôco, o que é um mal, e por fim logram formar a opinião do povo, o que é mal ainda maior que o primeiro.

Contra afirmações gratuitas das vantagens do divórcio podemos invocar os maiores e mais valiosos testemunhos de legítimas autoridades, que falam sem preconceitos de qualquer espécie.

Falando a respeito do divórcio, o grande estadista italiano Cenni tem estas palavras:

«Se, conforme concordam juristas e filosofos de direito, sem exeção de um só, salvo algum tresloucado, se o matrimónio é o fundamento do Estado, parece evidente que tanto mais firme será a base do Estado quanto mais estavel fôr o casamento. Por isso, atentar contra a essencia deste ultimo é levar o machado á propria raiz da sociedade civil».

F. W. Foerster, escritor protestante, um dos mais notaveis pedagogos e sociologos da atualidade, sucessivamente professor nas Universidades de Zurich, Viena e Munich, assim considéra o divórcio:

«Não resta a menor dúvida de que, pelo seu valor social e educativo, a monogamia constitue um elemento de patrimonio permanente de toda a educação superior e o verdadeiro progresso tende antes a apertar que a relaxar o laço conjugal. Póde-se afirmar que a união monogamica indissolúvel é a consciencia de toda a vida social humana».

Assim falaram dois sábios, que investigaram os problemas da sociologia e estudaram as questões da vida contemporanea. Em nome de suas pesquisas des-

mascararam a licença dos costumes, que o divórcio introduz por toda parte onde logra implantar-se.

Agora podemos escutar a palavra de quem fala em nome da experiencia.

O Cardeal O'Connell, arcebispo de Boston, entrevistado por um jornalista brasileiro, exprimiu estes conceitos:

«O seu grande país foi sempre estimado pela sua fervorosa catolicidade e os brasileiros têm sido aclamados pela sua devoção aos princípios da sua Fé e principalmente á causa da educação católica, da santidade e integridade da familia e do lar. Estou certo de que continuarão a merecer essa elevada reputação e que cada vez mais se prenderão á doutrina católica e aos princípios da Igreja, em materia da família, quando fôrças hostís os assaltarem. Os males do divórcio, como agente de destruição da família e como grande origem de todas as cruéis consequencias do chamado modernismo, aí estão patentes a todos os olhos. Basta querer vêr e as desgraças de que se acha afetada a sociedade logo se apresentarão aos espíritos menos perspicazes. Os verdadeiros católicos sabem quanto o divórcio é incompativel com a essencia da religião que praticam, fundada basicamente na organização da família. Acho inutil debater mais essa questão, dum ponto de vista doutrinario, porque já se pronunciaram, para condená-la, não sómente os maiores luminares da Igreja, como sabios sociologos e afamados juristas, que não se deixam levar pelos êrros e preconceitos de seculo. O povo brasileiro saberá preservar os seus costumes sociais dessa praga e Deus o defenderá como a um filho preferido».

Outro prelado da grande republica do norte do continente, em circunstancias identicas, denunciou, abertamente, os males e os perigos do divórcio, que tantos e tão grandes estragos vem fazendo no seio da população dos Estados Unidos. E nestes termos falou o egrégio prelado:

«O divórcio, nos Estados Unidos da America, tornou-se tão comum entre os não católicos que já se pôde considerar uma moda elegante. Segundo as estatisticas publicadas pelo governo, os casamentos estão diminuindo e os divórcios aumentando em nosso país, de

modo a haver pelo menos um divórcio para cada sete casamentos. Houve um tempo em que um homem divorciado não poderia aspirar, neste país, a certos cargos publicos. e uma senhora divorciada era excluída da alta sociedade. Esse tempo passou e hoje é possível a um casal divorciar-se pelo mais ridículo pretexto, depois de uma residencia incrivelmente curta, em certos Estados. Essa desgraça está produzindo a desagregação da família e parece que decorre apenas da falta de religião fóra da Igreja Católica.

Ninguém pôde prevêr quais serão os resultados desse estado de coisas num futuro distante. Ha individuos que chegam mesmo a defender o casamento de experiencia, segundo o qual um homem e uma mulher fazem uma macaqueação de matrimónio, com a condição expressa de que o contrato não é permanente e, se não contentar os dois, poderá ser cancelado com uma simples declaração das partes. Que melhores palavras poderia eu empregar, como condenação do divórcio, do que estas em que lhe traço o quadro da miseria a que está chegando a sociedade não católica do meu país? Os «leaders» católicos brasileiros devem combater, com todas as energias, a introdução desse mal no Brasil. Se a grande republica sul-americana quer continuar o seu magnifico progresso, não se esqueça de fundá-lo na educação católica e na prática do ensinamento secular da nossa Igreja. Foi á sombra da cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo que o seu país chegou ao maravilhoso desenvolvimento de agora. E' preciso permanecer fiél a essa religião, que não é outra coisa senão a palavra de Deus, ensinada e conservada na terra pelo ministerio dos seus representantes».

Aos argumentos do sentimentalismo e ás conveniencias particulares a Igreja opõe a firmeza de sua doutrina e os princípios da moral eterna e invoca a felicidade da família, que o divórcio vem destruir. Mais ainda. O catolicismo defende e tutéla os direitos mais sagrados dos seres innocentes, que não devem responder pelas levandades de seus pais.

Propugnando pela indissolubilidade do matrimónio, a Igreja intenta salvaguardar um passado de honra e de pureza, velar em pról da continuidade sem solução

da vida familiar e quer assegurar a existencia, a educação e o futuro das gerações novas, que devem ser criadas á sombra do lar paterno.

Mais uma vez a religião católica demonstra seu amor aos fracos, aos pequenos e aos humildes.

Questão de honra

A prática do dever religioso ou a observancia de nossas obrigações para com Deus tem sido objeto das mais acuradas excogitações e dos mais profundos estudos por parte de filosofos e teologos.

Ninguem, de senso apurado e de reflexão atenta, poderá negar o dever que temos de prestar um culto interno e externo ao Creador Soberano.

Quanto a mim, neste particular, considerando esta questão pelo lado humano, puramente racional, julgo que o dever religioso é uma simples questão de honra.

O mundo costuma encarar a honorabilidade sob os mais diferentes aspetos, variando em extremo na applicação deste conceito.

Em geral se julga honrado o individuo que ocupa uma posição elevada, aparentando uma honestidade relativa; assim muito capitalista, que adquiriu fortuna ilícitamente, passa por homem de bem, enquanto o proletario honesto é despresado e não recebe as considerações da sociedade.

Muita virtude humilde e obscura passa desconhecida por este mundo, ao passo que muita miseria, acobertada com as apparencias de austeridade, recebe as homenagens mais indébitas.

Entre os vários conceitos de honra merece especial consideração o seguinte aforismo, tirado do direito romano: «dar a cada um o que de justiça lhe toca».

Aqui, portanto, a honra é condicionada á justiça distributiva, que manda entregar a cada um o que é seu.

Ora, se cada um é obrigado a satisfazer suas dívidas e restituir o alheio, entre nossos credores é

Deus certamente o maior, porque de sua onipotencia tudo recebemos.

O homem sem religião é o filho ingrato, que esquece seu pai; é o administrador fraudulento, que desfalca o patrimônio do amo; é o servo infiel, que néga ao senhor os serviços que lhe devia prestar.

Jesus Cristo compendiou a injustiça da vida nestas admiráveis palavras: «Dái a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar». Nisto se resume a plena execução da lei e a justificação de nossa existência.

Cicero dizia que o fundamento da piedade devia ser a *«justiça para com Deus»* e Seneca resumia a perfeição moral na *«reverencia á divindade»*.

Assim estes luminares do filosofismo pagão encararam o problema do dever religioso.

Tanto mais evidente é esta concepção da honrabilidade, quanto mais o homem encontra em sua existencia as mais veementes tendências para o mal e se sente batido pelas sollicitações de uma natureza decaída.

A ordem social é mantida e assegurada pela fôrça pública organizada; assim a ordem moral deve ser mantida por princípios indefetiveis e tais princípios só poderão ser assegurados por uma concepção firme do sentimento do dever, que possa legislar até sobre pensamentos e desejos, que escapam á alçada da justiça social.

E o grande Racine estava bem compenetrado desta verdade quando, escrevendo e aconselhando a seu filho que se esforçasse por ser um homem perfeito e honrado, acrescentava: «bem compreenderás que é impossivel sê-lo sem dar á Deus o que se lhe deve».

O sentimento religioso e o silêncio

Os espiritos fundamente observadores e que investigam o andamento moral e religioso da civilização não pôdem deixar de verificar com magua que declina, na generalidade dos homens modernos, o sentimento religioso. E por que?

Não ha negar que esta tendencia moderna, vulgo americanismo. a ânsia de conquistas materiais e a sêde ardente de agitação. que caracteriza a vida hodierna. são as causas mais fortes deste declínio da contemplação das causas e das preocupações transcendentais.

O homem moderno esquece que a fortuna não é exclusiva obra sua e que paira sobre as realidades materiais da existencia uma Providencia, que zela pelos nossos destinos.

Daqui ser prejudicada a fôrça oriunda da concentração de nossas faculdades internas.

Esquece-se hoje em dia que os homens que maiores traços têm impresso na história e mais fecundas obras têm realizado, foram pensadores, tipos silenciosos e dados á vida meditativa.

A contemplação é a análise introspectiva dos fatos e pela meditação a nossa inteligencia ascende ao conhecimento das verdades superiores, tanto na ordem dos conhecimentos científicos como na das certezas naturais.

O tributo emocional pago pela humanidade á natureza. o pasmo dos homens ante os cenarios variegados e polimorfos do universo, degenerou bem cêdo, nos alhores da história. numa religião naturista. no culto dos astros e dos elementos.

Só depois de arrancado da primeira estupefação foi que o homem procurou encontrar a verdadeira causa da natureza e depôs aos pés da divindade a homenagem de sua fé e o tributo do seu amor.

Foi esta a primeira luta, a primeira pugna do intelecto humano. na investigação da suprema realidade. e a meditação lhe serviu de processo experimental.

Daqui a necessidade de pensar, de locubrar em silêncio para todo aquele que quizer encontrar o sentido das coisas e produzir algo de duradouro e que atue sobre seus coevos.

De fato, é o silêncio a geratriz das energias espirituais e só quando nos desvencilhamos das idéas e preconceitos dos que nos cercam é que exercemos plenamente a faculdade de pensar.

A dôr é o melhor cadinho do pensamento humano,

é o filtro por onde se côm as imperfeições de nossa intelligencia.

Ha duas variedades de dôr: uma rebelde puramente fisica, obstinada e insubmissa, que mata a alma e seca as fontes de energia; outra, humilde, resignada e pensativa, cuja sensibilidade fisiológica depura e enaltece a sensibilidade psicologica, e eleva o espírito ás regiões luminosas da beatitude infinita.

E' a dôr espiritualizada.

E' a dôr cristã na sua plenitude vivificante e redentora, em todos os seus efeitos benfazejos. nas realidades positivas da existencia.

A dôr é a escola da vida, é a mestra da fé. E' éla que no silêncio da consciencia proclama os dogmas infalíveis da vida moral e dá o sinál de alarme para despertar o sentimento do sobrenatural e colocar os ditâmes da réta razão em face do gôzo falaz e da existencia precaria.

Meditar é antepôr ás miserias da existencia as supremas realidades do sofrimento.

E para meditar é preciso o silêncio, a tranquillidade da alma, que se encerra dentro do seu envolucro material para se entregar por completo á análise dos fatos psicologicos e estudar as leis da Providencia nos acontecimentos.

Hoje o bulício da vida moderna e a agitação estonteante do industrialismo tudo perturbam; a falta de observação, a ausencia de pensamentos sérios e a versatilidade banal da época contemporanea são causa dos maiores desvarios dos homens e dos mais funestos erros na arte de pensar.

O Paraiso da Incarnação

Volviendo as páginas do poema bíblico da criação do mundo, vemos uma gradação constante na obra divina. Deus, parece, seguiu um verdadeiro traçado, obedecendo á ordem de uma perfaição sempre crescente.

A gênese do universo vái marchando da materia

inorganica, do cáos confuso, da nebulosa imensa, para os sêres organizados, os reinos da natureza, os continentes terráqueos; dos corpos brutos passa para os entes vivos; dos sensitivos chega ao racional.

No princípio, a morte, a inanidade, o vácuo; depois vão se sucedendo as épocas geológicas nas etapas do aparecimento da vida sobre a terra.

Afundam-se os vales; sobranceiam as montanhas; enquanto que os peixes sulcam as aguas, as aves enchem os ares com seus amenos trinados e os animais povoam a terra.

Quando o palacio da natureza se achava condignamente adornado com as galas da creação, Deus chamou o homem, a obra prima, o rei do mundo visível.

Engalanada a terra, era preciso fazer vir ao festim da creação o soberano para o qual havia sido preparado tão magnifico palacio.

Assim foi no mundo fisico, na ordem natural.

Na ordem sobrenatural, no mundo do espirito, devia haver uma preparação ainda maior, para assinalar o advento do novo Adão, creado segundo Deus, na justiça e na santidade da verdade — Jesus Cristo.

Tornava indispensavel preparar um novo horto, um jardim de graças, onde se realizasse o prodígio da Incarnação do Verbo Eterno.

Efetivamente. Ha um paraíso da Incarnação — Maria, a Imaculada.

A dignidade excelsa da segunda pessoa da S. S. Trindade exigia não sómente um paraíso ameno e um jardim fértil, mas um templo vivo, um habitáculo de graças e misterios.

Eis o fundamento e a base das grandezas da Virgem Maria.

*
* *
*

Uma vez, nos primórdios da espécie humana, Deus, passeando pelo jardim terrestre, procurou o homem — sua imagem e semelhança. Não o encontrou e exclamou: «Adão, onde estás?»

E o homem não respondeu. Teve vergonha e teve medo; havia prevaricado.

Deus verberou o culpado e marcou-o com o sinete da ignominia. O homem desceu de sua dignidade real; os privilégios da raça humana foram cancelados... os seus descendentes nasceriam feridos de morte, privados da nobreza e esbulhados das mercês divinas.

Daqui o lamento do Proféta-Rei: «Eis que fui gerado na iniquidade e minha mãe me concebeu no pecado».

Esta lei tremenda, esta maldição fulminante devia sofrer uma exceção. A graça divina devia sustentar a tempestade sinistra que ameaçava o berço dos filhos de Eva.

Várias passagens das Escrituras falam da grandiosa elevação de Maria, ora na eloquência poetica dos símbolos, ora nos vaticínios manifestos dos profétas.

A sarça, que Moisés viu no deserto, ardente e sempre vivaz, não representa a maternidade virginal de Maria?

A vara de Aarão, que floresceu na Arca, não representa a solidão, onde Maria recebeu a embaixada do Altíssimo?

A Arca da Aliança, guardando as taboas da Lei, não simboliza Maria, abrigando em suas castas entranhas ao Verbo de Deus?

As heroínas de Israel oferecem outras tantas imagens de Maria.

Debora, a corajosa; Judit, a libertadora de Betúlia; Ester, que apaziguou as cóleras do Assuêro, são precursoras de Maria, que, achando graça junto do Onipotente, preparou a redenção da humanidade.

As páginas mais belas e mais encantadoras da Bíblia são aquelas em que, mais nitidamente, se estampa o perfil da Virgem Santa.

Os salmos decantam a gloriosa cidade de Deus, o templo do Senhor.

A Esposa dos Cantares, nos seus castos amores, representa Maria arrebatada pelo Espírito Santo.

A sabedoria que presidiu á obra da criação sustentou o mundo nos seus fundamentos, equilibrou as nuvens sobre os abismos e impôs ao mar os seus limites — eis mais outra figura da Mãe de Deus.

Aos simbolos e ás figuras do Antigo Testamento a razão teologica ajunta, em favor da Conceição Imaculada, as mais poderosas conveniencias, que não poderiam escapar aos designios da augustissima Trindade.

O Verbo, que Deus havia gerado, na eternidade, devia ser concebido, no tempo, por uma mulher. O Pai Celeste, incorrutivel e tres vezes santo; a Mãe, sujeita ao pecado, filha da iniquidade...

Contra esta hipótese se levantam a sabedoria e a santidade infinitas.

Ademais, o fim da redenção era arrancar os filhos de Eva á servidão de Lucifer. Como, porém, este intuito seria plenamente colimado se *Aquela que devia esmagar a cabeça* do dragão infernal houvesse sido escrava dele?

Se a qualquer mortal fôra dado escolher a autora dos seus dias, certamente, este preferiria ser filho de uma rainha antes que de uma escrava. Ora, o que não é possivel a nós, o Filho de Deus o pôde fazer. Logo, o Verbo não quererá que sua Mãe soffresse o jugo do pecado.

A Esposa mística do Espirito Santo não pôde pertencer senão, exclusivamente, a Ele. O Paráclito, ao descer sobre a virgem de suas predileções, não deveria encontrar mácula alguma, nenhuma quebra em sua pureza. Do contrário, as coortes angelicas não queriam reconhecer a soberania de uma creatura concebida no pecado e gerada na iniquidade.

A Filha dileta de Deus Pai, a Mãe admiravel de Deus Filho, a Esposa castissima de Deus Espirito Santo — o templo e sacrario da Santíssima Trindade — devia ser immaculado, purissimo.

Assim entendeu e julgou a Igreja, através dos seculos.

Cada época, cada periodo da história eclesiastica regista mais um brilhante, mais uma esmeralda, mais um florão engastados na corôa das glorias de Maria Santissima. Os Apostolos, os santos padres, os doutores, os controversistas e os teólogos, todos os que representam o magisterio infalivel do catolicismo, procuraram

sempre descobrir mais um título de glória devido a tão sublime creatura.

Completando esta série de triunfos, Pio IX, a 8 de dezembro de 1854, na Cidade Eterna, perante a colenda assembléa universal, definiu:

«E' artigo de fé que a B. V. Maria, por especial graça e privilegio de Deus, em virtude dos meritos de Cristo Redentor do genero humano, foi, desde o primeiro instante de sua concepção, santa e preservada de toda mancha do pecado original».

Operario e santo

Remontando a longa escala dos seculos, encontramos, em todas as épocas, a luta tremenda entre a petulancia esmagadora dos preconceitos sociais, que julgam entes inferiores os seres condenados ao trabalho, e a reação mais ou menos energica, mais ou menos coêsa, da raça dos vilipendiados e oprimidos.

E' da essencia do espírito pagão o desprezo pela massa imensa de homens suarentos e rudes, entregues a trabalhos exhaustivos, mourejando, de sol a sol, á conquista do pão quotidiano, para manutenção dos seus.

Esta atitude injusta da sociedade, esta desigualdade tremenda entre as classes tem sido a razão das mais cruentas revoltas e das lutas mais ferozes. Que o diga o percurso da história, nas revoltas dos escravos, na antiguidade, nas grèves e reivindicações do proletariado em nossos dias.

Jesus Cristo, o legislador supremo, veio á terra prégar o amor entre os homens e a justiça entre as classes sociais; os seus apêlos, no entanto, não foram ouvidos; a fôrça e a violencia, nos paroxismos das revoltas, intentam colocar as coisas em sua ordem lógica e equitativa.

Imperasse entre os homens a ordem implantada pelo Evangelho, e já não seria necessário que o operario empunhasse as armas fratricidas ou arremessasse explosivos para vêr reconhecidos os seus direitos civis e respeitada a sua dignidade de cidadão.

Objetará alguém: o trabalho é o estigma da maldição divina; é um castigo imposto por Deus justo aos prevaricadores; logo, os que lhe estão sujeitos não são dignos de honra nem de respeito.

Ironia de sofistas.

Esta seria a negrura da verdade, se Deus não houvesse plenamente decretado a dignificação do operário pela santificação do trabalho.

A epopéa do engrandecimento moral dos pobres e humildes está escrita em caracteres indeleveis, no Novo Testamento, na figura meiga e sublime de São José, o carpinteiro de Nazaré, o pai do Filho de Deus.

Hoje, que filântropos e sociólogos engendram títulos de benemerencia entre as classes proletárias, no mesquinho intuito de explorá-las, lisonjeando-lhes as paixões, cala-se, sobrepticamente, o nome do grande obreiro da estirpe de David.

Tremúla ovante, ás brisas revolucionarias, o estandarte rubro da paganização social. Da Russia nos chegam os écos terríveis de uma catástrofe sem nome, nos clarões sinistros dos seus incendios e nas ondas vermelhas e quentes do sangue derramado...

Estão lançados os dados e começa o desafio entre Cristo que afirmou: «Eu venci o mundo», e o mundo que lhe recusa submissão e homenagem.

Depois destas experiencias cruéis e destes desenganos de sonhos utópicos, a humanidade ha de voltar á razão, ha de recolher as lições duras das provações que a si mesma preparára. Então os princípios cristãos, as maximas evangelicas, fulgirão em pleno brilho nas sociedades redimidas de seus êrros e libertas de seus preconceitos.

Desfeita a miragem de uma humanidade feliz, sem Deus, sem fé e sem amor, os imaginários triunfos do egoismo esteril e aniquilador, será necessario que o homem volte ás promessas que não falham, aos princípios que não vacilam nem perecem.

Será o triunfo do Evangelho; será o conagraçamento, na justiça, da grande familia humana, sob a égide da caridade...

Caminhos da santidade

Frequentemente ouvimos dizer que a Igreja se acha em plena decadência e que o seu vigor e sua eficiência encontram-se esgotados. É esta uma das afirmações gratuitas e infundadas, que, graças á repetição quasi constante, adquiriram fóros de verdade e, hoje, até mesmo alguns católicos dizem com tristeza, mais aparente que sincera, que o tempo dos santos já passou e que a perfeição cristã e a heroicidade da virtude já pertencem ás éras preteritas.

Quem tal sustenta e enuncia semelhante opinião ignora a veracidade dos fatos e desconhece a realidade do que acontece dentro das fronteiras de nossa religião. São pessimistas incorrigíveis, que julgam segundo uma visão turvada, que não alcança nem póde vislumbrar os luminares de santificação pessoal, que o catolicismo apresentou e apresentará em todos os tempos, no seio de todos os povos, dentro de todas as categorias sociais. Olhos perturbados pela estonteação materialista da época em que vivemos, fixam-se demasiadamente nas coisas temporais e no mundo exterior, de modo que não conseguem ultrapassar as realidades terrenas, atingindo as cumiadas do mundo moral e ascendendo ás elevações da alta espiritualidade.

A reação pacífica, porém energética, que os princípios morais e os elementos doutrinários oferecem á decadência social dos nossos tempos, procede do poder vivificador e salvífico que se irradia do cristianismo.

Alguns ha que, deante da onda avassaladora dos crimes e das fraquezas da sociedade coéva, proclamam a falencia da religião católica, após vinte seculos de luta contra o mal. Esses, coitados, julgam improficuo e inutil o cristianismo, porque, hoje em dia, a humanidade inteira não se converteu á prática dos conselhos evangelicos... Não olham para o que seria da humanidade se o Evangelho não houvesse operado a regeneração do mundo antigo e preservado da corrupção geral os

elementos são da nossa espécie. A sua visão defeituosa mostra-lhes apenas o que, por hipótese, deveria e poderia ter sido realizado.

*
* *
*

Vinte séculos de existência não extinguiram as fontes da santidade e não esgotaram as energias espirituais da Igreja. Hoje, como no passado, amanhã como nos tempos vindouros, o catolicismo continuará a recolher novas e viçosas flôres de perfeição, a despeito da fragilidade da carne, dos assaltos dos demônios e do pessimismo dos homens.

Uma onda de tristeza e de amargura nos invade a alma á consideração da decadência geral dos costumes. Parece que tudo, no mundo, caminha para ruína moral completa. A família sente-se minada em suas bases mais sagradas: a indissolubilidade da união dos conjuges.

A infância e a mocidade são arrancadas, por assim dizer, aos braços da Igreja, por via do laicismo escolar. A liberdade das modas, a pornografia das publicações, a licença dos divertimentos públicos e o enfraquecimento dos princípios de honestidade abrem caminho largo á perversão da sociedade moderna.

Para fazer frente a tudo isso, necessario se torna possuir uma fibra assás resistente, um carater bastante firme, uma coragem a toda prova.

Na éra dos mártires, a santidade era, talvez, mais facil que em nossos dias. Então quasi não havia meio termo: a covarde apostasia dos que sacrificavam aos idolos ou a coragem indómita dos heróis, degolados pelos carrascos ou triturados nas mandíbulas das feras.

Defrontavam-se dois horrores: o horror dos supplicios e o horror da idolatria.

Hoje o mal reveste modalidades mais brandas e a apostasia aparece disfarçada e atraente... em lugar dos grãos de incenso a queimar ante os falsos deuses, ha ternos afetos, afeições ilícitas, interesses pecuniarios, prazeres dos sentidos... a vencer, a dominar, a sacrificar. Isso todos os dias e o dia todo.

Dáí a necessidade de graças muito especiais e muito constantes aos católicos de nossa época. Uma vez que a Igreja não transige em seus princípios nem modifica sua moral ao sabôr dos interesses mundanos.

O elenco dos dogmas e a taboa dos mandamentos permanecem, substancialmente, os mesmos, através dos tempos, dentro da sucessão dos imperios.

Apenas a religião sabe adatar-se ás condições sociais do meio em que vivem os fiéis, demonstrando que a observancia da moral cristã não constitue privilegio de nenhuma raça nem de nenhuma época.

Santa Teresinha oferece disso exemplo perfeito e atestado perene.

Podemos dizer que éla vulgarizou, de certo modo, a santidade. Não que houvesse inventado ou descoberto uma *santidade moderna*, ou um atalho na *via crucis*, mas porque veio demonstrar, com o seu exemplo e a sua vida, que a santidade está ao alcance de todas as almas de boa vontade, que amam sinceramente a Jesus Cristo.

*
* *
*

O espírito do mundo e a frivolidade do seculo têm procurado deformar a fisionomia de Santa Teresinha.

Para certa gente, a carmelita de Lisieux não passa de uma flôr mimosa, tenra e delicada, dos jardins da agiografia; uma freirinha cercada de rosas; uma santa amiga das mocinhas, cheias de sentimentalismos piegas. Desfiguram por completo a existencia terrena de uma creatura que teve uma vida de intensa operosidade e perfeita compreensão da época atual.

Essa idéa falsa não subsiste ao estudo aprofundado da vida íntima da santa carmelita. Os escritos de Santa Teresinha e os fatos de sua vida terrena têm sofrido análise minuciosa e pormenorizada, de modo que todos os aspétos de sua existencia constituem objéto de particular atenção. E tudo isso, longe de diminuir ou de empalidecer a glória e a santidade de Teresinha, concorre apenas para refulgir a heroicidade de sua virtude.

O traço característico da vida de Santa Teresinha é a simplicidade com que agia sempre, em todas as circunstâncias.

Habituamo-nos a considerar os santos umas criaturas diferentes de nós; seres como que segregados da matéria e elevados acima da natureza humana. É Santa Teresinha nos mostra que os aspétos exteriores e brilhantes da santidade não constituem elemento essencial ao heroísmo da virtude. Desse modo encontramos como caracteres negativos da santidade da celebre carmelita os traços seguintes: ausencia de mortificações violentas e estranhas á regra monastica, de método rigoroso de meditação, de graças extraordinarias e frequentes e de obras múltiplas.

As antinomias positivas de sua santidade consistem na simplicidade e na prudencia, isto é, o dom da sabedoria; na pequenez e na grandeza, que formam o dom da fôrça; e, finalmente, na alegria íntima no sofrimento, caracteristica do dom do amor.

Assim o padre H. Petitot, O. P., nos traça a fisionomia de S. Teresinha, no livro *Um renascimento espiritual*, obra de profundo estudo e de severa crítica da doutrina da infancia espiritual.

A' luz desses e de outros eruditos e pesquisadores estudos resplandece o fulgor e aumenta o brilho da virtude heroica de que nos deixou exemplo a carmelita de Lisieux, que não se contentou só em santificar-se, mas deixou, em sua autobiografia, as lições completas da santificação.

Nesta época de especializações e de indagações, Santa Teresinha desvendou os horizontes da santidade ás almas pequeninas e simples e encerrou em breves páginas uma doutrina espiritual, que já se afirma plena de resultados eficientes.

Daqui haver quem trabalhe afim de que S. Teresinha seja declarada doutora da infancia espiritual.

Já em 1921, S. S. Bento XV proclamára a grandeza da humilde religiosa e a sublimidade de sua doutrina nessas palavras:

«Teresa, discipula de uma Ordem religiosa na qual a glória dos doutores é o apanagio no sexo fraco, éla não teve, é verdade, grandes estudos, mas teve por si tanta ciencia que soube indicar aos outros o caminho da salvação».

Aí está o segredo da rápida propagação e o grande incremento do culto público e particular á grande santa dos nossos dias.

Uma alma infantil

A Igreja, mui sabiamente, reservou-se a si mesma o pronunciar-se em última instancia, sôbre as virtudes de seus filhos e proclamar os nomes dos seres privilegiados da graça, que merecem receber, nos templos, o culto público do povo.

Essa medida revela suma prudencia, que sómente poderá desconhecer quem ignora a falencia dos juizos humanos. A rigorosa análise da vida dos santos, procedida por um tribunal adequado, visa colocar a descoberto as fragilidades humanas e a atuação da graça e medir, por assim dizer, o grau de heroísmo que se verifica no decurso da existencia de determinada pessoa.

Desse modo ficam afastados os enganos procedentes da piedade individual e não ha lugar para abusos e intromissões indébitas de particulares na proclamação dos novos escritos no catalogo dos santos.

O longo e cuidadosissimo processo de verificação das virtudes e boas obras dos servos de Deus constitue um dos titulos de glória da Igreja, que, por esse modo, evita exagêros e fanatismos da parte dos simples fiéis e ao mesmo tempo revela uma imparcialidade absoluta em tão delicada materia.

Antes, porém, que os órgãos competentes proclamem a heroicidade das virtudes de alguém, a piedade do povo cristão póde testemunhar honras e prestar

certa devoção a quantos, na terra, se distinguiram por uma vida toda de sacrificios e de renunciás, no intuito da maior gloria de Deus. E' esse um trabalho preparatorio e que abre caminho á sentença definitiva de Roma. A Igreja sómente não permite que alguém lhe antecipe os juizos e introduza novas devoções. o que só ha lugar pelos processos de beatificação e de canonização.

A beatificação consiste no ato pelo qual o Santo Padre inscreve um servo de Deus no catalogo dos bem-aventurados, depois de rigoroso processo sobre a heroidade de suas virtudes e depois de provados indubitavelmente dois milagres operados pela intercessão do mesmo. E' um indulto que permite uma veneração restrita no modo e limitada a certo lugar ou a certa comunidade. Não importa em uma sentença infalível.

A canonização é o complemento da beatificação e consiste no ato pelo qual o Sumo Pontífice, em virtude de seu magisterio infalível, coloca, irrevogavelmente, no canon dos santos, um beato, reinante, com Deus, na gloria celeste. Isso depois de longo e rigoroso processo.

Nos primeiros tempos do cristianismo, a veneração dos santos não dependia de formal canonização. Tributavam-se honras liturgicas aos mártires da fé e, desde o seculo IV, também aos confessores, que, no sentir geral, eram heróis da virtude. Seculos depois a canonização pertencia aos bispos diocesanos, mas, a partir da segunda metade do seculo XII, o Papa Alexandre declarou esse ato reservado ao Sumo Pontífice.

Levou-nos a recordar essas noções a figura de Guido de Fontgalland, cujo processo de beatificação foi iniciado em Paris, por determinação de S. Emcia. o Cardial Verdier.

E' um rebento de antiga e aristocratica estirpe da França, os condes de Fontgalland.

Veiu ao mundo em Paris, a 30 de novembro de 1913, e a 7 de dezembro do mesmo ano foi levado á pia batismal.

A condessa de Fontgalland, em *Une âme d'enfant*, resumiu, em traços firmes e linhas concisas, os fatos

mais importantes da vida de seu querido filho. As edições francêsas dessa brochura já alcançaram 77 milheiros de exemplares e estão publicadas traduções em inglês, alemão, italiano, espanhol, checoslavo e russo. Testemunho esse mais do que eloquente da atenção que o pequeno Guido despertou no mundo inteiro. Varios livros foram publicados sobre a personalidade de Guido e periodicos existem que só dele se ocupam.

Custa crêr que, em meio do materialismo envolvente dos nossos dias, das agitações politicas e das reivindicações da hora atual, uma criança consiga despertar universal interêsse. Só uma intervenção extraterrena pôde explicar tal coisa.

E' que o pequeno amigo de Jesus foi uma dessas almas de escól, que sabem corresponder ás graças divinas e fazem render os talentos sobrenaturais, correspondendo aos designios da Providencia.

Ainda muito creança, demonstrava particular amor a Jesus, a Maria Santissima e ao Santo Padre. Pela manhã e á noite recitava as tres Ave Marias, a santa prática de piedade, que S. Leonardo de Porto Mauricio tanto recomendava.

Aos sete anos de idade, com especial devoção, recebeu, pela primeira vez, a Jesus Hostia. Preparou-se para esse ato augusto com especial piedade e muitos e numerosos sacrificios.

No domingo da S. S. Trindade, 22, de maio de 1921, em S. Honoré d'Eylau, rodeado dos principais membros de sua familia, o pequeno Guido comungou pela primeira vez.

Em santos transportes acolheu em seu peito a Jesus, que lhe fez sentir claramente que seria breve a sua estadía neste vale de lagrimas. Teve de Jesus a promessa: «Virei breve buscar-te».

A partir dessa época começou a fazer rapidos e sólidos progressos na virtude, particularmente na pureza, na doçura e na simplicidade. Tambem demonstrava particular atenção ao estudo, no intuito de fazer-se padre, um dia. Procurava ser um apóstolo da sagrada comunhão.

Em julho de 1924, os condes de Fontgalland levaram a Lourdes o pequeno Guido, que, na milagrosa gruta, deu expansão aos sentimentos de sua piedade filial para com a Virgem Maria. Aí a Mamãe do Céu lhe afirmou que «havia de morrer em sabado e que iria direitinho para o Céu».

«Desde a volta de Lourdes, escreve a autora de *Une âme d'enfant*, Guy tornou-se mais piedoso... rezando todas as noites uma parte do terço, falando mais vezes de Nossa Senhora. Pôs êle mesmo uma gravura da Gruta na cabeceira da cama; mudou de lugar, colocando em cima da escrivaninha uma Nossa Senhora, «para vê-la melhor». No campo, viam-no, muitas vezes ao dia, recolher-se; levava flôres para uma estatueta de Nossa Senhora».

Pela oração, pelos seus pequenos e constantes sacrificios, por mais escrupuloso desempenho dos deveres quotidianos, o angelico menino preparou-se para a ultima enfermidade, que devia libertar das prisões da materia aquela alma privilegiada.

Entre a acerbidade das dôres, o pequeno amigo de Jesus dizia que os tres medicos assistentes e uma enfermeira diplomada não eram capazes de lhe conseguir algum alívio, e exclamava: «só Deus é o verdadeiro medico, mas Ele não quer me curar, porque me quer para si!» Era a preciencia dos intuitos da Providencia sôbre sua pessôa.

Quanto haja sofrido Guido, podemos avaliar pelo que declarou o especialista, que estava á cabeceira do angelico menino:

«Já tratei de muitas creanças... mas nunca vi uma só que, sofrendo tanto, respondesse com esta calma, esta lucidez... Que coragem deante da morte e que exemplo dá este menino de 11 anos!...»

Morreu em Paris, como havia predito, em um sabado, 24 de janeiro de 1925. Logo após a morte, Jesus começou a glorificar «seu anjo», concedendo por intercessão do mesmo um sem numero de graças, que atraíram para Guido as vistas do mundo católico.

O Feminismo

Entre as graves e sérias preocupações da humanidade, na hora presente, é o feminismo uma das mais importantes.

As agitações políticas e as dificuldades economicas têm introduzido alterações radicais na vida contemporanea. De certo, entre estas se acha a questão da igualdade de sexo perante o direito.

Duas soluções são apresentadas, ou melhor, dois feminismos são propostos: um bom, genuinamente cristão, e outro, máu, anarquico, revolucionario.

Este ultimo, que tem seu expoente no sufragio dinamiteiro e no bolchevismo de amor livre, propugna pela *emancipação da mulher*, emancipação, sim, de todos os direitos e deveres, que constituem o mais belo apanagio do sexo fragil. E' claro que a Igreja não póde perfiilhar semelhante doutrina.

O direito humano e o divino, promulgados pelo cristianismo, não estabelecem distincão essencial entre o homem e a mulher em tudo que diz respeito ás obrigações e aos privilegios. A natureza, porém, assignala a cada sexo condições peculiares e um lugar determinado na sociedade.

O homem é forte e inteligente, apto para vencer as dificuldades da vida; a mulher é afetiva e fraca, predomina pelas fôrças do coração, impera pela ternura e pelas lagrimas.

No decurso da história, a mulher aparece como a vítima mais sacrificada a todo o genero de injustiça e só no cristianismo encontra sua reabilitação. Nesta religião dos oprimidos é que a mulher aparece com a dúplice auréola de virgem-mãe de um Deus-Homem.

E' a soberana e o ornamento do lar, como mãe, esposa e filha. Está aí o seu trono e o seu reinado.

Só esta religião soube colocar a mulher no seu lugar devido, por isso logrou efetivar a reforma social.

Platão, em sua Republica, fala de uma sociedade de homens de corações mais duros que penhascos, porque não haviam recebido os carinhos maternos. E um escritor moderno, nada suspeito de clericalismo, diz estas palavras: «As mulheres resolverão o grande problema da humanidade; hão de resolvê-lo na qualidade de mãe: na maternidade está a beleza de sua tarefa, e graças tão sómente á maternidade é que conseguirão vencer».

A politica, a grande inimiga da paz interna, não póde oferecer muitas vantagens á mulher; concorrerá para o esquecimento dos seus deveres e obrigações domésticas, para cuidar dos interêsses partidarios e será um elemento de discórdias familiares quando os esposos forem de opiniões diversas e militarem em campos opostos.

Resta ainda pôr á experiencia o eleitorado feminino e a eficiencia politica da mulher, o que, aliás, é contestado por Christobal Pankhurst, grande sufragista inglesa.

No entanto, a Igreja não condena a intervenção politica da mulher e não véda que lhe seja concedido o direito de voto, desde que esteja habilitada para se desempenhar deste dever: o voto ser-lhe-á uma obrigação indeclinavel no dia em que o sufragio feminino fôr uma realidade e estiverem em jogo os princípios basicos da família e da sociedade.

As exigencias da vida moderna e a fôrça das circunstancias têm introduzido modificações profundas no mecanismo social e entre estas figura a contingencia de grande número de mulheres serem obrigadas a ganhar o pão com o proprio trabalho, tornando-se o amparo de suas famílias.

No Brasil, é cedo demais para se resolver o problema feminista; basta que demos ás nossas patricias uma formação sólida do carater e aprimorada cultura intelectual e assim preparemos a mulher brasileira para o cabal desempenho de seus deveres para com a religião e a patria.

O cristianismo e a mulher

Hoje, que certos espíritos demolidores tentam aluir a pedra basilar da monogamia cristã, apôio de nossa nacionalidade, não será fóra de proposito relembrar o muito que a mulher deve ao estado social que lhe conferiu o Evangelho.

Deixados de parte os povos barbaros, que reduziam a mulher á condição de escrava e serva do homem, entre os helenicos e os romanos nós encontramos uma concepção muito mesquinha da grandeza e da dignidade do sexo que chamam fraco. A vida escandalosa de Solon e as doutrinas de Platão bem mostram o mais claro desrespeito pela mulher.

Cristo veio implantar nova ordem de coisas. A criação e a redenção apresentam uma perfeita antítese paralela. que Bossuet desenvolve magistralmente nas suas elevações sobre os misterios.

Se a ruina do genero humano se originou da primeira mulher, a reparação procedeu da aceitação de Maria á embaixada de um anjo; ambas tiveram seu mensageiro: uma de trevas, outra de luz. Uma nos deu o fruto da morte, a outra nos concede a arvore da vida, plantada no Calvario. para resgate do universo. Em Eva teve comêço a perda da humanidade; de Maria nasceu o Cristo, que tudo veio reparar.

E assim a elevação dos dois sexos foi completa: o homem foi sublimado pela hipostáse com o Verbo: a mulher ascendeu á dignidade de Mãe de Deus, conservando-se virgem e sempre pura.

Destas idéas grandiosas, na ordem da intelligencia e da graça, nasceu a rehabilitação da mulher, na ordem social e moral.

O primeiro passo a avançar foi o embasamento da sociedade na indissolubilidade do vínculo conjugal, que a Igreja tem sustentado e mantido, a despeito de pedidos, ameaças, opressões e apostasias, sem número e sem conta.

O protestantismo atentou contra a disciplina ecclesiastica sôbre o matrimónio, mas não logrou triunfar,

porque muitos seculos de fé haviam consolidado a doutrina católica no coração dos povos da Europa.

E' ao catolicismo que se deve o pedestal de tríplice grandeza sôbre que assenta a mulher: mãe, esposa e filha; sempre na missão de educadora, no seculo ou no estado religioso.

Mãe terna, esposa querida, filha adorada, sob todas as fórmãs, ela desempenha o ministerio da caridade; são-lhe confiados os pobres, os fracos, os enfermos, os pequenos, os ignorantes; não é só a soberana do lar, é tambem a dominadora no reino da dôr e do sofrimento.

«A outros, diz um escritor, a dedicação do alto ensino; a ela o devotamento do socôrro. A outros, a honra de representar Jesus Cristo pela espada da palavra; a ela o de levar Jesus Cristo ás almas pelo bálsamo da compaixão, do carinho, do sacrificio, pela espada do amor».

Proclamam alguns, no entanto, que o divórcio é a porta aberta do reinado do coração, é a liberdade do amor, o corretivo dos casamentos infelizes, e estas palavras malvadas, através das folhas volantes da imprensa, vão ecoar nos lares desgraçados...

Não. Não é assim. Há o recurso da separação, quando se torne impossivel a vida em família.

O divórcio é a mascara hipócrita de todos os egoismos do homem: ciúme, desconfiança, indiferença, desprezo, caprichos e volubilidade do coração.

As leis humanas não pôdem desatar laços dados por Deus...

Do bom feminismo

Paul Combes, o célebre político e ex-ministro de estado francês, que tanto se tem notabilizado pelo seu sectarismo radical, escreveu estas palavras: «Toda mãe que, em vez de fazer de suas filhas donas de casa, faz princesinhas alambicadas, inúteis bonéças, torua-se ré de um crime contra a família e contra a sociedade.

Em vão teriam trinta criados ás suas ordens, porque suas filhas tornar-se-iam unidades sociais inferiores aos criados».

Estas severas palavras merecem consideração especial e devem ser objeto de estudo por todos os que são responsáveis pela família, que é a base exclusiva da nacionalidade.

Sem educação completa não haverá bons filhos, sem estes não existirá uma sociedade firme, que é a pedra angular da patria unida.

Entre nós já se tem feito algo em proveito dos moços, oferecendo-se-lhes estabelecimentos de ensino secundario.

No que respeita, porém, ao sexo feminino, é mistér uma orientação prática, isto é, as filhas-famílias devem não só receber a educação civil e doméstica, que as torne o encanto e a alegria do lar e o ornamento da sociedade, mas também é-lhes indispensavel um certo preparo tecnico e científico, que lhes dê as habilitações necessarias á luta pela vida, tornando-as unidades produtivas.

E' um capital posto a juros o que é aplicado na educação dos filhos, porque, em dado momento, ha de redundar em beneficio da coletividade familiar. Se, porém, não chegar esta contingencia angustiosa, a ciencia adquirida será sempre de utilidade, seja pela satisfação íntima que produz, seja pelo realce social que dá ao seu portador.

A instrução é sempre nobre, porque prepara o indivíduo para uma existencia proveitosa, amenizada pelo cultivo da mais bela faculdade da alma — a intelligencia.

Cumpre não esquecer que o nosso país, no tocante á instrução superior feminina, muito deve á benemerencia das ordens e congregações religiosas, que mantêm, ás mais das vezes com ingentes esforços, estabelecimentos de ensino, como sejam escolas normais e cursos de commercio, além do preparo tecnico em trabalhos manuais e artisticos, que ministram ás suas educandas.

Estas casas, que observam á risca os programas officiaes, são credoras da preferencia dos católicos e do apoio financeiro do governo, que deve ser o primeiro interessado em assuntos de instrução.

A educação da mulher

Entre os problemas sociais que exigem solução pronta e segura avulta o feminista, isto é, a educação e os direitos da mulher.

Com o cristianismo veiu ao mundo a epopéa e o triunfo da mulher, que, na heroicidade do martírio e nas vitórias das armas, venceu a crueldade dos algôzes.

Não mais as damas frivolas de Roma, mas sim a heroína cristã, a martir.

Virgem, devotada ao Altissimo, no recesso dos santuarios; filha, irmã, mãe ou esposa, enlevo ou soberana do lar — eis a nova condição da mulher.

Na sociedade antiga, os serviços domesticos, os trabalhos manuais e alguma leitura absorviam utilmente o tempo da mulher; nos tempos modernos, com o desenvolvimento de certas indústrias, sobretudo da fiação e tecelagem, tornou-se impossivel á mulher atender a todas as necessidades domesticas, como dantes. Daqui uma inteira transformação nos seus habitos e occupações, resultando a necessidade de afazeres domesticos, que evitem o tédio e o aborrecimento.

A igualdade de sexos perante a lei e o direito, tal como foi propugnada pela Revolução francesa, contraria o espirito cristão e a propria lei natural, porquanto á capacidade, inclinações e sentimentos marcam limites intransponiveis aos sexos.

Na mulher impéra o coração e a intensidade de afétos; tímida, compassiva, meiga e benigna, mas geralmente inconstante, suscetivel e irritadiça, é-lhe exigência natural o confôrto do lar. O homem é forte de compleição; resiste aos árduos esforços do trabalho, no campo, sob as ardencias do sol e nos subterraneos das minas.

Fisicamente, a mulher precisa de amparo e auxílio, que a proteja, sustente e providencie sôbre a sua subsistência.

Esta condição, porém, não a avilta e humilha, porquanto é uma disposição da Providencia, segundo as Sagradas Escrituras.

Com razão dizia Goethe: «A mulher aprenda a servir em tempo e segundo a sua vocação, porque é servindo que chegará a reinar».

Mas esta condição exige uma formação educacional acomodada ás exigencias dos nossos dias.

Ha necessidade absoluta de uma educação verdadeiramente domestica, que prepare a joven para o governo da casa, na qualidade de mãe de família.

A cultura intelectual feminina deve ser de molde a subsidiar, mais tarde, a missão de educadora da família. Sem este carater práctico, a mesma educação poderá causar grandes desgostos e prejuizos, fazendo esbanjadoras dos haveres, em gastos de luxo, e desperdiçadoras do tempo, em futilidades.

A educação deve ainda incluir algo de útil, que habilite a mulher a provêr á subsistencia propria e até dos seus, em caso imprevisto de perda dos bens ou morte dos seus pais ou protetores.

A grande questão, porém, é a formação do coração, a educação dos sentimentos.

A família é a pedra angular da sociedade; do bem-estar da família advém a tranquillidade dos povos; a mulher é a soberana da família, portanto, cumpre educá-la em moldes a salvar os destinos da sociedade.

Só o cristianismo dignifica a mulher que sofre, a mulher que se sacrifica, a mulher que vence na luta da existencia.

O coração da mulher quasi foi feito para devotar-se e sofrer: na juventude, sofre pelos seus ideais, pelas suas aspirações incontidas de felicidade; mais tarde, sofre pelas incertezas do futuro, que se lhe depara; mais tarde ainda, chóra as esperanças desfeitas ou sente o coração trêmulo de perder a felicidade alcançada.

As miserias da sociedade e as lagrimas dos infelizes fazem ainda vibrar as cordas do coração feminino.

Nas grandes dôres, nas perdas irreparaveis, só a fé e a resignação á vontade de Deus pôdem salvar do desespero e do aniquilamento moral estes corações ternos e sensiveis.

A qualidade de companheira exige da mulher um grande espírito de sacrificio; como mãe, filha, irmã e esposa, deve sempre imolar-se, dedicar-se pela felicidade alheia.

E' -lhe preciso renunciar muitas vezes á sua vontade, desejos e gostos; muitas vezes incompreendida e despresada, se não a sustenta o confôrto da religião, ha de desfalecer nos rudes embates da sorte.

O espírito do mundo, o paganismo da educação moderna, fôrma, apenas, a mulher frívola, que de tudo se aborrece, que experimenta toda sorte de prazeres sem achar gosto em nenhum, porque em seu coração ha o vácuo de um ideal nobre, altruista e elevado.

O espírito cristão, apontando a perfeição em Deus, a alegria no sofrimento e a felicidade no *além*, é que fôrma a mulher fôrte, honra do seu povo, como as heroínas de Israel.

Do trabalho feminino

Em todos os tempos, o trabalho foi condição inerente á vida humana. Sem o trabalho não pôde haver produção e sem esta não ha o necessario para a subsistencia de nossa raça.

Além de ser uma exigencia economica, o trabalho é condição absoluta da vida; tudo trabalha, tudo se move, tudo se agita na natureza creada. O inerte, o insensivel, é o que está privado de existencia.

E' tambem uma imposição moral, porque a consciencia exige e dita a cada um a obrigação de ser útil á sociedade; o contrario seria o mais injustificavel egoismo.

Em assunto de divisão do trabalho tocou sempre ao homem a responsabilidade e a direção; á mulher competiu, em todas as épocas, o papel de auxiliar, suportando quasi sempre o trabalho mais rude e ingrato.

Ao tratamento iníquo que o paganismo dava á mulher, a religião cristã procurou antepôr uma situação de equidade, firmada na igualdade de direitos e deveres para ambos os sexos. Isto, porém, não conseguiu modificar por completo esta situação deploravel para o sexo fragil; as condições economicas contemporaneas têm levado de vencida os antigos preconceitos.

Em nossos dias, esta ordem de coisas tem sofrido alterações bem sensiveis, para melhor, no sentido de serem satisfeitas as aspirações femininas de uma justa melhoria; é que a mulher, obrigada pelas circunstancias, vem exigir, na luta pela vida, um lugar conveniente ás suas aptidões e habilidades.

Não mais simples arrumadeira de casa ou humilde operaria de fabrica, mas, sim, colaboradora do homem em todas as suas emprêsas, ocupando postos de destaque e responsabilidade.

Até bem poucos anos a mulher era uma reclusa do lar, que lhe era vedado transpôr. Era a soberana da família, é verdade, não se lhe concedia ingerencia alguma na vida publica, sendo mesmo afastada das relações sociais.

Estas velhas barreiras de nossas conveniencias sociais vão sendo derrubadas pelo progresso e pelas imposições economicas, que forçam a mulher a buscar a propria subsistencia e a dos seus.

Entre as profissões que se oferecem ás atividades femininas estão o comércio e o magistério, que compensam materialmente e lhe conférem um lugar vantajoso na sociedade.

Cabe, neste particular, grande merito aos institutos de religiosas, que ministram ás nossas patricias um preparo sólido e uma boa formação de carater.

Educação moral

A educação é o preparo do indivíduo para as realidades da vida.

E' física, se visa o culto do atletismo como uma necessidade para a vitória nos combates da existencia.

E' intelectual, quando aprimora o espírito, desenvolve a intelligencia, ilustrando-a com conhecimentos novos e proficuos. E' moral, quando dignifica o carater e fortalece a vontade, na prática do bem e no aperfeiçoamento da ética individual.

Sendo o homem um composto de espírito e matéria, e sendo esta um instrumento daquele; sendo o espírito servido por faculdades diversas, intelligencia e vontade é mistér que haja um justo meio, uma fôrça que equilibre as potencias da alma.

No composto humano, a parte superior propende para o bem, para o belo e para a verdade; mas a parte inferior, viciada pelas fraquezas e miserias que nos cercam, nem sempre se inclina para aqueles sublimes objetivos. A isto vêm juntar-se as influências hereditarias, os máus exemplos e vícios adquiridos.

Por vezes, o descuido dos responsaveis natos pela formação dos pequeninos seres, que o destino lhes confiou; noutros casos, o desenvolvimento précoce das más tendencias incubadas no coração, além das fontes externas de perversão moral, como sejam o cinema, o teatro e as leituras corrutoras — eis as causas diversas que vêm acarretar o desabamento moral do indivíduo.

Nos albores da existencia, quando as paixões despertam nos horizontes da alma e o mal vem entenebrece o céu límpido da consciencia, é preciso que haja uma vontade bastante forte, um coração bem disciplinado para se evitar o naufragio. E' necessario que uma intelligencia bem esclarecida e uma vontade firme sustentem o *não pôsso, não quero, não devo* da consciencia réta aos gritos dos instintos da animalidade.

A cultura racionalista promulgou sua moral fundamentada sobre as leis da experiencia. Estabeleceu,

como base de sua moral, que as influências persuasivas, que o bem, a verdade e a beleza exercem sôbre a réta razão, bastam para levar o homem á aceitação do dever.

A isto respondo que as pessôas moralmente bem dotadas poderão prescindir, de certo modo, do apoio dogmatico, mas a generalidade nunca.

O aumento assombroso da criminalidade, em todos os países que aboliram a instrução religiosa nos institutos officiais, é *prova provada* de que as razões filosoficas, se bem que sublimes, não são capazes de vencer as paixões e os interêsses.

E ainda em nossos dias vemos nações cultas do Velho Continente reconhecerem a eficiencia da religião como sistema de moral.

No domínio do pensamento ético e na luta perene entre o bem e o mal, o entusiasmo pelo proprio aperfeiçoamento nem sempre coibirá as paixões, se uma idéa superior, se um temor salutar da sanção no além não formar o substrato dos mais belos arrazoados da filosofia.

Educação física

Entre os elementos primordiais de que necessita o indivíduo para vencer na luta pela vida é a energia física e o vigor corporal uma condição de alta relevancia.

Verdade é que homens inválidos e debéis não lograda realizações extraordinárias e desenvolveram uma capacidade de trabalho admiravel, mas isto são exceções com que ninguem póde contar; portanto, quem almeja efetivar algo de útil e apreciavel deve preparar suas energias corporais, para melhor empregar sua atividade espirital.

Quem conhece que seu fisico é deprimido deve empregar todos os meios ao seu alcance para melhorar esta triste condição de seu organismo.

Uma vida morigerada e uma exercitação corporal conveniente são os dois factores mais elementares do desenvolvimento fisico.

A alimentação deve ser bem cuidada, rica de substancias nutritivas, mas de facil digestão. O horario deve ser rigorosamente observado, guardando-se a abstenção nos intervalos de uma refeição á outra, para se evitar assim o perturbar a marcha da digestão dos alimentos anteriormente ingeridos.

A debilidade nervosa e a dispepsia são originadas, na maioria dos casos, da irrégularidade no horario ou da precipitação no tomar os alimentos, ainda não convenientemente mastigados, dando em resultado uma nutrição insufficiente.

O repouso á noite, o sono profundo e reparador, é tambem uma fonte de energias para o nosso organismo.

Dormir cedo e acordar ás primeiras horas da manhã é utilissimo para a saúde. Em geral bastam oito horas de sono, tendo-se, porém, em vista, que as primeiras horas da noite são as que mais revigoroamento fisico nos proporcionam. A interrupção e perda de sono ocasionam ansiedade e tristeza.

A dormida deve ser em lugar arejado e seco, que receba a ação benéfica do calor solar durante o dia. A cama deve ser dura, de colchão não muito macio, o que favorece a indolencia.

Levantar-se pontualmente á hora fixa, lembrando-se que ficar na cama não é repousar.

E' máu vêzo da sociedade e de tristes consequencias que os jovens se entreguem a recreações exhaustivas, que se prolongam até adiantadas horas da noite, roubando ao organismo o melhor tempo de reparar as energias.

Passeios ao ar livre, banhos frios e um pouco de ginastica, conforme as condições do organismo e as necessidades de cada um, completam os requisitos de uma bem ordenada cultura fisica.

Cumpra, porém, advertir, e nisto de acordo com as melhores autoridades na matéria, que o mais seguro meio de garantir as energias vitais e assegurar o vigor físico, sobretudo durante a juventude, é a guarda da pureza pessoal, a prática da virtude da continência.

Uma corporação de sumidades medicas da Europa Setentrional, a Faculdade de Medicina da Universidade de Oslo, na Noruega, assim se exprime a respeito de tão delicada matéria: «Não temos notícia de enfermidade alguma, nem de fraqueza de qualquer espécie, que possamos com segurança dizer que foi proveniente de uma vida moral e perfeitamente pura».

O barão von Kraft Ebing, da Universidade de Viena, Austria, e o professor Forel, de Zurich, na Suissa, assim se expressam: «Sustentamos que, para um jovem, até á época do seu casamento, a castidade é muitissimo salutar, não sómente sob o ponto de vista étnico e estético, mas tambem higienico».

E' logico e conforme á natureza: Deus não podia inscrever no seu código de moral um preceito que estivesse de encontro ás exigencias da natureza fisiologica.

E a experiencia o confirma.

O lamentavel espetáculo dos naufragos fisicos e das ruinas corporais, que enchem os hospitais e casas de saúde, bem mostra que não é impune a violação da lei de Deus e desperdicio da vitalidade organica.

A sífilis e o seu cortejo de miserias fisicas, morais e intelectuais (pois até ás fontes das energias cerebrais atinge a degenerescencia organica) mostram e evidenciam as consequencias desastrosas do pecado mais abominado por Deus e que mais funestos estragos causa na humanidade.

De balde procurará desenvolver o fisico e aumentar sua vitalidade aquele que se gasta no vício e na perdição.

Cultura moderna

Jámais houve época alguma da história em que a humanidade patenteasse maior desvêlo e empregasse uma maior soma de esforços para aprimorar sua cultura.

E' certo que, em tempos pretéritos, governantes e povos empregaram os mais louváveis esforços no sentido de debelar a ignorancia e implantar a instrução, mas nunca se viu tamanha difusão de escolas e maior facilidade de se adquirir a ciencia.

Escolas rudimentares, cursos de adaptação e institutos ginasiais, por toda parte, abrem suas portas aos ricos e pobres, a todos que de bôa vontade procurem os tesouros do saber.

A parte fisica do indivíduo, o seu desenvolvimento corporal, não foi esquecida.

Ao lado das casas de ensino, ha os parques de diversões, os campos de jogos, para que o desenvolvimento fisico e a saúde acompanhem as conquistas da intelligencia, realizando o adagio romano: uma intelligencia lúcida em um corpo válido.

E' de notar-se que nós, brasileiros, que vamos sempre pedir ao estrangeiro modos de progredir, muitas vezes não sabemos selecionar aquilo que mais nos convém, e assim adotamos as usanças estrangeiras sem adaptação ao nosso meio, á nossa raça e ao nosso clima.

Esquecemos que não basta adotar, mas, sim, adatar ás nossas condições e exigencias o que se pratica alhures.

Exercícios violentos e jogos agitadissimos, que se pôdem praticar sem inconveniente em climas benignos e frios, sob a canicula equatorial bem pôdem ocasionar consequencias funestas.

A parte essencial, porém, o ponto mais vulneravel da moderna educação, é a formação moral.

A cultura fisica poderá formar atletas e lutadores: a cultura intelectual preparará sábios e cientistas, mas cidadãos da pátria e da sociedade, homens de carater e de sentimentos de honra e dever, só a formação moral, só a educação do coração poderá produzir, por meio do ensino religioso.

A cultura cívica e intelectual poderá mostrar os deveres de estado, as obrigações a que se está vinculado, mas se a consciencia não forçar a vontade á observancia dos preceitos morais, está perdido o trabalho do educador.

E só a religião póde atuar eficazmente sobre a consciencia humana e constrangê-la ao dever.

A maior lacuna da cultura moderna, no tocante á formação moral, é a falta de instrução religiosa.

A este mal vem juntar-se a corrupção da sociedade hodierna.

Os cinemas e os teatros são, não raro, os maiores veículos de corrupção.

Em poucas horas, no palco ou na téla, se desenrolam dramas secretos e cenas íntimas da vida, que a creança logo apreende em sua retentiva e que, do contrário, só com o andar dos tempos viria a aprender e conhecer.

E' o despertar prematuro de paixões latentes.

As novelas passionais e os romances de amor, com a curiosidade da leitura, vão infiltrando no coração a peçonha do vício e enchem a cabeça de fantasias mais ou menos imorais, que, aos poucos, arrastam o leitor incauto aos abismos do mal.

As modas indecorosas, os vestidos imodestos provocam os sentidos inferiores, como objeto palpavel das paixões mais vis.

Junte-se a tudo isto a desenvoltura pecaminosa da lingua e temos a relação completa das influências deletérias que estragam a cultura da sociedade contemporanea.

Perscrutam sábios os segredos da natureza; elocubram legisladores as leis mais convenientes; procura-se dar a maior amplitude ao bem estar material e melhorar as condições das classes proletarias; sem embargo, é necessario multiplicar as prisões para conter os malfeitores; sóbem as cifras criminologicas, aumentam os suicídios, roubos e demais atentados...

A segurança publica envida todos os esforços para efetivar as garantias individuais; empregam-se todos os meios de defesa... cresce, entretanto, pavorosa, a seara do crime.

E' que se empregam meios externos; as providencias atendem ás manifestações exteriores do crime, deixando livre a fonte donde este promana — o coração humano.

A lei pune e castiga, porque não sabe e não pôde evitar nem prevenir.

Os legisladores e educadores dos povos esquecem que o temor de Deus é o unico princípio da verdadeira sabedoria e que unicamente a religião pôde coibir o coração humano e estancar as fontes do mal.

Civilização

Spencer, ao vêr a aurora do seculo XX, ao contemplar o desenvolvimento das indústrias e a estupenda expansão do mercantilismo, disse que a humanidade estava em pleno recuo para as épocas bárbaras.

Não sei o que teria dito o misántropo filosofo inglês, se tivesse assistido ao desenrolar da conflagração européa e a subsequente guerra a que hoje assistimos, para vergonha dos nossos dias.

Certo que o progresso das indústrias, os descobrimentos científicos, a expansão das atividades comerciais e de tudo mais, que o homem tem explorado em proveito próprio, atingem a um desenvolvimento nunca imaginado; certo, igualmente, que no lado moral estamos muito aquém do aperfeiçoamento material.

E' bem verdade que a ciencia se tem desenvolvido em todos os sentidos e se tem aplicado aos mais exóticos objetos, perscrutando ousadamente e com uma pericia admiravel as minudencias da natureza.

A expansão industrial, em todos os ramos da atividade humana, em um consórcio espantoso de energias, nas mais remotas plagas da terra, é verdadeiramente assombrosa; basta, para avaliar de suas realizações, o conjunto apresentado pela geografia economica.

Esta feição material da civilização moderna encerra, porém, o *virus* do utilitarismo, que explora a terra em proveito das ambições desenfreadas da humanidade.

Mas o lado moral, o aperfeiçoamento dos costumes, a correção dos hábitos sociais?... Esta parte, porém, indica um verdadeiro recuo, uma inferioridade tremenda diante da parte material da civilização contemporânea.

As universidades, as academias, as escolas superiores, disseminadas por toda parte, não lograram fechar as prisões, antes, pelo contrário, parece as exigem maiores e mais numerosas.

A política, a arte de governar os povos, segundo as lições do passado, continua às mãos das oligarquias partidárias, que exploram as massas com promessas fementidas, em proveito próprio.

O equilíbrio entre as classes sociais, entre patrões e operários, entre os que mandam e os que obedecem, parece que nunca esteve tão comprometido como agora: de um lado, a onda revolucionária, de outro, a mais gananciosa exploração; de um lado, milionários que vivem em ondas de ouro, de outro, o pauperismo nas contorsões da fome; a greve e o *lock-out*.

As artes liberais, as artes espontâneas, estas vegetam; o humilde artista consome as suas forças e esgota o seu talento para ganhar o magro pão de cada dia; enquanto, nas capitais da civilização, os pugilistas, que se esmurram brutalmente, ganham milhões...

A dança, a música e a poesia, que fizeram o encanto da civilização da Hélade, que nos séculos passados eram a delícia das sociedades cultas e faziam o encanto das reuniões familiares e conferiam a palma do cavalheirismo e da elegância: hoje é o tango, o *fox-trot*, o *jazz-band*.

Na sociedade, encontramos a família, a unidade vital e célula mater dos povos, minada em sua constituição pelo divórcio, pelo malthusianismo e pelo amor livre: o indivíduo, corroído pelas mais vergonhosas enfermidades, é uma ruína viva.

Entre as nações impéra o direito da força, só os mais fortes têm o direito de viver.

Os pesos da balança da justiça entre os povos são os *dreadnoughts*, os submarinos, os *tanks* e os aeroplanos.

As demonstrações navais, os cálculos dos estados maiores e os algarismos militares decidem as questões de limites, mandatos e indenizações.

Para onde caminha esta humanidade, que cada dia mais se precipita e mais se engolfa no bártro de complicações tremendas, entre as ambições dos povos e das classes, ninguém sabe.

E' segredo de Deus; é castigo também.

E' da Escritura: o louco disse no fundo do seu coração: «não ha Deus». Foi o que disse a civilização materialista: «não ha Deus», o futuro é isto que presenciamos e, portanto, gozemos da vida, já que a morte é inevitável.

O esquecimento das verdades eternas traz consigo a natural diminuição das luzes da intelligência que se afoga na materia.

Os povos relegaram Deus para o plano das velharias incompatíveis com o progresso, esqueceram sua finalidade eterna, e Deus se vingou, esquecendo-os, entregando-os ás suas loucuras, para que uns aos outros se façam justiça.

O homem procura seu fim único no progresso, ao serviço de sua vontade e de suas paixões, e Deus esmaga o homem com os instrumentos de gozo e de prazer, inventados pela propria civilização.

Dirão: é consequencia dos tempos, é a marcha dos acontecimentos...

Não: é lição da Providencia.

Conceitos sôbre a civilização

A civilização é obra dos tempos, conquista anônima dos séculos, para a qual cada povo leva sua contribuição, cada homem presta o seu contingente.

Não é privilégio de raça, apanágio de idade ou construção de alguma nacionalidade.

E', sim, a síntese e o resumo de todas as realizações humanas, no que diz respeito á liberdade, ordem, moral e religião.

É única em sua essência, embora múltipla em suas formas. Contemporânea da sociedade, reveste e transforma os costumes humanos, depurando-os e reformando-os.

Os hebreus reuniram e aproveitaram os materiais civilizadores e as realizações dos povos mais cultos que os precederam. Na arquitetura, nas ciências e nas artes não dispensaram o contingente do passado. Professando o monoteísmo, tendo uma teocracia fortemente organizada, aceitando uma moral que foi a mais perfeita dos tempos antigos, prepararam o mundo para o advento do cristianismo.

A religião hebraica, apesar das superstições, dos excessos ritualistas e do formalismo dogmático, foi que abriu os horizontes do pensamento humano para receber a revelação cristã, que redimiu o mundo, resgatou a humanidade, expurgando a concepção religiosa dos resíduos e impurezas do meio ambiente.

A moral cristã reergueu a árvore humana, levantando as bases da igualdade dos direitos, da liberdade dos indivíduos e da fraternidade dos povos.

E Cristo, que o próprio Renan chamou de figura central da história humana, criou as idéas morais de que vivem os povos modernos, não só os que professam seus dogmas, mas os que repousam longe da sombra do Evangelho.

A Grécia corporificou os ideais estéticos, criou uma concepção artística e levou ás idades postéras tal disciplina de arte e de gosto, que os seus preceitos hão de resistir imperecíveis á evolução dos tempos.

A respeito, observa um escritor, póde dizer-se que a humanidade estacionou, não havendo mais que inventar.

A Hélade legou-nos também o que denominam *humanismo racional*, isto é, a ciência dos costumes e a arte do pensamento humano, cujos luminares, foram Aristóteles, Sócrates e Platão.

O problema da sociedade, quaisquer que sejam os fatos sociais e as formas políticas excogitadas pelo homem, está resolvido, em suas bases, na soberba construção jurídica que se chama direito romano.

Estes tres povos, hebreu, grego e romano, são os expoentes da civilização e democracia antigas.

Nos tempos modernos, desde que o progresso começou a irradiar suas luzes e que a liberdade começou a descortinar os destinos dos povos, quatro nações com modalidades diversas querem impôr ao mundo o prestígio de sua cultura, o esplendor de sua civilização: a França, a Inglaterra, a Alemanha e os Estados Unidos.

A França, com a revolução e os seus filosofos, deu ao mundo o ideal democratico-social, imprimindo á politica um cunho humanitario e liberal.

Descerrando o negro véu de crimes e de horrores, que maculam a Revolução francesa, não se lhe póde arrancar o titulo de ensaiadora da justiça social sobre a terra. Além disto, é incontestavel o prestígio e a fascinação que os direitos do homem, então proclamados, exerceram sobre as coletividades nacionais.

A Inglaterra, com a sua tradicional Carta Magna, com o seu austero Parlamento, com o *Habeas-corpus*, deu ao mundo a liberdade individual, delimitando as prerrogativas monarchicas e corrigindo os enganos da justiça; do mesmo modo que a França proclamou a liberdade politica e corrigiu as desigualdades sociais.

A velha Germânia, nobre e sonhadora, ao emergir de suas florestas, deu ao mundo a mais bela e generosa ideologia; a Alemanha de hoje, entrando tardamente no campo expansionista do realismo moderno, pôs, no dizer de Abelardo Roças, a ciencia, até então inútil, ao serviço da riqueza e do homem, desenvolvendo ao mesmo tempo a maior vitalidade scientifica que o mundo presenciou.

A cultura e o desenvolvimento fisicos, o espirito de método e de ordem e a disciplina intelectual são conquistas do genio tedesco, que a civilização ha de forçosamente, incorporar ao patrimonio dos seculos.

Os Estados Unidos, maculados pelo utilitarismo brutal, pelo predomínio absoluto do número, pelo culto do dólar e por um feminismo que desnatura a mulher, têm por titulo de glória o haver posto em prática, em sua fórmula mais perfeita, a liberdade politica, e barrado ás potencias europeas quaisquer pretensões imperialistas no Novo Mundo.

A America, «terra sem passado e toda do futuro», é o maior reservatório para as massas humanas de todos os continentes.

A America Latina é nova demais para dar ao mundo qualquer criação política ou sociologica. E' campo aberto a todas as atividades desejosas de tentar a vida.

Um continente assás vasto, para dar ao homem o sentimento intuitivo da liberdade, sem as tradições e preconceitos da velha Europa, é a America o viveiro franco de quantos germes liberais e de quantas idéas generosas brotarem nos cérebros pensantes.

As agitações politicas e os pronunciamentos frequentes são provas cabais do anseio de liberdade em que vivem estas gentes novas. A semente da unificação politica da America Latina, plantada por Bolivar, no Congresso do Panamá, a abertura do Orenoco á livre navegação internacional e a magnanimidade com que o Brasil republica tratou um imperador destronado são outras tantas afirmações da nossa civilização.

Territorialmente compata, unificada pela cultura e finalidade histórica, a America Latina, sob o paládio sagrado do Evangelho, ha de convidar os povos á paz e á harmonia, longe dos ódios e das competições do Velho Mundo.

Ditaduras e democracias

Entregue aos seus proprios destinos e obrigado a provêr-se do necessario, util e agradavel para a propria subsistencia, o homem sentiu-se logo um ente social.

A fraqueza ingênita, que o acompanha na primeira idade, a multiplicidade de cuidados que requer e as multiformes exigencias da natureza indicam ao homem a sociabilidade como o unico caminho a seguir para a conservação da espécie.

Mas não lhe bastam a sociedade familiar e os aconchegos domesticos, requer-se uma proteção mais segura e mais eficaz, um braço armado que proteja as comunidades familiares.

Desta necessidade moral de amparo e de defesa fisica tiraram origem os governos.

No principio foi o patriarcado: eram tribus varias, famílias nomadas que se agrupavam em torno de um pastor façanhudo, que as levava ao saque e á pilhagem. Restos dêste governo são algumas tribus dos centros da Asia e dos sertões africanos. Foi êste o primeiro estádio da governança hominal.

Não sendo para desprezar-se o influxo religioso. foi este aproveitado pelos condutores dos povos. que se fizeram sacerdotes. E' a teocracia, isto é, um governo radicado na religiosidade. Esta fórma imperou entre varios dos mais cultos povos da antiguidade, entre êstes os judeus; modernamente, subsistiu entre maometanos, chins e japonêses.

A ambição do mando, contagiando as classes armadas, isto é, aqueles que eram encarregados da defesa e da mantença da ordem, improvisou os reis, que primeiramente foram soldados e nos campos de batalha conquistaram a corôa e o trono.

Passam os seculos e no rodar dos tempos se avolumam as paixões e crescem as audácias, arquitetam-se novas teorías de governo e advém o republicanismo; a democracia, governo do povo e pelo povo.

Julgou-se achada a pedra filosofal, a última palavra em assuntos de politica e administração.

Sendo o governo a gestão da *res publica* dos romanos, isto é, a direção dos negocios gerais, bastaria entregar ao povo os seus proprios destinos para que tudo fosse ás mil maravilhas.

Esses principios, declarados na Revolução francesa e postos em prática por quantas se lhe sucederam, deveriam trazer á terra o reino milenario da idade de ouro.

Em nome da fraternidade, proscreveu-se a seleção de qualidades; em nome da igualdade, truncaram-se as cabeças coroadas; em nome da liberdade, renegaram-se as tradições do passado.

Arvorados no capitolio dos povos os direitos do homem e iluminada a terra com o facho da liberdade, reinaria a ordem no universo, a harmonia entre as sociedades e a paz entre as nações.

Complemento dos ideais democraticos, era o parlamentarismo, a obra prima da ciencia de governar. No entanto, esta criação politica, depois de longas e laboriosas experiencias, acaba de se declarar em plena falencia. E não era para menos.

O estudo da psicologia das multidões revela patente o nenhum valor do sufragio universal, que é a pedra de toque das modernas democracias. Filosoficamente certo e experimentalmente provado que ninguem dá o que não tem, logo o voto das multidões não póde reunir experiencia, disciplina e ordem. Daqui a impotencia dos governos parlamentares.

Duas causas, ou, melhor, dois fatores são tremendamente responsaveis pêla angustia em que se debatem os povos mais cultos da terra: em primeiro lugar vêm as necessidades e exigencias impériosissimas da vida contemporanea, que nós vemos se desenrolarem cada dia mais angustiosas; em segundo são rivalidades entre os partidos e os interêsses irreconciliaveis entre as diversas classes sociais.

As resultantes destas condições não se pódem prevêr, mas é evidente a necessidade de um poder forte e energico, que debêle as situações e se imponha ás paixões e interêsses inconfessaveis. Em tais condições só se acham as ditaduras, em que o chefe supremo não seja forçado á prestação de contas dos atos governamentais. Daqui a Italia enveredar francamente pelo caminho dos governos ditatoriais. Em diversos países fazem-se experiencias...

E' necessario, porém, que estas novas fórmãs de governo não esqueçam de, ao menos como voto consultivo, ouvir a opinião popular. Não é sem perigo e sem acarretar as mais terriveis consequencias que se desprezam as vontades soberanas do povo, calcando-se aos pés o seu amor proprio.

Liberdade...

Ha uma palavra que é uma centelha magica na intelligencia humana, e que, por isso, exerce uma influencia transcendental sobre os destinos dos povos.

Esta palavra tambem tem sido passivel das interpretações mais abstrusas e das applicações mais extravagantes.

Liberdade é a faculdade que tem o homem de governar e dirigir as suas ações. Ha a externa, que implica a ausencia de coação fisica, e a interna, que se applica ás faculdades anímicas.

A' liberdade fisica do homem se opõe a escravidão, que é o estado mais humilhante da nossa natureza; á espirital se opõem as violações do direito que temos de orientar nossa vontade. E' sobretudo a esta espécie de liberdade que se tem dado as interpretações mais absurdas, quer pelo extremo de condescendencias, quer pelo seu oposto.

Liberdade de consciencia, de amor, de voto, de imprensa, de culto; estas palavras representam sentimentos sagrados e intangiveis, pois formam o patrimonio específico de nossa natureza, o dom maximo de Deus.

Mas ha os seus excessos, os seus desvarios, as suas interpretações viciosas, que estragam por completo a noção desta faculdade do espirito humano.

Desde o seculo XV que os inimigos do Cristo têm empregado todo o poder e toda a fôrça desta palavra com o fim exclusivo de aluir os fundamentos da Igreja.

O espirito de rebelião e de revolta, que é o maior inimigo da verdadeira liberdade, tem viciado todos os grandes impulsos do progresso do espirito humano.

A verdadeira liberdade pressupõe uma legislação superior, uma fôrça que coíba os máus instintos, e esta potencia espirital é a lei divina, eternamente gravada na consciencia humana.

O homem não é senhor absoluto dos seus atos, desde que não o é de sua existencia.

Infelizmente, porém, os surtos libertários têm tomado uma corrente oposta, que nega as dependências e os limites da liberdade. E o resultante desta orientação tem sido o retrocesso da humanidade ao espírito do paganismo.

Assim se verá nos últimos movimentos espirituais do homem.

A Renascença procurou restaurar o paganismo nas artes, nas ciências e nas letras. A Reforma, quebrando a unidade cristã, intentou paganizar a ordem religiosa que existia. A Revolução, em nome da liberdade, afogou a França em caudais de sangue, para erigir a prepotência pagã do estado sobre a ordem moral. O socialismo vem introduzir a barbaria dos povos inferiores entre as nações civilizadas. E o bolschevismo renega todas as conquistas passadas e reduz a sociedade a uma comunidade de selvagens, que nada organizam, porque disto são incapazes.

Hoje vê-se a humanidade devorar-se a si mesma em lutas fratricidas entre os povos e competições de classes. E por que? Porque se afastou do espírito cristão.

A religião foi banida de todas as esferas da atividade humana; a soberania do povo pretendeu substituir a de Deus; as constituições e os códigos renegaram de todo o espírito do catolicismo — por isso a sociedade caminha para as bordas da subversão.

A lei de todas as leis é o Decalogo; o código de todos os códigos é o Evangelho: só nestas fontes limpidas e puras se encontra a verdadeira liberdade — sem restrições injustas, que a cerceiem; sem amplitudes, que a façam degenerar em licença.

A verdadeira liberdade consiste na atuação da vontade humana dentro das leis divinas.

Na derrocada

Contemplando o progresso social do homem sôbre a terra e o evoluir deste complexo de coisas que se chama civilização, havemos de vêr que os nossos dias assinalam uma decadencia muito pronunciada sob o ponto de vista moral.

A razão do que afirmo está claramente patenteada na decadencia dos costumes e indignidade dos usos que pompeiam nos tempos hodiernos.

E' fato historico, é verdade incontestavel que a decadencia dos costumes e a lassidão moral precedem á ruina dos impérios e ao ocaso das nações.

Enquanto os antigos egípcios mantiveram a austeridade de vida, foram fortes e vencedores dos povos vizinhos; dados aos excessos, foram levados de vencida pelos inimigos.

Babilonia foi destruida durante um banquete de Baltazar.

A civilização da Hélade irradiou por todo o oriente até ao dia em que os filhos de Sparta e Lacedemonia quebraram as tradições rigidadas dos habitos dos seus maiores.

Roma conquistou o mundo e foi condutora de povos até que as riquezas e os faustos amolentaram os patricios e não houve mais romanos...

Bisâncio dormitava em coxins orientais, quando os filhos do deserto derrocaram suas fortalezas desmanteladas.

Pelos marcos históricos se vê que a ruina é a partilha dos povos que esquecem os bons costumes e as tradições séveras.

A dignidade dos costumes, a severidade das artes, a sublimidade das concepções e a delicadeza dos sentimentos são o apanagio das civilizações robustas, ao passo que a degenerescencia social é o indício certo do declínio de uma raça.

Nos nossos dias, cresce e se avoluma o abastardamento dos costumes públicos, o que nos faz receiar a derrocada da sociedade. O aviltamento que hoje se nota é triste sintoma da decadencia de uma época.

A escultura, a musica, a pintura e a literatura, as mais sublimes manifestações do espirito humano, hoje vilmente mercadejadas por sacrilegos profanadores, são veiculos da pornografia, que corrompem e enervam a alma popular.

A vida literaria é o expoente cultural de um povo; tanto mais pura. tanto mais esclarecida. quanto mais vigorosa a raça.

Na escola antiga predominava uma rudeza simples de expressão, que estampava sempre o verdadeiro, tuggindo, porém, ao que era francamente imoral. Assim é que não se encontra uma obra classica que seja completamente impudica.

O romantismo, cheio de abstrações e devaneios, não raro, descambou no terreno escorregadio e lodoso do que é francamente obsceno. Mas, foi o realismo que desceu ao charco pútrido onde fermentam as mais torpes paixões. O realismo puro, de ficções da vida, subordinado ás regras da moral e da arte, não é condenavel; mas o realismo de Zola e Eça de Queiroz, o realismo de sargetas, que só manifesta torpezas, este é o maior corrutor da mocidade inexperiente e ávida de sensações e prazeres.

A cultura moderna, despresando o longo preparo intelectual e classico, procura explorar a sensibilidade da materia, já que lhe falta a formação necessaria para prender o espirito. E como as sensibilidades, no homem, não raro, transbordam na vasa das mais ignobeis paixões, daí esta literatura que deposita nas almas os sedimentos mais deleterios.

Esta é a causa primaria do aviltamento que se nota nos teatros e cinemas, nas modas e nos costumes em geral.

Para salvaguardar os restos da dignidade humana, para sustentar as conquistas legítimas da moral, urge uma reacção energica contra o extravasamento do mal.

Onde, porém, o dique que représe as paixões humanas?

Só a religião pôde conter os ímpetos da natureza e marcar-lhes barreira.

Só o cristianismo, que regenerou Roma pagã, que povoou as arenas e os circos de virgens e de mártires, e os desertos de anacoretas e penitentes, só esta religião divina poderá corrigir os desmandos dos nossos tempos e salvar do naufrágio universal os restos de pureza, honra e virtude que existem sobre a terra.

Progressos do catolicismo

E' incontestavel que a Igreja, apesar das investidas e dos arreganhos dos seus inimigos, vai progredindo sempre e ganhando terreno em todo o mundo.

De varios modos esse fáto pôde ser verificado e demonstrado.

Entre provas múltiplas, que poderíamos apresentar, citaremos apenas o retorno á casa paterna do catolicismo — a Igreja — por parte dos que pertenciam á grei protestante. Nesse particular as nações de lingua inglêsa oferecem algo de importante e merecedor de atenção.

Folgamos em apresentar aqui algumas provas da vitalidade e do progresso do catolicismo. E' uma resposta á afirmação gratuita da decadencia de nossa fé.

O número de conversões ao catolicismo na Inglaterra, no ano de 1930, foi de 11.980, que já é numero anual constante, com variações insignificantes. Nos ultimos dez anos, houve um total de 121.372 conversões, isto é, 12.137 na média por ano.

O número de sacerdotes aumentou tambem consideravelmente, e é atualmente de 4.581, dos quais 2.975 pertencem ao clero secular e 1.606 ao clero regular.

No ano de 1930 foram construidas 47 igrejas e capelas, sendo o numero total de 2.275. Abriram-se 8 escolas católicas secundarias, completando assim o número de 519. O número das escolas primarias diminuiu um pouco, contando elas, ao todo 1.331, com 384.129 alunos.

A população católica da Inglaterra é de 2.235.237 pessoas, tendo havido um aumento, em 1930, de 28.993.

Na Escóssia é também espantosa a movimentação católica.

Glasgow, uma das suas principais cidades pela industria e comércio, do seu milhão de habitantes, duzentos e cinco mil são católicos fervorosos e de ação real.

Nos Estados Unidos da America não se pôde contestar a pujança do catolicismo, bem que aparentemente se apresente em minoria. De proposito escrevemos *aparentemente*, porque, de todas as confissões religiosas existentes na grande republica, a católica é que conta maior número de adéto.

Um episcopado de 100 bispos e um clero de 27.000 padres bem arregimentados, fazem prodigios. O atestado têm-lo no grande número de universidades, escolas, asilos e hospitais.

Enquanto os *pastores* vêm para o nosso Brasil, os protestantes sinceros se convertem ao catolicismo.

O cardeal O'Connel, arcebispo de Boston, determinou, em circular, que os protestantes convertidos serão crismados em conjunto, solenemente, em um domingo prefixado.

No ano de 1930, receberam o sacramento da confirmação 2.600 convertidos, sendo 1.100 mulheres e 1.500 homens, naquele arcebispo norte-americano.

As referencias feitas á America do Norte nos convidam a olhar um pouco para as diversas nações do Novo Continente.

As repúblicas espano-americanas, quasi todas, apresentam uma florescente situação católica e, em sua grande maioria, collocaram a religião em seus estatutos constitucionais.

Nas escolas publicas as creanças aprendem a lei de Deus e, com o espirito formado nesses santos princípios, galgam os poderes para desempenhá-los com honestidade e consciencia.

As estatisticas oferecem Algarismos respeitaveis, que demonstram o progresso do catolicismo nessas futurosas e prósperas republicas. Por todas elas fundam-se novas

paróquias, formam-se novas dioceses e prosperam as diversas instituições religiosas, que denotam a fidelidade do povo á Igreja.

Apenas o Mexico deshonra seu passado católico e move guerra cruel á crença que presidiu á formação e civilização da nacionalidade mexicana. Felizmente, porém, os católicos não se deixam subjugar pela tirania e das perseguições brotará uma nova geração firme em sua adesão á Igreja.

As missões para evangelização dos povos infiéis apresentam os mais consoladores algarismos, demonstrando que a Igreja não recua nem se deixa vencer em meio de todos os embates e de todas as dificuldades opostas pelo poder das trevas.

E' que não lhe falta a assistencia constante e a proteçãõ toda poderosa da Providencia.

Higiene moral

A fisionomia moral da sociedade hodierna apresenta um cunho de franca decadencia.

Não ha escurecer as conquistas proteiformes das ciencias, que procuram desvendar todos os segredos da natureza, ao mesmo tempo que se esforçam por oferecer ao homem toda sorte de confôrto sobre a terra. Grandes são as conquistas liberais e politicas; frutos dos mais sagrados esforços em pról das garantias dos direitos públicos.

No campo economico são múltiplices as engrenagens de cunho mutualista, que visam facilitar a vida, barateando o seu custo, proporcionando o máximo de bem estar com o mínimo de dispêndio e garantindo o futuro de invalidos e orfãos.

Não obstante todas estas promissoras realidades, não obstante o alcance humanitario de todas estas grandes eficiencias, a sociedade segue pela via dolorosa, arrostando toda sorte de sacrificios, e o homem sente-se infeliz...

O coeficiente dos suicídios prova os desenganos da vida e a falta de energia para os embates da sorte. As cifras crescentes da criminalidade infantil demonstram que a raça humana sente a decrepitude ética invadir as almas daqueles que deveriam ser o sustentáculo moral da sociedade de amanhã.

A avidez do lucro e o amor desordenado das riquezas excluem a seleção de expedientes honestos e o homem se materializa em busca de satisfazer seus interesses. Daqui esta luta de classes, guerra latente, que ameaça os fundamentos dos estados. O ouro, arvorado em padrão das supremas aspirações humanas, faz das classes produtoras méro instrumento de lucro, rebaixando assim a dignidade do operário.

O proletariado, não se conformando com esta dependência humilhante, faz as maiores investidas no objetivo de melhorar as próprias condições. Por sua vez, as classes abastadas, no intuito de continuar-se o presente estado de coisas, não poupam esforços, no sentido de afastar a reivindicação social.

A simplicidade de vida, a existencia modesta, o desprezimento das ostentações vistosas e os habitos moderados cederam lugar aos vícios modernos, ás extravagancias da moda e á corrupção dos costumes, que vai minando a sociedade contemporanea.

Este mal estar social asfixia toda a humanidade, pois até as convulsões políticas e as sedições militares têm um carater de desespero de causa.

Infelizmente, porém, não é só na ordem material e nos atos públicos que se notam estes sintomas de decadencia: ao contrário, é no mundo intelectual, na esfera do pensamento, que se nota um desequilíbrio muito mais pronunciado.

Os sentimentos nobres, as idéas generosas cedem passo ás ambições mesquinhas. Amor ao bem público, com sacrificio dos interesses proprios; resistencia no trabalho e alegria nas condições laboriosas; conformidade com as desigualdades sociais — tudo isto foi relegado como velharias, sobrepondo-se um ideal individualista de igualdade.

Acresce ainda que a tensão exhaustiva e quasi esmagadora da vida moderna como que esgota todas as

fontes de alegria. A expansão estupenda do industrialismo torna a vida uma corrida doida e febril, que não permite descanso nem ao corpo, nem ao espírito.

O homem ficou escravo das maquinas, no dizer do socialista William Morsis.

Esta inquietude das paixões, junta ao bulício da vida hodierna, secou as puras fontes da alegria sã e do bem estar espiritual, de que fruíram os seculos passados, embora á vida de então faltasse o relativo con-fôrto que hoje se nos apresenta.

A razão primordial deste triste estado psiquico da humanidade, nos nossos tempos, está nesta cultura moderna, exclusivamente fisica, que prepara a intelligencia em detrimento do coração.

E' esta cultura que Schiler anatematiza no prólogo dos *Salteadores*.

E Fr. W. Foerster classifica de *cultura tecnica*, que enriquece exteriormente o individuo, deixando o interior, a alma, em extrema miseria.

Falta á educação dos nossos tempos uma formação sadia do coração, a qual só poderá ser ministrada pela reigião, que, a um tempo, instrue a intelligencia, dignifica e esclarece a vontade.

Na encruzilhada

Nesta primeira metade do seculo XX, o decantado seculo de civilização e progresso, está evidenciado que o homem, quer no campo da intelligencia, quer no da atividade laboriosa, se acha entre duas correntes opostas, radicalmente adversas: catolicismo e comunismo.

Neste tempo, em que as mais firmes instituições politicas e os mais bem arregimentados organismos industriais se sentem abalados em seus fundamentos e ameaçados em sua propria existencia, o homem vai recolhendo as desilusões da experiencia.

E' verdade que entre o catolicismo, espiritualista e moderado, e o socialismo, materialista e violento, ha

outras correntes filosóficas e políticas, que tomam uma orientação intermediária.

Deante, porém, do insucesso prático destas mesmas tendências, nestes dias de provações e incertezas, restam só os dois sistemas mencionados, que disputam a atuação na sociedade.

Um, com a experiência de vinte séculos de gloriosa existência, procura regenerar o mundo pela verdade eterna e infalível, contida nos ensinamentos de seu divino Fundador.

Admite uma lei eterna e visa conservar o princípio de autoridade, indicando ao homem uma finalidade sobrenatural.

O outro, com vistas no sensível, no material, quer arrasar as bases da sociedade, extinguindo a família, o estado e até a própria divindade, se possível.

Em procura desta miragem enganadora, atira-se com loucura e tenacidade á destruição de tudo que lhe possa servir de tropêço.

O catolicismo procura defender a sociedade e guiá-la ao progresso; o socialismo quer a destruição da mesma, em nome de uma felicidade nebulosa e indefinida.

Os espíritos observadores e rétos, que vêem na política a arte de governar os povos segundo as lições da história, aqueles que encaram a vida pelo prisma superior de uma destinação eterna e justa, estes vêem no catolicismo a taboa de salvação para a sociedade.

Reconhecem e proclamam esta verdade muitos dos arautos do comunismo e outros *ismos*, que não podem cerrar os olhos á luz meridiana dos fatos.

Só assim se explica o ingresso em nossas fileiras da fina flôr dos nossos adversarios.

A luta pela idéa gera no homem o espírito de associação, para fazer vitorioso o seu pensamento, donde resulta esta atividade combativa das influências maléficas, que impõem a necessidade de uma reação cristã.

Os dias de hoje criam para os católicos uma nova era de responsabilidades. Na posse do bem e da verdade, o discípulo do Evangelho não pôde ficar quêdo e in-

diferente; na guarda improduttiva do tesouro sagrado, porém, assiste-lhe a obrigação restrita de o defender contra os delapidadores do patrimonio cristão.

E' a hora da ação social, da arregimentação de nossas fôrças para o combate ao mal e á indiferença.

Ha necessidade imprescindivel de apóstolos leigos, que supram a deficiencia do clero e se imponham ao respeito dos adversarios. Em uma palavra — faz-se mistér a formação de bons catolicos, zelosos e instruidos.

O espirito de um seculo

E' cedo para se lançar um olhar investigador sobre as carateristicas deste seculo, que chamam das luzes.

Quem quiser indicar as tendencias dos dias contemporaneos, ha de, forçosamente, se inclinar para qualquer dos extremos — um atro pessimismo ou um otimismo ilimitado e injustificavel.

Graves e ponderosas questões agitam nossos tempos e cada dia que passa, cada hora que marca o relógio do tempo, em cada estágio do seculo, crescem e avolumam as dificuldades que envolvem em denso véu o futuro da humanidade e das gentes.

As idéas de liberdade, desde o mais desbragado maximalismo até o integralismo mais intransigente; os conflitos economicos e as contendias de classe — tudo concorre para que nada de seguro se possa prognosticar sobre o amanhã dos povos.

No entanto, duas leis fecundas, dois dogmas sociologicos parecem integrados no patrimonio da civilização: — trabalhar e progredir.

O trabalho, lei de todos os tempos, obrigatoriedade até para as massas inorganicas da natureza fisica, está colocado em nosso seculo em um pedestal de honorabilidade qual nunca teve em tempo algum.

De uma condição de escravatura, como nos tempos do paganismo greco-romano, em que até os mais elevados moralistas o consideravam a degradação do ho-

mem. até mesmo nas sociedades cristãs, em que os serviços mais pesados eram impostos aos infelizes escravos, nunca o trabalho foi reconhecido como dever e virtude.

Embora os divinizadores do trabalho se afastem não pouco da concepção cristã do trabalho—penalidade e expiação do pecado, não se póde negar que, em nossos dias, o trabalho é olhado por um prisma honroso e dignificante para o homem.

E' inegavel que o utilitarismo brutal dos nossos tempos faz do trabalho uma escalada para o gôzo, no qual muita vez a personalidade humana se avilta até ao que é imundo e corruto.

Não obstante as falhas convencionais de nossa civilização, é bem verdade que, em nossos dias, está bem entendido o pensamentamento de Goethe de que uma vida dissipada no ócio é uma morte precoce.

Hoje o trabalho é fator do capital e este o é da riqueza e engrandecimento economico.

Progredir é tambem lei deste seculo em que a intelligencia humana tenta desvendar todos os segredos da natureza e investigar as razões últimas das coisas.

• Em todos os ramos da atividade humana, quer na esfera puramente scientifica, quer no vasto campo experimental, em tudo, enfim, se alargam os horizontes do progresso.

Os arranha-céus de cimento armado, os automoveis, que devoram as distancias, as aeronaves, que se libram nos espaços siderais; as estupendas descobertas das ciencias; tudo que de novo se ha introduzido no mundo reflete uma expansão progressista, que não conhece limites em suas objetivas e finalidades.

A marcha ascensional do progresso, no curso contínuo dos tempos, marca uma das mais vívidas demonstrações da potencialidade intelectual do homem.

Infelizmente, porém, os vícios que minam a geração contemporanea, são daqueles que marcam a decadencia e o ocaso dos povos.

O amor desenfreado das riquezas, a ambição do prazer e a egolatria utilitaria, que profundamente vêm solapando os fundamentos da civilização e assinalam

o evoluir dos nossos tempos, se assemelham demasiadamente aos últimos dias das republicas da Hélade e do império romano.

E se é verdade que a história se repete através dos tempos, não estaremos longe de uma derrocada de povos, de um desabar de culturas raciais e de um remodelamento político.

Catástrofe ou redenção?

Deus o sabe.

A obliteração dos fins últimos e o postergar das maximas religiosas vêm produzindo os seus resultados terríficos e dissolventes.

Só ha um remedio: restaurar, na ordem politica e no convívio dos povos, os principios e dogmas cristãos, que fundaram a grandeza das nações contemporaneas da Europa e da America.

Que fale um estadista que presidiu os destinos dos Estados Unidos, Calvin Coolidge: «Nenhum governo pôde durar se o povo não estiver convencido de que êle é um governo réto. Se pôde o nosso país alcançar algum sucesso politico, se vive o nosso povo apegado á propria constituição, é porque as nossas instituições estão em harmonia com as suas crenças religiosas.

Daí á importancia religiosa da vida religiosa da Nação assegura-lhe livre exercicio o estatuto fundamental do país. Se progrediu a America, no terreno economico, se éla é hoje a mansão da paz e da justiça e da liberdade, é graças ás profundas convicções religiosas do povo».

Grèves e grevistas

As agencias telegraficas transmitiram ao mundo a noticia alviçareira de que está terminada a *parede geral* decretada pelos mineiros britanicos.

Quaisquer que tenham sido as condições e acôrdos que motivaram a cessação da formidavel grève, é mistér vêr nisso um sintoma de força e robustez do organismo

imperial britânico, que resistiu ao tremendo embate de competições e interesses.

Grande foi o triunfo dos estadistas e homens de governo, que, com uma firmeza digna da altura dos acontecimentos, contiveram a onda avassaladora da agitação operária.

Essa greve é consequência do radicalismo anti-social, que deseja subverter as bases da moderna hierarquia. O seu triunfo seria o primeiro passo para a revolução universal, que é o sonho dourado dos cabecilhas da *III Internacional*. Da vitória dos operários contra os patrões bem cedo chegaríamos á inversão política — mandarem os subditos e obedecerem os governantes.

E' preciso que se recordem os princípios salutarés da economia cristã, da sociologia católica, magistralmente expostos nas encíclicas do imortal Leão XIII

Dado, de fato, (o que aliás não concedo), que, na Inglaterra, as condições do operariado sejam insuportáveis; que os rendimentos não lhe garantam a subsistência ou que o trabalho seja exaustivo, não pertence ao mesmo a voz de comando nem a capacidade de dispôr de todas as forças vivas da nação em proveito próprio, a despeito da superioridade numerica sobre outras corporações. E' violencia e injustiça que cinco milhões de operários, cruzando os braços, levem a inquietação e amargura aos lares de quarenta milhões de habitantes. Como justificar-se esta monstruosa greve quando o governo empregava todos os meios de solucionar a crise! quando os homens de estado procuravam no estudo a chave do problema da industria de mineração!

A paralisação completa dos meios de transporte, a suspensão do comércio de importação e exportação, o fechamento das usinas e das fabricas, acarretando tremendos prejuizos á economia de um povo ordeiro e próspero, são atentados que só poderiam vingar nos cerebros escaldados dos cesares vermelhos de Moscou!

No entanto, isto se dá na fleumatica Inglaterra. E os operários da Alemanha, Belgica, Checoslavia e de não sei que mais países, berram unisonos com os seus colégas grevistas e tentam forçar os respetivos governos ao isolamento do teatro desta monstruosa *parede*.

E' consequencia da propaganda tenaz que o sovietismo tem desenvolvido contra os governos constituídos legitimamente.

E' ainda o espirito do seculo, o instinto de revolução e desordem, que, mal contido e refreado, ameaça explodir a qualquer momento, aproveitando as crises profundas do após-guerra.

A escalada do proletariado ao poder, além de ser atentado á estabilidade social, é uma loucura, cujas tremendas consequencias nós todos devemos recear.

O espetaculo de desgoverno, de anarquia, de miseria e decomposição politica que oferece a Russia, paradigma do bolchevismo, deve apavorar todos que pensam e veiam pelos destinos humanos.

O regime que nasceu para afundar a tirania e dar ao povo russo a aurora da liberdade e da justiça, converteu as estepes em açougue humano, suprimindo, sumariamente, quantos tivessem a coragem de recusar seus processos e princípios. Do absolutismo czarista surgiu outro mais cruel e mais sanguinario, o dos capitães da horda vermelha.

O princípio de igualdade foi aplicado na ordem inversa, nivelando todas as classes na vala deprimente da miseria...

A nacionalização das industrias levou á ruina florescentes empresas, desorganizando, por completo, commercio, ferrovias e mais serviços publicos. E o país, que foi o celeiro da Europa, é hoje um teatro de misérias, onde uma população, minada pela fome e pela peste, se debate nas vascas da morte.

No meio desse cáos medonho, deste pandemonio de horrores, os ínfimos, os recrutados das enxovias, os foragidos dos ergástulos escalam o poder e tornam-se os verdugos do povo, em cujo nome imperam.

E' preciso abrir os olhos ao povo, desvendár os embustes e as ilusões, para que sejam desmascarados os impostores da liberdade.

O povo, o povo humilde, que trabalha, é digno de ser escutado nos seus legítimos reclamos; mas o paredista incendiario deve ser contido nos limites da ordem, embora á custa de correção energica.

A propósito, vem á lembrança a fleuma dos juizes britanicos, mandando aos trabalhos forçados alguns grevistas mais exaltados e perigosos...

O pauperismo

Entre os males que corróem os fundamentos da sociedade moderna, entre as ameaças que pendem sobre os destinos dos povos, é o pauperismo o problema mais premente dos nossos dias.

A desigualdade de fortuna entre as classes sociais cada dia vai se acentuando com um carater franco de guerra aberta entre as mesmas.

O desaparecimento da classe média, dos pequenos proprietarios, é um fato observado entre todas as nações. Não mais uma burguesia livre, desfrutando seus modestos haveres, no gôzo de seus legítimos direitos, como intermediario entre a riqueza e a extrema miseria.

Hoje se extremam as posições sociais: milionarios e operarios.

E' verdadeiramente iníquo o atual estado das classes proletarias.

Embalde se estudarão reformas, se tentarão meios humanos, se não se recorrer a uma instituição eficientemente poderosa para atuar sobre as consciencias.

Entre todas as potencias mobilizadas para manter o equilíbrio social só a Igreja está na altura das grandes necessidades do momento histórico que atravessamos. Só o temor de Deus será o freio bastante para domar o capitalismo e minorar as condições dos oprimidos.

Só a concepção cristã da fraternidade universal da liberdade individual e da caridade evangelica têm conseguido a identificação de uma finalidade eterna entre todos os homens, embasando em direitos e deveres reciprocos as relações entre ricos e pobres, em lugar do funesto ódio de classe, apregoado pelo socialismo.

A sociologia cristã encara o indigente como uma ocasião, oferecida ao rico, de fazer o bem e ser gene-

roso. Foi deste ponto de partida que o cristianismo iniciou o combate de extermínio da escravidão.

Quando a filosofia pagã olhava como equitativa e legal a escravidão, Jesus Cristo promulgava audaciosamente a eversão deste estado de coisas e iniciava uma ordem fundamentada no amor e consolidada pelo sacrifício.

Sem passar populações a fio de espada, sem arrasar cidadelas e incendiar os campos, vingou o cristianismo, porque se imolava a si proprio, vencendo só pela fôrça dos seus sublimes ideais.

O cristianismo triunfou, porque desceu aos cárceres, para enxugar lagrimas, porque iluminou com as promessas divinas da esperança os ergástulos lóbregos, onde gemiam as vítimas da injustiça humana.

Inspirar aos senhores sentimentos de brandura e justiça para com os servos e a estes a submissão e humildadde — eis a fôrça da religião nascente.

O comunismo, que os césaes vermelhos de Moscou têm querido implantar a ferro e fogo, foi praticado entre os primeiros cristãos e ainda hoje o é entre os religiosos, sob uma ditadura, toda espiritual, sem violencias.

Desde os seus primeiros dias que a Igreja emprega todos os seus esforços em pról da assistencia material e moral dos infelizes.

Mas a irradiação plena de sua benemerencia deve ser estudada na idade média, em cuja história se registam os fatos mais gloriosos e os surtos mais brilhantes da humanidade. Não é só o tempo sinistro do pelourinho macabro, de baraço e cutêlo; é, sim, o circulo histórico do pundonor cavalheiresco, dos grandes choques com a barbaria; datam de então estas catedrais de um gotico inigualavel; as universidades, que ministraram o ensino classico; é a época das grandes navegações e descobrimentos; o período em que começam os governos constitucionais. Na republica das letras viu surgir o idealismo nas ciencias e nas artes. Não menos fecundo de realizações humanitarias foi o tempo que viu nascer a caridade organizada e os mais belos rasgos de generosidade.

Então os renditos das igrejas eram empregados na construção de hospitais, orfanatrofios, hospícios e hospedarias; em auxilio das viuvas, mendigos, orfãos e

pobres envergonhados; no resgate dos cativos; o restante era para a instrução e a organização nascente do ensino profissional.

Quando o braço secular deitou mão aos bens eclesiásticos, muitos destes estabelecimentos fecharam á falta de recursos.

Pontes, canais, drenagem das aguas, diversas applicações industriais e outras obras de utilidade publica têm sua origem ligada ao nome de um prelado illustre ou de algum religioso obscuro.

As realizações sociais do cristianismo na Idade Média falam tão alto que Laforge não trepida em declarar que então a condição dos operarios era melhor que nos nossos dias e d'Avernel acrescenta que eram remunerados equitativamente.

São conquistas da Igreja o repouso dominical e todos os princípios são do bom sindicalismo, da assistencia, defesa e proteção operaria.

O problema da hora presente é arrancar o operario ás garras da fome e da miseria, ministrar-lhe instrução e proporcionar-lhe um relativo conforto; assegurar-lhe o pão na velhice e garantir o futuro dos seus filhos e sobretudo uma larga assistencia social e amplo regime cooperativo e de participação nos lucros do capital, que de algum modo corrija as iniquidades da ordem economica.

E' indispensavel um serviço de inteira preservação moral, refreando os ímpetos da concupiscencia e da intemperança, afastando o operario da tasca e da jogatina, proporcionando-lhe distrações honestas.

Ainda mais necessario se torna corrigir o excessivo apêgo aos bens temporais e prazeres terrenos e despertar o temor de Deus e a lembrança da vida futura.

Nestes dois campos diversos, do levantamento economico e da regeneração moral do operario, está mais do que provada a eficiencia dos princípios morais e das realizações práticas do catolicismo, pelo muito que tem conseguido entre as nações mais cultas e adeantadas da terra.

Modos e modas

Correspondencia telegrafica de Londres nos anuncia o fechamento da estação social do inverno, acrescentando que esta foi a mais louca da história. Adeanta que o inverno se passou sob uma atmosfêra de escandalos e do luxo mais desenfreado. o que levantou grande celeuma e a maior indignação das classes populares.

Os *leaders* trabalhistas e os propugnadores da reversão social lançam á alta sociedade as mais energicas recriminações e as advertencias mais severas.

E' geral o clamor contra a decadencia dos costumes publicos, a degenerescencia social e o desperdicio da fortuna. E não é de admirar que assim aconteça. Quem acompanha a vida politica da Inglaterra e se detém um pouco ao considerar as dificuldades internacionais, ha de vêr logo o perigo e a gravidade do presente. Este país se debate na crise industria! mais grave de sua história, tão séria que Lloyd George a equipara aos momentos críticos da conflagração mundial.

Esta crise tem raizes internas, como sejam a escassez de produção das minas, o encarecimento da vida, o *lock-out* e as greves continuadas; causas externas, que são a anarquia social do mundo e o desenvolvimento industrial de muitos países, que já dispensam, pelo menos em parte, os artefatos britânicos.

A isto deve juntar-se a evolução do partido trabalhista na direção das conquistas sociais e a intensa propaganda bolchevista entre o operariado.

Mac Donald não conseguiu manter-se no poder; mas suas idéas e seus projetos deixaram sulcos bem fundos nas classes operarias e produziram efeitos maiores do que se poderia pensar.

Os grandes proprietarios de fábricas e de minas, esquecendo os perigos da patria e da propria fortuna individual, não querem transigir em seus interesses, nem se chega a um acordo para a nacionalização das minas.

Enquanto a fibra mental de milhões de operarios, que gemem na miseria, se acha em perigo e o facho

da revolta contra a desordem social vai levando o incendio aos lares sem pão, o luxo desenfreado é a ostentação louca de joias nababescas, de *toilettes* riquissimas e de uma vida de dansas e de orgias vão aumentando os ódios e acirrando as paixões.

Com razão John Clynes teve estas palavras de censura: «Nunca se viram aqui tais banquetes, tais dansas, tais joias e tais vestidos. Essas exhibições que estimulam qualquer tendencia que seja para causar o desgosto popular.

Efetivamente.

Numa época de angustia nacional, num tempo de crises tão acentuadas e tão terriveis, é verdadeira inconciencia e irresponsabilidade agravar de qualquer modo a terrivel separação que existe entre as diversas ordens sociais».

Isto que agora se manifesta em estado agudo, na Inglaterra, é o que se passa em todo o mundo, onde os protegidos da fortuna se entregam a todos os esbanjamentos e ostentações, cavando mais fundo o abismo que separa os pobres dos ricos, os operarios dos patrões.

E' a obliteração do princípio evangelico de que os ricos são os dispensarios dos pobres. Esta desordem moral, que transtorna os hábitos sociais, juntando-se aos vícios elegantes, perturba a propria mentalidade humana, pela excitação das paixões mais violentas.

Vai nisso não só uma decadencia da sociedade, mas o enfraquecimento da fibratura do proprio individuo, que já não respeita as conveniencias de ordem publica.

A educação moderna e os novos habitos sociais, introduzindo a lassidão dos costumes, esquecendo as noções do dever e da responsabilidade, criaram um tipo novo de mulher que W. Arbuthanot Lane classifica de «altamente nervosa e fatigavel, parecendo viver só para o prazer e o excitamento».

O despudor das modas, a desenvoltura dos costumes e a febre do luxo são tristes consequencias de uma educação sem Deus e do esquecimento das verdades basicas do cristianismo,

Nestes dias de decadencia moral e degenerescencia das sociedades, não sabemos nem podemos calcular o paradeiro do homem, se não retornar ás fontes da verdade e do bem.

Crise moral

A sociedade contemporanea atravessa uma bem pronunciada fase de regressão e decadencia moral, uma das mais profundas crises da história, que ameaça dissolver o mundo moderno.

Múltiplas são as causas desta derrocada, mas tres principais se pôdem enumerar.

Em primeiro lugar está a ciencia impia, ou o materialismo científico, que abalou profundamente a crença dos simples, das almas humildes, retirando do coração humano a fé que alenta e que conforta, a esperança suprema de um mundo melhor e mais equitativo; resta o desalento das almas fracas e a revolta dos temperamentos exaltados e insofridos. E' o que vemos em nossos dias: milhares de operarios jungidos ao labor quotidiano, visando apenas os interesses materiais, se lançam em gréves e tentam revoluções, no fito de uma melhoria de condições.

A ciencia, sem tudo poder explicar e sem firmar a idéa de dever, cedeu lugar á dúvida, ao ceticismo, que de tudo escarnece.

Neste estado, a luta pela vida e as contingencias economicas fizeram do homem uma maquina destinada a produzir.

O super-desenvolvimento material, despertando no homem as paixões animais, os egoismos grosseiros e os instintos inferiores, matou as paixões nobres e os ideais sublimes.

As preocupações mercantis e o desenvolvimento economico dos nossos dias favoreceram a expansão egoistica e as ambições ilimitadas, que trouxeram como consequencia logica o relaxamento da idéa de dever e de obrigações morais.

A estas duas causas anteriores veio juntar-se uma concepção falsa da moralidade, que consiste em confundir a questão moral com os problemas sociais.

O utilitarismo arvorado em sistema de moral e regra de conduta foi a causa última do terrível relaxamento de costumes a que chegamos em nossos dias.

A sociedade, para garantia da estabilidade e da propria existencia, tem necessidade de impôr ao individuo o dominio de si proprio e uma certa soma de renúncias e sacrificios.

Esquecida a noção cristã do dever como sacrificio proprio, visando uma finalidade superior, restava ao homem alijar o peso da consciencia, que só lhe ditava deveres.

A troca da conquista da propria personalidade o cristianismo oferecia a liberdade de espirito. Menosprezada esta, podia o homem procurar a plena satisfação de suas ambições, pois mais nada lhe era dado esperar.

Donde a decadencia profunda, no que diz respeito ás realidades morais, decadencia que mais se acentúa nos povos mais prósperos e mais industriosos.

Para enfrentar este estado de coisas e remediar esta terrível crise moral, que assoberba nossos tempos, não ha como restaurar o pensamento cristão e implantar a pureza de costumes imposta pelo Evangelho.

Desfeitas as ilusões de uma ciencia onipotente e capaz de tudo explicar e resolver, devia o homem procurar algo que lhe satisfizesse a sêde de saber e tranquilizasse a consciencia. Só o cristianismo se apresenta apto para contentar o insaciavel coração humano. Considerada a ciencia como «um vasto conjunto de hipóteses provaveis», no dizer do insuspeito Wundt, era preciso encontrar alguma fórmula que substituísse o credo científico.

Só a religião de Cristo pôde dar uma doutrina de vida e uma orientação do pensamento, porque só esta religião se identificou com a natureza humana.

Só a fé, apoio do espirito, dá a uma natureza fraca e corrompida a energia e força incomparaveis para resistir aos proprios desvios.

«Direito, justiça, humanidade, caridade, piedade, diz Abelardo Roças, são creações cristãs, realidades morais

inmortais incorporadas para sempre á vida humana e superiores a todas as descobertas científicas que possam pretender suprimí-las».

Ainda uma vez o cristianismo se afirmou a religião de todos os tempos e de todas as idades, a quando do pontificado de Leão XIII, no terreno dos princípios, ficou assentada de uma vez a conciliação do dogma católico com os princípios científicos.

Preestabelecida a existencia do fato religioso independente da ciencia, provou-se depois que o conceito da moralidade publica ou individual deve ser declarado pela religião, que deve imperar sôbre a vontade, guardando-se para a intelligencia o vasto campo das conquistas científicas.

A derrocada do materialismo científico, no prélio decisivo da geração espontanea, marcou a éra do triumpho do pensamento cristão sobre todas as filosofias da impiedade e da descrença.

Brunetière, P. Bourget e outros tantos conversos illustres reconheceram a falencia da ciencia atéa e se acolheram á sombra do espiritalismo.

Laberthonière, Ollé-Laprune, Blondel e outros vultos conspícuos do pensamento francês, formaram a vanguarda dos mais fervorosos apologistas cristãos e elaboraram uma filosofia que trouxe á prática os princípios da moral religiosa.

As questões sociais encontraram uma solução ampla e equitativa nos princípios exarados na *Rerum Novarum*, moderna chave da esfinge que se chama capital e trabalho.

Além deste brilhante triumpho, vieram pedir apoio e sustentáculo á idéa religiosa os nacionalistas, que viam na crença o amparo da pátria ameaçada pela invasão de princípios subversivos; á frente desta falange estava em França o patriotismo iluminado de Mauricio Barrés.

Bem provado que isto está: o catolicismo nada teme do progresso científico, do desenvolvimento economico, das transições sociais, por fôrça de sua origem divina e por razão de sua correspondencia ás necessidades psicologicas do homem.

Felicidade...

A não ser que se lhe tenham embotado as mais nobres faculdades da alma ou que haja descido ao ínfimo na escala da degradação moral, há no homem uma aspiração inata, um desejo incontido de felicidade.

Os irracionais, uma vez satisfeitos os impulsos de suas paixões e plenificadas as necessidades da natureza, estão satisfeitos, porque nada mais desejam, nada mais aspiram.

No homem, porém, ao bem estar físico, intelectual e moral, se antepõe, quer nas cerebrações robustas quer nas mentalidades anêmicas, o anêlo insaciavel de ser feliz.

Desta ânsia de felicidade, dêste desejo de uma paz de animo, que não podemos satisfazer por nós mesmos, nasce muita vez o desânimo e o desgosto pela existencia.

E' que não sabemos viver, não sabemos explorar os tesouros da existencia, que Deus colocou em nossas mãos.

O homem ignora que caminho palmilhar para encontrar a felicidade.

Para uns é a ciencia a fonte da alegria íntima e a quietude das faculdades da alma. Estes sofrem a decepção de que as assombrosas conquistas da ciencia absolutamente não implantaram na terra a paz e a felicidade. Outros alongam suas vistas pelos bens da fortuna e esperam ser felizes com tesouros; julgam que o confôrto e o bem estar material pódem calar as aspirações do espirito; identificam o gôzo material com um estado superior, que é a felicidade. E a experiencia demonstra que os ricos nem sempre são os *felizes do mundo*. Alguem coloca a felicidade na família, doce remanso do lar. Acompanhando-se, porém, a vida íntima de uma família, quanta miseria, quantas dôres não encontramos...

Daqui é manifesto que nem a fortuna pessoal, nem as conquistas scientificas e a paz domestica pódem dar ao homem uma felicidade completa.

Em tudo isto ha algumas felicidades, mas não uma felicidade verdadeira.

Tudo passa, tudo muda.

Estas catástrofes íntimas, estas dôres secretas, que muitas vezes transtornam por completo uma creatura, lançam nas verêdas do desespero almas cobardes. que, sem ânimo de suportar os insucessos da vida, renunciam a todas as esperanças da existencia.

O estoicismo é o culto do desdém. é o desprêso dos sofrimentos temporais, é a insensibilidade arvorada em norma de viver.

O racionalismo impenitente do nosso seculo, procurando estancar as fontes mais puras das alegrias da alma e ao mesmo tempo abstrair por completo dos sentimentos sobrenaturais, lança a alma no mais absoluto ceticismo.

O indiferentismo pelos sofrimentos da vida poderá diminuir a veemencia dos abalos morais e infundir um pouco de fortaleza de ânimo nas crises agudas da existencia, mas não conseguirá dar á alma a tranquillidade perfeita e a quietude do coração, sem o que não haverá felicidade completa.

A observancia da lei moral, o mais perfeito desenvolvimento da ética pessoal, dará ao homem a certeza de que vai bem consigo mesmo, mas não preencherá o vácuo do coração humano.

Só alçando as vistas para o além, a paz da consciencia e a suprema consolação das esperanças eternas pôdem sossegar o nosso coração e satisfazer-lhe por completo as aspirações e ideais.

Uma hora historica

Constitue lugar comum dos artigos da imprensa diaria e fornece tema obrigatorio das conferencias internacionais a crise tremenda, que ora assoberba todo genero humano.

Em todos os tons e sob todos os aspétos tem sido estudada e analisada a situação aflitiva das nações, na presente hora.

As dificuldades que pesam sobre as indústrias; as complicações existentes entre o capital e o trabalho; as barreiras alfandegarias e a guerra de tarifas; os encargos das dívidas de guerra e o problema das reparações; a propaganda de idéas subversivas e de princípios anarquicos e todo genero de embaraços, que entravam o progresso e a marcha da civilização, tiveram, nos últimos tempos, um aumento espantoso e continuam a tomar vulto nos horizontes da vida internacional.

Certo que, em todos os tempos e em todas as éras da história, houve crises e ocasiões cheias de embaraços e plenas de espetativas medonhas. Hoje, porém, conforme observa S. S. Pio XI, esses fenomenos apresentam um carater de generalidade verdadeiramente impressionante. As calamidades que, noutro tempo, se desencadearam sobre o mundo, atingiam ora um povo, ora outro, feriam essa ou aquella nacionalidade, prejudicavam uma ou outra classe social, enquanto a outra parte restante do genero humano permanecia em paz e tranquillidade.

«Ao invés, diz o S. Padre, na encíclica *«Caritate Christi Compulsi»*, agora é a humanidade inteira que é presa da crise financeira e economica, e tão tenazmente, que, quanto mais se procura dar-lhe alívio, tanto mais insolúveis surgem as dificuldades; não ha Estado nem povo, nem sociedade ou família que, dum modo ou doutro, direta ou indiretamente, mais ou menos, lhe não sintam a pressão.»

Até mesmo os poderosos, os magnatas da grande industria, os banqueiros riquissimos e chefes de Estado não pódem viver tranquilos e, mais que os pobres e humildes, acham-se expostos ás reviravoltas da fortuna e aos golpes do espirito revolucionario.

A causa de todos esses males, a origem do presente estado de coisas constitue assunto obrigatorio de estudo por parte dos estadistas e dos grandes homens das nações modernas e para muitos, quiçá o maior numero, é segredo impenetravel.

O Papa, divinamente inspirado pelo Espirito Santo, denuncia, em palavras candentes, a raiz de todos os

males e declara abertamente que é o egoísmo o responsável por essa tristíssima condição das coisas. Foi a cupidez sórdida, que, concentrando todas as riquezas da terra em mãos de pouquíssimas pessoas, provocou um terrível desequilíbrio no seio da sociedade.

«Na vida publica, é S. Santidade quem fala, calcam-se os sagrados princípios que regulavam todo o convívio social; subvertem-se os sólidos fundamentos do direito e da fidelidade sobre os quais se devia basear o Estado; são violadas e estancadas as fontes daquelas antigas tradições que, na fé em Deus e no respeito da sua lei, viam a base mais segura do verdadeiro progresso dos povos.»

A insanía dos homens atira-se contra a religião e contra Deus, a quem uma «dialetica infernal» procura atribuir a responsabilidade dos males presentes. Esquecem-se de que o catolicismo não é aliado de nenhum sistema político ou economico. Fingem ignorar a finalidade eterna e sobrenatural da Igreja, que encaminha seus filhos para a consecussão da bemaventurança infinda.

Pela primeira vez na história a impiedade, que se ocultou sempre no fundo de alguns corações mal formados, e corrompidos, apresenta-se, aberta e ostensivamente, intentando levantar contra Deus a luta armada de todos os incrédulos e de todos os desesperados da terra.

Para combater e desbaratar o nefando exercito dos ímpios, o Sumo Pontífice ordena a união de espiritos e a conjunção de forças de todos aqueles «que se gloriam do nome cristão, lembrados da gloriosa tradição dos tempos apostolicos em que «a multidão dos crentes formava um só coração e uma só alma» (Act., IV, 32) e S. Santidade convida para essa nova cruzada todos «aqueles que admitem um só Deus e o adoram».

Não ha meio termo; não ha ponto de junção nem distincção de matizes.

Os dados estão lançados: Por Deus, ou contra Deus!

Ao emprego dos meios humanos, na luta contra a impiedade armada e aguerrida, devemos invocar o socorro divino.

Para alcançar o auxílio divino, a oração é recurso onipotente, quando feita com as necessárias disposições e revestida do indispensável espírito de fé.

Para que a oração alcance os fins visados e possa obter de Deus as graças requisitadas, importa que seja acompanhada da caridade, que une os corações, e da penitencia, que apaga as máculas da carne.

A caridade, que cimenta e fortifica a fraternidade entre os homens e as nações, traduz-se na prática pelo auxílio aos irmãos necessitados, a esmola, que apaga os pecados, no dizer da Sagrada Escriptura.

A penitencia, requisito indispensável para o perdão dos nossos pecados, tem a virtude de aplacar a justiça divina, agravada pelas culpas dos indivíduos e das nações.

Atendamos, pois, ao convite do chefe da cristandade, na hora atribulada que atravessamos.

Correntes literarias

Quem quisér julgar de um seculo e pretender descobrir o valor moral de um período da história humana deve buscar os pendores e as correntes literarias que floresceram em tal época.

Uma literatura sã e moralizada demonstra a sanidade espiritual da existencia humana. Uma literatura doentia e cheia de imoralidades revela um período de decadencia geral dos costumes.

Quando as produções do espirito humano revestem atitudes calmas e feições serenas, descobrem logo um período de atividades construtoras e recolhimento íntimo favorecendo á expansão dos mais puros e mais equilibrados sentimentos da nossa espécie.

Ao invés, uma produção literaria composta de escritos dissolventes e de panfletos anárquicos é o índice claro e insofismavel de um período de desordens espirituais e de agitações destruidoras.

Quando as publicações se apresentam revestidas de uma linguagem escorreita e de um estilo impecavel ou pelo menos respeitam as regras fundamentais da linguagem nacional, temos um atestado de que a instrução e o ensino público recebem dos poderes constituídos uma carinhosa assistência e um desvelado carinho, que elevam o nível geral da cultura popular. O contrario disso é o que se patentêa da divulgação de livros e periodicos que atentam contra a gramatica e as tendencias orgânicas do idioma patrio.

As literaturas nacionais fornecem aos sociologos, filosofos e estadistas, bem como a quantos estudam os problemas da humanidade, o criterio, senão infalivel, pelo menos seguro, para o julgamento de um período determinado.

E' certo que não se pôde ajuizar de um período da história pela análise de um unico escritor: isso constituiria um absurdo; mas do conjunto e da generalidade dos escritores de uma certa época, com veracidade, pôde alguém calcular o valor intelectual e moral dos coevos.

Os escritores de raça, que manejam a pena com o entusiasmo de suas convicções, são os legítimos representantes do pensamento de sua geração. E' deles que se ha de inquirir o que quer e o julga um ciclo da história.

Não falamos, está claro, daqueles que fazem do talento um meio de adquirir fortuna ou de escalar a glória das letras.

Na categoria dos legítimos representantes da cultura de uma raça colocamos Giovanni Papini, hoje universalmente conhecido. Pôde alguém discutir suas idéas, impugnar suas opiniões ou criticar-lhe o estilo, mas nenhum amante das boas letras contestará o merito do conhecido autor. Merecerão reparos a ardencia de seu temperamento, o absolutismo de seus julgamentos e a acrimonia de sua linguagem; mas essas falhas em nada prejudicam o vigor da expressão e a originalidade dos escritos.

Nascido na Italia, em 1881, tem tido uma carreira agitada e ruidosa. Seu espirito caminhou através do cientismo ao budismo, até que encontrou repouso e tranquilidade no catolicismo.

Seu livro de convertido: «A História de Cristo», atraíu sobre o seu autor a atenção de todo mundo intelectual. Mais tarde publicou uma vida de Santo Agostinho, excelente trabalho de recomposição histórica dos feitos do grande africano. Agora aparece um novo livro de Papini, Gog, que já está traduzido em vulgar.

E' uma sátira tremenda, atirada á sociedade moderna, sedenta de grandezas efémeras e de prazeres sensíveis, mas vazia de senso do sobrenatural e alevantamento dos costumes. Retraça bem ao vivo o que resta da existencia humana, quando se lhe retira a finalidade extraterrena. Reduz a pó a vaidade das aspirações do nosso orgulho, sempre insatisfeito e sempre desejoso de novas glórias.

A leitura superficial de Gog poderá deixar uma impressão de desalento, se prescindirmos de que o homem não é só um agregado de materias, que caminham para a dissociação.

Gog nos revela, através dos delírios e das extravagancias do herói de Papini, que o mundo inteiro é pequeno para conter as aspirações de um homem. Traz á evidencia que as riquezas todas da terra, os prazeres insensatos do grande mundo e as excentricidades das várias regiões do globo não pódem saciar a sêde de felicidade e de grandeza que existe no peito humano.

Sob esse prisma é que devemos encarar o novo livro de Papini. Assim o julgamos, pois o autor, logo no prefacio, afirma que a sua alma se renovou após a conversão.

Gog é ainda um documento preciosissimo e fidelissimo da terrível e constante inquietação de espiritos, que reina nos tempos presentes. E' o atestado da falencia de um seculo e de uma civilização, que pretenderam banir da vida humana todos os valores espirituais.

Ditadura da imprensa

Entre os modernos veículos propulsores da idéa, é, certamente, a imprensa o maior e o mais eficiente.

Em nossos dias, a ditadura da imprensa é vencedora em toda linha.

Já passou o embevecimento das turbas ante o estúpido espectáculo dos gladiadores ensanguentados, que expiravam nas arenas dos circos. Não mais a adoração da plastica, a admiração da plebe pelos jogos olímpicos e pelos volteios sensuais das sacerdotisas de Terpsicore. Já passou o reinado da demagogia, o tempo em que as massas ouviam silenciosas a voz ardente de um tribuno revolucionario, que soltava aos quatro ventos o verbo da liberdade e da revolta.

Hoje, em todos os assuntos, e em todas as suas modalidades, se faz sentir o poder da idéa difundida pelas folhas volantes.

Cerebros pêrros e empobrecidos de conhecimentos, incapazes de formular um conceito sôbre qualquer materia, estribam suas afirmativas convictas no — «*jornal disse*».

Do mesmo modo, individuos que estudaram e têm certa compreensão da vida, se apegam á palavra do periódico ou jornal que lêem, sem investigar onde está a verdade e o direito.

O assentimento religioso, prestado pela humanidade estudiosa aos ensinamentos dos mestres, foi substituído pelo veredito da imprensa.

Nos albores do século passado, Napoleão, impressionado pelo movimento de idéas que despertára na Alemanha o *Mercurio Renano*, fundado por Görres, denominou-o a sexta grande potencia do mundo.

Esta influência, de então para cá, não tem feito mais que aumentar num crescendo pasmoso.

Do ultimo quartel do século findo aos nossos dias, a imprensa tomou um característico especial desta época moderna, que vamos atravessando. Até então, o jornal tinha uma feição individualista, que traduzia sempre o pensamento do seu diretor e proprietario. O redator incarnava o seu jornal, que era o veículo de suas idéas;

os estranhos, que nele viessem a colaborar, deviam abdicar de suas convicções e de seu modo de pensar em que contrariassem a direção da folha. O jornal nascia, crescia e desaparecia com o seu proprietario, era um produto pessoal humano, como disse um grande articulista.

Hoje em dia, porém, a imprensa assumiu uma feição industrial, como os sindicatos de mineração, e companhias ferroviarias.

O elevadissimo preço da maquinaria e os admiraveis inventos da arte de imprimir tornam indispensaveis grandes capitais, para aquisição e exploração do periodismo.

Só os altos grupos financistas e as sociedades anónimas, pôdem, com vantagem, explorar este ramo de industria; e por esta razão, a imprensa de hoje é o reflexo dos interesses e opiniões de determinadas classes.

Sabido que é deciciva a influéncia do jornal no ânimo dos seus leitores nas questões políticas, os cabos eleitorais e as agremiações partidarias procuram colocar a grande imprensa ao serviço de sua causa.

O espírito mercantil e financista, hoje dominador em todas as esferas da atividade humana, assentou sua tenda nos arraiais do jornalismo, estabelecendo o predomínio da administração sobre a redação.

Diminuem-se os artigos, coloca-se a parte literaria e doutrinária á margem, em proveito das seções noticiosas e informativas; daqui tambem titulos e subtítulos exdruxulos e anúncios berrantes, que trazem grandes lucros para os proprietarios.

A preocupação de conquistar o favor publico tráz consigo certa e moderada reserva na discussão de várias materias, reserva esta nem sempre de acordo com os interesses do bem publico e os direitos da justiça.

Daqui os males da imprensa amarela, vulgo neutra, que só procura lisonjear paixões, porque não tem coragem de dizer a verdade e proclamar a justiça, em qualquer parte que as vir conspurcadas e preteridas.

Muitas vezes a imprensa venal e sem critério induz um povo ao erro, precõniza negocios duvidosos, oculta ao publico os verdadeiros males e sérios perigos, traz anúncios escandalosos e divulga obscenidades.

O jornal tem sido uma arma terrível que o sectarismo tem mobilizado com a maxima astucia contra a Igreja.

«A imprensa, ao serviço do inferno, está deschristianizando o mundo», com muita verdade escreveu Schorret.

O protestantismo e o espiritismo, que vêm manhosamente explorando a credulidade de nossas gentes e a funda ignorancia que reina em nosso povo; o laicismo inveterado de nossos dirigentes; o espirito comercial que domina muitos grandes orgãos da imprensa nacional; esta literatura banal e de fancaria dos nossos dias; este sôpro de revolução que sacóde os fundamentos de nossa nacionalidade, procurando lançar o desprestígio sobre nossa crença e sobre nossas instituições... são nuvens negras que se adensam no horizonte religioso do Brasil.

Na defesa dos direitos sacrossantos da Igreja e dos interêsses vitais do Brasil, é o jornal católico a guarda avançada da justiça, do direito e da verdade.

E' a hora da imprensa.

Jornalista

Alguem com bastante critério e ironia, chamou de *Martas da literatura* aos jornalistas. Não foi sem razão.

Do Evangelho consta que, ao tempo de Marta estafar-se no preparar a ceia para o Senhor, Maria, «escolhendo a melhor parte», deixou-se ficar quêda aos pés de Jesus.

Entre aqueles que seguem as carreiras liberais e se dedicam ás profissões públicas, ninguem está mais exposto ao insucesso e ás agruras da vida que o jornalista.

Claro é que não me refiro ao jornalista venal e sem critério. áquele que faz de sua profissão um burocratico *caça-niqueis* e, a tanto por artigo, vai informando o público, na defesa de interêsses inconfessa-

veis; daqueles que atassalham reputações honestas e cobrem de baldões nomes honrados, só porque, para isso, lho pagaram. Estes são os *aproveitadores* da imprensa.

Escrevendo crônicas imorais, ocultando ao público o mal que deve ser extirpado, improvisando celebridades baratas e cometendo toda sorte de delitos contra a veracidade e a honradez profissionais, vai galgando posições, conquistando favores, angariando fortuna e engrandecendo o proprio nome, embora á custa da consciencia e dos interêsses da sociedade.

O verdadeiro jornalista, o que pesa a responsabilidade de sua profissão e bem conhece os seus deveres, tem por calvario a sua mesa de trabalho.

No gabinete, onde os verzejadores de revistas, com poucos sonetos, conseguem a celebridade elegante dos salões, lá onde o romancista e rascunhador de novelas, com alguns folhetins, ganha o favor de frívolas damas, o jornalista forja os proprios instrumentos do seu mártírio.

O jornalista, que se dedica com sinceridade á sua profissão, que emprega todas as suas energias intellectuais na defesa da verdade e do bem geral, ha de forçosamente sacrificar interêsses, perder amigos e sofrer toda sorte de injustiças.

Ser-lhe-á necessario sacrificar interêsses pecunia-rios e posições vantajosas, porque a consciencia lhe veda cometer injustiças, escurecer verdades e deixar consumir-se o mal sem algum protesto.

Perderá amigos, porque é seu dever atacar o mal onde quer que o encontre, verberar a iniquidade, sem acepção de pessoas.

Muita vez, depois de rude campanha, o jornalista vê o triunfo de suas idéas, a realização prática do objetivo dos seus esforços, mas nem assim lhe será feita a devida justiça; apontam-se politicos e profissionais da cabotinice á glorificação popular e fica no olvido o nome do humilde jornalista, que, primeiro, lançou a idéa e por ela se debateu com o máximo esforço. Nem ao menos a compensação mesquinha da popularidade e o confôrto do favor público.

Enquanto poetas e romancistas fazem fortunas em pouco tempo e suas obras enchem as prateleiras dos mercados de livros e, não raro, levam seu autor á glorificação da *cadeira de imortal*, o jornalista vê sua obra, fragmentaria, perder-se, como as folhas crestadas que o vento leva.

Restar-lhe-á, no entanto, uma alegria mais pura, um consôlo mais forte: a tranquilidade da consciencia. que lhe dirá que o soldado da imprensa é o obreiro do bem público e indefesso propugnador do direito, da verdade e da justiça.

Literatura

Entre as belas artes é a literatura a que tem um objetivo mais sublime, porque estuda as produções intellectuais; enquanto as outras estudam mais directamente a natureza, esta representa a originalidade inventiva do espirito creador.

A literatura classica reveste fôrmas austéras, caracterizadas sobretudo pela impecabilidade da fôrma; Homero, Demóstenes, Cícero, Virgílio e Dante são modêlos.

Além da pulcritude da linguagem, a literatura classica tem um cunho austero de moral, podendo dizer-se que não ha uma obra classica francamente imoral.

Póde haver certa rudeza de expressão, mas não o propósito de escrever indecorosidades.

No comêço do seculo XIX, um grande movimento literario veio operar uma transformação profunda na arte de escrever.

O romantismo caracterizou-se pelos sonhos vagos e devaneios abstratos, por uma sensibilidade ardente e exaltação imaginativa, em detrimento da razão. Pôs em voga o individualismo, as tradições orientais. e os costumes da idade média.

Originario da Alemanha. foi implatado na França por Mme. de Stael e Chateaubriand. V. Hugo, no prólogo do *Cromwell*, sintetizou as teorias do romantismo na literatura. O seu *Hernani* separou os arraiais dos

classicos e românticos. Na Inglaterra, Byron e W. Scott foram os romancistas mais apreciados e que divulgaram os novos moldes literarios.

Em Portugal, foram Castilhos, Garrett, A. Herculano, A. de Quental e Latino Coelho.

Esta nova fórmula literaria suscitou extrenuos entusiastas e exerceu sobre todas as literaturas a mais profunda influencia.

Pelo lado moral, o romantismo abriu caminho ao lascivo nas obras que produziu, mas evitou o que era franca e absolutamente imoral.

Ao romantismo succedeu o realismo, que procura imitar a natureza, mesmo nas suas deformidades.

Ha o verdadeiro realismo, que consiste na ficção da vida real, e o realismo torpe e sujo, que se alimenta na imoralidade.

Da primeira corrente citam-se escritores de fama universal que exalçaram as letras de muitos países; do segundo só se contam bastardos literarios, que escabujam nas torpezas e indignidades do homem embrutecido.

Em nossos dias ha falta quasi absoluta de uma literatura sadia e forte, que sustente as forças da alma e illustre a intelligencia.

Ha, em demasia, desta literatura barata e de fanfaria, que envenena a alma simples do povo e perverte a mocidade, que gosta de matar o ócio com horas de leitura.

Se isto se póde dizer de quasi todos os países cultos, maximé se deve aplicar ao nosso Brasil, onde as cronicas de escandalos se vendem aos milheiros e os livros sérios dormem o sono do desprêso entre os carunchos e o pó.

Imprensa e imprensa

Uma das causas do Brasil ser mal julgado no estrangeiro e de nos serem assacados tantos descreditos é o abastardamento da nossa imprensa.

Sabido é que o jornal é o maior educador ou deseducador dos povos, visto como é o maior veículo de idéas.

Penetra em toda parte: colégios, repartições públicas, casas comerciais, cafés, bares, etc.; é lido a qualquer hora, após a primeira chavena de café, pela manhã; no trajeto de bonde, de casa para a repartição; no intervalo do deitar-se ao primeiro sono; todos o leem, humilde operario ou ministro de Estado, sábios, que estudam os segredos da natureza, e o descuidoso estudante que *cóla* pontos de exame.

E' a enciclopédia do povo, que não tem tempo para lér maiores tratados, nem recursos para comprar livros; enfim, ninguem se furta á curiosidade de «passar a vista no jornal».

E' incontestavel que todos nós pagamos nosso tributo de fé e aceitação ao que êle nos diz; sôbre o que não conhecemos nem temos certeza, vamos discorrendo algo, acrescentando «li num jornal», salvando assim nossa responsabilidade.

Isto posto, é para respeitar-se a influéncia da imprensa, sobretudo do jornal diario.

Em nosso país, é triste vêr-se como se acha desvirtuada a missão da imprensa.

De um lado, é a lisonja incondicional a tudo que venha do alto, sem que se pôssa admitir o êrro por parte dos que governam; de outro, é o ataque desabrído á autoridade, sem consideração ás pessoas e sem respeito aos cargos que ocupam.

Insultos, baldões e infamias.

O estrangeiro, que se oriente pela nossa imprensa, ha de formar um conceito muito mesquinho de nossa cultura e educação pública.

O mal é crônico; tem suas raizes no liberalismo voltaireano do segundo império.

Para corrigir estes desvarios, veiu a lei de imprensa e a responsabilidade jornalística, mas é apenas um castigo, uma penalidade que não previne nem extingue as fontes do mal.

Além desta imprensa declaradamente hostil á ordem e anarquica, ha outra quiçá mais prejudicial, porque manhosa, porque silencia sôbre o mal e espalha calunias. E' a imprensa amarela, que se amolda a todas as situações, ao salario do melhor pago, para não preterir os interêsses dos acionistas ou proprietarios.

Olhado o valor educativo da imprensa, é mistér que seja esta uma propriedade nacional, isto é, de nacionais, que esteja ao serviço do bem público, que vise os altos interêsses do país e trabalhe pelo aproveitamento de nossas grandes possibilidades economicas.

Infelizmente, porém, é o contrario disto o que se vê nalguns grandes órgãos de nossa imprensa, propriedade do capital estrangeiro ou assalariada por este.

Além disto, é necessario que a imprensa não se divorcie da cultura moral e cívica do povo, isto é, que ao menos não combata a religião nacional, que é a maior diretriz de nossa finalidade histórica.

Nós, católicos, não exigimos que toda imprensa seja declaradamente confessional, nem que haja uma cruz em cada cabeçalho, mas temos o direito de exigir, ao menos, em nome do princípio democrático do predomínio da maioria, que sejam respeitadas as nossas crenças e olhados com o devido carinho os interêsses nacionais.

Por isso, precisamos do jornal sério e honesto, que pugne pelos interêsses da nação, instruindo, organizando e engrandecendo o nosso povo.

A semana da caridade

Hora angustiosa atravessa a humanidade, que se debate na crise mais tremenda que a história regista.

Sob qualquer dos aspétos por que se encare a vida das nações, havemos de reconhecer que de ameaças e perspectivas sombrias está cheio o futuro dos povos.

Não será mistér longo estudo acerca das condições do industrialismo contemporaneo e da economia mundial, para que se faça uma idéa exata do que vai por aí além, neste velho planeta que habitamos.

A crise economica que estagna os intercambios, indispensaveis á circulação das riquezas, toma tal incremento que assume proporções fantasticas.

Em consequencia de tudo isso ha verdadeiras multidões de operarios reduzidos á extrema indigencia. E o numero dos sem trabalho aumenta dia a dia e não ha esperanças de que tal situação venha a melhorar suficientemente. Ao contrário, tudo parece indicar que as condições aflitivas da hora presente tendem a agravar-se.

Da capital do mundo cristão, da sagrada colina do Vaticano, o chefe do rebanho de Jesus Cristo ergue sua voz angustiosa, para lamentar a sorte dos infelizes, enxugar lagrimas e pedir um pouco de pão para os famintos e socorro para as creancinhas abandonadas.

Ouçamos as palavras do Sumo Pontífice:

«Mais intensa, porém, é a nossa dôr em relação á enorme multidão de creanças — as mais inocentes vítimas dessa tristissima situação, que pedem pão e não encontram quem lho reparta, «dum non erat qui frangeret eis». (Ier. Teren. IV. 4) e que, esquálidas de miseria, condenadas estão a verem emurchecer a alegria natural e aquele sorriso de tenros labios que su'alma ingenua inconcientemente busca em torno de si mesmas».

E o grande sucessor de S. Pedro não se arreceia de denunciar a origem dos males, que afligem a humanidade, e com vigor e energia verbéra as loucuras das grandes potencias.

«E visto que a desenfreada competiçãõ de armamentos é, sem duvida, por um lado, efeito da rivalidade entre os povos, mas, por outro, causa de enormes despesas subtraídas á economia pública, coeficiente, portanto, e não dos menores, da extraordinaria crise atual, não podemos deixar de renovar, aqui, uma oportuna advertencia do mesmo nosso Predecessor (Exortação *Dès les debuts*, 1 de agosto de 1917) e Nossa (Aloc. 24 de dezembro de 1930 e Cart. ant. *Con vivo piacere* de 7 de abril de 1922) lamentando que não

tenha sido até agora atendida: neste sentido, com ardor vos exortamos, Veneráveis Irmãos, a que, por todos os meios ao vosso alcance, pela palavra e por escrito, vos empenheis em esclarecer as inteligências e abrir os corações aos mais seguros ditames da reta razão e, muito mais ainda, da lei cristã».

E não param aqui os dizeres do Vigário de Jesus Cristo. S. S. denuncia os males e aplica-lhes os remédios: a caridade cristã e a prece ao Redentor do gênero humano.

Do mesmo modo que os efeitos da crise chegaram até nós, a palavra do Papa também foi para nós ouvida e S. Emcia. o nosso Cardeal Arcebispo atendeu presto ao apêlo de S. S. Pio XI.

«Mas, pastor de Almas, diz S. Excia., temos o dever e o direito de informar que nesta cidade, principalmente entre as camadas populares e no retraimento discreto e doloroso da chamada *pobreza envergonhada*, muita ferida ha que lateja ao fogo da desdita, na miseria que lá lhes entrou pela casa a dentro ou junto dela espreita ameaçadora e tetrica.

De nada valeriam indagações para saber se ha culpados e quais sejam êles. O que importa é não fecharmos o coração á voz da fé cristã e da consciencia humana que nos impõem o dever sagrado de socorrer o proximo em suas necessidades».

Luigi Luzzatti

O sôpro gélido da morte apagou a chama de uma existencia util e grande, a de Luigi Luzzatti, o sábio economista.

Sobre esta sepultura recém-aberta tres grinaldas se desfolham, murcham tres corôas: a da patria, que chóra a perda de um filho incomparavel; a da ciencia, que perde uma grande cerebração ao seu serviço; e a do proletariado, do povo em massa, que lhe deve os mais fecundos resultados no campo economico.

As modernas instituições da economia social, falo daquelas que apoiam a ordem e a tranquilidade pública, muito devem á energia creadora e ao senso do real deste homem verdadeiramente superior.

Originário de um país pobre e superpopulado, membro de uma sociedade mirrada pelo pauperismo e sugada pelas extorsões capitalistas, Luzzatti compreendeu bem cedô que a salvação de sua patria e tambem do atual estado de coisas estava na organização e disseminação de bancos populares.

Era premente e iniludível a necessidade da confederação dos pequenos interêsses das classes produtoras, para fazer frente á escalada ambiciosa de todos os açambarcadores.

Neste intuito elevado e humanitario tentou desenvolver, em mãos dos proprios interessados, as caixas economicas officiais, dando-lhes a amplitude dos estabelecimentos bancarios, afim de que pudessem fazer frente aos consorcios de capital.

E' esta a mais firme coluna da moderna economia italiana e a base da prosperidade e da riqueza de vários países.

Raifeisen, o grande organizador do cooperativismo na Alemanha, foi o predecessor desta cruzada filantropica, que marca uma nova éra nos fastos da sociedade contemporanea.

O escopo essencial dos dois grandes sistemas, Luzzatti e Raifeisen, é antepôr aos grandes capitais o mecanismo organizado dos pequenos interêsses do povo.

Hoje estas idéas sociais estão vencedoras; já não se contestam seus resultados benéficos e sua eficiencia prática; mas, ha sessenta anos antes, quando o moderno evangelizador declarou a sua *Bôa Nova*, não lhe faltaram contraditas e obstaculos.

De um lado, a rotina, o hábito, que embrutece o homem, o preconceito, que cega a razão para não vêr o beneficio real, a desconfiança, que acompanha sempre os oprimidos e espoliados; de outro, as ambições má contidas dos que se sentiam prejudicados em seus interêsses inconfessaveis e o despeito daqueles que viam desabar, por inefficiencia total, como castelo de cartas, suas teorias maquiavelicas.

Aos governantes faltava a consciencia clara e definida das necessidades coletivas.

Nesta atmosphera de suspeitas e hostilidades, houve-se por longos anos o genial economista, até que os resultados práticos demonstraram a cabal applicação dos princípios cooperativos ás condições da vida moderna.

Esta obra e estes princípios são vencedores não só nas terras gastas e enfraquecidas da velha Europa, mas também nas risonhas plagas da America, no nosso Brasil — «a terra do futuro».

Lá é o capitalismo que procura campos novos á expansão, aqui são interesses múltiplos que requerem capitais amplos, ouro e mais ouro, para aproveitamento completo de possibilidades assombrosas.

Difundir e propagar as idéas do cooperativismo popular, em assuntos economicos, é não só obra de alto alcance sociologico e político, mas também da mais nobre finalidade patriótica.

Um problema nacional

Ao considerar a marcha progressista do nosso seculo e ao vêr o desenvolvimento que têm tomado as ciencias e as artes, descendo ás minudencias e especializações mais complexas, ninguém poderá contestar o valor da instrução como fator primordial do engrandecimento dos povos. Engrandecimento, digo bem, porque se trata de alevantar as nações, não só pela cultura intelectual, mas também de locupletá-las economicamente. Assim é que as nações mais cultas são as mais progressistas, porque dispõem dos meios mais aperfeiçoados e mais exatos de aproveitar as fontes industriais e os recursos das suas possibilidades.

O exemplo da Alemanha, da pequena Belgica, da velha Inglaterra e em geral da maioria das nações da Europa, nos mostra de quantos prodígios é capaz uma industrialização científica e uma técnica perfeita na atividade nacional.

Populações densíssimas, apertadas em estreitas faixas de terra, desfrutam um bem-estar invejável aos olhos de outros povos. E por que?...

Porque uma instrução modelar e um preparo industrial completo não deixam escapar nenhuma de suas fontes de renda e desenvolvimento material.

Definindo as características dos nossos tempos, Carneiro Leão tem estas palavras, que devemos lêr e meditar com a atenção da nossa intelligencia de civilizado e com o capricho de um coração de patriota: «Numa época em que civilização é cultura, e progresso é intelligencia aplicada, abandonar os elementos directores da educação brasileira, menosprezar a intelligencia, é querer retardar a evolução da nossa grandeza e a fôrça da nossa afirmação nacional».

Não se trata do problema intelectual do povo brasileiro sob o ponto de vista puramente literario; isto não, porque os nossos poetas, romancistas e literatos, em geral, representam bem o nosso valor cultural e honrariam qualquer povo culto da terra; trata-se, porém, da «ação intelligente, da realização scientifica», que devem levar o país á senda do progresso e da riqueza.

O nosso problema é fazer um povo, no sentido nacionalista da palavra, de uma população raquitica, mirrada pelo amarelão, empaludada á margem dos rios e das lagôas encharcadas, degenerada pelo alcool, tarada hereditariamente pela tuberculose e pela degeneração mental.

Que se pôde esperar de um povo **rebaixado** até este ponto na escala social? Como converter este peso morto da economia nacional em um fator de produção e de progresso?

Só uma educação, mas uma educação completa, em todos os sentidos: física, pela ginastica e pelos exercicios, que desenvolvem e enrijecem os musculos, dando fôrças para o trabalho; intelectual, pelo amanho dêstes cérebros que jazem nas trevas da ignorancia, plenos de êrros, cheios de preconceitos e abusões; social, que forme um individuo util á família e ao país, um elemento de vida e de progresso e não um fator de desordem e degeneração; e moral, sobretudo, que revigore a raça,

que emende os vícios que corróem o cerne de nosso povo — a embriaguez e o jogo.

A influência deletéria destes dois males não se limita ao desgraçado que perde a dignidade e o dinheiro nos antros da tavolagem, mas se espalha por toda a sociedade, que se ressenete da infidelidade ao dever por parte de qualquer de seus membros.

E' sobre a infancia, esta linda florescencia do povo, é sobre a infancia, repito, que se fazem sentir, como um anátoma terrível, as consequencias pavorosas da decadencia moral. Estas creanças palidas, fracas, deprimidas fisicamente, de gestos acanhados e de rosto alvar, revelando, não raro, uma precocidade estranha para o vício e para o crime, atestam quasi sempre uma ascendencia degenerada.

Sem admitir o *criminoso nato*, sem aceitar as teorias de certos criminalistas, é indubitavel que a influencia hereditaria e do meio ambiente é um fato. A experiencia o comprova.

O problema nacional é vasto e complexo; para resolvê-lo é preciso a ação energica e eficaz do poder central, longos anos de trabalho e de combate; mas não se pôde negar a cada brasileiro bem intencionado o direito de trazer uma pedra para a grande construção que é a cultura da moderna geração brasileira.

O aumento da criminalidade

Fato que se revela ao mais leve exame da sociedade moderna é o aumento assustador e assombroso dos delitos de toda espécie.

As estatisticas da criminalidade demonstram um crescendo pasmoso da seára do crime, que, sem cessar, toma incremento dia a dia. Este triste índice das condições morais da vida humana observa-se tanto nos países mais cultos e civilizados, como no seio de populações ignaras e alheias aos progressos modernos. A' evidencia sobresái incontestavel que os crimes se multiplicam em números, e tomam os mais repugnantes aspétos.

O peor é que este desenvolvimento e este progresso de desregramento das atividades individuais se patenteia mais constante nas camadas mais novas da coletividade humana.

Mulbroney, comissario geral da policia de Nova York, declarou, recentemente, que «neste assunto, de criminalidade, a percentagem dos delinquentes de menor idade é assustadora».

Os especialistas na matéria procuram descobrir a causa de semelhante regressão moral da mocidade contemporanea.

Hoje em dia não ha mais quem se deixe embalar pelo idealismo de Vitor Hugo, que julgava diminuir as prisões, aumentando o número de escolas.

H. Spencer, o célebre filósofo inglês, já em seu tempo confessava que a experiencia quotidiana demonstrava que não basta ao homem conhecer o bem para o pôr em prática.

Verifica-se na sociedade moderna uma espécie de anestesia ou perda do senso moral. As noções de direito e dever, justiça e verdade e os princípios da moral se acham enfraquecidos ou deturpados mesmo, de modo que já não exercem influência bastante para conter os interesses inconfessaveis, os instintos baixos da animalidade.

Alguns pretendem vincular o aumento da criminalidade á depressão economica e ás dificuldades financeiras dos tempos presentes. Isso, porém, é absolutamente falso e insubsistente á análise dos fatos. A história demonstra que não sómente nas grandes crises economicas, mas tambem quando o nível da vida se conserva invariavel, as energias humanas descontroladas são capazes de atentados e desatinos.

Maior soma de perspicacia provam aqueles que atribuem á propagação de idéas dissolventes e de princípios anárquicos o moderno progresso da criminalidade.

Com efeito, a difusão das doutrinas extremistas traz consigo o enfraquecimento da autoridade pública e elastece os vínculos da conciencia privada, abrindo caminho para atentados que se cometem á luz meridiana, e a crimes, que são perpetrados nas trévas da noite.

Assaltos cometidos contra os poderes constituídos e

violações clamorosas da justiça encontram explicação na dissolvença de idéas e princípios, que reinam em nossos tempos.

Para modificar o presente estado de coisas e pôr diques á onda de crimes não basta o poder coercitivo da justiça nem as fôrças repressivas da policia. Justiça e policia são agentes externos, agem, por assim dizer, na superficie do individuo, não penetram nem pôdem penetrar, evidentemente, no cerne humano, isto é, na consciencia.

A educação moderna, apesar das conquistas da pedagogia e do inquestionavel progresso das artes e das ciencias, mostra-se vazia de senso moral e destituida de obrigações e de princípios.

Eis a razão de sua falencia. Eis o motivo do avanço das doutrinas extremistas e incendiárias.

O homem que não encontrar em sua consciencia alguma fôrça espiritual que o leve a combater seus interesses e suas paixões, atirar-se-á contra todas as instituições sociais, que lhe ofereçam obstaculo ou imponham freio ás suas atividades desordenadas.

Contra esses elementos perigosos, contra os individuos prejudiciais á normalidade da vida pública, os órgãos da justiça e da policia, fazem sentir seu poder repressivo e sua ação energica.

O Estado pôde e deve cuidar de que a ordem pública não seja perturbada; as fôrças armadas poderão assegurar a tranquila atividade das organizações conservadoras, reprimindo quantos queiram perturbar a vida normal do país.

Mais do que isso não se lhes pôde nem se lhes deve exigir.

O papel repressivo da criminalidade compete á educação da juventude, á formação do carater dos homens de amanhã. Prevenir a dissolução dos costumes e o progresso da criminalidade pertence á educação.

A geração moderna não falta a educação. A' educação, porém, falta um elemento basico, o elemento moral, que disciplina a vontade e regula os sentimentos e as ações.

O «*Osservatore Romano*», tratando da educação da mocidade, escreveu estes conceitos:

«Se houvesse sinceridade no enfrentar o angustioso problema, devia antes pôr-se assim a questão:

Tantos homicídios e roubos, tantos crimes. Quantos cometidos por gente nova? Tantos. O maior número!

Quantos desses jovens tiveram educação? Quasi todos.

Qual educação? Tal.

Qual é a sua característica?

A amoralidade, o desconhecimento de Deus e da sua lei.

Então, diga-se tudo: o que é mistér não é educar os jovens. E' educá-los religiosamente no conhecimento, no respeito e no santo temor de Deus».

Sociólogos dos mais insuspeitos de imparcialidade para com o catolicismo não poucas vezes já proclamaram o que agora escreve o jornal do Vaticano.

Das origens do patriotismo brasileiro

Quem desejar conhecer as fontes e origens do sentimento de nossa nacionalidade deve fazer a psicologia dos primeiros colonos que pisaram o nosso sólo patrio.

Os companheiros de Martim Afonso de Souza, os primeiros destinados ao desbravamento de nossas florestas invias, sentiram em seu peito um amor imenso pela nova terra que lhes abria os horizontes.

Aquela admiração cândida, que Pero Vaz de Caminha externava pelo continente, tornou-se o sentimento predominante dos primeiros habitantes civilizados do nosso país.

Um seculo mais tarde, já não é só o mixto de admiração e embevecimento, mas está radicado profundamente no coração do nosso povo um verdadeiro amor por esta terra abençoada, amor que se transfunde em feitos homéricos.

Não já simples afetividade reconhecida, não mais a emotividade impulsiva; antes, fatos históricos, que tracejam projeções gloriosas.

São cinco lustros de lutas, de guerras e de combates para a expulsão definitiva do bätavo invasor. E' um periodo pleno de sofrimentos indiziveis, de acentos sublimes, que levarão ás remotas idades os nomes dos guerreiros de Guararapes e de Taborda.

Os *Leões do Norte*, de corações espartanos, de coragem indómita, e de firmeza sem par, escreveram na história o nosso protesto de povo que ama a liberdade.

Este sentimento nativista, que varrera os franceses e holandeses, teve ocasião de se afirmar, decidido e voluntarioso, contra a prepotencia da metrópole.

As guerras, ditas do *Mascates* e *Emboabas*, são outras tantas afirmações históricas da existencia do brasileiro.

As agitações havidas em 1704, no Rio de Janeiro, em 1708 e 1710, em Minas e Pernambuco, e em 1720, em Minas, novamente, são outras demonstrações claras e patentes das aspirações liberais do povo brasileiro.

O sonho augusto da *Inconfidencia*, expoente máximo de patriotismo e de cultura, no escarmento cruel do seu desenlace horrivel, no largo da Lampadosa, é a prova absoluta de quanto, já naqueles tempos, se amava o Brasil.

O sacrificio nefando de Felipe dos Santos e de Tiradentes, sacrilegamente imolados, pelo absolutismo lusitano, é demonstração clara da insubmissão dos nossos ancestrais. E o sangue cáldo de patriotismo, que os nossos heróis verteram sobre a terra de Santa Cruz, foi sementeira de ideais mais sublimes e devotamentos mais absolutos.

Corrida pelo vendaval napoleônico, aportou ás nossas plagas a cõrte portugueza, recebendo logo o mais franco e hospitaleiro acolhimento, entre a espetativa de independencia que nutriamos. Quando se desvaneceram os sonhos de um Brasil cabeça do império portugês, então reclamámos o que era nosso — a liberdade.

Logo após entraram em plena efervescencia os sentimentos de independencia, que explodiram no grito do Ipiranga.

Pedro I e os seus companheiros de cavalgata não fizeram mais que comparecer ao epílogo do drama da Independencia.

O que se deu a 7 de setembro era exigido pelo espírito liberal de nossa finalidade histórica; a independencia já estava firmada em nossos corações antes de ser proclamada pelo Regente.

9 de janeiro, 7 de abril, 13 de maio e 15 de novembro são complementos sublimes, são consequencias logicas da independencia.

Um povo autônomo não queria um soberano alienigena; uma nação liberal não podia ser mãe de escravos; uma raça joven não aceitava mais as restrições monarchicas.

A síntese da história de nosso patriotismo se resume em poucas palavras: — um embevecimento sublime ante a terra hospitaleira, que acolhe o colono; rastros de sangue, sublinhados pela glória, que acalenta os heróis mortos pela patria.

Nos dominios da história patria

Fator preponderante de um nacionalismo sadio e ao mesmo tempo um meio de abrir o caminho do progresso ás gerações, que se formam, é o estudo da história pátria.

E' preciso convir que os estudos históricos, segundo os moldes da instrução moderna, não consistem só na enumeração dos fatos com taboas cronologicas e dinasticas, não; o verdadeiro estudo da história vai muito além; busca o néxo lógico, isto é, as razões do encaideamento dos fatos e as suas consequencias últimas.

A história não é só o panegirico dos grandes filhos da pátria, mas a crítica serena dos seus feitos no palco nacional.

Entre nós ha bastante que reformar em nosso método de estudo da história pátria.

Noções imperfeitas acerca dos aborígenes, síntese da conquista e colonização, algo da guerra holandesa,

um pouco da formação histórica dos sentimentos nativistas, no mais só o destaque de alguns vultos mais ou menos legendários.

A maior lacuna, porém, dos compêndios está no silêncio sobre o ponto central e de convergência da nossa origem e formação. E' o que toca á parte que teve a religião na formação da patria brasileira.

Basta uma ligeira síntese de nossa história para demonstrar esta verdade; cotejar a influência da Igreja em nosso país é o mesmo que escrever-lhe a história.

O desenrolar do véu, que nos ocultava aos olhos dos povos civilizados, foi assinalado pelo santo sacrifício da missa e a cruz da redenção foi o marco de conquista colocado na nova terra de Santa Cruz.

Foram os ministros da religião que galgaram as serranias, devassaram as matas, vadearam os rios, palmilharam ínvios sertões, e, afrontando a natural fereza, reduziram os selvícolas ao convívio social e não fôra a destreza desta conquista incruenta e espiritual, os portugueses não teriam conseguido dilatar os seus domínios até ao coração do novo continente.

Quando aventureiros e corsarios estrangeiros e hereticos intentaram a conquista do país, foi do clero que surgiram os mais extrenuos defensores da nacionalidade.

Nóbrega e Anchieta restituiram o Rio de Janeiro á corôa portuguesa e salvaram Piratininga.

Na Baía, Pernambuco e Maranhão o sacerdocio católico foi o mais rijo baluarte do espírito nativista, e até bispos saíram a campo, prégando a cruzada santa da restauração do país invadido.

Durante todo o período colonial a influência da religião foi um poder decisivo em todos os nossos surtos de progresso e engrandecimento. E esta influência se foi radicando até aos dias da independencia.

No império, ora pacificando revólutas, ora disseminando a instrução, é sempre gloriosa e sublime a trajetoria da religião no Brasil.

Ha um feito em nossa história cuja génese é reclamada pelo catolicismo — a abolição do elemento servil. Esta campanha, que é a página aurea dos nossos

fastos, procede exclusivamente dos sentimentos cristãos do povo brasileiro.

Na vigência do regime republicano, a dedicação da Igreja pelo engrandecimento do país não tem sido menor.

E' incontestável a ação moralizadora e conservadora da religião em prol da manutenção de nossas tradições genuinamente nacionais. A catequese dos selvícolas, a fundação de numerosos e prestativos estabelecimentos de ensino, a instrução profissional, o ensino agrícola e muitas outras obras de igual valor devem-lhe os mais relevantes serviços.

Nos dias tormentosos, nas convulsões políticas, é dos pastores de almas o brado de paz e de respeito ás instituições democraticas.

«Foi a Igreja católica, diz uma palavra entre todas autorizada, que civilizou e amansou os primitivos habitantes de nosso país; desbravou nossas florestas, transformou em selvas de edifícios nossas solidões; avigorou nossos soldados para as asperezas da guerra; temperou nossos ânimos para as rijas provações; aprimorou nosso espírito; apurou e amenizou nossos costumes, consolidou nossas leis e cimentou nossa unidade nacional».

Não obstante estas verdades incontestáveis, não obstante ser a religião católica a pedra angular de nossa nacionalidade — a história pátria esquece e deixa na penumbra estes valiosos serviços.

Nossas comemorações patrióticas, nos últimos tempos, têm um cunho de anarquismo, glorificando todos os que, concientemente ou não, tentaram derrogar a ordem e são relegados ao esquecimento os obreiros obscuros e humildes, que ergueram este pedestal de grandeza sobre o qual assenta o Brasil.

Já vai longo o silêncio; é tempo de nossos historiógrafos darem á Igreja o lugar que lhe compete na história pátria.

Da guerra civil á reforma constituicional

A hidra revolucionaria, que cravava as garras aduncas sobre nosso organismo político, o polvo anarquico, que distendia seus tentaculos terriveis pelos membros federativos de nossa nacionalidade, estão jugulados.

Venceu o principio de ordem, a legalidade. O sentimento nacional de respeito á soberania da Patria varreu das camadas sociais o espirito de rebelião. O poder central, sustentado pelo apóio moral da conciencia de nossas gentes ordeiras e laboriosas e pela eficiencia militar dos mais fortes elementos das classes armadas, conseguiu vencer a revolução.

O Brasil atravessa uma fase crítica da sua história. Desbravados em maior parte os nossos sertões, integrados na comunhão nacional vastos tratos do nosso territorio, fundamentada a nossa unidade politica, restamos agora radicar no coração do nosso povo o amor da patria e o respeito ao poder constituído, afim de contrabalançar as influências malélicas do espirito revolucionario.

Aliás o que se passa aqui é a repercussão do embate tremendo da ordem contra a anarquia, que se dá com todos os povos do universo.

A civilização, de que se vangloria nosso seculo, é conquista do cristianismo.

Mas o orgulho humano pretendeu fruir dos beneficios, esquecendo o benfeitor, e assim procura o progresso, renegando suas origens.

Quando o mundo se abismava na decadencia das civilizações da Hélade e de Roma, e a perversão moral ameaçava a ruina completa do homem e as hordas barbaras, destruíam tudo, o cristianismo saiu a campo, prérgou a regeneração e assim dominou a besta humana; foi ao encontro dos barbaros e amenizou seus costumes, amparou as artes e restaurou o que fôra derrocado.

Da tirania dos césaes surgiu o Estado cristão, onde o poder temporal reconhecia a supremacia de Deus. E assim por muitos seculos,

Um dia o inferno abortou um monstro: foi a reforma protestante.

O protestantismo, postergando as leis da razão histórica, veio implantar o cesarismo do poder civil e a intolerância na ordem religiosa; colocando a Igreja sob a tutela do Estado, deixou os povos sem uma defesa contra o absolutismo.

Este retrocesso espiritual foi a determinante histórica da revolução francesa, deshonra dos fastos humanos.

V. Hugo consagrou a ultima parte do *Noventa e tres* em enumerar as conquistas da Revolução; no entanto, um exame mais profundo demonstra que tudo que ali se diz obra revolucionaria, já era conquista do direito cristão. Em nome da liberdade levantou-se a guilhotina, em nome do direito implantou-se a violência. O individualismo desenfreado substituiu os nobres princípios que a religião, á custa do sangue dos mártires e do mais ingente esforço intelectual, havia fundamentado na cultura humana.

Deste crepusculo das almas, em nossos dias, surgiu a maquina infernal que ameaça soterrar a civilização toda, e todos os povos: o bolchevismo.

O hipernacionalismo megalomaniaco e o capitalismo autsedento, que corróem os povos mais cultos da terra, são frutos opimos do espirito pagão, hoje mais que nunca redivivo, sob as fórmãs de livre pensamento e racionalismo.

E assim, enquanto uma parte consideravel da humanidade geme debaixo dos acicates cruéis do anarquismo, qual se verifica na Russia, a outra se entrega ás competições mais vergonhosas e das mais tremendas consequencias; esquecendo ambas que a salvação está na paz, a paz reside na ordem e a ordem repousa na imutabilidade dos princípios religiosos.

Trata-se da refórma de nosso estatuto político, mas se esta reforma não se fizer no sentido de fortalecer a ordem social e consolidar o sentimento de amor da pátria, resultará inutil todo o esfôrço e o espirito público continuará batido pelas lufadas revolucionarias.

Nacionalismo

O amor que o homem consagra á terra que lhe serviu de berço recebeu desde os mais antigos tempos o nome sagrado de patriotismo. Era a defesa material, a mão armada, do territorio pátrio.

Modernamente, apareceram as atitudes mentais de maximalismo, socialismo revolucionario, bolchevismo, cosmopolitismo, universalismo anárquico e outros sistemas que tendem a desenraizar do coração humano o amor á pátria; surgiu o nacionalismo, atitude da intelligencia, que reage contra essas teorias dissolventes.

O cristianismo, porém, ao manifestar a visita de Deus ao homem, fê-la nestes termos: «*Gloria ao Onipotente nas esferas siderais e no orbe terráqueo paz aos homens de bom animo.*»

Este ideal cristão de congraçamento universal não exclue, porém, um amor particular ao país de origem, amor êste que implicitamente se contém no quarto preceito do Decálogo.

Nacionalismo, porém, não implica ódio ao estrangeiro; muito ao contrário, verifica e reconhece que o Brasil precisa de correntes imigratorias, para o povoamento e colonização da maior parte do seu territorio.

Afonso Celso, um dos mais ilustres propugnadores do nacionalismo, comentando a encíclica de S. S. o Papa Pio XI, 23-12-1922, tem estas palavras cheias de clarividencia: «Aconselha o Chefe da Igreja o nacionalismo regrado, o patriotismo profundo e calmo, já-mais obcecado pelo espírito de inveja ou vingança, mas exigindo por parte dos outros o respeito das leis de justiça, de honra, de dignidade, como êle proprio (o nacionalista) o deve fazer.

E' esse o nacionalismo por que constantemente propugnamos».

Explicando os fenómenos raciais do povo brasileiro, encontramos duas correntes inteletuais. A primeira, a cuja frente se colocou Silvio Romero, considera o povo como «um produto sextiario de evolução superorganica», isto é, o dúplice caldeamento das tres raças — lusa,

indígena e africana, formando um povo completamente novo, uma raça á parte.

Outra falange de intelectuais vê no Brasil um prolongamento da Ibéria, dosado pela mestiçagem de africanos e indígenas. E' êste o ponto de vista do grande Joaquim Nabuco, que não faz senão repetir os conceitos de Alberdi, publicista italiano.

Estas idéas foram magistralmente elucidadas por Rui Barbosa, quando de sua ultima missão diplomática na Argentina.

Seja qual fôr a corrente intelectual a que se filiem os espíritos cultos, o que é incontestavel é a existencia de um povo brasileiro; o fenómeno espiritual de uma nacionalidade, atestada pela realidade de uma consciencia coletiva, assás vasta.

A este fato psiquico se segue a obrigatoriedade da defesa da raça e da conservação das carateristicas do nosso povo.

Entre as obrigações primordiais impostas aos verdadeiros patriotas está o dever inelutavel de envidar todos os esforços pela pureza da lingua nacional, porque, no pensamento de um escritor notavel, a lingua é a alma da pátria.

Defendendo esta idéa, De Amicis, o grande patriota e notabilissimo escritor italiano, tem estas palavras para com a lingua de seu país: «não só expressão, senão essencia da alma da patria», porque, diz êle, «são uma e a mesma coisa patria e lingua, pensamento e palavra,

E foi por isso que a Alemanha, querendo assimilar a Alsacia-Lorena e a Polonia, mandou-lhes professores alemães, que germanizassem aquelas populações. Igual foi o procedimento da Russia.

Esta tem sido, em todos os tempos, a norma das nações imperialistas, quer os romanos, na antiguidade, quer os inglêses, franceses e outras potencias colonizadoras dos nossos dias.

Deante disto, bem avisado andou o governo de S. Paulo, quando, no art. 449 da lei organica da instrução estadual, proibiu o ensino de linguas estrangeiras a creanças que não saibam o portuguez. A mesma lei, no

seu art. 448, ordena que a lingua, a geografia e a história pátrias só possam ser ensinadas por brasileiros.

A importancia destas medidas se torna evidente, porquanto o Brasil está fadado a representar no futuro o ideal da cultura greco-latina.

A campanha nacionalista visa, não combater o estrangeiro, mas formar e cultivar a conciencia nacional. Debaixo deste ponto de vista, é apenas um movimento instintivo de conservação étnica contra todos os elementos corrosivos, dissolventes e anarquicos.

Para conseguirmos a perfeita homogeneidade moral dispomos dos melhores elementos, comunidade de instituições politicas, lingua, história, costume e religião: o que é o esboço e o princípio de uma nacionalidade. Com estes elementos é que havemos de avançar para o futuro.

Euclides da Cunha resume o nosso destino histórico nestas palavras: «Estamos condenados á civilização. Ou progredimos, ou morremos».

Sim. Havemos de progredir. Mas ha de ser dentro de nossa finalidade histórica.

A esta méta sublime, a este fito augusto, o escól intelectual do Brasil, os seus melhores escritores, Tavares Bastos, Rui Barbosa, Silvio Romero, Taunay, Euclides da Cunha, Afonso Arinos, Carneiro Leão e outros mais têm devotado a sua ardente atividade e as melhores energias de seu espirito.

Rumo aos sertões

Um aforismo de Euclides da Cunha exprime com singular clareza e absoluta veracidade os destinos de nossa raça e de nosso povo.

As idéas de liberdade, ou, melhor, o prurido revolucionario, e as necessidades economicas, que envolvem em sombras tão densas a hora presente do mundo, marcam a obrigação indeclinavel de integralizarmos a base fisica da nacionalidade brasileira, na expressão concisa de Elísio de Carvalho.

E' necessidade imperiosa, é dever público a conquista pacifica do nosso *hinterland*, pela penetração colonizadora.

Ao longo das praias alvidias e arenosas, onde o farfalhar dos coqueirais se casa ao marulhar rítmico das ondas, além da faixa de nosso litoral oceanico, lá, nos sertões remôtos e adustos, habita uma raça inculta, mas honrada, despida dos atavíos da civilização, mas heróica e forte, capaz dos mais abnegados sacrifícios em pról de um ideal.

Até agora os esforços de nossos governos e os cuidados de nossos administradores se têm votado exclusivamente para as populações das nossas cidades, que se vão desnacionalizando aos poucos, e deixando, no mais absoluto abandono, o centro do país, onde uma raça viril e energica moureja de sol a sol á conquista da vida, na inópia absoluta de tudo que se diz confôrto e bem estar.

A campanha de Canudos foi uma demonstração terrível e formidavel da energia e da coragem das populações sertanejas. A luta do Contestado é outro capitulo sangrento da história de um povo á margem da civilização e da cultura moral e intelectual.

Esses bandidos que surgem, de quando em vez, nas regiões menos vigiadas pelas policias dos governos estaduais, são outros tantos heróis extraviados, são outros tantos valentes que erram a objetiva do dever; são abôrtos da nacionalidade.

Estas tragédias fraticidas, estes dramas sangrentos que demonstram uma energia inquebrantavel, são afirmações da coragem e da força de uma raça que tem a patria por madrasta.

E' dever de honra, é necessidade de nosso destino histórico a incorporação destas gentes ao todo compato do povo brasileiro.

Em nossos sertões estão as mais sadias reservas de nossa gente, que ha de reagir contra o cosmopolitismo das massas estrangeiras e invasoras.

Nossos vales ubérrimos serão celeiros futuros; as cachoeiras e quédas dagua tornar-se-ão propulsores de nossas industrias; as riquezas engastadas no sub-sólo

hão de garantir as atividades do dia proximo, máu grãdo todos os êrros de nossos políticos, as competições partidarias e as falencias administrativas.

Rumo aos sertões! Não com armas, atordoando populações inermes e indefesas; não espancando a sabre e carabina os humildes habitantes das selvas; não demonstrações militares e aparatos belicos, como a missão Rondon; mas, sim, a marcha do progresso, o caminhar da civilização.

Para os índios, que habitam vastos plainos de alguns Estados, só a catequese religiosa, a penetração pacifica e amavel do Evangelho de paz; para os sertões, onde já chegaram os albores da civilização e se divisam as conquistas modernas, são precisas escolas, que espalhem a instrução e vulgarizem as ciencias, e vias de transportes, que incrementem a produção e valorizem o trabalho do braço humano.

E só assim teremos uma Pátria maior e um pavilhão a tremular, ufano, sôbre um povo imenso, resgatado pela formação moral e locupletado pelo engrandecimento economico.

Politica regeneradora

Por mais que se reclame contra os males do nosso país, por maiores que sejam os fatores do infelicitamento de nossa pátria, só um grande mal nos amesquinha e assoberba — a politicalha estreita de camarilha, que ludibrã os interêsses do povo e consome as energias de nossa sociedade.

Não nos faltam bons elementos políticos, não nos escasseiam homens honestos e de larga visão politica; o que nos falta é uma atmosféra serena, que abra o campo de ação aos vultos mais conspícuos.

O regime de conchavos e acôrdos, dos compromissos preeleitorais, as empreitadas políticas tolhem a ação dos nossos governantes.

Deste modo se desdenham os interesses vitais de nossa nacionalidade, e os problemas mais graves ficam de solução preterida indefinidamente.

País imenso, de situação geográfica privilegiada, dispondo dos maiores propulsores do industrialismo, como sejam a hulha, o ferro e uma estupenda potencia hidráulica; tudo nos assegura uma posição estavel e futura entre os outros povos da terra.

E' inconteste que a grandeza política de uma nação está na razão direta de sua capacidade produtora. Mas é de absoluta necessidade que as riquezas naturais sejam exploradas e convertidas em recursos economicos; do contrário, teremos um povo miseravel entre os maiores tesouros de um sólo riquissimo.

De nada valerá a um povo a heroicidade nos campos de batalha, sem a defensiva economica, no comércio e na industria.

A primeira e mais séria dificuldade a enfrentar é o problema ferroviario, numa extensão total de oito e meio milhões de quilometros quadrados. Neste particular o que realizámos limita-se a algumas companhias, mais ou menos organizadas, que exploram a industria do transporte. Além de insignificante, a orientação dada á nossa rêde ferroviaria é errônea e não consulta aos mais altos interesses do expansionismo brasileiro. Ao invés de uma diretriz francamente conquistadora das distancias e que estabelecesse franco intercambio entre o litoral e o centro, a maioria de nossas estradas de ferro vai beirando as costas, unindo nossas capitais umas ás outras... A este inconveniente juntem-se as tarifas proibitivas e, não raro, a anarquização dos serviços e a crise dos transportes.

Da navegação fluvial o melhor seria nem se falar; reduzida em unidades e primitiva em sua organização e material, pouco ha de contribuir para o engrandecimento dos nossos sertões.

A aparelhagem técnica de nossos portos é insufficiente, nos melhores; nos menores nada existe. E estes embaraços vão afastando de nossas zonas maritimas as grandes companhias de navegação estrangeira. E cumpre não esquecer que a Fenicia e a Grecia antigas, bem como o Japão e a Inglaterra modernos, deveram sua expansão

economica e sua grandeza política aos recortes fundos de suas costas e a hospitalidade franca de seus portos maritimos.

A imigração, a colonização, o saneamento financeiro, a defesa militar do país são outros tantos assuntos graves, que deveriam merecer mais atenção dos que, conspirando contra quem lhes deu o mandato, discutem aumentos de subsidios e preparam ambiente favoravel ao divórcio, que será a destruição da família brasileira.

Da economia nacional

Quem quer que se ocupe dos magnos problemas nacionais, ou, pelo menos, olhe com um pouco de carinho para a nossa vida de povo livre, ha de se sentir desfavoravelmente impressionado com a depressão de nosso meio circulante e encarecimento da vida.

País novo, cheio de tão decantadas riquezas, livre de muitos males que corróem outras nações, de certo não era para nos arrastarmos no que toca aos assuntos financeiros; antes deviamos marchar desenvolvôtos, em plena prosperidade economica.

Não cabe na estreiteza de um artigo a análise das causas dos fatos supra mencionados; mas, sim, uma digressão perfuntoria.

Ha uma causa geral, que abalou a economia universal — a diminuição das horas de trabalho com aumento de salario.

A Europa, mal ferida e sangrando ainda da grande guerra, não teve fôrça necessaria para resistir ás exigencias, não raro descabidas, das classes proletarias, e, quando se fazia necessario trabalhar mais para aumentar a produção e assim de algum modo compensar os prejuizos já sofridos, decretou-se a diminuição das horas de trabalho, o que acarreta a redução e encarecimento dos produtos da indústria. A isto juntou-se logo o aumento do salário, porque é natural que o maior número de horas de folga traga consigo o acrescimo das despesas ordinarias.

Consequencia logica de tudo: reduzida a produção, aumenta o seu custo; agravado este, é necessario elevar-se o salario, donde resulta o encarecimento progressivo de todas as utilidades.

Além desta causa geral, ha outras mais particulares, que atingem diretamente o nosso país.

Primeiramente, é necessario convir que nossos saldos na balança economica são fantasmaticos; só existem no papel.

Do início viciado de emissões de 50 % sobre o ouro, chegámos ás de hoje, quasi sem lastro metálico.

A porcentagem cobrada, em papel, no imposto sobre a importação é a causa de tantas variações, alterando o preço das mercadorias e perturbando as arrecadações aduaneiras.

Estes males são majorados com o desequilibrio entre a receita e a despesa. As subvenções abusivas, os créditos extraordinarios, as caudas dos orçamentos e tantas outras superfluidades, que nos custam milhares de contos, são a causa de que o arrecadado não baste para cobrir os dispêndios do governo.

Para fazer frente ao excesso de despesas, tem-se recorrido ao empréstimo externo, abusando-se do nosso crédito junto aos banqueiros de outros países, sacando-se, sem consciencia nem previdencia, sobre o futuro.

Limitadas as faculdades, que este meio oferece, emprega-se a emissão, quasi sem lastro, que inunda o país de um papel moeda desvalorizado, ocasionando a depressão cambial.

O remedio unico, o mais logico, de resolver a situação, é a extinção do *deficit*, sem o que tudo mais será baldado.

E' necessario começar pela conscienciosa arrecadação da receita pública, punindo severamente o peculato e zelando os interesses da fazenda nacional. Em vez do aumento descabido dos impostos, que sufocam muitas das industrias incipientes, seria preferivel incentivar-se o aumento da produção nacional, protegendo-se as nossas industrias.

Severa economia em nossa administração, redução justa no número dos empregados publicos e aplicação

conveniente das diversas verbas — eis os meios de um sistema apto a restaurar nossas finanças.

Se, em lugar de missões estrangeiras e de abstrações, em materia de finanças, os nossos homens publicos perscrutassem as verdadeiras necessidades nacionais, outra seria a nossa vida economica.

Lesão não menos grave nesta materia é a evasão, em grosso, dos nossos capitais, do sangue do nosso povo, para o estrangeiro; juros de empréstimos e saldos de companhias, que, de nacionais, só têm o nome, e, ás vezes, nem isto...

Enquanto os governos europêus aconselham aos seus povos a mais severa economia e o Japão duplica os impóstos sobre os objetos de luxo, com o fito de se limitar a importação ao estritamente necessario, o nosso povo, dia a dia, vai perdendo os velhos habitos de economia domestica e simplicidade de vida.

E' o luxo das classes abastadas, um dos grandes defraudadores da riqueza nacional, porque é em perfumes caros, tecidos finissimos e feminices frívolas, que se escoam para o estrangeiro as fortunas de muitas famílias imprevidentes.

De um lado, as omissões do governo, de outro, os erros do povo, vão levando o país á ruina financeira, á bancarrota, enfim.

Estilização nacional

O estilo é o homem, diz-se. E' a fisionomia de uma obra de arte, afirma a estetica.

E' a feição característica da arte em certo meio, em dado momento histórico.

Resulta do esforço humano, transfeito em realização material, sob a ação da cultura e da civilização de uma determinada época.

Ha dois fatores: um subjetivo, dependente do grau de cultura, das concepções e ideais do artista; outro, objetivo, formado pelo meio envolvente e pelas influências mesologicas.

As leis do equilíbrio e das proporções são imutáveis; ha, porém, elementos extrinsecos, que são forjados pelo artista sob múltiplas influências.

O estilo não se introduz por decretos, nem se plasma no gabinete de qualquer levantador de plantas. Cria-se, forma-se pela educação profissional do artista, colocando-o em condições de interpretar as leis da estetica, de acordo com as tendencias regionalistas que o cercam.

A estetica deve ser cultivada, porque sem ela é impossivel um operario culto.

Ressalta incontestavel que a nossa habitação e as condições habituais da vida exercem uma influencia decisiva em nossa educação estetica e mesmo em nossa formação intelectual.

Se nossa habitação, portanto, tem um cunho descuidado e imperfeito, toda nossa formação cultural se ressentirá deste defeito ingénito.

Nada será mais necessario para educar nosso povo do que formar verdadeiros artistas, mas artistas nacionais, brasileiros. Não artistas que venham impingir ao nosso povo uma arquitetura de emprestimo, mas que saibam tirar motivos ornamentais de nossa flora e de nossa fauna, evocando nossas fontes históricas.

Enquanto não atingirmos a esse grau de cultura estetica, não passaremos de méros plagiadores, fazendo coberta de retalhos, verdadeiros disparates arquitetonicos; confundindo, em amálgamas indigestos, os estilos mais distanciados.

E' indispensavel desenvolver a criatividade individual do operario, para imprimir um cunho de bom gosto em nossas realizações.

E' indispensavel que nossa habitação e nosso mobiliario tenham côr local, falem de nossa raça, de nossa cultura, de nossa indole, de nossos costumes e de nosso passado.

A granel importamos, para adôrno de nossos salões, mobiliarios exóticos de todos os estilos e quanta missanga nos mandam os japôneses e chinêses, como requinte de bom gosto.

Adornamos as fachadas com todos os estilos da arquitetura e suas combinações mais disparatadas.

Donde em nossa sociedade não se respira o *halito* de uma raça, mas sim o perfume estranho, que não denuncia sua verdadeira procedencia.

No *chale* suíço tudo fala dos usos da terra, da simplicidade de costumes e frugalidade de vida de uma raça inconfundível.

A arte chinêsa reproduz nos pagódes o temperamento de um povo original, a suntuosidade dos ornatos e a estrutura peculiar de suas construções revelam o mais vivo sentimento da natureza.

Os nipões revelam na arte uma vivacidade extrema de expressão, subordinando de um modo constante as suas produções aos hábitos nacionais. As japoneses de bambú lacado, as esculturas de bronze e marfim e toda sorte de desenhos e bordados trãem logo a procedencia.

Na Russia, a arte reveste os cambiantes de uma civilização meio-asiática e semi-européa, um estilo de amálgama.

A casa holandêsa, com seu jardim de tulípas, é um produto logico do meio.

Os turcos têm uma arte a seu modo, resultante das injunções locais, usos e costumes.

Os árabes, em sua expansão conquistadora, deixaram traços de uma inventiva pujante e de uma imaginação prodigiosa.

O alemão estigmatiza na arte as características sociais, o temperamento e as aspirações próprias.

Na India e no Egito, a arte toma as fórmulas hieráticas e misteriosas, que despertam sentimentos religiosos e míticos.

Enfim, qualquer povo que tiver um vinco forte de temperamento emotivo, de acôrdo com o seu entresachamento étnico, ha de plasmá-lo em seus monumentos.

Jámais houve povo como o grego que soubesse imprimir á arte um cunho individual de sua cultura, de sua índole e de sua terra. Penetração do pensamento, beleza dos tipos, simplicidade de vida e grandeza de ideal — tudo se patenteia em seus monumentos.

*

* * *

Nós somos um povo novo, sem fisionomia estética. Precisamos crear um estilo proprio, que fale de nossa gente, de nossa terra e de nossa cultura.

Folheemos o album de nossa natureza portentosa e lhe peçamos, de emprestimo, os seus cambiantes variegados.

Parece que a grandeza de nossa natura é tal que empolga nossos homens de talento, e lhes deprime as energias inventivas e creadoras.

E' preciso reagir.

E' necessario dar á arte um cunho nacional, imprimir o sêlo da brasilidade em todas as nossas produções

A campanha deve começar pela reforma dos institutos de arte, onde se formam os obreiros da estesia.

Urge dar ao operario um sentimento de puro regionalismo, que o torne apto para interpretar nossos usos e sentimentos; formado o operario, formamos o povo e, formado o povo, temos formado mais um bastião de nossa patria pela nacionalização do estilo.

Ha cento e dois anos conquistámos a autonomia política, mas pela cultura, pelo sentimento estético, pela arte, e pela industria vivemos sob a tutêla estrangeira... Até quando, Brasil?...

Energias sociais

Afirmam os sábios que os períodos da formação do nosso planeta foram assinalados por medonhos cataclismos telúricos; assim os movimentos translativos dos povos e a sucessão dos imperios marcam as idades do homem sobre a terra.

A conflagração européa assinala uma nova éra na história moderna. Se bem que não lhe possamos reconhecer todas as suas características, podemos, no entanto, registrar, nos dias que correm, uma tendencia muito pronunciada para a volta ao materialismo pagão: a ânsia do prazer e a sêde do mando.

Daqui esta série de revoluções, revoltas, agitações e grèves, tão frequentes como nunca; é que o homem, desenganado da felicidade temporal, procura nas satisfações dos seus baixos instintos, a tranquilidade do coração.

A's nossas plagas hospitaleiras vieram dar os vagalhões do demagogismo, que ameaça o Velho Mundo. Os bulções da anarquia carregam de negrumes os limpidos céus pátrios.

O Brasil, terra virgem, exuberante de riquezas, pleno de possibilidades economicas e aberto á colonização ampla, não podia escapar, por completo, ao espírito revolucionario dos nossos dias.

Elementos indesejaveis e sobretudo as idéas malsãs vieram contaminar nossa gente ordeira e trabalhadora. Particularmente afetadas foram as populações heterogeneas de nossas grandes cidades, os habitantes das zonas litoraneas, certos militares pugnazes e politiqueros ambiciosos; elementos estes que já traziam inoculado no cérebro o *virus* revolucionario.

As agitações políticas de que nossa pátria vem sendo infeliz teatro outra causa não têm que o espírito moderno de ambição e revolta.

As causas intrínsecas das revoluções são a miseria pública, no tempo das calamidades gerais, e a intolerancia de governos mal orientados. Ora, nada disto ha em nosso país; portanto, devemos vêr a causa externa, já mencionada, em nossas perturbações da vida nacional.

Graças, porém, aos quatro seculos de civilização cristã, legado precioso dos nossos colonizadores; graças á moral sadia do cristianismo, a imensa maioria do povo brasileiro sabe cultuar a ordem e respeitar o poder legitimamente constituido.

Enquanto os elementos cosmopolitas de nossas cidades mais populosas se deixam arrastar pelo canto da sereia comunista, o legítimo povo brasileiro, manso e ordeiro, se entrega ao trabalho.

Qualquer dos tipos de nossa raça — sertanejo, seringueiro, jangadeiro, caipira ou gaúcho, tem sempre em seu coração um sedimento firme de fé, honestidade e respeito á ordem.

Mesmo que as massas turbulentas das populações urbanas sejam pervertidas pelos germes maléficos da desnacionalização e da impiedade, ficará nos nossos sertões o legítimo brasileiro, que sabe invocar a Deus e amar o torrão natal.

Este é o cerne de nossa nacionalidade e o verdadeiro fator de nossa grandeza.

Nas classes rurais e na pequena propriedade organizada está a fôrça e a segurança dos povos modernos.

A Alemanha, a Austria, a Hungria e a Checoslavia resistiram com vigor aos embates do comunismo, porque tinham as classes populares dotadas de relativo conforto e cultura intelectual; a Russia, sem uma classe média, que pesasse na balança nacional, tendo sua nobreza mergulhada em orgias nababescas e os camponeses metidos na servidão, apresenta hoje o mais triste exemplo de um povo em plena desagregação social.

A intolerancia de Albion no *home rulè* foi a origem da questão irlandesa, hoje séria ameaça da integridade britânica.

As classes agrícolas são as cariátides que sustentam o nosso edifício social.

Obreiros humildes, operarios silenciosos, heróis obscuros, são as fôrças vivas de nosso organismo nacional e que mais concorrem para a riqueza pública, com o produto do seu trabalho, que vai alimentar ociosos e desordeiros.

São as reservas da pátria nos dias amargos; são os voluntarios, que completam os corpos do exército nacional e vão derramar seu sangue generoso em defesa do nosso pavilhão.

Está na agricultura o baluarte sagrado de nossa raça, a nossa maior reserva social, o elemento conservador por excelencia de nossos costumes e de nossos sentimentos.

E' nas populações dos centros, nos rincões adustos de nosso país, que se acham as fontes inesgotaveis de energia do povo brasileiro e a velha guarda de suas virtudes e tradições.

E' esta raça, caldeada ao sol do Equador, pelo nomadismo do índio e pela audacia do bandeirante, que forma os bastiões do povo brasileiro, povo crente e amante de sua terra.

Nestes dias de apreensões e amarguras, nestas horas de incertezas, traz-nos alento ao coração vêr que a fé ainda não desertou dos nossos lares e considerar que o nosso povo ainda conserva a crença dos seus maiores.

E' tambem o conhecimento de nossas fôrças sociais que nos garante que a demagogia não ha de triunfar na terra brasileira.

O mal da Patria

O Brasil atravessa, na hora presente, a crise mais aguda de sua existencia política. De todos os lados, de toda a parte se ouve o falar dos males dos dias presentes.

Desde as autoridades supremas do país, até aos humildes serventuarios burocraticos, desde as mentalidades robustas até aos rascunhadores obscuros da imprensa diaria — a uma voz — todos confessam o máu momento que vamos passando.

Dotado de uma esplendida continuidade territorial, de sólo feracissimo, de inexhauriveis reservas dos tres reinos da natureza, preservado de vulcões, abalos sísmicos e outros flagelos cosmológicos; uma existencia histórica cheia das mais belas páginas e ao mesmo tempo milagrosamente preservado das crises de perseguições, lutas intestinas e guerras de religião; uma população ordeira, inteligente e assimiladora do progresso, um litoral francamente abordavel — eis outras tantas munificencias de Deus, que honram e asseguram á nossa raça o mais esplêndido futuro.

Se, de um lado, estamos muito aquém do industrialismo febril e dos surtos progressistas de muitos outros povos, é certo que não lhes conhecemos os males so-

ciais, que arruinam seus organismos políticos, e os tremendos problemas que os assoberbam.

No entanto, voltemos á idéa inicial deste artigo. E' inegavel que vamos mal, que sofremos. E aos nossos males acrescentamos ainda o desânimo, que é a morte das energias e iniciativas.

O que mais nos importa é sondar a causa e a extensão do mal e aplicar-lhe, com decisão e coragem, o remedio eficaz.

Não ha negar os esforços inteligentes dos nossos homens públicos para atenuação de nossos males.

Alguma coisa se tem feito tambem por iniciativa de particulares bem intencionados, como sejam as fundações de bancos populares e de crédito rural.

Ha muitos vícios organicos a corrigir na constituição nacional; ha sérios entraves no aparelhamento economico e politico do Estado e não menores são as falhas da administração pública.

O problema da colonização dos mais fertes tratos do territorio nacional, a criação de industrias legitimamente nossas, a exploração dos minerais, o desenvolvimento amplo de todas as nossas possibilidades economicas e fontes de riquezas são outras tantas necessidades vitais do país.

Mas, acima de tudo isto, paira o problema moral, que é a fonte e a origem de todos os males.

Os cidadãos, afirma o notavel publicista católico, Conde N. Debané, são os materiais de que se constrói o governo. Se este material é viciado, falho de energia moral, o governo só poderá ser fraco e indeciso.

Daqui o dizer-se que cada povo tem o governo que merece.

E' que o povo brasileiro, universalmente católico, tem uma fé inoperante, tibia, que se não traduz nos atos da vida pública.

Esta decadencia do espírito religioso vem desde os tempos do imperio, que, com o seu liberalismo filosofico, tanto abateu a propria majestade, que esta acabou por desaparecer. O imperio desmoronou-se quando, pela perseguição religiosa, alienou de si a opinião pública nacional.

Mas este espírito antireligioso, metamorfoseado em positivismo laicista, ainda perdura nas relações entre o governo e as crenças religiosas do nosso povo.

E' deste divórcio entre o Estado e a Igreja (que predomina no nosso mundo oficial) que procede o enfraquecimento do princípio de autoridade.

E' também a razão última do estado crônico de revolução latente em que vivemos nos dias atuais.

A crise brasileira

Dias amargos, horas angustiosas e momentos aflitivos atravessa a sociedade brasileira.

Podemos, com segurança, aquilatar que, desde os dias da colônia, ás crises do império, nenhum período de nossa vida politica se reveste de côres tão sombrias e de tons tão carregados.

E' certo que as oscilações políticas do mundo inteiro e as múltiplas questões economicas e financeiras, que agitam as esféras governantes, são de molde a favorecer os sentimentos baixos da coletividade humana.

Não julguemos ser o nosso povo o unico que sente abalados os bastiões de sua nacionalidade, não; a crise que atravessamos é geral. Um frêmito de revólta, um prurido de revolução, agita os povos, sem exclusão dos mais cultos; antes, parece, as nações mais civilizadas são as mais fortemente batidas pelos vagalhões do demagogismo.

Os profissionais da politica esqueceram o ensino dos fatos, as lições da verdadeira história, que demonstram as origens cristãs de nossa civilização e o seu desenvolvimento.

A história patenteia, com meridiana evidência, que os princípios decorrentes da moral prégada pelo catolicismo foram a causa de um equilíbrio social, justo e fecundo, na submissão aos poderes organizados.

Dois princípios basicos são hoje postergados: a coesão dos subditos e governantes na finalidade suprema do bem comum e a correção dos abusos e as

reformas das leis, dentro da paz e da ordem; condenação formal do anarquismo.

Enquanto vigorou o monarquismo cristão, viu-se o poder obedecido, a propriedade respeitada, a sociedade firmada no direito e no dever.

Quando, porém, o protestantismo creou um ídolo para adorar, arvorando o individualismo exclusivista como árbitro nos assuntos religiosos, viu-se logo a Revolução aplicar estas nefandas teorias, até suas últimas conclusões, na ordem política.

Proclamada a libertação do homem, no terreno religioso, por que não o declarar isento de obediência na ordem social?

Veiu logo o cesarismo deleterio das monarquias liberais: de Frederico II, da Prussia, Catarina II, da Russia, e José II, da Austria. Foi a época dos ministros filosoficos: Pombal, em Portugal; Aranda, na Hespanha; Tanucci, na Italia, e Choiseul, na França.

Ao liberalismo coroado sucedeu, logo, o republicanismismo demagogico das tiranias dos incompetentes, que tem empregado esforços dignos de melhor causa no sentido de destruir o alicerce cristão dos Estados modernos da Europa e da America.

A Revolução, ao inves de marcar o avanço dos povos no progresso material, politico e moral, não fez mais que abrir largas fendas no edificio social, começando pelo descalabro financeiro e desorganização do aparelho industrial.

Tudo que de liberal, equitativo e justo se aponta como conquista da Revolução, já o fôra posto em prática entre os povos catolicos.

Uma burguesia impia, sedenta de prazeres e ávida de lucros, explorando cúpidamente as classes trabalhadoras, ocasionou este estado de guerra latente entre patrões e operarios, que ameaça subverter completamente a ordem vigente em nossos dias.

Dois fantasmas tetricos, revolta e vingança, còlocam os governos modernos entre Scila e Caribdes; se dúbios e vacilantes em reprimir as paixões revolucionarias, vão arrastados nas ondas do anarquismo; ao contrário, se energeticos em manter o prestígio regimental,

vêm-se forçados a exercer as repressões legais em defesa do princípio de autoridade.

E' o que se dá, presentemente, em nossa patria. Um governo energico e justo vê-se tolhido na sua obra de restauração por causa das revoltas promovidas por ambiciosos vulgares e mesquinhos.

A obra da descristianização do Brasil, iniciada no liberalismo do imperio, teve seu complemento no positivismo da republica, graças ao qual hoje medram em nosso sólo o caudilhismo político, a anarquia militar, a venalidade despudorada de certa imprensa; enfim, vemos minados em suas bases todos os pontos da honra nacional e comprometidos os nossos fóros de povo civilizado.

Ha males fundos em nosso organismo político; ha vícios e êrros em nosso regime; ha urgente necessidade de um remédio enérgico, que ponha côbro a tantas calamidades e a crises tão graves.

A verdade assim manda que se diga.

Mas não será a imprensa anárquica que ensine o respeito á lei; não póde ser fator de ordem a soldadesca revoltada; não poderão rehabilitar o regime os profissionais do mando, que andam envolvidos em negociatas vergonhosas.

E' dever dos que orientam as camadas populares, pela imprensa, apontar os verdadeiros culpados, os legítimos responsaveis pela triste situação presente; é preciso que se saiba que fraticida e sanguinario é quem atira o facho incendiario da guerra civil com o fito inconfessavel da escalada do poder e pilhagem dos cofres públicos e não o poder constituído que reprime as desordens.

E' necessario a reação do pensamento, a reação da logica e do bom senso, para que o povo saiba o que deve pensar do presente estado de nossa política.

Só assim o Brasil, côncio dos seus direitos e penetrado de suas responsabilidades, poderá, impávido e sereno, seguir a róta dos seus gloriosos destinos, fruindo das liberdades garantidas pela lei.

Sub lege libertas.

Partidos políticos

Entre as falhas de nossos costumes públicos, entre as lacunas de nossa organização política, está a falta de partidos, que orientem as massas eleitorais.

A política é a arte de conduzir os povos, de dirigir a mentalidade pública, no que tóca á propria administração, de acôrdo com o bem comum; ora, para que este objetivo nobilitante seja alcançado é necessario que as legítimas aspirações nacionais e o bem geral sejam patentes a todos aqueles que, em razão do sistema representativo, são chamados a contribuir com a parcela do seu voto para as deliberações das assembléas constitucionais.

Ao tempo do imperio, dois grandes partidos políticos, servidos por elementos selecionados, se disputavam mutuamente o poder e exigiam para si a direção suprema da causa pública.

Entre os dois, o poder executivo equilibrava as fôrças políticas e evitava choques extremados. Cada qual com idéas definidas, com propositos acentuados, visando reformas e mudanças, que executavam a seu turno, se bem que, não raro, um partido no poder terminasse uma obra iniciada pelo adversario.

A opinião pública, representada pelas camaras, era termometro que marcava as subidas e decesso dos partidos.

Hoje, porém, com o presidencialismo, a política perdeu a feição partidaria, tornando-se mais individualista. Já não se põe em jogo o interêsse nacional, nem uma idéa ou refôrma, que se deva efetivar; trata-se, sim, do consórcio dos políticos ou da vontade manifestada por algum caudilho de mais audacia ou responsabilidade.

Ao tempo do império a opposição visava diretamente qualquer medida administrativa ou qualquer proposta governamental; só nos casos extremados, quando havia mais tensão de ânimo, é que as correntes políticas se voltavam declaradamente contra aqueles que haviam provocado a crise.

Em nossos dias, ao invés, assaca-se contra determinado político, sem o cuidado de examinar suas idéas e pretensões; é uma espécie de opposição systematica. Não menor é o mal das unanimidades, que tudo aceitam e aprovam, o que não raro se dá, particularmente nos Estados menores e de mais fraca organização política.

Tanto no primeiro, como no segundo caso, não menor e menos sensível é a falta de partidos arregimentados.

A nossa concepção partidaria reside na lealdade a um determinado *chefe*, sem que se lhe peça conta de suas idéas e de seus princípios. O que o *chefe* quer e ordena é o que é; até ao dia em que outro lhe tome o bastão...

Nossa política consta de duas fases ou modalidades: governo e opposição; um grupo que manda, outro que obedece, até ao dia em que se invertam as posições; como, porém, com este sistema político é difficil a ascensão ao poder por parte dos que estão debaixo, multiplicam-se as deserções, não raro, as mais descaradas felonías.

Houvesse partidos nacionais e as mudanças de governo seriam mais completas, representariam triunfos de idéas e embates de opiniões em torno dos interesses do país.

O que ora se passa nos debates sobre a reforma constitucional é mais uma prova evidente do que acabamos de exarar nestas linhas. A obra do bom senso, que deseja expurgar nossa carta política dos êrros, que nos prejudicam ha longos anos, sem contar com o apôio de um determinado partido, e sem a docilidade da maioria, que sustenta o governo, esta obra ameaça ficar estéril de bons frutos, visto como uma opposição systematica entrava a reforma aconselhada pela experiencia.

Na falta de partidos nacionais, cumpriria á imprensa o papel de orientar o povo e formar um ambiente de preocupação pelos altos interesses da patria. Infelizmente, porém, pouco ou nada se pôde esperar de um jornalismo assalariado, de uma imprensa sem côr, que só deseja pescar em aguas turvas.

Aventa-se a idéa de um partido católico, que conjugue os interesses da Igreja e da Republica; mas, até chegarmos á eficiencia partidaria, é-nos absolutamente indispensavel a ação pública, — a consciencia dos nossos sagrados direitos e deveres.

Dizeres graves

A revolução, que, em 1889, derruiu o unico trono existente na America, e que se proclamava como idéal histórico do povo brasileiro, não se fez senão em detrimento de nossos costumes públicos.

A sua obra, não contente de alterar para peor os vícios da administração e as formalidades exteriores da fórma de govêrno, agravando o parasitismo burocratico e as orgias orçamentarias; mais que isto, foi o triunfo das idéas jacobinas e do racionalismo político em nosso país.

Se não chegamos aos extremos da intolerancia religiosa e á perseguição formal, deve-se este fato mais á fraqueza dos nossos adversarios do que aos beneficios da liberdade escrita na constituição.

A religião não precisa dos favores públicos para se desenvolver e crescer (isto já se tem dito tantas vezes e é patente, mas é sempre bom apontar este fato aos inimigos de nossas crenças), tem éla seguido sua rota luminosa, desdobrando-se em novas dioceses e distendendo-se em obras de alcance social. A este florescimento da Igreja, podemos contrapôr o triste estado de nosso país, minado pela corrupção administrativa, pelo abastardamento político e pelo demagogismo.

São consequencias inevitaveis, são sequencias absolutamente certas da separação dos poderes e da *unilateralidade de cultura no ensino*, isto é, o laicismo escolar.

A fraqueza do nosso regime e a falencia de nosso republicanismo são originadas da opposição existente entre o espirito histórico de nossa nacionalidade, genuinamente católica, e um govêrno divorciado de Deus.

A crise política, a crise de responsabilidade e de bom senso, que de ha tempos vimos atravessando e que chegou ao seu período agudo nestes ultimos anos, bem revelam que nos faltam bases sólidas na política e tambem que não se coadunam com nossos sentimentos alguns vícios de nosso sistema governamental.

Enfraquecido o sentimento religioso, debilitada a consciencia moral e reduzido o dever a um termo convencional, ressentem-se logo toda a vida de um povo, no que toca aos seus costumes políticos e privados.

Se, com tanta frequencia, os nossos governos recorrem ás leis coercitivas e empregam meios extra-constitucionais, para manutenção da ordem pública, é que o nosso povo vai perdendo as suas qualidades ordeiras e o sentimento de respeito ao poder constituido.

Cogita-se de um sucedaneo, procura-se uma panacéa — educação moral e cívica — para salvar do abismo e da ruina nossas gerações porvindouras; se, porém, estas noções de educação, se esses princípios morais, se estes códigos de patriotismo não tirarem sua origem e sua fôrça de um princípio que transcenda as conveniencias e convenções humanas, baldados serão os esforços e a crise se acentuará cada dia mais séria e mais ameaçadora.

O anárquismo crônico de certos países, muito nosos conhecidos, e a onda avassaladora das idéas revolucionarias dissolventes, cujos frutos de sangue e de incendio nós contemplámos com pavor, sejam-nos salutaes exemplos e eficaz correctivo.

Literatura nacional

Entre as fôrças componentes das nacionalidades robustas, entre os fatores determinantes dos povos coesos, é a lingua um daqueles que têm mais relevancia.

Os povos cultos olham com acendrado carinho o problema da instrução, porque conhecem quanto concorre para estreitar os liames coletivos a unidade linguistica.

Em nosso país é questão capital, para conservação da unidade política, que tenhamos uma literatura própria. Será a força construtora de nossa grandeza nacional e, ao mesmo tempo, uma energia que contrabalançará as influencias maléficas, que tentam solapar nossos fundamentos sociais.

Para salvaguardar a unidade política, ameaçada, não tanto por inimigos externos, mas principalmente pelos vícios de nossa organização política, pelo federalismo dissolvente, pelo cosmopolitismo constitucional, pelo menosprêso de nossas usanças e tradições e pela própria extensão territorial — é preciso que a literatura tenha um cunho todo nacional, para impedir o esfacelamento do país.

Uma ligeira inspeção ás livrarias das nossas capitais nos deixa pasmos deante da grande quantidade das obras estrangeiras que se vendem em nosso meio. Não reprovem nem condeno a leitura e o estudo de obras originarias de outros países, que venham aumentar o nosso patrimonio científico, mas lastímo e verbêro a inundação de nossos mercados com obras de procedencia alienígena, que venham tomar conta de nossa gente estudiosa, impondo-nos uma cultura estranha.

Ajunte-se o inconveniente de um dilúvio de obras mal traduzidas, cheias de barbarismos, que deturpam a linguagem.

O peor é que os livros nacionais, escritos *intra muros*, não pertencem á nossa literatura, porque não falam ao coração do nosso povo, não exprimem nossos costumes e tradições. O livro tem alma; é filho espiritual do meio em que foi creado; deve estampar a imagem e retrazar o carater e os sentimentos do povo para o qual foi escrito, — se não o faz, é um produto híbrido, em literatura.

Embalde um estudioso procurará em livros brasileiros, em obras de autores nacionais, conhecimentos científicos de nossa flora e de nossa fauna. As noticias que temos das belezas naturais, e dos encantos dos nossos centros, não passam das descrições sumarias das corografias. Nossa natureza virgem, nossas matas e florestas povoadas de aves canóras de variiegadas plumagens e de arvores gigantescas; nosso sub-

sólo riquíssimo de minérios e de pedras preciosas e polícromicas — tudo fica despresado, á espera de que algum sábio européu, Humboldt redivivo, aborde ás nossas plagas.

Dos livros de costumes, romances e narrativas, é ainda mais triste o resultado da análise que se faça.

Daqui termos uma literatura tão fraca; quasi só romances de amor e crônicas de escandalo, sem traços vivos de nossos sentimentos, sem côr local, sem cunho regionalista. E' raro uma obra séria, um livro forte, que retempére o carater e levante as aspirações do nosso povo.

Tudo mais é plágio de estrangeiro, obras que vêm implantar uma cultura que não é nossa, porque não revela as características de nossa raça e não toca a alma de nossa gente.

Urge incentivar uma propaganda franca e larga em pról do livro nacional; é necessario o estudo de nossos tipos raciais, de nossos costumes. E' necessario o intercambio intelectual entre nossas populações, pelo conhecimento dos habitos regionalistas e genero de vida em cada zona.

Esta campanha patriotica deve começar já e já, pela propaganda das obras regionalistas e legitimamente nacionais, como algumas que temos, infelizmente muito raras; da parte do público, pela preferencia aos escritos que exploram estes assuntos; da parte do govêrno, facilitando as edições.

A imprensa carioca e Cristo-Rei

Ausente da minha Patria, em peregrinação pela Europa, ao regressar procurei travar conhecimento com a situação atual.

Nesse intuito busquei os jornais, porque a imprensa reflete, mais ou menos, o estado do espírito nacional.

Encontrei, em cambiantes diversos, a questão política, tratada com mais ou menos veemência, conforme

o critério ou falta de critério daqueles que glosam as campanhas partidarias.

A seguir a crise de café, a baixa que nós mesmos preparámos, com a nossa imprevidencia em assuntos de economia.

Busquei em seguida conhecer a situação religiosa do país e verificar em que ponto nos achamos no tocante á defesa da crença professada pelo povo brasileiro.

Dois fatos me prenderam a atenção: as festas jubilares do Exmo. e Revmo. D. Sebastião Leme, DD. Arcebispo-Coadjutor, e as comemorações solenes do Cristo-Rei.

A celebração do vigésimo quinto ano de apostolado em pról da Igreja e da Pátria trouxe ao Exmo. Snr. D. Sebastião Leme as homenagens universais do nosso mundo catolico.

As festividades ao Cristo-Rei assumiram o carater de verdadeira consagração de todo o povo brasileiro a Jesus.

Máu grado os deslises de alguns profissionais da imprensa, temos um corpo jornalístico que honra nossos fóros de nação católica e de gente culta. Os nossos principais órgãos diarios sabem reservar espaço honroso e lugar de destaque para os grandes atos do catolicismo.

Assim é que muitos dos nossos mais brilhantes cultores da imprensa dedicam os fulgores do seu talento a exaltar os misterios da fé e explanar assuntos doutrinarios.

Foi o que verifiquei ao perpassar as páginas de alguns dos nossos mais importantes jornais, sem falar é claro, das folhas declaradamente católicas.

De relance olhei alguns artigos firmados por notabilidades do nosso meio.

Felicio dos Santos, venerando decano dos nossos jornalistas confessionais, oferece uma página de sólida apologetica, que refuta as teorias absolutistas: o despotismo dos monarcas onipotentes e o liberalismo revolucionario das multidões.

O conde de Afonso Celso, que tanto tem enriquecido as letras pátrias, ocupa-se da figura adoravel do Cristo,

quando adornada de um dos seus mais sublimes atributos: a paternidade. Busca os fundamentos teológicos desta paternidade transcendente e demonstra sua existência e realidade.

Agenor de Roure, nas colúnas do «Jornal do Comercio», evoca cenas sanguinolentas e as zombarias cruéis da Paixão, que sagraram a Jesus como o Rei dos reis e Senhor dos que dominam...

João do Norte, com sólidos argumentos tirados da tradição, da história, da religião e da arte, justifica a celebração moderna da realeza de Cristo.

Artur Gaspar Viana, o vibrante jornalista que todos conhecemos, em «A Gazeta de Noticias», celebra as vitórias da Igreja, através dos seculos, contra a conjura de todos os inimigos do Cristo.

«O País», estampa um bem elaborado artigo da lavra de João de Lourenço, sobre o conceito cristão da realeza. No mesmo diário Alaíde de Almeida Guimarães apresenta Cristo como o ideal supremo a que deve aspirar a mocidade.

«O Jornal» publica extenso artigo sobre tão momentoso e digno assunto, salientando a vitalidade inexaurível da Igreja, que contrasta com as mutações constantes das obras dos homens. Regista logo depois o fato evidente de que as riquezas e os confortos materiais lograram muito maior desenvolvimento que o aperfeiçoamento moral e a disciplina dos costumes. Os dias que correm assignalam, é certo, um retorno ao espiritualismo cristão, mas as vacilações de muitos espíritos, no tocante ás idéas religiosas, constitue uma das fraquezas das gerações de agora.

Para reafirmar as fôrças espirituais da Igreja e serenar as agitações dos espíritos, o Sumo Pontifice decreta a festa do Cristo-Rei, visando promulgar uma ordem politica e social baseada nos princípios eternos do Evangelho.

O autor conclue apresentando aos filhos da Terra de Santa Cruz o ideal da caridade cristã como o ramo de oliveira que deve acalmar os ânimos divididos pelas competições partidarias.

As iniciais P. S. firmam um artigo doutrinario, em que se exaram os conceitos dogmaticos e os funda-

mentos escriturísticos da realeza de Cristo. E, no termino, relembra a vassalagem fiél do Brasil ao cetro adoravel do Filho do Homem.

O simpatico diario, «A Ordem», salientando as origens genuinamente cristãs da nacionalidade brasileira, entõa tambem suas hosanas ao Cristo-Rei.

Estes poucos exemplos citados me deixaram na alma a impressõ de que a imprensa carioca sabe olhar com carinho as grandes datas do catolicismo.

O direito de voto

A sociabilidade humana congrega os individuos na comunidade familiar, e o conjunto de inúmeras famílias de uma determinada região, vivendo sob um mesmo regime, constitue a nacionalidade.

O homem, por fôrça de sua consciencia e de sua natureza racional, está ligado a numerosos deveres, para consigo mesmo, para com sua família e para com a sociedade a que pertence. Furtar-se ao cumprimento dessas obrigações e esquivar-se aos deveres inérentes á sua condição social é pecar contra a justiça, que manda recompensar com serviços as vantagens recebidas.

O convívio social nos garante a tranquilidade pública, o desfrutar sossegadamente dos proprios bens, a posse indisputavel da fortuna herdada ou adquirida; assegura-nos ainda proteção contra os malfeitores *intra muros* e os inimigos externos, que moram ao longo das fronteiras pátrias. A vida social, tal como o é no seio das nações civilizadas, prodigaliza aos cidadãos um sem número de serviços publicos, cuja utilidade não sabemos avaliar, pois deles desfrutamos ordinariamente e por isso como que perdem um pouco de seu valor estimativo.

Não damos o devido apreço aos correios, telegrafos, serviços de transportes e limpeza publica; consideramos em pouco os estabelecimentos officiais de ensino porque de tal modo estamos habituados a essas instituições

que não consideramos a monta de seu custeio e a complexidade de sua organização.

Tudo isso é determinado, mantido e sustentado pelos poderes públicos, em uma palavra, pelo govêrno.

Se as autoridades constituídas lançam impostos com que mantenham os vários departamentos da administração; levantam fôrças armadas, que garantam a ordem interna e imponham respeito aos povos estrangeiros, essas mesmas autoridades oferecem serviços que os individuos por si sós não conseguiriam organizar.

Para fiscalização da coisa pública e do emprêgo das rendas nacionais, sob o regime democratico, todos os cidadãos são chamados a tomar parte, por meio do voto.

Voto ou sufragio é a manifestação da vontade do eleitor no ato solene em que cada circunscrição politica escolhe seus legítimos representantes.

O sufrágio universal foi, pela primeira vez, estabelecido em França, na constituição republicana de 24 de junho de 1793 e revogado pelo decreto de 11 de novembro do mesmo ano, e finalmente restabelecido aos 5 de março de 1848. Rapidamente atravessou as fronteiras da vèlha Gália e conquistou fóros na legislação dos outros países organizados segundo o sistema constitucional representativo.

As diversas modalidades de eleições, em vigor pelo mundo, se bem que forneçam materia interessante de estudo, não constituem objéto do presente artigo.

Queremos apenas frisar isso: ao povo compete fiscalizar a administração pública por meio de seus legítimos representantes. Da bôa ou má escolha dos eleitores depende a bôa ou má gestão dos grandes interesses da coletividade.

Claro que nenhum brasileiro digno desse nome pôde desinteressar-se do resultado final das eleições. Igualmente, nenhum católico poderá pôr de parte seus sentimentos religiosos e sua consciencia, tratando-se de dotar sua pátria de um bom ou máu govêrno. O católico é cidadão, e, como tal, não pôde menospresar nada que diga respeito á prosperidade geral e ao engrandecimento da pátria. Sabe que seu dever é não sómente votar, mas votar bem. Votar bem quer dizer: votar nos

elementos mais dignos e que melhor representem o povo.

Fóra e acima dos compromissos políticos e das arregimentações partidarias, a consciencia católica estabelece princípios de ação e normas de agir.

A *Pastoral Coletiva*, tratando dessa delicada questão, estabelece as seguintes regras práticas:

«Nas circunstancias atuais, dependendo das eleições políticas a escolha de um bom ou máu govêrno do país, e daí o bem ou mal estar da Igreja, entre nós, é claro, que os católicos, como membros do Estado e filhos da Igreja, devem tomar parte nas eleições e propugnar com o seu voto e sua influênciã pela derrota dos candidatos perversos e pelo triumpho dos homens de bem, sinceramente católicos, unicos capazes de promover a prosperidade da Pátria, formando com êles centros, circulos, uniões e ligas eleitorais, etc...

Os eleitores que sufragam candidatos inimigos declarados da Igreja, não se pôdem excusar de pecado grave; e cometerão culpa maior ainda, se, formal e propositalmente, entendem com o voto auxiliá-los na consecução de seus fins depravados, porque cooperam formalmente para as obras da iniquidade, que aqueles, uma vez eleitos, hão de praticar contra a Igreja e a Religião.

Não pôde haver coisa alguma que os justifique, como a amizade, a maior perícia, etc.... Se os máus candidatos forem os mais perítos, serão mais nocivos á Pátria e á Religião».

Em claras e breves palavras, o documento official do episcopado do sul do país exprime o dever eleitoral dos católicos, que devem, acima e fóra dos partidos políticos, colocar os interêsses do Brasil e da Santa Igreja. Desse modo permanecerão verdadeiros patriotas, sem deixarem de ser legítimos filhos do catolicismo.

Pela pacificação nacional

O movimento revolucionario, que deflagrou no dia 3 do proximo passado, culminou no dia 24, nesta cidade, com a queda do govêrno e deposição de seu chefe.

A princípio, parecerá tratar-se de simples sedição militar, de policias e alguns corpos da tropa federal; em breve, porém, o movimento foi tomando incremento e conquistando adesistas por toda parte.

Dentro em pouco as medidas extremas, decretadas pelo poder central, demonstravam que a situação era demasiado grave, quiçá desesperadora.

Agora, graças aos céus, acabou a luta armada; a ferida nacional, que manava o sangue generoso dos nossos soldados, estancou; as hostes em luta arvoraram a bandeira branca, e cessaram os combates mortíferos da guerra civil.

E' muito. Devemos agradecer a Deus que poupou á nossa extremecida Pátria os horrores de uma conflagração geral, de Estados contra Estados.

Ninguém poderia prevêr até aonde chegariam as consequências tremendas da ultima revolução. Talvez experimentássemos a tristeza de vêr retalhado e dividido em várias republicas o nosso amado Brasil.

Advirtamos, porém, que ainda não está de todo pacificado o país. Cessou a hostilidade militar; é necessario que cesse a luta dos espíritos, que é a geratriz das lutas armadas.

A hora presente é uma hora de sumas apreensões, e tambem de grandes esperanças. E' de sumas apreensões porque os inimigos da sociedade e da ordem tramam, nas trevas, a ruína da civilização brasileira.

O comunismo não cessa de maquinar a destruição das nacionalidades formadas pelo cristianismo.

Devemos, pois, estar atentos.

A hora presente é, acima de tudo, de grandes esperanças, porque crêmos que o sangue derramado ha de reverter em proveito da comunidade nacional.

Esperamos que se constitua e se consolide um govêrno provisorio, apoiado pelas fôrças armadas e pela consciencia pública; este govêrno promoverá a refôrma

do nosso estatuto organico e depois as eleições gerais, para que voltemos á normalidade republicana.

Para isso, porém, se faz mistér que haja ordem no seio da sociedade e que todos cooperem, na medida de suas fôrças, afim de que não se perturbe a paz.

Hoje, mais do que nunca, é mistér que vencidos e vencedores deponham seus ódios partidarios e suas rivalidades políticas, para trabalharem eficazmente, em pról da grandeza do Brasil.

A revolução deve se converter em um benefício para todo o país e não redundar em proveito de determinados interêsses partidarios.

E' necessario que nos aproveitemos da atual oportunidade para um exame dos êrros políticos e restauração da republica.

E' o que a Patria espera e deseja de cada um dos seus filhos

XI—1930.



INDICE

Aprovação	3	Eficiencia católica	87
Duas palavras	5	A religião e o coração humano	90
Razão e Fé	7	A Igreja e o operariado «Em nome do Senhor...»	92
A existencia de Deus	10	Imprensa católica	94
O pecado contra a intelligencia	13	Ação social católica	95
Ignorancia religiosa	15	A questão escolar	97
A Biblia e a criação	18	Organização cristã do trabalho	99
O mundo, criação de Deus	21	As grandezas da cruz	101
Da fé cristã	23	O grande problema	103
A revelação	25	As comemorações alosianas	106
Necessidade da religião	28	As ordens religiosas	109
O Filho de Deus	31	Da paciencia	111
O milagre e os fatos	34	O culto dos mortos	113
A caridade	37	Conciencia moral	117
Os esplendores da liturgia sagrada	38	O amor cristão	118
Trevas...	42	O divórcio	120
A confissão e a sociedade	44	Questão de honra	124
Grandezas do sacerdocio catolico	48	O sentimento religioso e o silêncio	125
Catolicismo integral	51	O Paraiso da Incarnação	127
A dôr cristã	53	Operario e santo	131
Teoscáfia	58	Caminhos da santidade	133
O positivismo	60	Uma alma infantil	137
Holocausto	65	O Feminismo	141
Disciplina	68	O cristianismo e a mulher	143
Filosofia	70	Do bom feminismo	144
Renascimento	72	A educação da mulher	146
Filosofia e filosofias	74	Do trabalho feminino	148
O Papado e a crise mundial	78	Educação moral	150
Conquistas sociais do cristianismo	82	Educação fisica	151
O Cristianismo e a Sociedade	85	Cultura moderna	154
		Civilização	156

Conceitos sôbre a civilização.	158	O aumento da criminalidade	207
Ditaduras e democracias	161	Das origens do patriotismo brasileiro	210
Liberdade	164	Nos domínios da história patria	212
Na derrocada	166	Da guerra civil á reforma constitucional	215
Progressos do catolicismo	168	Nacionalismo	217
Higiene moral.	170	Rumo aos sertões.	219
Na encruzilhada	172	Política regeneradora.	221
O espirito de um seculo	174	Da economia nacional	223
Gréves e grevistas	176	Estilização nacional	225
O pauperismo	179	Energias sociais	227
Modos e modas	182	O mal da Patria	231
Crise moral	184	A crise brasileira	233
Felicidade...	187	Partidos politicos	236
Uma hora historica	188	Dizeres graves.	238
Correntes literarias	191	Literatura nacional	239
Ditadura da imprensa	194	A imprensa carioca e Christo-Rei	241
Jornalista	196	O direito de voto	243
Literatura	198	Pela pacificação nacional	247
Imprensa e imprensa.	200		
A semana da caridade	201		
Luigi Luzzatti.	203		
Um problema nacional	205		



No terreno dos princípios...

Como foi recebido pela imprensa o primeiro livro
do Revmo. Padre J. Cabral

Algumas opiniões:

«É toda uma colaboração de imprensa que enfeixa o livro. Não é, porém, uma coletânea de notas ligeiras, simples registos, crônicas leves, o que apresenta, e, aí, julgo encontrar o valor principal da publicação. São artigos profundamente pensados, revelando estudo e portanto preparo, em que se abordam assuntos palpitantes, alguns oportunos, de religião, apologetica, politica, arte, literatura, todos escritos em linguagem correta, atraente, tornando a sua leitura interessante.»

«*A Tribuna*» — Recife, Pernambuco

«Linguagem escorreita, assuntos escolhidos e argumentação cerada, elevação de pensamento e firmeza de princípios, tudo encanta e seduz nas 255 páginas do formoso livro do nosso talentoso conterraneo.»

«*Diario de Natal*», Natal, Rio Grande do Norte

«O autor, já consagrado nos circulos literarios do país, teve a feliz idéa de reunir em livro grande parte dos primorosos artigos que, de tempos a esta parte, vem estampando nos jornais.

É um livro de plena atualidade, cheio de vigor e que revela o talento de escol do ilustrado autor que, além de conhecedor, em suas multiplas modalidades, da psicologia humana, sabe discorrer com maestria sôbre problemas de ordem social.

Vale a pena ler o livro do Padre J. Cabral. Capítulos curtos, variados, interessantissimos.»

«*Semana Religiosa*», Pouso Alegre, Minas Gerais.

«Questo libro dell'ill. Sacerdote, ha ricevuto le maggiori lodi dalla stampa. In un centinaio di capitoli, tratta in modo vivo, breve, rapido e interessante, delle principali questione e difficoltà religiose, morali, sociali.»

«*La Squilla*» — (Settimanale cattolico) S. Paulo.

«O seu estilo — diz Soares d'Azevedo no prefácio — é elegante e, com ser elegante, não perde aquele tom vivo e decidido dos grandes batalhadores medievais, que por isso mesmo sabiam conjugar a beleza das maneiras com a pureza das intenções. — O autor sabe terçar as armas com galhardia e afoiteza, e tanto se embrenha nos ingratos labirintos da politica, como alça remigios para os dominios suaves da apologetica.»

E depois: «O autor sabe descrever ao sabor do nosso povo, sabe tocar-lhe na corda sensível e encaminhá-lo pacientemente.»

Que mais será preciso dizer depois dessa recomendação de um escritor autorizado? Basta citar uns titulos, para aguçar a curiosidade:

Ditaduras e Democracias, — Educação física, — Do bom feminismo, — Ditadura da imprensa, — Os esplendores da Liturgia sagrada, — Teosofia, — Militarismo e política, — O pauperismo, — Modos e modas, — Cales *versus* Cristo, — Do trabalho feminino, — Literatura nacional, — O problema cambial, — O Filho de Deus.

Basta ler um desses capítulos (e ha tantos outros) para se concordar plenamente com os elogios feitos por Soares d'Azevedo.

Oxalá não seja este o ultimo livro do padre J. Cabral!»

«O NORDESTE» — Fortaleza — Ceará.

«Em elegante brochura, o Revmo. Pe. J. Cabral reuniu vários dos seus trabalhos esparsos pela imprensa, dando-lhes o titulo acima.

Foi um bom serviço prestado ás letras e á causa católica no Brasil, porque é fora de dúvida que o Autor sabe dizer o que pensa, e pensa com elevação e superioridade. Seu livrinho, versando sôbre tantos assuntos, ciencia, religião, filosofia, letras, sociologia, será um elemento de cultura sadia e um veiculador de idéas vigorosas, onde quer que possa influir, sendo certo que terá um largo raio de ação.

O Revmo. Pe. Cabral tem a virtude de não se deixar iludir com as enganosas apparencias de triunfo da ação católica no Brasil, e tem ainda a superioridade de não cultivar a popularidade do momento com o sacrificio da verdade histórica em relação a fatos como as nossas crises revolucionarias desses ultimos tempos. E' um homem que enxerga as coisas na sua devida medida, que expõe com franqueza os nossos males e que aponta, com segurança, o caminho a tomar.»

«EXCELSIOR» (Revista Mensal Ilustrada) Rio.

«O livro do Padre Cabral compreende breves e substanciosos artigos publicados na imprensa e que ao nosso ver bem mereceram ser reunidos em livro.

Fortiter in re, suaviter in modo podia ser a definição dos — estudos e impressões — aqui reunidos.

Espirito conservador, tradicionalista, amigo do progresso e da lei, sabe expôr com limpida clareza os seus argumentos nos temas mais variados e complexos: a literatura, a religião, a politica militante, do aspeto da civilização hodierna e as lacunas da vida atual.

Tudo isto é arquitetado com a mais notavel sobriedade de linhas. Os seus temas jamais afadigam os leitores que devem ser numerosos do seu livro como o foram do seu jornal.

Não ha questão social, politica, religiosa, de ética e de moral pública que aí não seja apreciada com limpido criterio, sem paixão, mas sem desfaecimento.

Filósofo, patriota, católico, legalista e didáta, sabe em todos os dominios manter um equilibrio feliz que agrada mesmo aos que possam eventualmente discordar das suas idéas e doutrinas.»

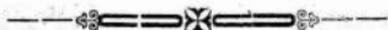
João Ribeiro — Da Academia Brasileira de Letras.

«O illustre escritor Soares de Azevedo ao prefaciari o livro do Sr. P. Cabral diz que este «sacerdote desceu ha poucos anos das regiões do Nordeste brasileiro, trazendo forte bagagem de conhecimentos, uma boa dose de tenacidade, amor ferrenho á boa imprensa e um espirito de fé que a muitos já tem acoroçoado para as santas empresas de Deus».

Ao percorrer os «Estudos e Impressões» do R. P. J. Cabral notam-se as qualidades apontadas pelo prefaciador: solidez na doutrina, variedade e abundância de conhecimentos, amenidade e facilidade na exposição. O livro é uma compilação de artigos breves que andavam disseminados em jornais e revistas: 98 artigos cabem em 250 páginas. Mas, por serem assim breves, são lidos com gosto e sem fastio, propinando, em pequenas doses, os seus princípios em cujo terreno se coloca sempre o A. Não citamos os que mais nos agradaram, para não citá-los todos.»

«BROTÉRIA». Serie mensal: Fé-Ciencias-Letras. Junho de 1928.

**Pedidos á Administração das „Vozes de Petropolis“
Petropolis — Estado do Rio**



CONCEITOS E FATOS

pelo Padre J. Cabral

Prefacio de S. Excia. Revma. D. José Pereira Alves

Um livro de plena atualidade, cheio de vigor e de reconhecido interesse

CAPITULOS DA OBRA

I — ASPETOS NACIONAIS — O BRASIL ATUAL — 1. Contrastes e confrontos — 2. Etnografia brasilica — 3. A unidade da Patria — 4. As fraquezas do regime — 5. Resenha historica — 6. Cruzada redentora.

Independencia politica e independencia economica — Reflorestamento — Migrações — Atividade agricola e expansão nacional.

II — QUESTÕES CONTEMPORANEAS — AS REIVINDICAÇÕES DA MULHER — 1. Feminismo — 2. A mulher através dos tempos — 3. O Cristianismo e a mulher — 4. Feminismo aceitavel.

DO CASAMENTO AO DIVORCIO — 1. Objeções — 2. O Divórcio e as suas consequencias — 3. A crise da familia brasileira — 4. De que modo remediar o mal.

A ilusão da soberania popular — O trabalho — Campos opostos — Argentina — Cierofobia — Males de hoje e de outrora... — Liberalismo e liberdades — Pacifismo.

III — ENSAIOS APOLOGETICOS — A IGREJA E O PROGRESSO SOCIAL — 1. A Igreja e o progresso material — 2. A Igreja e o progresso intelectual — 3. A Igreja e o progresso moral.

A IGREJA E A DEMOCRACIA — 1. A questão social — 2. A Igreja e o futuro.

A liberdade da escola — Christus Rex — Educação moral — Franciscanismo — Fé e sociedade — Argumentos contra fatos — O poder das trevas — O catolicismo e o seculo XX.

«Conceitos e fatos» não é um livro de uma só leitura, ela se repetirá pela consulta frequente de quantos o tiverem apreciado e desejem orientar-se acêrca dos problemas importantes que preocupam a sociedade moderna. E' util a todos, mas, principalmente, não deve faltar na estante dos professores, dos educadores, dos escritores, dos jornalistas, do pai de familia, em nenhuma biblioteca enfim.

Oferece ainda materia grata e já talhada para a realização de conferencias, discursos e palestras sôbre assuntos patrios, sôbre questões contemporaneas e estudos de apologetica.

Neste sentido constitue fonte abundante e verdadeiro guia para os diretores de nossas associações.

LUTAS DA MOCIDADE

PELO

Padre J. Cabral

(IIª edição)

É uma obra de reconhecida oportunidade, pois a humanidade, acabrunhada pela onda do mal que vem assolando o mundo, põe, agora mais do que nunca, toda a sua confiança na mocidade para a *regeneração próxima da sociedade*.

Lutas da mocidade é, por isso, uma obra que nenhum pai deve deixar de dar a seu filho principalmente na *quadra procelosa da idade juvenil*.

Lutas da mocidade — está talhado a prevenir, com seus conselhos, qual anjo da guarda, a queda moral de muitos jovens. Escrita por mão de mestre, em *linguagem correta e clara*, e bem assim em *estilo ameno e vivo*, apresenta todos os atrativos para uma leitura útil e proveitosa.

Lutas da mocidade — Diz o Exmo. Revmo. Sr. D. Alberto José Gonçalves, DD. Bispo de Ribeirão Preto, em carta ao autor: «Este livro é um precioso manual onde se encontram bem descritos os males que corroem a sociedade e os meios para evitá-los ou curá-los»...

Lutas da mocidade — «Esta publicação não podia ser mais oportuna, diante da onda crescente de prazeres que tenta submergir a sociedade presente.

A sua intelligencia viva aponta aos moços os perigos que os esperam á porta da vida e a sua alma de sacerdote apresenta os meios de preservação, de tratamento e cura»...

(Da opinião do Professor Dr. Celestino Bourroul, da Faculdade de Medicina de S. Paulo).

«**Toma e lê**»: eis as palavras que o ilustrado autor dirige aos jovens da nossa Patria, depondo-lhes nas mãos a sua obra.

«Este livro tem o merito da sinceridade: são páginas de uma alma, fragmentos de um coração.»

Pedidos á

„ADMINISTRAÇÃO DAS VOZES DE PETROPOLIS“

Caixa postal 23

PETROPOLIS — E. DO RIC

A limitação da natalidade

Com um prefacio do Dr. Joaquim Moreira da Fonseca,
Lente Cathedratico da Faculdade de Medicina do
Rio de Janeiro

Este opusculo tem o seguinte summario: **Estudo da questão — A theoria de Malthus — O anti-concepcionismo — O crime de aborto — Causas da propagação do mal — A doutrina da Igreja — Plano de combate.**

E' assim um opusculo de toda a actualidade, que, dada a sua modicidade de preço, póde ser amplamente divulgado.

NAS LINHAS DE FRENTE

Trata, entre outros, dos seguintes assuntos:

O quarto poder (a imprensa) — O cooperativismo de credito — Radiofonia e catolicismo — Ação catolica — O jubileu de SS. Pio XI — O Bispo do Pará — A donzella de Orleans — O centenario antoniano — Ozanam (Sua vida e seus meritos) — O primeiro Cardeal Brasileiro (sua vida e sua morte) — O segundo Cardeal Brasileiro (sua personalidade e seus trabalho em pról da Religião e da Patria) — Verdadeiro patriotismo — O direito e as responsabilidades do voto — Religião e politica — O catolicismo e o Brasil — O ensino religioso nas escolas — Educandos e educadores — Concursos de beleza — Os problemas do feminismo — A Padroeira do Brasil — A crise do trabalho — O suicidio — Utilitarismo contemporaneo — O comunismo e a familia — O divorcio — Sociedade domestica — Vida catolica — Imitação de Cristo — Tónico do espirito — Valor social do catolicismo — A virtude de Konnersreuth — O pontificado e a paz internacional — Intelectualismo e crença — Universidades catolicas — Moralidade publica — Congressos catolicos — O Cristo da Montanha, etc., etc.

Ampla variedade de assunto — orientação segura — Leitura atraente e util.

Copioso arsenal de dados para conferencias, palestras e discursos.

Pedidos á Administração das „Vozes de Petropolis“

Caixa postal 23 — Petropolis — E. do Rio

